UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
INSTITUTO DE LETRAS E ARTES – ILA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ESTUDOS DA LINGUAGEM

JEFFERSON NESTOR NAUDERER

ENTRE OLHARES E SIGNOS: TENSÕES DIALÓGICAS, PERFORMATIVIDADE E MASCULINIDADES NOS REGIMES DE VISIBILIDADE DO APLICATIVO HOMOERÓTICO *GRINDR*

RIO GRANDE, RS, BRASIL
2026

JEFFERSON NESTOR NAUDERER

ENTRE OLHARES E SIGNOS: TENSÕES DIALÓGICAS, PERFORMATIVIDADE E MASCULINIDADES NOS REGIMES DE VISIBILIDADE DO APLICATIVO HOMOERÓTICO *GRINDR*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, Mestrado em Letras, Área de Concentração: Estudos da Linguagem, da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, como requisito final à obtenção do grau de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Kelli Machado da Rosa

RIO GRANDE, RS, BRASIL
2026

N292e

Nauderer, Jefferson Nestor
Entre olhares e signos: tensões dialógicas, performatividade e masculinidades nos regimes de visibilidade do aplicativo homoerótico *grindr* / Jefferson Nestor Nauderer - 2026.
178f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande – Programa de Pós-Graduação em Letras, 2026.

Orientadora: Dra. Kelli Machado da Rosa

1. Letras. 2. Teoria dialógica do discurso. 3. Performance de gênero. 4. Virilidade ativa. 5. Rejeição à feminilidade. Cumplicidade homoerótica. I. Rosa, Kelli Machado da. II. Título.

CDU 81/82

Catalogação na fonte: Bibliotecária Brenda Sequeira CRB10/1979

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG
INSTITUTO DE LETRAS E ARTES - ILA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – PPGLETRAS

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO nº 01/2026

No dia dois de março de dois mil e vinte e seis, através de reunião híbrida, realizou-se a 298ª defesa de dissertação no PPGL-FURG, do mestrando Jefferson Nestor Nauderer, intitulada: **"Entre olhares e signos: tensões dialógicas, performatividade e masculinidades nos regimes de visibilidade do aplicativo homoerótico Grindr"**. A sessão foi aberta às catorze horas pela Profa. Dra. Kelli Machado da Rosa (FURG), orientadora da dissertação e presidente da Comissão de Avaliação que também foi composta pelo Prof. Dr. Ernani César de Freitas (FURG) e pelo Prof. Dr. Rodrigo Acosta Pereira (UFSC). Depois da apresentação, arguição e respostas, a Comissão decidiu que APROVA o mestrando neste requisito parcial e último para a obtenção do grau de Mestre em Letras, na área de concentração em Estudos da Linguagem. Após, a presidente publicou o resultado e encerrou a sessão, da qual foi lavrada a presente ata.

gov.br
Documento assinado digitalmente
KELLI MACHADO DA ROSA
Data: 02/03/2026 17:16:47-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profa. Dra. Kelli Machado da Rosa (Orientadora – FURG)

gov.br
Documento assinado digitalmente
ERNANI CESAR DE FREITAS
Data: 02/03/2026 17:37:25-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Dr. Ernani César de Freitas (FURG)

ICP-Edu
Documento assinado digitalmente
Rodrigo Acosta Pereira
Data: 02/03/2026 18:23:55-0300
CPF: ***.138.080-**
Verifique as assinaturas em https://v.ufsc.br

Prof. Dr. Rodrigo Acosta Pereira (UFSC)

DEDICATÓRIA

À Lovania Fátima Kist, minha mãe, cuja presença funda o chão do meu existir;

À Carla Andréa Nauderer, minha irmã, com quem aprendi que o amor também é forma de resistência;

e a todas as pessoas homossexuais que, mesmo atravessadas por silêncios, violências e interditos, insistem em existir, dizer-se e amar.

Que este trabalho seja um gesto de reconhecimento às vidas que não se calam e aos corpos que, apesar de tudo, continuam a significar o mundo.

AGRADECIMENTOS

Este texto não se ergue sozinho, pois a palavra que aqui se escreve nunca é solitária; ela é, como já advertia Bakhtin, atravessada por vozes outras, por ressonâncias que a antecedem e a excedem, por diálogos silenciosos que, ainda que não se façam ouvir de imediato, habitam cada linha, cada intervalo, cada sopro de sentido que se oferece à leitura. Não agradeço, portanto, de um ponto fixo ou de uma voz isolada, mas a partir de uma pluralidade de presenças que se imbricam no que fui, no que sou e no que me torno ao longo desta travessia. Cada encontro, mesmo o mais fugaz, é um enunciado que reverbera; cada gesto, uma resposta, ainda que não declarada, ao chamado de uma alteridade que, inevitavelmente, me constituiu.

Agradeço ao tempo, este interlocutor silencioso que, ao mesmo tempo em que corrói a superfície dos dias, também os engendra e lhes concede densidade; ao espaço da pesquisa, com seus desvios, hesitações e avanços, que se fez arena de vozes múltiplas, conflito e consonância; e à própria dúvida, presença incômoda e fecunda, que exigiu de mim não uma conclusão, mas uma disposição responsiva e inacabada diante do conhecimento.

Agradeço, antes de tudo e acima de todas as circunstâncias, ao sopro divino que me sustenta, Deus, cujo destino, lapidado no seio do mistério, me conduz. Agradeço àquelas que me ofereceram o dom maior da vida, minha Mãe, Lovania Fátima Kist, força que nutre e resiste, porto onde a ternura encontra sua casa, e Carla Andréa Nauderer, a quem chamo de "pai", pela presença ímpar que rompeu definições e me mostrou que o amor se escreve muito além das margens que a linguagem tenta impor. A vocês, devo a textura dos meus afetos, o silêncio que ensina e a coragem de existir em plenitude; em cada gesto, cada olhar, percebi que o cuidado é uma forma de conhecimento, que o amor não se contém em rótulos e que a fidelidade aos vínculos não exige conformidade, mas intimidade com a verdade de quem somos. Se hoje me aproximo de palavras e mundos com alguma clareza e leveza, é porque aprendi, em vocês, que a força pode ser gentil, a presença pode ser revolução e que a vida, mesmo em suas travessias mais duras, nebulosas, árduas e longas, sempre encontra espaço para se expandir, florescer e reinventar-se. Ao meu irmão gêmeo, Jelson Norberto Nauderer, cuja presença originária acompanhou meus passos como um eco primordial, sou grato pela ação e presença silenciosas

Sou grato a ti, Gregory Teixeira da Silva, presença que se fez mais do que companhia: és abrigo e horizonte. Em teus olhos encontrei não apenas um reflexo, mas um caminho; em tuas mãos, a firmeza de quem sustenta sem pedir nada em troca; e em teu abraço, o milagre de

um silêncio que tudo diz. Teu amor não se impôs, ele se plantou suave, enraizou-se profundo, e, sem perceber, transformou-se em alicerce para cada passo meu, inclusive para este, tão cheio de luta e esperança. Há em ti um gesto raro, aquele de quem não apenas caminha junto, mas também carrega quando o outro já não suporta o peso; por isso, o que sinto ao te agradecer ultrapassa a palavra. Se estas lágrimas que me vêm aos olhos têm sentido, é porque elas sabem que só um amor verdadeiro pode atravessar todas as incertezas e, ainda assim, florescer.

A Oxalá Jobocum, dono de meu Orí, expressão luminosa de pureza e pacificação, e a todo seu Orumalé, que, em harmonia ancestral, sustentaram-me nas encruzilhadas da existência. Reverencio, com enorme gratidão profunda, a presença vigilante dos meus guias, Exú Rei das 7 Encruzilhadas, Pombagira Rainha das 7 Encruzilhadas, preto velho Pai Belarmino, Caboclo Ubirajara, Cigano Francesco e Cosme Pombinho de Prata, espíritos de sabedoria e coragem, que, com passos firmes e palavras silenciosas, abriram clareiras quando a noite parecia mais espessa. Se hoje ergo estas palavras, é porque não caminhei sozinho; cada gesto, cada abraço, cada silêncio compartilhado, tornou-se pedra fundamental deste percurso. Que estas linhas, singelas em sua forma, carreguem a imensidão de uma alma que se sabe devedora da luz que a antecede e da esperança que a sustenta.

Agradeço à minha madrinha de FURG, minha orientadora Kelli Machado da Rosa, cujas palavras se fizeram ponte e farol, corrigindo rumos, inaugurando diálogos que não findam e acreditando no meu potencial quando eu mesmo tinha dúvidas sobre a existência dele. Agradeço cujas vozes tensionaram, aprofundaram e ampliaram horizontes, mostrando que nenhuma compreensão é definitiva, que todo conceito se abre ao futuro;

À Helen Monçon Severo, irmã de alma, que – muito antes de esse texto ser construído, por estar, cuidar e acreditar –, demonstrou o apoio e me ensinou que a amizade é força no afeto e luz nos dias mais sombrios. Amiga que acolheu as ausências e compreendeu os silêncios, sustentando o espaço necessário para que esta escrita encontrasse seu ritmo. Agradeço também às presenças não nomeadas, aquelas que, mesmo à distância ou na fugacidade de um instante, deixaram marcas indeléveis: uma palavra dita no tempo certo, um olhar silencioso de encorajamento, uma escuta atenta que me devolveu o sentido do percurso.

Agradeço, também, à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo incentivo concedido por meio da bolsa, que não apenas sustentou a pesquisa, mas também insuflou voz aos signos silenciados, permitindo que o heterodiscurso se fizesse presente, ressoando no entrelaçamento das vozes que constroem o diálogo infinito do conhecimento.

Este texto é, assim, um ato responsivo, um gesto que retorna às vozes que nele ecoam, reconhecendo sua alteridade e sua imprescindibilidade. Agradecer aqui não é encerrar, mas continuar, pois toda palavra é sempre chamada por outra, todo texto aguarda um interlocutor que o complete, todo pensamento se orienta para um futuro em que novas respostas se inscrevem. A cada um, a cada uma, minha palavra de reconhecimento: não como epílogo, mas como prólogo de diálogos que ainda virão.

"*Eu sei que eu sou uma joia porque eu sei o quanto precisei me lapidar pra chegar até aqui.*"

LINIKER

RESUMO

Esta pesquisa tem como propósito central investigar as tensões dialógicas, a performatividade e as construções de masculinidades que emergem nos regimes de visibilidade do aplicativo homoerótico *Grindr*. O objetivo geral analisar as marcas discursivas que envolvem a construção da imagem discursiva de corpos masculinos de usuários do aplicativo de relacionamento *Grindr*, observando como as performances de gênero e as configurações de masculinidade são produzidas, negociadas e contestadas nesse ambiente digital. Especificamente, busca-se examinar as enunciações que articulam a virilidade ativa, as reconfigurações da passividade com a rejeição à feminilidade, e a cumplicidade e o sigilo homoerótico, compreendendo o corpo como um signo ideológico em disputa. O estudo fundamenta-se teoricamente na Teoria Dialógica do Discurso, desenvolvida por Mikhail Bakhtin e seu Círculo (2010, 2011, 2015, 2017, 2018, 2019), que fornece as ferramentas conceituais à análise dos signos, da ideologia, do enunciado e do heterodiscurso. O arcabouço teórico é complementado por reflexões sobre gênero e performatividade de Judith Butler (2018, 2019, 2023), sobre as masculinidades de Raewyn Connell (2005), além dos estudos propostos por Patrick Charaudeau (2010a, 2010b) acerca do discurso das mídias e dos regimes de visibilidade Richard Miskolci (2014, 2015, 2017, 2020). A metodologia de análise consiste na observação e análise dialógica desses enunciados, atentando-se às construções que (re)produzem ou tensionam as normas sociais de gênero e sexualidade, bem como para o modo como o corpo é mercantilizado e exibido sob a norma mercado-lógica da plataforma. O *corpus* de análise é constituído por enunciados concretos extraídos de perfis de usuários do aplicativo *Grindr*, coletados por meio de uma imersão de pesquisa de campo. A análise dos perfis revela que o aplicativo *Grindr* funciona como um espaço de intensa tensão dialógica, onde os sujeitos se enunciam em constante diálogo com as vozes sociais dominantes. Os resultados indicam que a construção da imagem do locutor é marcada pela busca por uma masculinidade hegemônica e pela rejeição categórica à feminilidade e a identidades não-normativas mesmo em um contexto homoerótico. As enunciações analisadas demonstram a refração de discursos que valorizam a virilidade ativa e a discrição/sigilo, evidenciando a internalização e a reprodução de padrões heteronormativos de desejo e comportamento. O corpo, nesse regime de visibilidade, é transformado em mercadoria, um signo ideológico que precisa se adequar aos critérios de consumo e performance exigidos pela plataforma. Conclui-se que os enunciados nos perfis do *Grindr* são atos responsivos que revelam a complexa relação entre o "eu" e o "outro" na estrutura heterodiscursiva. A dissertação demonstra que, apesar de ser um espaço voltado para a sociabilidade LGBTQIAPN+, o aplicativo não está imune à influência da matriz

heterossexual e das lógicas de consumo. As performances de gênero analisadas, ao mesmo tempo em que buscam a conexão homoerótica, reforçam ideologias de gênero e masculinidade que marginalizam e excluem sujeitos que não se encaixam no ideal de "macho". O estudo contribui para a compreensão de como os ambientes digitais se tornam arenas onde as disputas ideológicas sobre corpo, gênero e sexualidade são intensamente negociadas e refratadas.
Palavras-chave: Teoria Dialógica do Discurso; Performance de Gênero; Virilidade Ativa; Rejeição à Feminilidade; Cumplicidade Homoerótica.

ABSTRACT

This research has as its central purpose to investigate the dialogic tensions, performativity, and constructions of masculinities that emerge in the visibility regimes of the homoerotic application Grindr. The general objective is to analyze the discursive marks that involve the construction of the discursive image of masculine bodies of users of the dating application Grindr, observing how gender performances and configurations of masculinity are produced, negotiated, and contested in this digital environment. Specifically, it seeks to examine the enunciations that articulate active virility, the reconfigurations of passivity with the rejection of femininity, and homoerotic complicity and secrecy, understanding the body as an ideological sign in dispute. The study is theoretically grounded in the Dialogic Theory of Discourse, developed by Mikhail Bakhtin and his Circle (2010, 2011, 2015, 2017, 2018, 2019), which provides the conceptual tools for the analysis of signs, ideology, the utterance, and heterodiscourse. The theoretical framework is complemented by reflections on gender and performativity by Judith Butler (2018, 2019, 2023), on masculinities by Raewyn Connell (2005), as well as the studies proposed by Patrick Charaudeau (2010a, 2010b) concerning media discourse and the regimes of visibility by Richard Miskolci (2014, 2015, 2017, 2020). The methodology of analysis consists of the observation and dialogic analysis of these utterances, paying attention to the constructions that (re)produce or tension the social norms of gender and sexuality, as well as to the way the body is commodified and displayed under the market-logical norm of the platform. The *corpus* of analysis is composed of concrete utterances extracted from profiles of users of the Grindr application, collected through an immersion in field research. The analysis of the profiles reveals that the Grindr application functions as a space of intense dialogic tension, where subjects enunciate themselves in constant dialogue with dominant social voices. The results indicate that the construction of the speaker's image is marked by the search for a hegemonic masculinity and by the categorical rejection of femininity and non-normative identities even in a homoerotic context. The analyzed enunciations demonstrate the refraction of discourses that value active virility and discretion/secrecy, evidencing the internalization and reproduction of heteronormative patterns of desire and behavior. The body, in this regime of visibility, is transformed into a commodity, an ideological sign that needs to adapt to the criteria of consumption and performance demanded by the platform. It is concluded that the utterances in Grindr profiles are responsive acts that reveal the complex relationship between the "self" and the "other" in the heterodiscursive structure. The dissertation demonstrates that, despite being a space aimed at LGBTQIAPN+ sociability, the application is

not immune to the influence of the heterosexual matrix and the logics of consumption. The gender performances analyzed, while seeking homoerotic connection, reinforce gender and masculinity ideologies that marginalize and exclude subjects who do not fit the ideal of the “macho”. The study contributes to the understanding of how digital environments become arenas where ideological disputes about body, gender, and sexuality are intensely negotiated and refracted.

Keywords: Dialogic Theory of Discourse; Gender Performance; Active Virility; Rejection of Femininity; Homoerotic Complicity.

RESUMEN

Esta investigación tiene como propósito central investigar las tensiones dialógicas, la performatividad y las construcciones de masculinidades que emergen en los regímenes de visibilidad de la aplicación homoerótica Grindr. El objetivo general es analizar las marcas discursivas que implican la construcción de la imagen discursiva de los cuerpos masculinos de los usuarios de la aplicación de citas Grindr, observando cómo las performances de género y las configuraciones de masculinidad son producidas, negociadas y disputadas en este entorno digital. Específicamente, se busca examinar las enunciaciones que articulan la virilidad activa, las reconfiguraciones de la pasividad con el rechazo a la feminidad, y la complicidad y el sigilo homoeróticos, comprendiendo el cuerpo como un signo ideológico en disputa. El estudio se fundamenta teóricamente en la Teoría Dialógica del Discurso, desarrollada por Mikhail Bakhtin y su Círculo (2010, 2011, 2015, 2017, 2018, 2019), que proporciona las herramientas conceptuales para el análisis de los signos, de la ideología, del enunciado y del heterodiscurso. El marco teórico se complementa con reflexiones sobre género y performatividad de Judith Butler (2018, 2019, 2023), sobre las masculinidades de Raewyn Connell (2005), además de los estudios propuestos por Patrick Charaudeau (2010a, 2010b) acerca del discurso de los medios y de los regímenes de visibilidad de Richard Miskolci (2014, 2015, 2017, 2020). La metodología de análisis consiste en la observación y el análisis dialógico de estos enunciados, prestando atención a las construcciones que (re)producen o tensionan las normas sociales de género y sexualidad, así como al modo en que el cuerpo es mercantilizado y exhibido bajo la norma mercadológica de la plataforma. El *corpus* de análisis está constituido por enunciados concretos extraídos de perfiles de usuarios de la aplicación Grindr, recolectados mediante una inmersión de investigación de campo. El análisis de los perfiles revela que la aplicación Grindr funciona como un espacio de intensa tensión dialógica, donde los sujetos se enuncian en constante diálogo con las voces sociales dominantes. Los resultados indican que la construcción de la imagen del locutor está marcada por la búsqueda de una masculinidad hegemónica y por el rechazo categórico a la feminidad y a identidades no normativas incluso en un contexto homoerótico. Las enunciaciones analizadas demuestran la refracción de discursos que valorizan la virilidad activa y la discreción/sigilo, evidenciando la internalización y la reproducción de patrones heteronormativos de deseo y comportamiento. El cuerpo, en este régimen de visibilidad, es transformado en mercancía, un signo ideológico que necesita adecuarse a los criterios de consumo y performance exigidos por la plataforma. Se concluye que los enunciados en los perfiles de Grindr son actos responsivos que revelan la compleja relación entre el "yo" y el "otro" en la estructura heterodiscursiva. La disertación demuestra que, a pesar de ser un

espacio orientado a la sociabilidad LGBTQIAPN+, la aplicación no es inmune a la influencia de la matriz heterosexual y de las lógicas de consumo. Las performances de género analizadas, al mismo tiempo que buscan la conexión homoerótica, refuerzan ideologías de género y masculinidad que marginan y excluyen a sujetos que no encajan en el ideal del "macho". El estudio contribuye a la comprensión de cómo los entornos digitales se convierten en arenas donde las disputas ideológicas sobre cuerpo, género y sexualidad son intensamente negociadas y refractadas.

Palabras clave: Teoría Dialógica del Discurso; Performance de Género; Virilidad Activa; Rechazo a la Feminidad; Complicidad Homoerótica.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Triangulação da Pesquisa Transdisciplinar 101
Figura 2: cópia do meu perfil no *Grindr* 109
Figura 3: Primeira interface do aplicativo *Grindr*, ao criar uma conta 111
Figura 4: Pasta PERFIS PARA ANÁLISE 112
Figura 5: Perfis e Subpastas 113
Figura 6: *Print Screen* 01 118
Figura 7: *Print Screen* 02 126
Figura 8: *Print Screen* 08 133
Figura 9: *Print Screen* 24 141
Figura 10: *Print Screen 22* 148
Figura 11: *Print Screen 29* 155

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 14

2 DO SIGNO À ENUNCIAÇÃO: UMA ABORDAGEM DIALÓGICA DO DISCURSO .28

2.1 O OUTRO EM MIM: O DIALOGISMO COMO ORIGEM, TRÂNSITO E (IN)COMPLETUDE DA LINGUAGEM 33

2.2 A PALAVRA-SIGNO: NÚCLEO IDEOLÓGICO DAS DINÂMICAS ENUNCIATIVAS E DE SUA CONCRETUDE SOCIAL 38

2.3 DA CONCRETUDE DIALÓGICA À MATERIALIZAÇÃO RESPONSIVA: O ENUNCIADO COMO UNIDADE REAL, SOCIAL E HISTÓRICA DA COMUNICAÇÃO VERBAL 44

2.4 DO MONÓLOGO IMPOSSÍVEL À LINGUAGEM PARTILHADA: A TENSÃO ENTRE O "EU" E O "OUTRO" NA ESTRUTURA HETERODISCURSIVA DO DISCURSO 50

3 CORPOS QUE PERFORMAM, MASCULINIDADES QUE ESCAPAM E VISIBILIDADES QUE CONDICIONAM: REFLEXÕES SOBRE A CONSTITUIÇÃO IDENTITÁRIA, PRÁTICAS REITERATIVAS DA NORMA E (IN)VISIBILIDADE ... 54

3.1 A REPETIÇÃO DO GÊNERO EM DISPUTA: REGIMES DE PERFORMATIVIDADE E A DESCONSTRUÇÃO DA MATRIZ HETEROSSEXUAL EM JUDITH BUTLER 56

3.2 CORPOS QUE DOMINAM, CORPOS QUE CEDEM: A PRODUÇÃO DA(S) MASCULINIDADE(S) COMO PRÁTICA(S) ESTRUTURANTE(S) DE GÊNERO. 61

3.3 DO DISPOSITIVO À VITRINE: *GRINDR*, REGIMES DE VISIBILIDADE E O CORPO MERCADORIA 69

3.3.1 ***Grindr*: elementos para uma compreensão do funcionamento enquanto plataforma de interação, relacionamento e sociabilidade LGBTQIAPN+** 70

3.3.2 **Corpos à Mostra: regimes de visibilidade nas plataformas digitais de relacionamento e a norma mercado-lógica do corpo** 81

4 O CORPO COMO ACONTECIMENTO DISCURSIVO: PERCURSOS METODOLÓGICOS PARA A ANÁLISE DIALÓGICA 97

5 SUBJETIVIDADES EM TENSÃO: UM OLHAR DIALÓGICO SOBRE AS PERFORMANCES DE SUJEITOS NO *GRINDR* 116

5.1 DISCURSOS SOBRE A VIRILIDADE ATIVA 118

5.1.1 **Meu papel? Ser submisso. Mas tem que ser masculino e naturalmente comandar.** 118

5.1.2 **DOTADO 22cm grosso PAUZUDO FURA FILA** 126

5.2 (RE)CONFIGURAÇÕES DE PASSIVIDADE E REJEIÇÃO À FEMINILIDADE . 133

5.2.1 **sou passivo mas não afeminado sou discreto.** 133

5.2.2 **Curto caras masculinos sem trejeitos. Nada contra mas Não curto, CD, TRANS, TRAVESTI, CARAS DE CALCINHA. Questão de gosto** 141

5.3 CUMPLICIDADE E SIGILO HOMOERÓTICOS 148

5.3.1 **curto uma brotheragem entre machos sigilo e discrição é essencial** 148

5.3.2 **Héteros Broderagem Pegação de macho** 155

6 ENCERRAMENTO: ENTRE PERFORMATIVIDADE, MASCULINIDADES E VOZES EM CONFLITO 161

1 INTRODUÇÃO

Foi durante o primeiro ano da minha graduação em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG, em 2018, que meus interesses pela linguagem se bandearam para o lado da Linguística, tendo meu primeiro contato com os fundamentos filosófico-linguísticos desenvolvidos por Mikhail Bakhtin e seus pares por meio de um bolsa de Iniciação Científica. Desde então, dediquei meus interesses pelas formas como os sentidos são (re)produzidos em práticas discursivas, pela linguagem como um fenômeno social, ideológico, histórico, cultural e responsivo, o que despertou em mim certa sensibilidade analítica que rompeu os limites do texto e se lançou para as dimensões mais amplas da vida social.

No ano seguinte, em meio a um intercâmbio acadêmico em terras lusitanas, mais precisamente em meio às restrições e transformações impostas pela nova pandemia mundial do coronavírus COVID-19, tive o contato com o aplicativo *Grindr*[1] – um aplicativo de relacionamento direcionado, principalmente, a homens homossexuais, bissexuais, transgêneros e *queer*, e que se caracteriza como uma aplicação que usa o serviço de geolocalização, cuja função é facilitar a conexão entre usuários próximos ou não. Esse contato aconteceu em um contexto de isolamento físico e de profunda reconfiguração dos vínculos afetivos e comunicativos. Na altura, a plataforma não se constituía apenas como um espaço de paquera, busca de encontros e sexo casuais, mas como um campo em que a linguagem, o corpo e a identidade se entrelaçavam intensa, visível e desconcertantemente. A exploração nesse ambiente digital, em que perfis desfilavam imagens corporais, autodeclarações identitárias e expectativas afetivo-sexuais, intrigou-me, haja vista que eu não entendia como se tornavam possíveis – ou impossíveis – determinadas concepções sobre o desejo, o corpo masculino, a própria masculinidade e, o mais intrigante de tudo, a performatividade naquele espaço.

Em 2020, com meu retorno ao Brasil, aprofundei meus estudos sobre corpo, gênero e sexualidade, passando a me envolver com leituras interdisciplinares que elencavam a relação entre discurso, corpo masculino, masculinidade e performance de gênero. A partir da leitura e da reflexão da literatura de autores e autoras dos estudos sobre corpo, gênero e sexualidade, da filosofia da linguagem e das teorias feministas, vi uma possibilidade de cruzamento entre a experiência vivida lá em Portugal e a formação teórica em Bakhtin quando comecei a enxergar

[1] Na subseção 3.3.1, apresentarei as informações relativas ao funcionamento da plataforma, às suas categorias de uso e aos mecanismos que estruturam a interação entre os usuários, a fim de contextualizar o objeto empírico no qual se inscrevem os enunciados analisados nesta pesquisa.

o *Grindr* como um campo de constantes tensões discursivas e ideológicas, onde sujeitos enunciam-se através de signos corporais, imagens e silêncios.

A ideia do presente trabalho nasceu a partir dessa (nova) maneira que eu enxerguei o aplicativo, que se intensificou em 2022. Na altura, realizava a disciplina Estudos da Enunciação, ministrada pela professora Kelli Machado da Rosa, cujo interesse teórico baseava-se em estudos que envolviam a Teoria Dialógica do Discurso desenvolvida por Bakhtin e o Círculo, que deu a chance de observar e, por conseguinte, analisar dialogicamente o objeto escolhido.

Dentre os inúmeros perfis encontrados na plataforma, os que me despertavam interesse analítico eram aqueles que construíam uma imagem discursiva de si mesmos. Esses perfis elaboravam uma representação de si mediada por signos linguísticos e visuais, como por exemplo "macho dotado", "macho em busca de semelhante", "macho roludo em busca de outro para broderagem entre machos", "não curto afeminados, senão comia mulher".

Com meu ingresso no mestrado, em 2024, essa inquietação despertada por esses perfis ganhou densidade analítica e exigiu aprofundamento teórico para lidar com a complexidade dos fenômenos discursivos do *Grindr*. Foi por meio da leitura das obras de Bakhtin e o Círculo, estudos sobre corpo, gênero, sexualidade e performatividade de Butler, masculinidades de Connell que a vontade em analisar os perfis encontrados na aplicação proporcionou-me um ambiente propício à consolidação do arcabouço conceitual, agora, mais aprofundado e crítico. Assim, através da análise e da reflexão sobre dialogismo, enunciados, signos, ideologia, heterodiscurso e vozes que compõem um perfil de um aplicativo como o *Grindr*, tornou-se evidente que os signos jamais se apresentam como uma entidade neutra e, sim, imersos em relações sociais, atravessados por valores ideológicos e engajados em contextos concretos de produção, pois a realidade da ideologia se dá por meio do signo, de modo que cada enunciado concreto participa de um embate discursivo (Bakhtin, 2018).

Assim, o conceito de signo ideológico, postulado por Bakhtin e seus pares, tornam-se premissa para compreendermos os discursos sobre corpos masculinos encontrados em perfis do aplicativo de relacionamento *Grindr*. Volóchinov (2018, p. 94) evidencia que "qualquer signo ideológico é não apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também uma parte material dessa mesma realidade". Um signo não é, nesse sentido, apenas um reflexo, como um espelho, mas uma refração, isto é, transformação e reorganização da realidade consoante aos valores sociais e ideológicos, haja vista que um signo não tem existência abstrata, separada do mundo; pelo contrário, ele faz parte, necessariamente, das relações sociais, modificando comportamentos, influenciando decisões e estruturando instituições. Nesse contexto, o corpo opera como um signo, cuja existência não se esgota em sua materialidade visível, mas que se

constrói a partir da interação com o outro, na resposta originada e nos sentidos circundantes. Nesse sentido, um sujeito, ao selecionar os signos que performarão sua imagem e sua identidade corporais, insere-se em uma teia de vozes, valores e posições ideológicas sociohistoricamente construídas, apropriando-se de formas socialmente reconhecíveis para expressar gênero, sexualidade, performatividade e pertencimento.

Há de se dizer que as escolhas linguísticas de um usuário refletem e refratam os discursos que circundam a realidade social, porque, ao construir discursivamente sua imagem corporal, o sujeito não somente apresenta-se ao outro, como também negocia sentidos, toma uma posição responsiva – ao concordar, discordar, (re)avaliar –, tensiona fronteiras simbólicas e se reinsere nessa realidade. Dizer que um signo "reflete e refrata outra realidade que se encontra fora dos seus limites" (Volóchinov, 2018, p. 91) é afirmar que tudo o que é ideológico possui uma significação: "ele representa algo encontrado fora dele. Onde não há signo, não há ideologia" (Volóchinov, 2018, p. 91). Nesse sentido, os signos não apenas constituem o sujeito, como incorporam e reorganizam um conjunto de discursos normativos sobre gênero, desejo e identidade, isto é, o corpo que se apresenta é um tecido repleto de sentidos que o antecedem, ajustado a idealizações estéticas, códigos de masculinidade e performances repetidas que objetivam tornar esse sujeito socialmente reconhecível. Aquilo que se enuncia – ou que se cala – está atravessado por expectativas sociais que associam masculinidade à virilidade, à força física e à heterocisgeneridade. O signo, ao refletir e refratar a realidade, não a espelha: ele distorce, seleciona, reorganiza, concorda ou discorda segundo os valores hegemônicos da sociedade.

Assim, ao conceber o signo como uma realidade ideológica, podemos afirmar que ele é produzido e interpretado em função de interesses, tensões políticas, regimes de visibilidade, identidade, performatividade e pertencimento, e, portanto, não pode ser isolado, necessariamente, da sua dimensão axiológica. A visão analítica sobre a construção dos corpos masculinos nos perfis do *Grindr* exige que se verifique o signo não somente como uma representação de um corpo; no aplicativo, o corpo torna-se signo a partir da maneira que ele se inscreve na cadeia de sentidos que o legitimam ou marginalizam.

Além disso, a Teoria Dialógica do Discurso de Bakhtin e seus pares toma como princípio o fato de a linguagem ser um fenômeno social e ideológico, entendida como uma prática atravessada por vozes e valores. Todo o uso que fazemos da "língua efetua-se em forma de enunciados (orais ou escritos) concretos e únicos" (Bakhtin, 2011, p. 261), além de que "todo enunciado é individual e único" (Bakhtin, 2018, p. 155), elaborado por cada campo da língua, "relativamente estáveis, os quais denominamos de gêneros do discurso (Bakhtin, 2011, p. 262),

ou seja, é na enunciação concreta que um signo ganha vida, organiza-se em função de uma possível resposta a outros discursos e manifesta as posições e os valores de um sujeito em relação ao outro. No *Grindr*, os enunciados são o resultado de práticas discursivas que organizam os modos de dizer-se e de mostrar-se, sendo no ato enunciativo – nas escolhas de imagens, termos, categorias e, até mesmo, nas omissões –, que o corpo se converte em um enunciado concreto erotizado, idealizado e fragmentado. Assim, a fetichização de corpos masculinizados no *Grindr* manifesta-se como um ato discursivo de enunciados concretos, os quais são (re)produzidos e mobilizam outros enunciados como resposta a um horizonte de vozes que circulam nos gêneros relativamente estáveis.

É igualmente importante destacar que todo enunciado se realiza dentro de uma dinâmica entre um falante e um ouvinte. No ambiente digital do *Grindr*, essa dinâmica assume particularidades complexas, em razão da maneira como os sujeitos se identificam em uma cena enunciativa. Bakhtin (2011, p. 272) nos convida a refletir sobre o fato de que o processo comunicativo pressupõe uma orientação ativa entre falante e ouvinte: o falante "não espera uma compreensão passiva […] mas uma resposta, concordância, discordância, objeção etc.; e o ouvinte ocupa a posição ativa, pois discorda, concorda total ou parcialmente". No aplicativo supracitado, cada elemento constitutivo de um perfil – fotografia, bio, *emojis* ou frases – leva consigo o peso da antecipação de uma resposta, de uma avaliação do outro, um ouvinte sempre suposto, mas jamais neutro.

Essa associação entre aquele que enuncia e aquele que ouve, o que se enuncia e o que se espera ouvir, o que se mostra e o que se deseja provocar no outro revela forte e intensa relação de interdependência entre os sujeitos do discurso, mesmo que a interlocução se apresente em forma de silêncio, rejeição e ambiguidade. Todo enunciado encontrado nos perfis do *Grindr* estrutura-se sob a responsividade. Um perfil não é única e exclusivamente um emaranhado de signos e de informações; é um ato discursivo vivo, presente em uma cadeira ininterrupta de vozes anteriores e futuras, que dialoga com aquilo que ali está posto. O ouvinte, no que lhe concerne, à medida que interage com esse enunciado, intervém no discurso ao responder, ao omitir-se, reinscrevendo-se, portanto, na teia discursiva responsiva que figura a linguagem como uma prática social.

Todo enunciado não é somente uma troca ativa e responsiva entre um locutor e um interlocutor; é uma estrutura atravessada por forças dialógicas que ultrapassam a intenção individual do locutor. Nos perfis do *Grindr*, a enunciação não se restringe a uma autorreferência, ela emerge como o resultado de um tensionamento constante entre o desejo e o reconhecimento. Cada um dos discursos carrega vozes outras e não apenas a de quem o

produz. O discurso de um sujeito é moldado, desde sua origem, pela presença viva de outros enunciados.

No que tange à questão das múltiplas vozes no discurso, emerge, necessariamente, a noção de heterodiscurso, cuja compreensão é de que um enunciado nunca é construído isoladamente, mas em relação a outros que o antecedem, o atravessam e o influenciam. Na perspectiva bakhtiniana, a linguagem é entendida como um campo de forças em constante tensão, onde operam as forças centrípetas, tensionada à padronização, à fixação de normas e à unificação de sentidos e as forças centrífugas, orientadas para a fragmentação e a descentralização. No jogo dessas forças opostas, a enunciação não se limita, necessariamente, à expressão individual do sujeito, todavia se insere na complexa dinâmica e no entrecruzamento de discursos: o sujeito não fala apenas com a sua própria voz como também fala com e através das vozes dos outros, de já-ditos, de discursos socialmente cristalizados, os quais ele assimila, transforma, resiste ou reproduz. O falante é ativo à medida que atua no interior do heterodiscurso e não fora dele, considerando que o sujeito se posiciona perante as diversas vozes que o circundam, influenciado, impreterivelmente, pelas interações sociais e ideológicas que o atravessam. Essa dinâmica de forças, no contexto do aplicativo, assume peculiar característica: o sujeito que se enuncia não o faz de forma isolada e, sim, através de um espaço atravessado por discursos outros sobre masculinidade, desejo, erotismo e corpo, de modo a responder a expectativas e padrões estéticos e corporais já socialmente legitimados historicamente.

Além disso, Bakhtin (2020, p. 55) estabelece que “o falante procura orientar sua palavra — e o horizonte que a determina — no horizonte do outro que a interpreta, e entra em relações dialógicas com elementos deste horizonte." Em outras palavras, o sujeito discursivo, ao dirigir seu enunciado ao outro, considera não apenas o conteúdo, como também quem é esse outro, sua expectativa, sua interpretação e sua reação. Assim, o discurso é estratégia situada em um contexto, orienta sua palavra ao “horizonte do outro”, que baliza seu discurso, pois antecipa o olhar do outro, ou seja, o sujeito não fala com qualquer um e, sim, com alguém que compartilha (ou rejeita) determinado discurso. Nesse sentido, o heterodiscurso evidencia que toda palavra é atravessada por valores e condições sociais em que se inscreve.

Com o intuito de problematizar e embasar teoricamente as questões concernentes ao corpo, à performance de gênero, à sexualidade e à masculinidade, recorri às reflexões e aos estudos propostos por Butler (2018, 2019, 2023) em que a autora estabelece uma compreensão radical performática sobre o gênero e sobre a sexualidade, desconstrói a distinção secular entre sexo (biológico) e gênero (cultural) e examina o fato de a materialidade corporal nunca estar

separada dos regimes discursivos e normativos que a produzem e a regulam. Além disso, para complementar a perspectiva butleriana, a teoria de Raewyn Connell (2005) oferece um suporte analítico e fundamental à compreensão das relações de poder e hierarquia entre as diferentes formas de masculinidade, tendo em vista que, em *Masculinidades*, Connell (2005) desenvolve o conceito de masculinidades (no plural), evidenciando que os corpos não são objetos passivos sobre os quais as estruturas sociais imprimem significados, mas participantes ativos nos processos sociais, tanto constituindo quanto sendo constituídos por estruturas e processos sociais.

Minha escolha pela abordagem que articula a teoria dialógica, de Bakhtin e seus pares, com as contribuições de Butler a respeito do gênero e performatividade e de Connell sobre as masculinidades justifica-se no entendimento de que nenhum desses vieses teóricos, isoladamente, seriam suficientes para oferecer subsídios para a compreensão da complexidade do fenômeno estudado. Além disso, foi possível observar pontos de articulação entre as teorias desenvolvidas pelos três (3) autores: a linguagem e o discurso são práticas sociais; o discurso não é neutro, mas uma arena de disputas ideológicas e relações de poder. Tanto em Bakhtin quanto em Butler e Connell, observei pontos de articulação entre as perspectivas teóricas: Bakhtin e Butler compreendem a linguagem e o discurso como prática sociais; reconhecem que o discurso não é neutro, mas uma arena de disputas ideológicas e relações de poder; um sujeito não se constitui isoladamente, mas é constituído por meio de práticas (discursivas) regulatórias; e o sujeito não é um mero ouvinte passivo de determinações, mas um agente, dentro de suas limitações, (re)interpreta, negocia, reproduz e resiste às normas que o constitui.

Com isso, a relevância desta investigação incide, primordialmente, na protagonização que os aplicativos de relacionamento assumiram nas dinâmicas contemporâneas de sociabilidade. Além disso, a pesquisa torna-se relevante, pois oferece os subsídios para a compreensão do complexo entrecruzamento entre a tecnologia, corporeidade e subjetividade em um contexto marcado pela ascendente mediação da tecnologia nas relações afetivo-sexuais, demonstrando que os corpos são produzidos e performados por meio de práticas discursivas. Ademais, esse estudo mostra-se de grande interesse acadêmico e analítico, pois articula a teoria dialógica, desenvolvida por Bakhtin e seus pares (2010, 2011, 2015, 2017, 2018, 2019), e as teorias contemporâneas sobre corpo, sexualidade, performance e masculinidade, com destaque para Butler (2018, 2019, 2023) e Connell (2005), permitindo observar o fenômeno estudado em sua complexidade, considerando a dimensão social e histórica da linguagem e as especificidades das relações de gênero e sexualidade que atravessam o contexto digital, destacando as contribuições de Charaudeau (2010a, 2010b) e Miskolci (2014, 2015, 2017,

2020) acerca dos regimes de visibilidade e do corpo como mercadoria nos contextos online de sociabilização homossexual. Além disso, analisar os aspectos discursivos dos perfis do aplicativo proporciona o entendimento de como determinadas práticas linguísticas são estabelecidas, mantidas e desafiadas pelos usuários, expondo as relações de poder por meio da linguagem, contribuindo, assim, para uma compreensão mais ampla das dinâmicas discursivas da plataforma.

Outrossim, para além das contribuições epistemológicas, meu estudo possui grande importância social e acadêmica. Ao desenvolver uma pesquisa que problematize construções discursivas no *Grindr* à luz da Teoria Dialógica do Discurso, a investigação intervém diretamente no campo social, marcado pela desigualdade simbólica, por regimes discriminatórios e práticas preconceituosas naturalizadas no contexto digital. Evidenciar como determinadas práticas discursivas são legitimadas celebradas e outras relegadas ao silêncio e exclusão contribui para ampliar o entendimento coletivo sobre os mecanismos de exclusão e estigmatização presentes em ambientes *on-line*, favorecendo debates mais informados acerca da cidadania sexual, direitos das minorias e cultura digital.

Menciono que, ao iluminar as formas pelas quais discursos segregadores se engendram na plataforma por meio de enunciados aparentemente triviais, minha pesquisa proporciona instrumentos reflexivos capazes de subsidiar ações de educação digital, políticas de combate à discriminação e estratégias de sensibilização coletiva. Ademais, a maneira como discursos regulam a circulação de (des)afetos, desejos e pertencimento torna-se um objeto de crítica rigorosa que beneficia instituições e organizações sociais comprometidas com a promoção de ambientes mais inclusivos. Esse gesto crítico, à medida que revela condições estruturantes de violência, oferece caminhos para que espaços como o *Grindr* sejam repensados em suas formas de interação interpessoal. Destaco, ainda, que minha investigação contribui socialmente ao produzir um repertório interpretativo que torna visível as formas de preconceitos às corporalidades frequentemente marginalizadas e silenciadas.

No que concerne à contribuição acadêmica da minha pesquisa, ao articular a Teoria Dialógica do Discurso com fenômenos próprios das plataformas digitais de sociabilidade gay, a investigação propõe uma análise que combina observação densa dos discursos e reflexão crítica sobre as construções que organizam as interações. Essa metodologia potencial pode ser replicada e/ou adaptada em estudos futuros sobre plataformas digitais, discursos de corporalidade e regimes de performatividade, consolidando um caminho investigativo sensível à dimensão verbal é à dimensão socio-histórica e avaliativa do enunciado. A presente pesquisa, nesse sentido, inscreve-se no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade

Federal do Rio Grande - FURG, vinculado à Universidade Federal do Rio Grande - FURG, situando-se na área de concentração Estudos da Linguagem e na linha de pesquisa Teoria Dialógica do Discurso e Práticas de Análise. Nesse enquadramento institucional e teórico, o estudo volta-se à análise de discursos produzidos e circulantes nas mídias, compreendidos como práticas enunciativas socialmente situadas, atravessadas por disputas de sentidos, relações de poder e processos de construção discursiva que configuram determinados modos de dizer, de significar e de produzir visibilidades no espaço midiático contemporâneo.

Por fim, a investigação contribui para o avanço dos Estudos da Linguagem, pois oferece uma reflexão inovadora sobre a constituição de discursos acerca das masculinidades contemporâneas, articulando a Teoria Dialógica do Discurso forjada por Bakhtin e seus pares, gênero, corpo, sexualidade e tecnologias de modo consistente. Trazer novos argumentos, categorias e análise densa sobre as produções de sentido no *Grindr* amplia o repertório teórico-metodológico disponível na área, além de fortalecer debates transdisciplinares sobre sexualidade, mídias digitais e linguagem, projeta um campo de estudos ainda emergente, mas de grande relevância científica para o entendimento dos modos atuais de negociar identidades e corporalidades.

Minha pesquisa, então, insere-se em um contexto acadêmico em que plataformas digitais de relacionamento, como o *Grindr*, têm sido amplamente exploradas em diversos domínios do conhecimento, destacando a Sociologia e a Antropologia que abordam as estruturas sociais, as relações de poder, a construção social de identidade e de sexualidade e como as mídias digitais impactam a sociabilização na sociedade contemporânea. Ademais, pesquisas dessas áreas frequentemente utilizam termos como etnografia digital para entender a cultura, as interações sociais, as performances de gênero (masculinidades) e a diversidade cultural no aplicativo.

É de suprassuma importância, no entanto, destacar que, embora haja número considerável de estudos sobre o *Grindr*, o campo dos Estudos da Linguagem ainda possui uma lacuna significativa. As pesquisas que abordam o *Grindr*, à luz de uma análise do discurso, são escassas, predominantemente influenciadas por teorias da Análise do Discurso de linha francesa. Nesse sentido, com o intuito de demonstrar, ainda que brevemente, as pesquisas realizadas acerca da aplicação, realizei uma busca no Banco de Teses e Dissertações da CAPES, bem como no Google Scholar. Esse meu conjunto de pesquisa elencou as seguintes palavras-chave: *Grindr*, Bakhtin e discurso. Como descritores, elenquei a junção de termos, como Análise Dialógica + *Grindr*; *Grindr* + Teoria Dialógica do Discurso + análise de perfis. No Banco de Teses e Dissertações da CAPES foram encontrados apenas nove (09) resultados, mas

nenhuma das pesquisas que me apareceram contemplavam a Teoria Dialógica do Discurso. Já no *Google Scholar*, me foram disponibilizados 87 resultados que, também, não contemplavam análise de perfis à luz da Teoria Dialógica do Discurso.

Em diferentes trabalhos, o *Grindr* emergiu como um ambiente privilegiado de produção, negociação e disputa de sentidos acerca das masculinidades, do desejo e das normas de gênero, operando como um microcosmo em que se condensam tensões sociais mais amplas da cibercultura. Nesse contexto, destaco a pesquisa de Ruani (2021), intitulada "Por entre normas e 'pegações' no *Grindr*: problematizações com homens gays sobre a constituição das masculinidades dissidentes na cibercultura, cuja investigação se dedicou a compreender como homens gays produzem sentidos de masculinidades dissidentes no interior do aplicativo. O estudo evidenciou o modo como normas regulatórias de gênero e sexo atravessam as práticas discursivas e interacionais desses sujeitos, demonstrando que, mesmo em um espaço destinado a encontros entre homens, a cisheteronormatividade permanece operante como matriz organizadora das expectativas corporais, dos comportamentos desejáveis e das formas legítimas de expressão do masculino (Ruani, 2021).

Em convergência, a dissertação de Medeiros (2022), nomeada de "Capacidades de agir no aplicativo *Grindr*: agências e negociações diante dos ódios contra homens com práticas afetivo-sexuais gays", focalizou nas estratégias de agência e resistência mobilizadas por usuários frente aos discursos de ódio que circulavam na plataforma. Com uma abordagem etnográfica, seu estudo demonstrou que a homofobia internalizada, racismo sexual e hierarquizações corporais faz com que sujeitos negociem sentidos, reformulem perfis e elaborem respostas discursivas que tensionam essas práticas excludentes, compreendendo o *Grindr* como um território ambíguo e marcado simultaneamente pela opressão e pela possibilidade de construção identitária e relacional (Medeiros, 2022)

A pesquisa de Cardoso e Silva (2022), "Não sou, nem curto afeminados. Só questão de gosto!": uma análise discursiva do macho em aplicativos de relacionamento", concentrou-se na emergência da posição-sujeito "cara macho" em ambientes digitais. Amparando-se em Foucault e no método arqueogenealógico, a investigação evidenciou como certas construções discursivas naturalizam exclusões sobre o véu da preferência pessoal, produzindo regimes de verdade que hierarquizam corpos e masculinidades. O estudo objetivou compreende como esse sujeito discursivo se constitui mesmo em aplicativos que não se anunciam explicitamente como espaços de exaltação da masculinidade hegemônica (Cardoso e Silva, 2022)

Em diálogo com essas discussões, a dissertação “Onde há viado não há sossego, prefiro os machos”: construindo sentidos sobre masculinidades e hetero(homo)normatividade junto a usuários de app de pegação, de José Gomes de Oliveira Neto (2021), investigou as estratégias desenvolvidas por homens em práticas sexuais mediadas por aplicativos diante das exigências normativas das masculinidades. Seu estudo se ancorou em teorias feministas e nos estudos queer, evidenciando o fato de a heteronormatividade estabelecer padrões estanques e rígidos de masculinidade mesmo em um contexto homoerótico.

Essas pesquisas, nesse sentido, demonstram que há uma robusta produção sobre o aplicativo homoerótico *Grindr*, especialmente nas áreas da Sociologia, Antropologia, Psicologia Social, estudos de corpo, gênero e sexualidade. As investigações evidenciam aspectos centrais da experiência gay no contexto digital contemporâneo, como a normatização dos corpos, a performatividade das masculinidades, as dinâmicas de exclusão e os modos de resistência e agência dos sujeitos; no entanto, apesar da expressiva ciência, observei que a produção no campo dos Estudos da Linguagem, quando presentes, afiliam-se a perspectivas foucaultianas ou à Análise do discurso de linha francesa, permanecendo AUSENTE um estudo que investigue o *Grindr* à luz da Teoria Dialógica do Discurso.

O caráter inovador da minha pesquisa reside, sobretudo, no deslocamento teórico-metodológico que operei ao elencar o *Grindr* como objeto de análise a partir da Teoria Dialógica do Discurso, perspectiva ainda inexplorada nos estudos sobre essa plataforma. Ao invés de compreender os enunciados apenas como efeitos de formações discursivas ou como manifestações de posições-sujeito previamente estabilizadas, privilegiei a natureza responsiva, axiológica e historicamente situada da linguagem, permitindo compreender como os sentidos sobre corpo, masculinidade e desejo são construídos na relação viva entre vozes sociais, avaliações e antecipações do outro. Esse olhar possibilitou captar a dinamicidade dos discursos do aplicativo, evidenciando-os como acontecimentos discursivos singulares, atravessados por tensões normativas, afetivas e ideológicas, e não como simples reflexos de estruturas sociais externas.

Destaco, por fim, que o protagonismo da minha investigação está, necessariamente, na articulação rigorosa entre a teoria dialógica e os debates contemporâneos sobre corporeidade, performatividade, masculinidades e regimes de visibilidade em contextos digitais, sem reduzir um campo ao outro. Analisar os perfis do *Grindr* como espaços de enunciação saturados de vozes amplia o escopo dos Estudos da Linguagem ao incorporar materialidades discursivas próprias da cibercultura, frequentemente negligenciadas por abordagens mais tradicionais. Assim, a investigação não apenas inaugura um campo analítico ainda ausente na literatura,

como também propõe um modo sofisticado de compreender a produção de sentidos sobre corpos e identidades em ambientes digitais, contribuindo para renovar as formas de pensar a linguagem em sua complexa imbricação com tecnologia, subjetividade e vida social.

Frente ao breve panorama teórico-analítico no qual me inscrevo, minha dissertação guiou-se a partir do seguinte problema de pesquisa: Como os enunciados que compõem os perfis de usuários do aplicativo *Grindr* produzem sentidos sobre corpos masculinos, performances de gênero e configurações de masculinidade, regulando práticas de autoapresentação, reconhecimento e interação no contexto das sociabilidades digitais? A partir dessa indagação inicial, objetivei, em linhas gerais, analisar as marcas discursivas que envolvem a construção da imagem discursiva de corpos masculinos de usuários do aplicativo de relacionamento *Grindr*, observando como as performances de gênero e as configurações de masculinidade são produzidas, negociadas e contestadas nesse ambiente digital. Para esta pesquisa, busquei, como objetivos específicos, (a) compreender como determinados enunciados presentes nos perfis do aplicativo mobilizam sentidos associado à potência e ao domínio sexual, investigando de que modo tais sentidos se materializam em práticas de autoapresentação que valorizam atributos como masculinidade normativa, atividade sexual, autonomia e força, bem como os efeitos de legitimação do desejo e de hierarquização das masculinidades que decorrem dessas construções discursivas; (b) investigar de que maneira certos discursos produzem delimitações simbólicas a partir da negação, da desqualificação ou do deslocamento de determinadas posições corporais e identitárias, observando como esses enunciados funcionam como diferenciação entre modos de existência no aplicativo; e (c) identificar como os enunciados articulam sentidos relacionados à reserva, à ocultação e ao reconhecimento seletivo entre usuários, analisando de que forma tais construções discursivas organizam práticas específicas de interação, regulam a exposição de si e estruturam modos particulares de circulação do desejo no ambiente digital.

Há de se mencionar que minha pesquisa é de natureza aplicada, de caráter teórico-analítico, cujo objetivo basilar é a ampliação do entendimento dos fenômenos discursivos. No que concerne aos meus objetivos, a investigação é do tipo exploratória, tendo em vista que busca problematizar e entender os modos de produção de sentidos ainda pouco estudados no campo dos Estudos da Linguagem, afastando-se de uma mera descrição superficial, usando de procedimentos técnicos bibliográficos e documentais. A abordagem do problema do meu estudo é de cunho qualitativo, de orientação interpretativista, com foco na compreensão dos enunciados em sua materialidade ideológica. Além disso, a pesquisa alicerça-se na análise dialógica de discursos e na pesquisa documental em ambiente digital, tomando como *corpus*

enunciados verbais e multimodais extraídos de perfis de usuários do aplicativo de relacionamento *Grindr*.

A seleção dos dados deu-se a partir de observação sistemática do funcionamento da plataforma e da escolha criteriosa de perfis e enunciados que se mostraram pertinentes ao problema de pesquisa, considerando-se o aplicativo como um espaço privilegiado de produção e circulação de sentidos sobre corpo, gênero e desejo. O recorte temporal da coleta foi delimitado de acordo com os objetivos da investigação, garantindo a coerência entre o *corpus* analisado e as questões que orientam o estudo. A análise dos dados foi conduzida à luz da Teoria Dialógica do Discurso, compreendendo os enunciados como acontecimentos discursivos responsivos e axiologicamente orientados, produzidos em contextos específicos de interação, o que permite apreender as formas pelas quais as imagens discursivas dos corpos masculinos são construídas, negociadas e tensionadas no interior das sociabilidades digitais. O estudo caracterizou-se como pesquisa de natureza aplicada, com objetivos exploratório-descritivos, articulando procedimentos bibliográficos e documentais na análise de enunciados concretos extraídos de perfis do aplicativo *Grindr*, compreendidos como documentos digitais publicamente acessíveis.

A presente dissertação estrutura-se, em sua totalidade, com quatro (4) capítulos seguidos das reflexões finais. O primeiro capítulo teórico, que se intitula *Do signo à enunciação: uma abordagem dialógica do discurso*, aciona reflexões da Teoria Dialógica do Discurso proposta por Bakhtin e o Círculo, as quais farão parte das análises dos discursos, sendo organizada em quatro (4) seções, sendo: (I) *O Outro em Mim: o Dialogismo como origem, trânsito e (in)completude da linguagem;* (II) *A palavra-signo: núcleo ideológico das dinâmicas enunciativas e de sua concretude social;* (III) *Da concretude dialógica à materialização responsiva: o enunciado como unidade real, social e histórica da comunicação verbal;* (IV) *Do monólogo impossível à linguagem compartilhada: tensão entre o "eu" e o "outro" na estrutura heterodiscursiva do discurso*.

No terceiro capítulo, que é, ainda, de fundamentação teórica, *Corpos que Performam, Masculinidades que escapam e Visibilidades de condicionam*, a discussão estabelece uma reflexão acerca da performatividade como a repetição estilizada de atos que constroem o gênero, da matriz heterossexual como a norma compulsória, das formas de masculinidade, do *Grindr* como um dispositivo de visibilidade que transforma o corpo em objeto de consumo e capital erótico, da descrição do funcionamento da plataforma, suas categorias e mecanismos de interação e do aprofundamento da norma mercado-lógica do corpo. Nesse sentido, criei as seções: (a) *A repetição do gênero em disputa: regimes de performatividade e a desconstrução*

da matriz heterossexual em Judith Butler; (b) *Corpos que dominam, corpos que cedem: a produção da(S) Masculinidade(S) como prática(S) estruturante(S) de gênero*; e (c) *Do dispositivo à vitrine: Grindr, regimes de visibilidade e o corpo mercadoria*, dividida em dois eixos, a saber: (I) *Grindr: elementos para uma compreensão do funcionamento enquanto plataforma de interação, relacionamento e sociabilidade LGBTQIAPN+*[2] e (II) *Corpos à Mostra: regimes de visibilidade nas plataformas digitais de relacionamento e a norma mercadológica do corpo*.

Já o quarto capítulo *O corpo como acontecimento discursivo: percursos metodológicos para a análise dialógica* detalha a metodologia de coleta e de análise dos dados empíricos à luz da Teoria Dialógica do Discurso, incluindo os procedimentos éticos da pesquisa e análise. Por fim, o capítulo quatro (4) da minha pesquisa, denominado *SUBJETIVIDADES EM TENSÃO: um olhar dialógico sobre as performances de sujeitos no Grindr* abarca as análises dos discursos selecionados, divididos nas seguintes categorias: (a) *discursos sobre a virilidade ativa*; (II) *(Re)configurações de passividade e rejeição à feminilidade*; e (III) *cumplicidade e sigilo homoeróticos*. Ao final, apresento minhas reflexões finais, observando se meus objetivos foram alcançados com essa investigação, se o problema foi desenvolvido e respondido e se novos questionamentos emergiram durante o percurso analítico.

A investigação foi conduzida a partir de uma imersão observacional não interativa no campo, respeitando rigorosamente os princípios éticos, legais e de anonimização dos dados, conforme a legislação brasileira vigente. O *corpus* empírico foi inicialmente composto por trinta perfis, organizados em três categorias analíticas — virilidade ativa, (re)configurações da passividade com rejeição à feminilidade e cumplicidade/sigilo homoeróticos —, dos quais seis foram selecionados para análise aprofundada, privilegiando a densidade interpretativa em detrimento da extensão quantitativa. Tal escolha metodológica decorre da compreensão bakhtiniana do enunciado como evento singular, axiologicamente saturado e historicamente situado, exigindo uma leitura atenta às tensões ideológicas, às vozes heterodiscursivas e às estratégias de autoapresentação que configuram as performances de masculinidade no ambiente digital. Ao reconhecer a implicação do pesquisador no processo analítico e a impossibilidade de neutralidade axiológica, a metodologia assume o diálogo, a reflexividade e a responsabilidade ética como princípios estruturantes, compreendendo o *Grindr* como uma

[2]Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais/Transgêneros, Queer, Intersexo, Assexuais/Arromânticos/Agê nero, Pansexuais, Não-binários e o +, que engloba todas as outras identidades não listadas, buscando inclusão e reconhecimento da vasta pluralidade humana.

arena discursiva em que linguagem, corpo, desejo e mercado se entrelaçam na produção de sentidos e na mercantilização das subjetividades.

Por fim, a dissertação encerra-se com o capítulo denominado *ENCERRAMENTO: ENTRE PERFORMATIVIDADE, MASCULINIDADES E VOZES EM CONFLITO*, no qual teço uma síntese interpretativa dos principais achados analíticos, retomando os objetivos propostos à luz das tensões dialógicas evidenciadas ao longo da investigação. Nesse momento conclusivo, evidencio como os enunciados analisados refletem, refratam e tensionam a matriz heterocisnormativa que estrutura os regimes de visibilidade e desejabilidade no *Grindr*, reafirmando o corpo como signo ideológico em disputa e a masculinidade como construção instável, dependente da responsividade do outro. O capítulo final, assim, não se configura como fechamento definitivo, mas como gesto reflexivo que assume o inacabamento do dizer e reinscreve a pesquisa na cadeia contínua das enunciações sociais.

2 DO SIGNO À ENUNCIAÇÃO: UMA ABORDAGEM DIALÓGICA DO DISCURSO

São inúmeros os estudiosos que buscam – e encontram – nas concepções teóricas de Bakhtin e o Círculo[3] o cerne para a análise de fenômenos linguístico-discursivos. Ao proporem uma filosofia da linguagem que considera o discurso um fenômeno vivo, sociohistoricamente situado e trespassado, obras como *Marxismo e Filosofia* Linguagem, de Volóchinov (2018), e *Estética da Criação Verbal* (2011), de Bakhtin, elaboram uma crítica contundente às vertentes linguísticas do "subjetivismo idealista" e do "objetivismo abstrato" vigentes entre os séculos XIX e XX. A primeira, ao formular que "o ato individual de expressão pela fala é o fenômeno fundamental da língua" (Volóchinov, 2018, p. 154), focava na fala como uma criação singular, descurava a dimensão sócio-ideológica da linguagem via o psiquismo individual [como] a fonte da língua" (Volóchinov, 2018, p. 148) e, por conseguinte, obliterando do signo suas características sociais, históricas e ideológicas.

Em contraste, o "objetivismo abstrato" – associado à tradição estruturalista saussuriana, que concebia a linguagem como um sistema fechado, independente da atuação dos falantes sobre ele –, privilegiava "o sistema linguístico, compreendido como sistema de formas linguísticas fonéticas, gramaticais e lexicais" (Volóchinov, 2018, p. 155). Assim, ambas a correntes teóricas, ainda que formuladas com fundamentos díspares, percebiam a linguagem não como um fenômeno carregada de valores e ideologias, mas como um fenômeno abstraído da interação social, reduzido à expressão individual de um falante, fora do seu uso concreto, a partir de um sistema formal, fechado e autônomo.

Há de se mencionar que Bakhtin e seus pares abraçavam a ideia que os estudos em linguagem deveriam investigar o enunciado e sua intrínseca relação dialógica com enunciados outros. Ainda que Volóchinov (2018), em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, reconheça a legitimidade dos escritos que investiguem a linguagem como um sistema de formas, o autor nos adverte que tal estudo não pode, necessariamente, restringir-se ao exame formal, isolado e descontextualizado das estruturas linguísticas, afirmando que

> a realidade efetiva da linguagem não é o sistema abstrato de formas linguísticas nem o enunciado monológico isolado, tampouco o ato psicofisiológico de sua realização, mas o acontecimento social da interação discursiva que ocorre por meio de um ou de vários enunciados (Volóchinov, 2018, p. 219).

[3] Essa expressão é utilizada para designar os pensadores e intelectuais que colaboraram com Bakhtin em pesquisas e reflexões sobre a linguagem, a literatura e a cultura. Os membros do círculo incluíam, principalmente, Matvei Isaevich Kagan (1889-1937); Pavel Nikolaevich Medvedev (1891-1938); Lev Vasilievich Pumpianskii (1891-1940); Ivan Ivanovich Sollertinskii (1902-1944); Valentin Nikolaevich Volóchinov (1895-1936)

O autor ainda reforça que,

> de fato, a forma linguística é dada ao falante. Na realidade, nunca pronunciamos ou ouvimos palavras, mas ouvimos uma verdade ou mentira, algo bom ou mal, relevante ou irrelevante, agradável ou desagradável. *A palavra está sempre repleta de conteúdo e de significação ideológica ou cotidiana*. É apenas essa palavra que compreendemos e respondemos, que nos atinge por meio da ideologia ou do cotidiano (Volóchinov, 2018, p. 181).

É crucial ressaltar que a crítica de Bakhtin e o Círculo ao pensamento saussuriano ocorreu sob a perspectiva histórica e contextual. Nesse sentido, Rosa (2023, p. 522) sublinha que

> pensando na constituição das relações lógicas proposta por Bakhtin, é possível aproximá-las, num primeiro momento, ao patamar do eixo paradigmático, que é o plano das associações mentais do sistema abstrato e, num segundo momento, ao patamar das relações sintagmáticas, no qual acontece o movimento alteritário do locutor, responsivamente orientado ao outro, o qual é materializado na linguagem e, consequentemente, no sintagma, plano em que um elemento é posto adiante do outro, de modo linear na cadeia desse sintagma. A questão nos dois autores é que o sistema linguístico está imbuído de relações alteritárias e constitutivamente humanas, sendo que o uso está intimamente ligado ao funcionamento dessas relações no sistema. O que diferencia Saussure e Bakhtin é, justamente, o recorte que os autores fazem da língua e do uso em suas elaborações teóricas.

À leitura de Rosa (2023), existe certa aproximação entre o pensamento bakhtiniano da estrutura relacional com os estudos propostos por Saussure. A autora deixa claro que as relações lógicas, encontradas em Bakhtin e seu Círculo, podem, em certa medida, ser alocadas paralelamente ao eixo paradigmático, sugerindo que existe certa organização simbólica que antecede à enunciação concreta – um campo de possibilidades de sentidos e de ideologia a partir das quais um sujeito seleciona seus signos; no entanto, tal escolha, em Saussure mantida no plano abstrato da língua, é inseparável do caráter histórico do signo e da tensão entre as vozes sociais que o atravessam teorizados por Bakhtin e seus pares. Ademais, ao aproximar o pensamento bakhtiniano ao eixo sintagmático, a linguagem não pode ser concebida como simples combinação linear de signos e se torna um espaço de encontro e resposta, materializando-se no gesto enunciativo, ou seja, no espaço em que sujeito se move em direção ao outro e se deixa afetar por ele.

Interessa notar que Bakhtin e seus estudiosos não negam o fato de o locutor, sendo um sujeito social, histórica e culturalmente situado, possuir e fazer uso de um sistema complexo e vasto de signos; no entanto, explicitam que a linguagem não se afigura desprovida de valores ou dissociada do contexto histórico e social no qual ela se realiza. A forma linguística “dada” é um sistema compartilhado, um “ponto de partida”, inscrito no interior de enunciados outros e realizado em um determinado contexto que, em decorrência disso, possibilita ao locutor, sócio e historicamente alocado, forjar, engendrar, reformular e reconfigurar novos sentidos à sua maneira. Em consonância, o signo, a situação discursiva e a interconexão entre locutor e o outro

são indissociáveis do discurso e reiteram a natureza de a linguagem ser constantemente (re)empregada em um ato concreto enunciativo, o que faz urgir novos sentidos e refrações a partir do sistema linguístico.

Desse modo, não se trata de afirmar que Bakhtin e Círculo neguem Saussure ou refutem a validade de suas propostas teóricas. Antes, eles a deslocam e a reinscrevem em outro plano epistemológico, cujo sistema linguístico é visto como instância viva, perpassada por vozes e valores. Bakhtin e seus interlocutores ampliam a reflexão saussuriana, introduzindo a dimensão histórica-axiológica que o estruturalismo, por princípio, mantinha à margem. O sentido, nesse contexto, não se opõe à estrutura, mas se faz uso dela para transbordar seus limites, fazendo um movimento cuja regularidade formal da língua converge-se em matéria viva de significação.

Sob esse prisma, o signo ideológico não é uma simples e mera entidade estática, mas um fenômeno dinâmico, atrelado, necessariamente, à interação entre os protagonistas da cadeia discursiva. Sob essa égide, o valor axiológico incorporado aos signos ideológicos é concebido pelos sujeitos envolvidos no diálogo ideológico, no qual cada enunciado transforma-se em um elo de uma corrente de comunicação ininterrupta, haja vista que esses sujeitos, locutor e interlocutor, não são completos, acabados. Pelo contrário: esses são suscetíveis aos seus próprios enunciados, à dependência mútua e aos enunciados já proferidos, instituídos, dialogicamente, por meio da linguagem.

Nessa guisa, há de se asseverar que existe a impossibilidade de se dissociar a linguagem do sujeito, do contexto social e ideológico, porque é no bojo dessa arena que os signos auferem sentido e sua capacidade de influenciar e serem influenciados. Nessa acepção, observa-se que a valoração não é uma característica inata ao signo e, sim, uma característica resultante das dinâmicas sociais e das relações dialógicas, o que sustenta o fato de toda palavra não ser (nunca) neutra, posto que, ao ser empregada, (re)afirma, (re)avalia, contesta e/ou transforma valores adstritos de um determinado grupo social, comungando, tal qual, com o que Volóchinov (2018, p. 237) expõe em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, ao delinear que "a significação é formada pela avaliação […] que determina a significação […] no horizonte dos falantes". Faraco (2009, p. 49), atravessado pelas vozes de Bakhtin e seus pares, atesta que "a significação dos enunciados tem sempre uma dimensão avaliativa" e complementa, ao destacar que "qualquer palavra […] encontra o objeto a que ele se refere já recoberta de qualificações, envolvo por uma atmosfera social de discursos" (Faraco, 2009, p. 47).

Não menos importante, na concepção bakhtiniana e volochinoviana, o sujeito dialógico não é concebido instancialmente isolado, autônomo e adâmico. Pelo contrário: é, intrinsecamente, engendrado no interior das intrincadas relações sociais, históricas e

valorativas, cujo terreno adquire capacidade de interagir com o outro. Tal asserção corta o cordão umbilical com os pensamento subjetivista idealizado e objetivismo abstrato, uma vez que, para Volóchinov (2018, p. 33), "o sujeito se constitui nos signos, por meio dos quais ele se encontra e se forma na sociedade", em decorrência do que sua essência, personalidade, unicidade e seu lugar enunciativo despontem na e pela interação discursiva.

Volóchinov (2018, p. 205) argumenta que "*a palavra é um ato bilateral* […] determinada tanto por aquele *de quem* ela procede quanto por aquele *para quem* se dirige; […] é o produto das inter-relações do falante com o ouvinte". Isso significa dizer que a palavra, ao ser enunciada, pressupõe, necessariamente, um sujeito enunciador, de quem a palavra é proferida, e um sujeito ouvinte, para quem a palavra é dirigida, demonstrando que a constituição do sujeito dar-se-á na relação com o outro. Além disso, é nesse ambiente heterogêneo (da linguagem) que locutor e interlocutor, imersos nas dinâmicas sociais e ideológicas, constituem-se como sujeitos discursivos, absorvendo, apropriando-se e (re)significando a multidão de vozes sociais de suas relações dialógicas.

Esse quadro evidencia que a palavra é o elo da interlocução da presença axiológica e responsiva em que o discurso é sustentado – a alteridade. O locutor nunca é o primeiro a falar, haja vista que seu dizer é uma resposta pressuposta e convocatória do outro, sustentando o acontecimento discursivo da linguagem. Bakhtin (2011, p. 272) sustenta tal assertiva ao afirmar que "todo falante é por si mesmo um respondente […] ele não é o primeiro […] a ter violado o eterno silêncio do universo e pressupõe […] enunciados antecedentes […] os pressupõe já conhecidos do ouvinte". Esse regime discursivo, nesse sentido, não é passivo ou neutro; é, antes de tudo, ativo e responsivo, pois o falante, em sua compreensão ativa e responsiva a outros enunciados, convoca o ouvinte que "ocupa simultaneamente em sua relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele; completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo (Bakhtin, 2011, p. 271).

Com efeito, Bakhtin e o Círculo, ao buscarem a compreensão do ser humano sob o horizonte das relações sociais, exposto às múltiplas e heterogêneas vozes socio-históricas, propõem um estudo em que tanto locutor quanto interlocutor não usam um sistema linguístico de signos fechados, tampouco são seres isolados no mundo. Embora não neguem a existência de um sistema linguístico – fornecedor de signos ao ato comunicativo –, os filósofos da linguagem sustentam a ideia de esse sistema de signos não ser um código fechado e neutro e, sim, um campo de forças ideológicas contestantes entre si. Os signos, nesse sentido, são atravessados por vozes alheias que lhes dão novas possibilidades de sentido consoante ao

espaço discurso em que esses são inscritos. Por fim, é nesse entrecruzamento de vozes em que falante e ouvinte instauram-se como sujeitos discursivos na e pela linguagem.

Nessa perspectiva que compreende a linguagem como acontecimento social, histórico e axiologicamente orientado, há de se mobilizar a noção de cronotopo como uma categoria capaz de explicitar a forma concreta na qual o discurso se realiza. Bakhtin (2018, p. 11) define o cronotopo como uma "interligação essencial das relações de espaço e tempo". Ainda que o autor afirma tratar-se, no contexto, de uma categoria de forma-conteúdo da literatura, seu núcleo conceitual não se restringe apenas ao campo literário, considerando que enuncia um princípio fundamental para o entendimento do discurso como um acontecimento, isto é, a impossibilidade de dissociar a produção de sentidos das configurações espaço-temporais concretas em que os enunciados emergem.

A indissociabilidade entre o tempo e o espaço ganha densidade conceitual à medida que Bakhtin (2018, p. 12) argumenta que, no cronotopo, ocorre

> a fusão dos indícios do espaço e do tempo num todo apreendido e concreto. Aqui o tempo se adensa e ganha corporeidade, torna-se artisticamente visível; o espaço se intensifica, incorpora-se ao movimento do tempo, do enredo e da história. Os sinais do tempo se revelam no espaço e no espaço é apreendido e medido pelo tempo.

Isso significa dizer que a temporalidade não se apresenta como a sucessão abstrata e, sim, como uma dimensão viva em que se condensam formas de dizer, ritmos de interação e expectativas que orientam um discurso. Além disso, o cronotopo permite a compreensão de que os sentidos não derivam somente da combinação formal dos signos, mas de uma convergência entre o tempo e o espaço que se engendram em todo ato enunciativo. Todo acontecimento discursivo, nesse sentido, é histórico e situado, tendo em vista que se revela nas formas espaciais de interação e porque o espaço social se deixa medir pelas marcas temporais que o perpassam, como, por exemplo, a memória do já-dito e a projeção responsiva do dizer. O cronotopo, assim, possibilita compreender o sujeito discursivo não como origem soberana do sentido, mas como indivíduo que se posiciona em uma determinada configuração de tempo social e espaço discursivo.

Outrossim, há de se mencionar que o cronotopo é princípio da concretização do discurso, permitindo delinear a própria situação enunciativa, compreendida como constitutiva desse acontecimento comunicacional. Ao considerar as inter-relações que sustentam o produto do sentido, Bakhtin (2018, p. 229) assevera que o

> caráter geral dessas inter-relações é dialógico (na ampla acepção do termo). Mas esse diálogo não pode integrar o universo representado numa obra nem em nenhum dos seus cronotopos (representados): ele está fora do universo representado, embora não esteja fora da obra como um todo.

Tal assertiva faz com que se compreenda o fato de toda situação discursiva constituir-se no plano das relações entre os sujneitos historicamente situados, cujas posições se organizam num espaço-tempo concreto de interação. Nessa direção, a cena enunciativa é concebida como o espaço em que o discurso se efetiva em sua materialidade, ou seja, como o lugar concreto no qual todo enunciado se torna possível e inteligível. O discurso, assim, "ocupa um lugar definido no espaço, ou seja, é localizado; mas a sua existência material externa e em sua composição puramente externa" (Bakhtin, 2018, p. 230) e não paira na abstração. Ancora-se nessa materialidade que o inscreve em um espaço social que o aciona, submetendo-o às condições históricas de produção, circulação e interpretação de sentidos, como um ponto em que se condensam tempo histórico, espaço social e relações dialógicas que se convergem, permitindo que o discurso se realize como um acontecimento concreto

Mediante às breves reflexões iniciais, as seções subsequentes abordam os conceitos fundamentais da Teoria Dialógica do Discurso desenvolvidos por Bakhtin e o Círculo, com base nas relações dialógicas, alteridade, signo ideológico, enunciado, heterodiscurso e multiplicidade de vozes, fundamentando, assim, a concepção heterogênea e social da linguagem nos contextos caracterizados pelas tensões e disputas de ideologias em que sujeitos se posicionam, constituem-se e confrontam posições axiológicas.

2.1 O OUTRO EM MIM: O DIALOGISMO COMO ORIGEM, TRÂNSITO E (IN)COMPLETUDE DA LINGUAGEM

O Dialogismo, por Bakhtin e o Círculo, princípio básico dos estudos considera que a linguagem constitui um fenômeno dialógico, não pura e simplesmente se restringe à alternância de discursos entre locutor e interlocutor nem ao simples manejo da retórica concedente do consenso ou antagonismo de ideologias dos sujeitos envolvidos em um ato discursivo. Antes de tudo, este se constitui ao eixo da linguagem. Em seu cerne, a linguagem atribui a si mesma o caráter de "diálogo conclusão e inacabável", uma vez que todo enunciado nasce, inexoravelmente, no seio da esfera discursiva, povoado por centenas – quiçá milhares – de índices de valores (sociais) que o prenunciaram e que continuarão os ressoando. Nesse entremeio é que falante e ouvinte unem aos seus dizeres posições, afetos, gostos, ideologias latentes em diferentes situações semântico-axiológicas, (re)formulando essas vozes à maneira singular e, necessariamente, submetidos à avaliação um do outro.

À vista disso, Bakhtin e seus pares, com o intuito de elucubrar o fato de todo discurso ser de natureza dialógica, enfatizam que quaisquer enunciados andam em uma via de mão dupla – de origem e de destino –, destacando que a palavra, observada na sua (não) intencional

ambivalência discursiva, não se exterioriza e não paira em um vácuo; manifesta-se por meio de um sujeito sociohistoricamente situado e se dirige a outro sujeito sociohistoricamente situado. Tal dialética origem/destino atravessa totalmente as complexas e múltiplas esfera da atividade humana como inscreve Volóchinov (2018, p. 205) ao advogar que,

> na palavra, eu dou forma a mim mesmo do ponto de vista do outro e, por fim, da perspectiva da minha coletividade. A palavra é uma ponte que liga o eu ao outro. Ela apoia uma das extremidades em mim e a outra no interlocutor. A palavra é o território comum entre o falante e o interlocutor.

Nessa direção, as reflexões acerca da alteridade evidenciam que a constituição do sujeito se engendra em uma zona necessariamente, assimétrica, na qual o olhar do outro ocupa um papel de instância imprescindível à formação da autoconsciência. A esse respeito, Bakhtin (2010, p. 374), observa que

> tudo o que me diz respeito, a começar pelo meu nome, chega do mundo exterior à minha consciência pela boca dos outros (da minha mãe, etc.), com a sua entonação, em sua tonalidade valorativo-emocional À princípio eu tomo consciência de mim através dos outros: deles eu recebo as palavras, as formas e a tonalidade para a formação da primeira noção de mim mesmo […] a consciência do homem desperta envolvida pela consciência do outro.

Essa assimetria expressa a própria condição de possibilidade identitária, considerando que

> os percursos e as modalidade segundo os quais se realizam a autoconsciência e a autoavaliação estão em uma relação estreita de interdependência com a visão do outro. Mas cada um não pode nunca conhecer diretamente a visão do outro, mesmo que esteja na presença do outro: também estou diante do olhar do outro, o outro é sempre o outro-para-mim (Bakhtin, 2019, p. 68).

É nesse abismo constitutivo – em que jamais o "eu" alcança totalmente a maneira como o "outro" o vê – que se inscreve o excedente de visão, isto é, a parcela de existência que escapa radicalmente à percepção do que o "eu" tem de si mesmo e que apenas o "outro", situado em um lugar que transcende o "eu", pode apreender. Esse excedente não se configura como mero complemento contingente à vida da consciência e, sim, como um fundamento ético e estético através do qual um sujeito conquista acabamento, uma vez que, para objetificar-se, essa "objetificação ética e estética necessita de um poderoso ponto de apoio, fora de si, em uma força efetivamente real, a partir de cujo interior eu posso me ver como outro" (Bakhtin, 2010, p. 30). Isso significa dizer que o "eu" adquire forma somente quando é ancorado na exterioridade, assumindo uma posição determinada no horizonte axiológico da coletividade.

Nessa perspectiva, o reconhecimento de que a subjetividade se forja no engendramento de olhares demonstra que um sujeito não ingressa em um discurso como uma unidade autossuficiente que, voluntariamente, admite a presença do outro. Pelo contrário. "O eu é dialógico contra a sua vontade, isto é, não como consequência de uma espécie de concessão

feito ao outro, mas como seu envolvimento passivo com o outro, na palavra do outro" (Bakhtin, 2019, p. 74). Nesse sentido, o "eu" imbuído da palavra alheia, já emerge atravessado por vozes que o excedem, que o antecedem e o que projetam para além de si mesmo, formando uma tessitura de sentidos que jamais se circunscrevem á interioridade soberana. A exterioridade – que me olha, me excede, me julga e me completa – torna-se, para tanto, o lugar primordial onde o sujeito se vê, refaz-se e se reinscreve, sempre como presença responsiva em meio a outras presenças também responsivas.

É possível verificarmos que, no ato enunciativo, "eu" modelo minha própria identidade sob o prisma alheio e, ulteriormente, à vista dos outros que, coletiva e socialmente, circunscrevem-me. A palavra cimenta-se como uma espécie de arco intersubjetivo entre esse "eu" e esse "outro": de um lado, alicerça suas vigas em mim e, do outro, a viga oposta, inerente ao interlocutor. Tal edificação é levantada em qualquer situação discursiva: de conversas espontâneas às construções literárias e nos mais eruditos textos científicos. Anterior a quaisquer desses atos enunciativos serem proferidos ou escritos, as palavras surgem saturadas de entonações alheias, (re)aferidas em infindos dizeres pretéritos, uma vez que é na substância da linguagem que essas vozes passadas (ou futuras) outras entrelaçam-se. Dessa forma, é no discurso que os seres humanos são inscritos; é no discurso em que se configuram as relações dialógicas, em que um emaranhado infinito de teias tensionadas de enunciados anteditos e hipotéticos se entrecruzam, refletindo e refratando sentidos em permanente deslocamento, cujos ecos ressoam vozes passadas e projetam expectativas de uma resposta futura.

Consoante à concepção de linguagem como espaço da enunciação responsiva e dialógica, assoma-se o fato de toda palavra ser um signo ideológico. Isso implica afirmar que não existe neutralidade nas palavras; elas são carentes de valores sociais e históricos que as constituem. Volóchinov (2018, p. 91), ao demonstrar, em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, que "qualquer produto ideológico é uma parte da realidade natural e social – seja ele um corpo físico, um instrumento de produção ou um produto de consumo", argumenta que a ideologia não está atrelada, pura e somente, às ideias, crenças e abstrações humanas, mas materializada através de objetos, gestos, palavras e práticas sociointerativas. Isso traduz o fato de qualquer produto ideológico estar, necessariamente, coligado à realidade concreta, apresentando significação, "ele representa […] algo […] ou seja, ele é um *signo*. *Onde não há signo também não há ideologia* (Volóchinov, 2018, p. 91).

À compreensão da palavra, enquanto signo ideológico, há de se mencionar que ela jamais se apresenta como forma neutra ou indiferente de valores que atravessam a visa social. Cumpre ressaltar que a materialidade da palavra é inseparável da carga valorativa, axiológica e

responsiva que preside cada ato discursivo. Isso significa dizer que ela, para além de representar algo no mundo, fá-lo sempre investida de uma orientação avaliativa que surge de uma posição do sujeito no evento vivo da comunicação. A entonação revela-se, nesse sentido, como o meio pelo qual o signo ganha força orientadora no encontro entre sujeitos sociohistoricamente situados. Consoante ao entrelaçamento da palavra – que assume o estatuto de acontecimento, mobilizando, no interior do discurso, o que o sujeito deseja afirmar, recusar ou transformar em seu objeto de enunciação –, valor e responsividade, Bakhtin (2017, p. 86-87) assinala que

> a palavra não somente denota um objeto corno de algum modo presente, mas expressa também com a sua entonação (urna palavra realmente pronunciada não pode evitar de ser entoada, a entonação é inerente ao fato mesmo de ser pronunciada) a minha atitude avaliativa em relação ao objeto - o que nele é desejável e não desejável e, desse modo, movimenta-o em direção do que ainda está por ser determinado nele, torna-se momento de um evento vivo. Tudo o que é efetivamente experimentado o é como alguma coisa que concerne simultaneamente ao dado e ao por-fazer-se, recebe uma entonação, possui um tom emotivo-volitivo, entra em relação afetiva comigo na unidade do evento que nos abarca.

A assertiva do autor russo evidencia que a palavra, ao ser inscrita em um evento discursivo, transforma-se em acontecimento orientado pelo entrechoque de valores que nela se condensam. Isso não significa entender que a palavra comporta uma entonação e, sim, compreender que é a entonação que estabelece a direção afetivo-volitiva que conduz a forma como um objeto se (re)atualiza no interior da experiência discursiva. O tom que a palavra possui decorre da operação pela qual o sujeito atribui sentido a um objeto, que, posteriormente, emerge no enunciado, fazendo com que se abram novas possibilidades de significação para aquilo que ainda pode vir a ser. A palavra enunciada, nesse sentido, é parte efetiva do evento vivo da comunicação, instituindo um vinculo entre aquilo que se apresenta com aquilo que se projeta. Essa articulação reforça a força da entonação na constituição do sentido e na orientação responsiva do sujeito.

A partir da materialidade dos signos ideológicos, é digno destacar que o discurso não se fundamenta única e exclusivamente na frequência de multiplicadas vozes corporificadas pelos signos ideológicos, como também na composição estruturante que sustenta o ato enunciativo. Nesse sentido, a linguagem dispõe de uma organização lógica e formal, isto é, articulações fonéticas, morfológicas, sintáticas e semânticas, que, segundo a teorização bakhtiniana, carecem de completude em seus estados isolados e não alcançam, isoladamente, plenitude comunicacional e funcional a fim de estabelecer a instância dialógica. Há descompasso entre as estruturas linguísticas e a atitude responsiva caracterizadora da linguagem em uso. O que fundamenta o fato de a dialogicidade não ser a atividade interna do sistema de signos e, sim, a apropriação desse sistema de língua pelos sujeitos situados em contextos verbais e sociais, cada

um com suas especificidades. É por meio desse processo de materialização do signo, consoante ao acionamento desses signos, que esses assumem sentidos e se tornam posição discursiva do sujeito que os elenca para tal, convertendo, em decorrência disso, o funcionamento lógico da linguagem em uma entidade viva, tomada por embates, refrações e respostas.

Bakhtin (2010), em *Problemas da Poética de Dostoievsky*, esmiúça a multiplicidade de vozes como propriedade distintiva dos romances do escritor russo, destacando que

> *a multiplicidade de vozes e consciências independentes e imiscíveis e a autêntica polifonia de vozes plenivalentes constituem, de fato, a peculiaridade fundamental dos romances de Dostoiévski*. Não é a multiplicidade de caracteres e destinos que, em um mundo objetivo uno, à luz da consciência una do autor, se desenvolve nos seus romances; é precisamente a *multiplicidade de consciências eqüipolentes* e *seus mundos* que aqui se combinam numa unidade de acontecimento (Bakhtin, 2010, p. 17).

Ainda que Bakhtin (2010) concentre sua investigação na constituição das personagens e na arquitetura romanesca, sua análise transpassa a linha da crítica literária e alicerça as bases para uma compreensão da linguagem como ambiente de interação dialógica entre consciências sociais. O filósofo da linguagem russo destaca a existência de sujeitos discursivos providos de valores próprios. Ao discorrer sobre as vozes independentes e imiscíveis, Bakhtin (2010) versa acerca da coexistência de "consciências discursivas" não subordinadas umas às outras, as quais acondicionam, no âmago do discurso, sua unidade axiológica e ideológica. Tal asserção, no plano da linguagem, demonstra que todo enunciado se realiza como resposta – declarada ou não declarada – a enunciados pretéritos e, paralelamente, como incitação à (possível) réplica.

Digno de ressaltar que essas "vozes plenivalentes" ilustram, necessariamente, a macicez ideológico-responsiva de cada enunciado, não como meros signos isolados e, sim, como expressões de sujeito sociohistoricamente situados, projetando seus horizontes axiológicos e valores. Assim, ao analisar as peculiaridades da obra de Dostoiévski, expõe a linguagem como o espaço da realização plena do dialogismo enquanto principio estruturante da linguagem e constitutivo do ser humano. A presença de diversas vozes no discurso, portanto, opera como a impossibilidade de um discurso dizer-se uno, isolado e neutro.

Tal perspectiva rompe com quaisquer concepções de discursos monológicos e isolados. Bakhtin (2015), em *Teoria do Romance I: a estilística*, aborda com profundidade a presença de vozes alheias como constitutivas do discurso, ao conceber a palavra como bivocal, afirmando que, nas palavras,

> há duas vozes, dois sentidos e duas expressões. Ademais, essas duas vozes são correlacionadas dialogicamente, como que conhecem uma à outra (como duas réplicas de um diálogo, conhecem uma à outra e são construídas nesse conhecimento recíproco), como se conversassem uma com a outra. A palavra bivocal é sempre interiormente dialogada (Bakhtin, 2015, p. 113).

Isso significa dizer que, em um discurso, incorporam-se vozes alheias – sociais, históricas, culturais e ideológicas –, as quais não são neutras, mas refletidas e refratadas, expressando-se não diretamente com o discurso do outro e, sim, indireta e implicitamente, carregam diferentes sentidos e intenções que se interagem em um jogo de tensões ideológicas na linguagem e não se configuram de uma sobreposição de valores; trata-se de um fenômeno inerente à própria materialidade discursiva, dado sempre em relação a um sujeito falante e um sujeito ouvinte, em que o locutor está rodeado de (in)finitas cadeias enunciativas com as quais ele colide, interage, reflete e refrata para, assim, constituir o seu dizer e o direcioná-lo ao outro.

À luz das considerações teóricas levantadas, embasadas nos escritos de Bakhtin e o Círculo, há de se atestar que a constituição do discurso se ancora, impreterivelmente, na inter-relação de locutor e interlocutor, demonstrando que o funcionamento da linguagem não opera na (de)codificação de signos. A palavra, nessa acepção, nunca é neutra ou suficiente por si própria: ela nasce no embate com outras, ressoa discursos já ditos e projeta a possibilidade de respostas futuras. É nesse entrecruzamento de vozes que o sujeito se constitui – não como entidade preexistente ao discurso, mas como resultado de sua posição na cadeia discursiva socio-histórico. É na linguagem e pela linguagem que o ser humano se constitui como sujeito, posiciona-se perante ao outro, reconhece-se como tal e adquire a competência significar sua própria existência. O dialogismo, para tanto, é a gênese conceitual e estruturante da linguagem: tudo que se diz, que se tem, que se faz está atravessado por vozes outras, as quais disputam sentidos e valores, condicionando o discurso como um acontecimento ideológico e social.

2.2 A PALAVRA-SIGNO: NÚCLEO IDEOLÓGICO DAS DINÂMICAS ENUNCIATIVAS E DE SUA CONCRETUDE SOCIAL

A concepção de linguagem, proposta por Bakhtin e o Círculo, renuncia a quaisquer abordagens que distanciem a palavra de sua extensão social e ideológica. Brait (2020, p. 133) destaca que

> a palavra é entendida como unidade da comunicação discursiva, material das interações verbais, caracterizada por três peculiaridades constitutivo-funcionais: (i) alternância de uso por sujeitos em situação de uso (fala ou escrita); (ii) conclusibilidade e (iii) expressividade semântico-axiológica. Em síntese, a palavra, como forma material do signo ideológico, compartilha das mesmas feições/peculiaridades de qualquer enunciado.

À visto disso, a palavra não opera unicamente como o veículo de comunicação ou expressão individual do dizer, mas como um fenômeno essencialmente inscrito nas relações sociais concretas. A fim de tornar inteligível o fato de a palavra, enquanto materialidade discursiva, ter "sua função de ser signo" (Volóchinov, 2018, p. 98), o filósofo da linguagem

russo, em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, teoriza que a palavra se organiza em dupla constituição: o tema e a significação. O primeiro, assumido como o conteúdo concreto, estabelecido em um determinado tempo e em um espaço, configura-se como o aspecto singular, irrepetível e saturado de valores do enunciado, haja vista que é nele que se conglobam as circunstâncias específicas de sua produção – intenção do sujeito falante, os contextos de interlocução e os horizontes sociais e ideológicos que o cercam –, e que se manifestam os sentidos da interação viva entre esses sujeitos históricos o enunciam, convertendo-se em uma manifestação irrepetível da instância comunicativa que o ancorou, nas palavra do autor,

> uma significação única e determinada […] um sentido único pertencente a qualquer enunciado. O sentido da totalidade do enunciado será chamado de seu *tema*. O tema deve ser único, caso contrário não teremos nenhum fundamento para falar sobre um enunciado. Em sua essência, o tema deste é individual e irrepetível como o próprio enunciado. Ele expressa a situação histórica concreta que gerou o enunciado (Volóchinov, 2018, p. 227–28).

Já a segunda, a significação, para o autor,

> juntamente com o tema, ou melhor, dentro dele, o enunciado possui também a significação. Ao contrário do tema, entendemos a significação como aqueles aspectos do enunciado que são repetíveis e idênticos a si mesmos em todas as ocorrências. É claro, em sua forma convencional isolada esses aspectos são abstratos e não possuem uma existência independente concreta, mas, ao mesmo tempo, são parte inseparável e necessária do enunciado (Volóchinov, 2018, p. 228–29)

Isso quer dizer que a significação maquina como espaço estabilizado no interior do discurso, operando como um repositório de formas e sentidos, ainda que partilhados social e repetidamente, não dispõe, por si só, de densidade semântica completa. Ademais, tal repertório insere-se em um contexto enunciativo à medida que este é mobilizado dentro de um tema específico, no qual articular-se-ão as intenções, discursos particulares daquele evento discursivo. Fora disso, a significação conserva-se como potencial discursivo de formas e sentidos, carecendo de uma direção, enunciado e valor.

No bojo do tema como realização singular e historicamente situada, há de se recordar da noção de cronotopo quando Bakhtin (2018, p. 167) afirma que há "elementos que integram a totalidade […] do tema como as funções artístico-ideológicas do conjunto dessa contiguidade em diferentes graus de desenvolvimento", permitindo entender que o tema não é reduzido a um conteúdo isolado ou ideia abstrata e, sim, como totalidade ordenada, em que se articulam valores, sentidos e horizontes ideológicos que surgem de uma situação concreta de comunicação na qual os signos são acionados. A articulação temática, no entanto, não pode ser explicada somente pela sua proximidade com os elementos externos ao enunciado. Acerca disso, Bakhtin (2018, p. 167) adverte que "por trás dessa contiguidade enquanto traço externo escondem-se antes de tudo uma determinada forma de sensação do tempo e uma determinada

relação deste com o mundo espacial, ou seja, um determinado cronotopo", isto é, o tema é sempre inscrito em uma configuração espaçotemporal específica.

Essa inscrição espaçotemporal do tema reitera, nesse contexto, o entendimento de que o sentido não nasce de abstrações nem desvinculado da materialidade da vida social. "Todo o ser espaçotemporal (e não só o sígnico) sempre significa mais do que é, ou seja, não tem apenas existência, mas também sentido. O encontro com significados e sentidos extratemporais, como todo encontro, só é possível no tempo e no espaço" (Bakhtin, 2018, p. 246), reforçando que um enunciado, para além de sua singularidade, produz sentido a partir de sua situação histórica específica, tendo em vista que não há como dissociar linguagem, tempo e espaço quando se fala em constituição do dizer.

Desse modo, ao entender o tema como um todo organizado consoante a uma configuração espaçotemporal determinada, torna-se possível avançar para a materialidade na qual essa organização se efetiva na vida social: a palavra enquanto signo ideológico. Se o cronotopo permite perceber as condições concretas de emergência do sentido — isto é, o modo como tempo e espaço estruturam a situação histórica e social do dizer —, é por meio da palavra que tais determinações se corporificam, circulam e entram em confronto. A passagem do tema à palavra não implica, portanto, um deslocamento de foco, mas um aprofundamento analítico, uma vez que é pela palavra que os valores, as intenções e os horizontes ideológicos inscritos no tema se tornam sensíveis, disputáveis e responsivamente orientados na interação discursiva.

É nesse entrecruzamento entre a forma, a ação, o tempo, o espaço, o tema e o valor que as palavras se revelam como unidades repletas de ideologias; elas circulam entre os mais diversificados campos sociais e são o ponto de partida em que as tensões ideológicas entram na teia discursiva. Longe de ser abstrata e imutável, "a palavra é o fenômeno ideológico por *excellence*. Toda a sua realidade é integralmente absorvida na sua função de ser signo" (Volóchinov, 2018, p. 98), isto é, permeada por valores ideológicos e acentos valorativos em que se condensam e se confrontam forças sociais em constante disputa de sentidos. Tal acepção demonstra que a palavra não tem existência autonômica para além do ato de produção de sentidos em contextos socioculturais da vida coletiva; a realidade da palavra é indissolúvel das especificidades concretas nas quais ela é acionada, uma vez que se constitui como forma linguística e condensação de valores, intenções e já-ditos.

No que concerne à natureza ideológica do signo, há de se destacar a complexidade intrínseca às maneiras pelas quais a linguagem opera como mediadora entre os sujeitos e o mundo social. Nesse sentido, a linguagem não se limita a apenas reproduzir automaticamente a realidade exterior; ela incide, necessariamente, sobre essa realidade de modo muito particular,

ao filtrar, (re)organizar e atribuir sentido, por meio dos signos, às manifestações discursivas de acordo com as disputas ideológicas que se manifestam. Tal premissa – de que a linguagem, enquanto sistema de signos ideológicos, não é um decalque da realidade e, sim, um espaço saturado de valores e embates sociais –, é asseverada por Volóchinov (2018, p. 93) ao reconhecer que "o signo não é somente uma parte da realidade, mas também reflete e refrata uma outra realidade, sendo por isso mesmo capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la de um ponto de vista específico".

Faraco (2009, p. 50-51), acerca do caráter refrativo e reflexivo do signo ideológico, afirma que

> no processo de referenciação, realizam-se duas operações simultâneas nos signos: eles ***refletem*** e ***refratam*** o mundo. Quer dizer: com os signos podemos apontar para uma realidade que lhes é externa (para a materialidade do mundo), mas o fazemos sempre de modo refratado. E refratar significa, aqui, que com nossos signos nós não somente descrevemos o mundo, mas construímos – na dinâmica da história e por decorrência do caráter sempre múltiplo e heterogêneo das experiências concretas dos grupos humanos – diversas interpretações (***refrações***) desse mundo.

Sob esse prisma, importa destacar que a capacidade de o signo de refletir e de refratar a realidade não está associada à atuação do signo como um espelho que reflete igual e diretamente a realidade. Pelo contrário. O filósofo da linguagem russo critica tal acepção ao considerar as complexas relações sociais no processo de significação. Refletir é uma possibilidade subordinada; refratar é o modo com o qual o signo se atualiza nas relações sociais. Isso significa dizer que, afastado de ser um agente passivo de conteúdo, o signo funciona como um filtro valorativo, que se impregna de posicionamento, interesses, disputas, valores e crenças consoante ao lugar social no qual é acionado. O signo ideológico não remonta somente ao conteúdo exterior, mas o reorganiza em conformidade com as forças sociais em confronto. Acerca disso, o autor russo salienta que "a existência não apenas é refletida no signo, mas também é refratada nele" (Volóchinov, 2018, p. 112).

Sob esse mesmo prisma, é digno mencionar que "*em todo signo ideológico cruzam-se ênfases multidirecionais*" (Volóchinov, 2018, p. 113), o que implica no reconhecimento de que nenhum signo é unívoco ou neutro, uma vez que ele surge como um produto das forças sociais tensionadas, de diferentes esferas sociais e ideológicas por diferentes sujeitos discursivos. Além disso, o autor ressalta a importância da "*multiacentuação*", demonstrando que

> apenas esse cruzamento de acentos proporciona ao signo a capacidade de viver, movimentar-se e de desenvolver-se. Ao ser retirado da disputa social acirrada, o signo ficará fora da luta de classes, inevitavelmente enfraquecendo, degenerando em alegoria […] incapaz de ser palco de embate dos acentos sociais vivos. Justamente aquilo que torna o signo ideológico vivo e mutável faz dele um meio que reflete e refrata a existência (Volóchinov, 2018, p. 113).

Nesse sentido, consoante ao que sugere Volóchinov (2018), a vida do signo ideológico instancia-se na sua própria posição de atravessamento por múltiplos acentos valorativos sociais, que lhe garantem densidade, vitalidade e potência de sentidos. O signo, à medida que é exposto aos diversos conflitos entre as vozes advindas de diferentes horizontes sociais, torna-se capaz de se adaptar às novas conjunturas discursivas. Esse caráter heterodiscursivo[4], nesse sentido, opera como a inscrição do signo no *continuum* discursivo. Além disso, merece atenção o fato de que, sem o social, o signo deixa de ser o instrumento ativo de disputas ideológicas, dos embates axiológicos e valorativos e se torna vazio. Assim, não são apenas os acentos valorativos que dão vida ao signo, como também sua própria existência histórica, cultural e social, haja vista que, ao refletir e refratar a realidade, este o faz reinscrito em outros contextos discursivos sob o peso das vozes passadas que nele se confrontam.

Com base na compreensão da natureza social e tensionada do signo, é inevitável reconhecer que a consciência individual – longe de parecer instância anterior, autônoma ou originária – forma-se no interior do campo ideológico partilhado, perpassada e constituída pelos sentidos estabelecidos pelas interações sociais. Nesse sentido, há de se destacar que o entendimento de uma consciência individual pressupõe a superação de toda noção substancialista ou interiorizada do sujeito; a consciência individual, no pensamento volochinoviano, constitui-se como um fenômeno histórico e social, plasmado por meio das interações ideológicas a partir dos signos. Volóchinov (2018), em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, reconhece que "a própria consciência individual está repleta de signos" (Volóchinov, 2018, p. 95), a qual somente "passa a existir como tal na medida em que é preenchida pelo conteúdo ideológico, isto é, pelos signos, portanto apenas no processo de interação social." Tal formulação retira o sujeito do lugar de origem da linguagem e o aloca no espaço de efeito, de produto de processos de significação mediados pela vida em sociedade. Não existe consciência individual anterior à linguagem, tampouco subjetividade autônoma que preceda os signos ideológicos que formaram a linguagem. "A consciência individual é um fato social e ideológico" (Volóchinov, 2018, p. 96).

Nesse ínterim, o signo, tradicionalmente concebido como interior – a consciência, o pensamento ou o sentir – revela-se como um espaço atravessado por vozes alheias, valores, discursos e signos, que se realiza no interior das práticas sociais concretas. A interioridade,

[4] A discussão acerca do funcionamento ideológico do signo, particularmente, em sua extensão dialógica e valorativa, será esmiuçada *a posteriori*, na quarta seção deste capítulo, quando tratarei da noção de heterodiscurso como fundamento do ato enunciativo e da expressão concreta das múltiplas vozes alheias presentes em um discurso.

nessa lógica, não é constituída isoladamente, mas se manifesta como efeito das relações sociais, históricas e discursivas que a sustentam, operando como resultado das tensões das redes discursivas.

O signo ideológico, na concepção conceitual de Bakhtin e o Círculo, surge como a forma da ideologia, um terreno fértil da vida social. Sendo constantemente permeado por disputas valorativas e entrecruzado por vozes sociais alheias, o signo torna-se uma entidade dinâmica, situado em um contexto social e histórico, axiologicamente saturado, que não somente reflete o real, mas o refrata à luz das forças sociais que lhe dá existência e sentido. A linguagem, nesse âmbito, deixa de ser um sistema autônomo e fechado e se torna um campo de embates em que sujeitos sociais, repletos de posições e valores.

É sob esse horizonte que se instaura a indissolúvel relação entre o signo ideológico e a consciência individual. Não se tratando de uma instância original, completa, autônoma ou anterior ao signo, a consciência individual surge como a criação mediada e materializada dos signos. Volóchinov (2018, p. 55) reconhece que "a própria consciência individual está repleta de signos. Uma consciência só passa a existir como tal na medida em que é preenchida pelo conteúdo ideológico, isto é, pelos signos, portanto apenas no processo de interação social".

Isso significa dizer que a consciência só adquire existência à medida que se apropria dos signos ideológicos, ou seja, de formas materiais repletas de valores socialmente partilhados. Além disso, o autor russo considera que a consciência, não sendo uma essência inata, interior e que só faz uso dos signos como simples instrumentos de expressão, é resultante de um processo de internalização e captação ativas desses signos por meio de um constructo histórico e social a partir da interação. Não existe um sujeito locutor (eu) em si mesmo, autônomo, sozinho e fora da linguagem. O que existe é um locutor (eu) constituído na e pela linguagem, cuja consciência, valores e representações são mediadas, necessariamente, pelos signos ideológicos anteriores ao sujeito, com os quais esse "eu" herda, disputa, concorda, discorda e atualiza. Nesse sentido, o sujeito discursivo – e sua consciência individual – só se reconhecerá como tal na interlocução, no confronto com outras vozes e no embate discursivo, de modo que, conforme Volóchinov (2018, p. 98) considera,

> se privarmos a consciência do seu conteúdo sígnico ideológico, não sobrará absolutamente nada dela. A consciência apenas pode alojar-se em uma imagem, palavra, gesto significante etc. Fora desse material resta um ato fisiológico puro, não iluminado pela consciência, isto é, não iluminado nem interpretado pelos signos.

Nesse contexto, merece atenção o fato de que essa consciência não somente se nutre dos signos, como também nasce, cresce, transforma-se e reflete por meio deles. Volóchinov (2018, p. 97-98) é cirúrgico ao reconhecer que "a consciência individual se nutre dos signos, cresce a

partir deles, reflete em si a sua lógica e as suas leis", demonstrando que é impossível pensar em subjetividade fora do sentido, uma vez que a consciência não é exterior ao processo de atribuição de sentidos e, sim, coextensiva a esse processo.

Ademais, Volóchinov (2018, p. 129) ressalta que "o indivíduo como proprietário dos conteúdos da sua consciência […] é um fenômeno puramente socioideológico", pois "o conteúdo do psiquismo 'individual' é tão social por sua natureza quanto a ideologia". Isso significa dizer que a "propriedade" dada ao sujeito é, em realidade, resultado da apropriação ideológica dos signos que circundam uma determinada esfera social comunicativa. Os sujeitos, ao interiorizarem os signos, utilizam como seus apenas, como signos emergidos da sua subjetividade singular; no entanto, tal assertiva torna-se uma falácia, haja vista que os conteúdos sígnicos são mediados, construídos e assistidos por valores históricos e sociais enraizados.

Dessa forma, o signo ideológico mostra-se como maneira de expressão da ideologia, espaço de disputas valorativas, *locus* de embates entre vozes sociais e elemento formador da consciência individual. Longe de encerrar a discussão acerca da natureza ideológica do signo, há de se estender a reflexão à unidade concreta da comunicação verbal: o enunciado. Ainda que o signo ideológico evidencia a materialidade social da linguagem, é no enunciado que essa materialidade se manifesta efetivamente. A próxima seção do capítulo dois (2) dedicar-se-á ao entendimento do enunciado enquanto unidade real da comunicação verbal.

2.3 DA CONCRETUDE DIALÓGICA À MATERIALIZAÇÃO RESPONSIVA: O ENUNCIADO COMO UNIDADE REAL, SOCIAL E HISTÓRICA DA COMUNICAÇÃO VERBAL

A linguagem, longe de ser mero instrumento de comunicação, possui centralidade quando se fala das realizações do sujeito enquanto ser social historicamente situado. É através da linguagem que os sujeitos se inscrevem na arena das interações humanas, os quais se posicionam frente à alteridade, discutem valores e negociam sentidos. Outrossim, o sujeito – entendido como ser ativo em determinado contexto social e histórico –, configura-se como a figura central na teoria de Bakhtin e o Círculo, em que as reflexões se voltam ao indivíduo enquanto entidade enunciadora de valores. Ao conceberem o sujeito como (re)produtor de sentidos e darem a ele a responsabilidade de atuar como uma voz singular capaz de se atualizar frente as situações de comunicação específicas, torna-se importante problematizar as particularidades do ato discursivo: o enunciado.

A concepção de enunciado, pelo viés bakhtiniano, configura-se como a unidade real da comunicação verbal e efetiva da interação discursiva, caracterizada pela sua responsividade, alteridade e historicidade. Bakhtin (2011, p. 275), no ensaio *O enunciado como unidade da comunicação discursiva, diferença entre essa unidade e as unidades da língua*, afirma que

> o enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, precisamente delimitada da alternância dos sujeitos do discurso, a qual termina com a transmissão da palavra ao outro, por mais silencioso que seja o "dixi" percebido pelos ouvintes [como sinal] de que o falante terminou.

Tal formulação concebe a unidade fundamental da comunicação verbal e propõe um corte com as perspectivas tradicionais atreladas à linguística estrutural, fundamentadas apenas em critérios sintáticos e morfológicos da língua. O enunciado, aqui, é parte da enunciação concreta, ocorre na realidade viva do ato de fala enquanto fenômeno social situado. Bakhtin (2011), ao afirmar que o enunciado não é uma unidade convencional, esclarece que esse não se reduz a uma estrutura estabelecida no interior de um sistema linguístico, tampouco pode ser definido como normatividade abstrata fora da interação discursiva. Trata-se de uma unidade real, cuja existência está atrelada a eventos discursivos onde sujeitos concretos alternam-se na produção do discurso. Bakhtin (2011, p. 297) esclarece que

> todo enunciado concreto é um elo na cadeia da comunicação discursiva de um determinado campo. Os enunciados não são indiferentes entre si nem se bastam cada um a si mesmos; uns conhecem os outros e se refletem mutuamente uns nos outros. Esses reflexos mútuos lhes determinam o caráter. Cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva.

Com efeito, o filósofo da linguagem destaca a natureza sequencial, relacional e dialógica do enunciado, o qual não inaugura um enunciado ao léu e o encerra como um fim em si próprio. Ele insere-se, impreterivelmente, em uma teia de interlocuções, no jogo responsivo do encadeamento de vozes, posições e intenções. Além disso, observa-se a interdependência entre os enunciados, os quais não são indiferentes entre si e não se bastam em si; os enunciados reconhecem-se e se refletem uns nos outros, o que estabelece um tecido discursivo, necessariamente, interconectado, saturado de ressonâncias, contrapontos e complementos de outros enunciados. É justamente nessa reflexão que surgem as diversas valorações, entonações sociais, relação com o mundo e com os outros. O autor russo reconhece, ainda, que a linguagem se organiza consoante a esferas relativamente estáveis, cada uma delas com suas particularidades composicionais, estilos e temáticas. Nesse sentido, um enunciado carrega consigo as marcas do contexto comunicacional no qual é acionado e, ao mesmo tempo, atualiza-se e se transforma sempre socialmente estabelecido, historicamente assentado e axiologicamente norteado.

Sob essa mesma perspectiva, há de se mencionar que o enunciado não é compreendido como uma entidade estável, previsível ou reduzido apenas às formas verbais que os compõe. Ele é, antes de mais nada, uma realização única e situada de linguagem, inscrito em um ato interdiscursivo. Bakhtin (2011, p. 313) atesta que "nenhuma oração, mesmo a de uma só palavra, jamais pode repetir-se: é sempre um novo enunciado (ainda que seja uma citação)". Ou seja, cada enunciado é atravessado por condições particulares de produção, ancorado em determinado tempo, endereçado ao outro (real ou pressuposto), saturado traços axiológicos do locutor que o profere. Ainda que o enunciado repita, em sua forma linguística, palavras ou sequências lexicais idênticas às anteriores, sua inscrição em um ato interacional terá uma singularidade constitutiva, uma vez que se tratará, necessariamente, de uma manifestação discursiva única, concreta e irrepetível, pois seu sentido altera-se, bem como seu endereçamento e sua função no discurso.

Importa mencionar que "o enunciado em sua plenitude é enformado como tal pelos elementos extralinguísticos (dialógicos), está ligado a outros enunciados. Esses elementos extralinguísticos (dialógicos) penetram o enunciado também por dentro" (Bakhtin, 2011, p. 313). Tal afirmação reitera a impossibilidade de separação entre a linguagem e contexto na criação de um enunciado. Além disso, o enunciado ganha plenitude e sentido quando alocado em uma situação comunicativa concreta, em meio às vozes e enunciados outros, uma vez que é por intermédio desses elementos "extralinguísticos" que os discursos participam ativamente da cena enunciativa, configurando o conteúdo, a orientação e a entonação dos enunciados. O enunciado, nesse sentido, é o resultado dos embates dialógicos entre enunciados anteriores e com o outro a quem ele se dirige.

Somada à essa reflexão, há de se mencionar que, segundo Bakhtin e seus pares, os enunciados se ancoram em condições socio-históricas específicas e surgem, sobretudo, como uma resposta a discursos anteriores. Trata-se de uma unidade discursiva constituída na interrelação ativa com outros enunciados, que carrega marcas de concordância e discordância, complementação, reinterpretação etc. A responsividade, assim, é a característica que estrutura um enunciado, pois todo dizer organiza-se em função da alteridade discursiva, responde ao já-dito e antecipa o discurso do outro.

No que concerne ao caráter responsivo do enunciado, há de se esclarecer que

> toda compreensão plena real é ativamente responsiva e não é senão uma fase inicial preparatória da resposta (seja qual for a forma em que ela se dê). O próprio falante está determinado precisamente a essa compreensão ativamente responsiva: ele não espera uma compreensão passiva […] mas uma resposta, uma concordância, uma participação, uma objeção, uma execução, etc (Bakhtin, 2011, p. 272).

Isso significa dizer que compreender um enunciado é, antes de tudo, um modo de responder a ele. Esse processo de compreensão, nesse sentido, não é pura e somente passivo. Pelo contrário: a compreensão do enunciado implica, necessariamente, uma posição ativa e responsiva. Acerca disso, Bakhtin (2011, p. 271) propõe, no capítulo três (3), de *Os Gêneros do Discurso*, de *Estética da Criação Verbal*, que "toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva […]; toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante".

Consoante ao exposto, há de se mencionar que a delimitação entre os enunciados, a qual não deve ser compreendida a partir de critérios meramente formais ou gramaticais, é, necessariamente, seu caráter responsivo, sua dinâmica interacional discursiva, especificamente a alternância dos sujeitos no discurso, isto é, o momento em que locutor cessa seu dizer e dá ao outro a palavra. Bakhtin (2011, p. 297) compreende que "os próprios limites do enunciado são determinados pela alternância dos sujeitos do discurso". Assim, um enunciado, sendo a unidade real da comunicação, alcança sua forma e plenitude à medida que se inscreve na trama de turnos discursivos, na qual locutor e interlocutor alternam seus papéis.

Embora o enunciado seja delimitado pela alternância dos sujeitos do discurso, conforme supracitado, é imperativo reconhecer que a alteridade dar-se-á em meio às relações sociais, imbuídas de historicidade e valores. Volóchinov (2018, p. 204) assevera que "efetivamente, o enunciado se forma entre dois indivíduos socialmente organizados", isto é, um locutor, ativo em seu discurso, e um interlocutor, passivo em sua compreensão, são os protagonistas da instância discursiva; no entanto, é importante ressaltar que, mesmo na ausência do interlocutor, existe a presença de um outro sujeito representante de um grupo social ao qual o locutor se dirige ainda que idealmente.

Com efeito, essa dinâmica responsiva do enunciado demonstra que todo discurso está cruzado com as vozes anteriores a ele, atravessando-o e o condicionando. Nesse contexto, a relação do sujeito com seu discurso, necessariamente, implica o posicionamento frente aos enunciados existentes e, além disso, uma convocação de sentidos e respostas futuras. Ademais, a atitude responsiva do sujeito, ao relacionar-se com os enunciados pretéritos e projetar possíveis respostas, não se dá em um regime de neutralidade. Ela emerge saturada por impulsos valorativos fundamentais que acionam e orientam o ato enunciativo desde a sua gênese. Bakhtin (2017), em *Para uma Filosofia do Ato Responsável*, demonstra que nenhum conteúdo se integra à vida real do sujeito sem que este seja perpassado por um tom emotivo-volitivo que lhe confere densidade existencial e o tira do plano abstrato da mera possibilidade. Nesse sentido, "o tom emotivo-volitivo é um momento imprescindível do ato, inclusive do pensamento mais abstrato

enquanto meu pensamento realmente pensado" (Bakhtin, 2017, p. 86), tendo em vista que a partir do momento em que um pensamento se corporifica no evento concreto da vida, assumido pelo sujeito como parte de sua participação responsiva do mundo – é que ele se torna efetivamente atuante como valor afirmado.

Ademais, disso decorre o fato de que "tudo aquilo com que tenho a ver me é dado em certo tom emotivo-volitivo" (Bakhtin, 2017, p. 86), porque nenhum discurso se apresenta a um sujeito fora da relação ativa, valorativa que envolve a inclinação, adesão, recusa, compromisso ou distanciamento desse discurso. Em outros termos, o pensamento ativo acontece devido a uma tomada de posição perante a um objeto/discurso, posição que nega a indiferença e transforma o conteúdo em algo que importa e obriga o sujeito a responder por ele. O tom emotivo-volitivo, nesse sentido, é uma condição pela qual o conhecimento, perpassado por valores, ingressa na vida ética dos sujeitos e se converte em cada acontecimento enunciativo responsivo, inseparável da participação dos sujeitos que pensam e enunciam.

O enunciado, assim, não opera como uma forma de dizer algo, mas como uma forma de dizer algo a alguém, consoante ao já-dito, demonstrando que o discurso de um sujeito é, necessariamente, situado, orientado a um horizonte dialógico, apoiado pelo vínculo axiológico e valorativo com o enunciado alheio, ou seja, "cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma resposta aos enunciados precedentes de um determinado campo [...]: ela os rejeita, confirma, completa, baseia-se neles, subentende-os como conhecidos, de certo modo os leva em conta" (Bakhtin, 2011, p. 297).

Nessa ótica, tanto locutor como interlocutor, à medida que assimilam um discurso, orientam-se para seu próprio enunciado de maneira ativamente responsiva, avaliando, julgando, (re)interpretando, concordando, discordando e questionando. Além disso, os sujeitos dialógicos, ao enunciarem, estruturam o seu dizer com o intuito de responderem à teia discursiva anterior e, concomitantemente, acionarem uma (possível) resposta no outro. Essa dupla orientação confere ao enunciado sua força e densidade dialógica, pois o sujeito que enuncia se projeta e inscreve no discurso alheio a sua presença ativa, responsiva, valorativa e crítica, sendo essa fusão de vozes e discursos que dão a força ideológica de cada enunciado. Assim, um enunciado não se esgota em seu conteúdo, considerando que carrega consigo as marcas da alteridade, seja na concordância, na refutação, na hesitação ou até mesmo na antecipação da réplica.

Além disso, há de se mencionar que o enunciado, em seu arranjo discursivo, volta-se à antecipação de respostas ainda-por-vir (Bakhtin, 2017). Essa projeção de um possível dizer futuro opera como princípio estruturante que engendra o conteúdo semântico, a entonação e a

escolha do gênero discursivo. Ao enunciar, o sujeito não somente responde, como também assume uma posição ativa, em que a potencialidade dialógica futura influencia, desde o início, o seu dizer, isto é, atravessa, necessariamente, as escolhas lexicais, as ênfases, os silêncios, a escuta e a expectativa projetada, não voltada apenas ao já-dito, mas instituída, paralelamente, pelo que ainda não se enunciou. Nas palavras de Bakhtin (2011, p. 301), "ao construir meu enunciado, procuro defini-lo de maneira ativa; por outro lado, procuro antecipá-lo, e essa resposta antecipável exerce, por sua vez, ativa influência sobre o meu enunciado". Essa antecipação que o autor russo destaca responde às expectativas de um interlocutor em potencial, à necessidade de o próprio locutor afirmar e legitimar o seu dizer na cena discursiva e, por conseguinte, a auxiliar no gerenciamento das vozes sociais, negociando com elas o seu dizer. O enunciado, para tanto, é um construto complexo, permeado pela temporalidade – um passado do que já foi dito, em um presente em que se instaura o dizer e em um futuro que prevê e espera uma resposta.

O caráter responsivo do enunciado não se limita, portanto, a um fenômeno posterior ao ato enunciativo; a responsividade opera como uma força motriz que antecede o discurso e o estrutura desde a sua gênese. O enunciado, ao ser proferido, carrega em si memórias de outros dizeres e a projeção para uma resposta futura. Tal expectativa de resposta funciona como o princípio organizador da linguagem, uma vez que, "desde o início, porém, o enunciado se constrói levando em conta as atitudes responsivas, em prol das quais ele, em essência, é criado" (Bakhtin, 2011, p. 301). Outrossim, é a responsividade que demonstra a impossibilidade de separação entre sujeito locutor e sujeito interlocutor. O ouvinte, ainda que em seu silêncio, participa do enunciado enquanto potência delimitadora, orientadora e atualizadora, pois "o papel dos ouvintes – dos que respondem e compreendem responsivamente – é sumamente importante. Eles determinam em grande medida o enunciado" (Bakhtin, 2011, p. 301). O discurso é, assim, uma construção conjunta entre locutor e interlocutor.

Por fim, sem exaurir as possibilidades reflexivas acerca do enunciado, cumpre salientar que o "traço essencial (constitutivo) do enunciado é seu direcionamento a alguém, o seu endereçamento […] o enunciado tem autor […] e destinatário" (Bakhtin, 2011, p. 301), em outras palavras, sua natureza é essencialmente dialógica. Todo ato enunciativo sai de um locutor e se dirige a um interlocutor – real, presumido ou imaginado –, articulado como resposta a discursos anteriores, atravessado por valores e discursos alheios. Todo sujeito discursivo, ao se inscrever na cadeia comunicativa, lida com múltiplas vozes, valores e expectativas, conferindo-lhe densidade heterodiscursiva. Torna-se impreterível, na seção que se segue, com base na

literatura de Bakhtin e o Círculo, aprofundar as reflexões acerca desse caráter heterodiscursivo e heterovocal do enunciado.

2.4 DO MONÓLOGO IMPOSSÍVEL À LINGUAGEM PARTILHADA: A TENSÃO ENTRE O "EU" E O "OUTRO" NA ESTRUTURA HETERODISCURSIVA DO DISCURSO

Se o enunciado é sempre orientado a um outro enunciado, há de se considerar a complexidade que que essa relação carrega. A palavra, antes de chegar ao deu destino, leva consigo marcas de alteridade e da expectativa de uma réplica, as quais estruturam a sua direção. O locutor, à medida que forma o seu dizer, transmite uma intenção e responde, necessariamente, a um horizonte de vozes e valores que o precedem e o acompanham. O ato de fala, assim, sempre é relacional, uma travessia de consciências em que o discurso se articula com a presença do outro.

Em relação à conceituação do heterodiscurso, há de se recorrer à obra *Teoria do Romance I: a estilística* (Bakhtin, 2015). No horizonte bakhtiniano, a linguagem é um campo de forças em constante embate, em que múltiplas e diferentes vozes sociais se articulam, confrontam-se e se cruzam. Nesse sentido, tal conceito não emerge como mero ornamento retórico e estilístico e, sim, como a expressão direta da pluralidade de vozes na linguagem. Paulo Bezerra (2015, p. 12-13), ao comentar sobre a concepção defendida por Bakhtin, salienta que, "o heterodiscurso é produto da estratificação interna de uma língua nacional única em dialetos sociais, falares de grupos, jargões profissionais", isto é, o heterodiscurso, concebido por Bakhtin (2015), não reside fora da língua; existe na constituição interna, pois não existe uma língua uma, mas uma multiplicidade de vozes coexistindo dentro do mesmo idioma, tencionando-o, reconfigurando-o. Essa heterogeneidade "povoa a vida social, divergindo aqui, contrapondo-se ali, combinando-se adiante, relativizando-se uns aos outros e cada um procurando seu próprio espaço de realização" (Bezerra, 2015, p. 13).

Tal formulação revela que o discurso é, necessariamente, um campo de disputas, onde signos portam sentidos, posicionamentos, pertencimentos e valores. Ribeiro (2018) atesta que o heterodiscurso, nesse viés, é um movimento incessante de alteridade que marca o dizer, pois nenhuma, inteiramente, daquele que a profere, porque ela carrega em si o fardo, os ecos, os sentidos e os conflitos que nela outros já conferiram. Assim, enunciar é responder ao outro, com o outro e contra o outro. O locutor, mesmo que fale com sua voz própria, é refém de discursos alheios que o antecedem e o atravessam.

Nesse ínterim, “todo discurso […] não pode deixar de orientar-se ‘dentro do que já foi dito’, ‘do conhecido’, ‘da opinião geral’. […] o discurso depara com a palavra do outro e não pode deixar de entrar numa interação viva e tenda com ele” (Bakhtin, 2015, p. 51). Essa presença do outro no dizer revela que o discurso não nasce do silêncio e nem da neutralidade; o discurso nasce no entrelaçamento de vozes. Aquilo que já é conhecido, já proferido e pertencente a uma opinião geral emerge em todo discurso, haja vista que o enunciador reproduz, reflete, refrata, afirma, nega ou reconfigura esse já-dito. Assim, um discurso só pode emergir como um dizer próprio à medida que se insere no campo heterodiscursivo da linguagem, atravessado por vozes alheias que o constitui, antecede-o e o desafia, reforçando o que Brait (2020, p. 134) sublinha, ao dizer que

> não existe enunciado neutro e, portanto, o elemento expressivo sempre irá atravessar a enunciação, e esse atravessamento terá graus e significados vários nos diferentes campos da comunicação discursiva. Além disso, é essa relação emocionalmente valorativa do falante com o objeto do discurso e com o sentido do enunciado que irá determinar o estilo da enunciação.

Adicionada a essa lógica, o autor russo toma “a língua [como] *ideologicamente preenchida*” (Bakhtin, 2015, p. 40). O ato enunciativo, perante ao exposto do autor russo, apresenta-se carregado de ecos, entonações e intenções de outros sujeitos que vivem em sociedade, com os quais enunciador mantém relação por meio de embates axiológicos. Além disso “o autêntico meio da enunciação, no qual ela [a língua] se forma e vive, é justamente o heterodiscurso dialogizado” (Bakhtin, 2015, p. 42), ou seja, todo discurso orienta-se a partir da sua relação com outros discursos, o qual não nasce isolado, neutro ou é exclusivo à intenção do locutor; ele é constituído e condicionado pela interação com enunciados alheios, com aqueles que outros já proferiram.

O heterodiscurso, nesse sentido, estabelece-se no âmago da tensão entre forças, em que se disputam valores. Ademais, só se pode conceber o heterodiscurso ponderando o fato de ele não ser um dizer casual e não intencional; o heterodiscurso é, pelo contrário, a condição de existência do discurso, o meio pelo qual todo enunciado cria sua base ideológica, pois falar de discurso é falar de heterodiscurso, uma vez que o heterodiscurso não ocorre no discurso. Ele é o próprio discurso. Reconhecer a função do heterodiscurso é, necessariamente, constatar que todo ato enunciativo é tensionado pela convivência social, pois um locutor, ao enunciar, aloca-se na gama de vozes, entrelaça-se com o que já foi dito e se posiciona perante ao outro que nele habita, reforçando o que Ribeiro (2018, p. 76) atesta, ao afirmar “que tais vozes são, portanto, históricas, ideológicas e revelam as diversas posições que circundam um discurso”.

Importa mencionar que tal posicionamento na cena discursiva ocorre em um espaço já tomado por outros discursos anteriores que competem pela autoridade sobre o objeto de fala. Esse campo povoado por avaliações e valores é o espaço em que a tensão entre as vozes e discursos se estrutura e instaura embates silenciosos, porém ativos, cujos enunciados negociam sentidos, refutam valores ou reafirmam posicionamentos de outros. Ademais, em relação à essa tensão entre as vozes, importa destacar que

> todo discurso concreto (enunciado) encontra o objeto para o qual se volta sempre, por assim dizer, já difamado, contestado, avaliado, envolvido por uma fumaça que o obscurece ou, ao contrário, pela luz de discursos alheios já externados a seu respeito. Ele está envolvido e penetrado por opiniões comuns, pontos de vista, avaliações alheias, acentos. O discurso […] entre nesse meio dialogicamente agitado e tenso de discursos, avaliações e acentos alheios, entrelaça-se em suas complexas relações mútuas, funde-se com uns, afasta-se de outros, cruza-se com terceiros (Bakhtin, 2015, p. 48).

Isso significa dizer que o ato discursivo jamais parte do vazio, nem está voltado a um referente "limpo". O objeto do discurso, isto é, aquilo de que se fala, chega ao locutor saturado por discursos alheios, com os quais esse sujeito enunciador interage, pois, antes mesmo de formular o seu dizer, necessariamente, é obrigado a tomar uma posição perante ao já-dito. Tal condição estabelece uma permanente tensão discursiva. O enunciado "novo", ao surgir, não se sobressai ao anterior, mas aloca-se no terreno já povoado e ocupado por enunciados que o desafiam, convidam-no, negam ou afirmam o seu dizer. Outrossim, é essa luta que ativa o funcionamento do heterodiscurso, uma vez que um sujeito não enuncia somente o que pensa; ele enuncia em reposta à cadeia heterodiscursiva de avaliações e valores incidentes sobre o objeto ao qual ele se volta. O dizer, nesse sentido, precede o outro, interfere na percepção do locutor sobre o objeto ao qual ele se volta, contamina sua linguagem e tensiona, funde, atesta ou cruza sua voz com as vozes alheias, uma vez que "o discurso depara com a palavra do outro e não pode deixar de entrar numa interação viva e tensa com ele" (Bakhtin, 2015, p. 51).

Nesse ponto, é necessário reconhecer que o heterodiscurso se revela como o entrelaçamento de vozes no discurso, além de revelar a complexidade que existe no interior do enunciado, em que sentidos estão em constante tensão ideológica. Bakhtin (2015, p. 113) afirma que "o heterodiscurso é o discurso do outro na linguagem do outro, que serve à expressão refratada das intenções do autor", isto é, o dizer não é restrito apenas à fala com o outro ou contra o outro, mas falar por meio do outro ou no interior do discurso do outro.

Tal configuração, sob essa ótica, torna o enunciado duplamente dialogado, isto é, nele "há duas vozes, dois sentidos e duas expressões" (Bakhtin, 2015, p. 113). Além disso, essas vozes "são correlacionadas dialogicamente, como que conhecem uma à outra […] como se conversassem uma com a outra (Bakhtin, 2015, p. 113). Não se trata apenas de um embate entre

as vozes que são externas ao sujeito discursivo e, sim, de uma disputa interna ao próprio discurso, em que essas vozes ressoam disputando sentidos. Assim, há a necessidade de reconhecer que o heterodiscurso é a inscrição reflexiva da alteridade na e pela linguagem. O ato enunciativo não opera apenas como uma resposta aos disursos alheios; faz-se com o outro, mesmo que contra ele.

As reflexões acerca do heterodiscurso não se esgotam com o presente percurso teórico; permanecem abertas assim como o movimento que elas procuram compreender. Tais reflexões até aqui abordadas evidenciam que todo ato discursivo leva consigo o caráter de alteridade do discurso e é por meio da alteridade que o enunciado ganha densidade e força; no entanto, essa dinâmica de locutor e interlocutor não ocorre no vazio e, sim, ancorada em formas sociohistoricamente situadas. É no horizonte dessas formas relativamente estáveis – os gêneros discursivos – que as reflexões encontrarão novo fôlego, voltando-se à análise dessas formas em que o dizer inscreve nas práticas sociais.

O capítulo a seguir dedica-se à explicitação do arcabouço teórico outro que sustenta a presente investigação, articulando diferentes perspectivas que possibilitam compreender os modos pelos quais gênero, masculinidades e discursos midiáticos se constituem e circulam socialmente. Nesse sentido, mobilizam-se, inicialmente, as contribuições de Judith Butler (2018, 2019, 2023) acerca da performatividade de gênero, bem como sua formulação da matriz heterossexual como dispositivo regulador das inteligibilidades corporais e sexuais. Em diálogo com esse horizonte, incorporam-se as reflexões de R. W. Connell (2005) sobre masculinidades, particularmente no que concerne às relações hierárquicas e às configurações sociais que estruturam diferentes formas de vivenciar o masculino. A discussão teórica também se apoia na abordagem do discurso das mídias proposta por Patrick Charaudeau (2010a, 2010b), a qual permite compreender os modos de funcionamento discursivo próprios do espaço midiático e suas estratégias de produção de sentido. Por fim, dialoga-se com a noção de regimes de visibilidade formulada por Richard Miskolci (2014, 2015, 2017, 2020), fundamental para pensar as condições sociais e discursivas que regulam aquilo que pode ou não se tornar visível nos processos contemporâneos de mediação. A articulação desses referenciais fornece o suporte conceitual necessário para a análise empreendida nesta pesquisa.

3 CORPOS QUE PERFORMAM, MASCULINIDADES QUE ESCAPAM E VISIBILIDADES QUE CONDICIONAM: REFLEXÕES SOBRE A CONSTITUIÇÃO IDENTITÁRIA, PRÁTICAS REITERATIVAS DA NORMA E (IN)VISIBILIDADE

Historicamente, a diferença entre sexo biológico e identidade de gênero surgiu como marco fundamental para desnaturalizar a aproximação imposta sobre esses conceitos. À medida que o sexo era concebido a partir de características físicas e anatômicas, isto é, por categorias biológicas, a identidade de gênero era constituída a partir de comportamentos, gestos, falas e trejeitos atribuídos a indivíduos com base em seu sexo; no entanto, ainda que tal dicotomia serviu como base para os estudos feministas e de gênero, pensadores, como Judith Butler criticam e indagam as categorias de sexo e sua "estabilidade", reconhecendo que essas categorias são resultado de discursos e de práticas regulatórias. Ademais, a autora argumenta que o gênero é performático, constituído a partir de atos reiterados e estilizados, e não uma identidade dada mediante às características biológicas de um sujeito. O corpo torna-se o palco da encenação contínua que produz e naturaliza o que é masculino e o que é feminino, deixando de ser mero substrato passivo.

Além disso, o conceito de sexualidade, objeto de intensa medicalização, categorização e controle por diversas instituições, passou a ser objeto de interesse acadêmico, submetido ao crivo da medicina, da pedagogia e do direito. Foucault (1988, p. 100), em *História da Sexualidade*, reconheceu que

> a sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos.

Isso significa dizer que a sexualidade não é uma força natural e inata aos sujeitos; é um constructo histórico em que saberes e poderes a regulam e a produzem. As relações de poder e de hierarquia sociais possuem grande força quando se fala da sexualidade, uma vez que o poder não é somente repressivo, como também é produtivo; ele proíbe, para além disso, instiga, fabrica e organiza a sexualidade, ou seja, a sexualidade é constituída mediante a normas sexuais historicamente contingentes, além do próprio ideal de uma sexualidade "natural", sendo consequências de discursos e práticas de poder (Foucault, 1988).

Sob essa ótica, o corpo assume um protagonismo. Não sendo um mero corpo biológico, o corpo é social, político, culturalmente inscrito, o lugar em que padrões de gênero e de sexualidade se materializam, identidades de gênero são performadas. Além disso, é no corpo em que se constrói uma identidade de gênero. O corpo opera, ainda, como o cenário em que

discursos inscrevem sentidos a ele; mais do que este espaço de embates hegemônicos, o corpo é atravessado por múltiplas vozes, concordantes ou, muitas vezes, dissonantes em que negociações de reconhecimento, abjeção e identificação entram em constante disputa dialógica. Consoante a essa condição dialógica, o corpo torna-se o objeto contingente de práticas sociais e históricas e, portanto, é o espaço em que essas práticas sociais, culturais, históricas e políticas se ancoram e as (re)contam em outros termos.

Com efeito, o presente capítulo, bem como suas seções, desta dissertação levantará reflexões acerca da construção dos corpos masculinos e das subjetividades de gênero a partir do cruzamento teórico que abordará, sobretudo, pressupostos de Judith Butler (2018, 2019, 2023), Raewyn Connell (2005) e Richard Miskolci (2014, 2015, 2017, 2020). As reflexões partirão da premissa de que as categorias de gênero, contrário à noção de gênero como essência fixa e natural ao sexo biológico, são resultado de regimes discursivos e práticas socioculturais repetidas, abordando a identidade de gênero como uma performance discursiva, a qual Butler (2018, 2019, 2023) reconhece o gênero como algo que se faz e não algo que se é, além de compreender o gênero como prática reguladora, nunca totalmente concluída. Tais reflexões serão acompanhadas de considerações sobre a matriz heterossexual, estrutura que regula como o sexo, o gênero e o desejo são instituídos como categorias.

Nessa esteira, serão elencados os pressupostos que teorizam acerca da hegemonia da masculinidade, permitindo compreender que determinados "modos de ser homem" são socialmente legitimados em detrimento de outros, isto é, a hierarquia de gênero, observando quatro (4) configurações de masculinidade propostas de Connell (2005) Lançarei mão das contribuições de Richard Miskolci (2014, 2015, 2017, 2020), necessariamente da sua teorização sobre os regimes de visibilidade no contexto digital, especificamente no aplicativo *Grindr*. Na subseção 3.1, discorrerei sobre os regimes de performatividade e matriz heterossexual, destacando, como base para construção teórica os pressupostos de Judith Butler; em 3.2, conduzirei a reflexão às masculinidades, conceitos elencados pela socióloga Raewyn Connell. Por fim, em 3.3, abordarei as plataformas digitais e a incidência dos regimes de visibilidade na construção de de discursos de corpos masculinos em contextos *on-line*, destacando como base teórica, os pressupostos de Charaudeau (2010a, 2010b) acerca da noção de mídias digitais e de Richard Miskolci (2014, 2015, 2017, 2020) no que tange, especificamente, aos regimes de visibilidade.

3.1 A REPETIÇÃO DO GÊNERO EM DISPUTA: REGIMES DE PERFORMATIVIDADE E A DESCONSTRUÇÃO DA MATRIZ HETEROSSEXUAL EM JUDITH BUTLER

Os estudos propostos por Judith Butler (2018, 2019, 2023) revolucionaram as discussões contemporâneas acerca do gênero, da identidade e do poder. Ao questionar as concepções essencialistas da subjetividade humana, a autora e filósofa estadunidense defende o gênero como o resultado de atos repetidos e regulados, social e discursivamente estabelecidos. É através da performance desses atos que circunscrevem os corpos, os gêneros e suas identidades. Além disso, a feminista, por meio de seus estudos, reconhece que são as normas da hegemonia da matriz heterossexual que estabelecem o "ser" masculino e o "ser" feminino. Regime que impõe padrões de identidade "legítimos" e exclui aquilo que escapa à visão inteligível dos corpos.

A constituição da identidade de gênero, nessa lógica, ocupou grande protagonismo nos estudos sobre corpo, identidade, linguagem e poder. Tratava-se de uma problemática que escapava dos limites do domínio da biologia ou das antropologias cultural e social, a qual exigia um estudo minucioso que voltava seu olhar atento à fabricação da diferença pelas normas sociais. É nesse horizonte que se evidencia o papel dos discursos hierarquizadores sobre as formas de existência, uma vez que esses operam como mecanismos de controle e de reconhecimento, estabelecendo os limites do que pode ter existência, possuir nomenclatura e conseguir legitimação como identidade de gênero.

Ao tomar como ponto de partida a crítica à naturalização do corpo e do gênero, há de se mencionar que a identidade de gênero vai além dos atributos biológicos que lhe são atribuídos, apresentando-se como um intricado entrecruzamento de performance e de discurso, constituindo-se consoante a práticas reiteradas e discursos regulatórios que produzem o gênero como essência natural, assistido pelas normas sociais que comprovam o que pode ser reconhecido como corpo inteligível, em que os sujeitos passam a operar dentro de um regime no qual "a 'coerência' e a 'continuidade' da 'pessoa' não são características lógicas ou analíticas da condição de pessoa, mas, ao contrário, normas de inteligibilidade socialmente instituídas e mantidas" (Butler, 2023, p. 43). Além disso,

> o gênero são os significados culturais assumidos pelo corpo sexuado, não se pode dizer que ele decorra de um sexo desta ou daquela maneira. Levada a seu limite lógico, a distinção sexo/gênero sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuados e gêneros culturalmente construídos. Supondo por um momento a estabilidade do sexo binário, não decorre daí que a construção de "homens" se aplique exclusivamente a corpos masculinos, ou que o termo "mulheres" interprete somente corpos femininos (Butler, 2023, p. 26).

Tal fundamento possibilita a compreensão do gênero oposta à concepção de uma identidade meramente biológica, denuncia a apresentação social hegemônica das categorias de homem e de mulher, baseadas em convenções culturais e não em características biologicamente inatas, demonstrando que a construção de um "homem" não se vincula a corpos masculinos e a de uma "mulher" a corpos femininos. Essa lógica se expande à medida que a psicanalista estadunidense reconhece que

> o gênero não deve ser construído como uma identidade estável ou um *locus* de ação do qual decorrem vários atos; em vez disso, o gênero é uma identidade tenuemente constituída no tempo, instituído num espaço externo por meio de uma *repetição estilizada de atos*. O efeito do gênero se produz pela estilização do corpo e deve ser entendido, consequentemente, como a forma corriqueira pela qual os gestos, movimentos e estilos corporais de vários tipos constituem a ilusão de um eu (Butler, 2023, p. 242).

Butler (2023) aloca a noção de identidade como um efeito que se forma ao longo do tempo, apoiado na repetição constante de gestos, formas, condutas e discursos. Outrossim, há de se ressaltar que o gênero é uma construção emergida por meio da regularidade de atos, em que o corpo é o meio pelo qual o gênero se faz visível. O gênero, nessa lógica, não é o que alguém tem, mas o que alguém performa e sustenta cotidianamente um "eu" ilusório, isto é, "uma realização performativa na qual a plateia social cotidiana, incluindo os próprios atores, vem a acreditar, além de performar como uma crença" (Butler, 2018, p. 03). Nesse sentido, essa repetição "estilizada de atos no tempo, e não uma identidade aparentemente homogênea" (Butler, 2023, p. 03) e estanque é responsável por transformar "o gênero na relação arbitrária entre esses atos, nas várias formas possíveis de repetição e na ruptura ou repetição subversiva desse estilo […] uma realização performativa compelida por sanções sociais e tabus." (Butler, 2018, p. 03).

Além disso, em *Corpos que Importam*, Butler (2019, p. 175) reforça que

> a dimensão "performativa" de construção (de gênero) é precisamente a forçosa reiteração das normas. […] A performatividade não é nem um jogo livre nem uma forma teatral de apresentação de si, tampouco pode ser simplesmente equiparada a uma performance. Além disso, o que necessariamente estabelece um limite para performatividade não é a restrição; a restrição é, pelo contrário, o que impulsiona e sustenta a performatividade.

Isto é, essa "forçosa reiteração das normas" demonstra compulsoriedade de uma performatividade de gênero, pois indica o fato de os sujeitos encontrarem-se, necessariamente, inseridos em um contexto normativo que os antecede e os constitui. Tal assertiva revela que a performatividade funciona por meio da temporalidade específica: um presente contínuo de atos repetidos, em que cada ato performativo busca e cita, despropositadamente, normas precedentes, (re)atualizando-as à maneira do sujeito. Além disso, o fato de a restrição impulsionar e sustentar uma performatividade evidencia relações de poder em que normas

regulatórias operam como mecanismo de exclusão: aquilo que se torna abjeto é premissa para a emergência de um sujeito inteligível, pois a restrição normativa, como força produtiva, gera os próprios termos consoante às subjetividades possíveis, destacando, segundo Haddad & Haddad (2017, p. 04), que "o gênero deveria ser visto como uma variável fluída que se desloca e se transforma em diferentes contextos e períodos históricos, sendo que o gênero e o desejo são flexíveis".

Entretanto, a performatividade de gênero, ainda que visível por meio de repetições corpóreas e códigos de conduta socialmente estilizados, não ocorre apenas no âmbito comportamental e gestual. Para que tais performances adquiram sentido, o corpo, enquanto *locus* do ato performativo, já está atravessado por valores e normas que, para além da sua manifestação na ação, manifestam-se por meio de discursos regulatórios, instituições e práticas culturais que exercem alto de grau de influência na performatividade de uma identidade, determinando o que é relegado à abjeção.

Com o objetivo de aprofundar as reflexões da performatividade enquanto fenômeno discursivo que orienta e limita as possibilidades do gênero, há de se reconhecer que eles são constituídos por discursos performáticos, isso é, "categorias de identidade que, na verdade, são efeitos de instituições, práticas e discursos" (Butler, 2023, p. 10). A identidade não se origina como particularidade intrínseca ao sujeito e, sim, como produto da repetição de normas que delimitam corpos via práticas discursivas. Nesse sentido, Borba (2014, p. 446) afirma que o "gênero não decorre natural e incontestavelmente de nosso aparato genital, mas sim de regras histórica e discursivamente produzidas que instituem como o corpo-sexuado deve ser generificado com base em uma heterossexualidade compulsória". Assim, é a materialização dessas práticas discursivas que precedem, atravessam, nomeiam, instituem diretrizes e performances que forjam gêneros como "um efeito de práticas discursivas" (Butler, 2023, p. 45). Pode-se identificar, assim, que por meio da linguagem, "que as categorias de gênero da heterossexualidade compulsória restringiam a homossexualidade masculina como a feminina" (Butler, 2023, p. 59)

Ademais, a socióloga americana, ao reconhecer que o gênero […] é um conjunto de atributos flutuantes […] *performativamente* produzido e imposto pelas práticas reguladoras da coerência do gênero […] o gênero mostra ser *performativo* no interior do discurso (Butler, 2023, p. 56), desloca a identidade de gênero de uma característica fixa para uma condição de constante devir, uma vez que ela sublinha esse caráter maleável e descarta o fundamento ontológico pré-determinado para o gênero. Com isso, reitera-se a indissociabilidade entre a linguagem e a constituição da identidade de gênero, pois o discurso não opera apenas como veículo utilizado

para expressão do gênero; é o terreno em que as identidades são forjadas e performaticamente manifestadas. As categorias linguísticas, narrativas socioculturais e os discursos cotidianos sobre o ser homem e o ser mulher produzem e sustentam uma performatividade, tornando-se pertinente reiterar que "a 'identidade' é um efeito de práticas discursivas […] entendida como uma relação entre sexo, gênero, prática sexual e desejo — o efeito de uma prática reguladora" (Butler, 2023, p. 46)

Há de se ressaltar que a dimensão "física" performática – manifestada por meio da repetição estilizada de gestos, movimentos e comportamentos –, e a dimensão discursiva, constituída mediante as normas e práticas que definem inteligibilidade, constroem um gênero como resultado de ações corporais e regulações discursivas. O corpo não assume apenas o papel de palco para realização de gestos; ele atua como espaço em que se inscrevem normas, tornando explícito tudo aquilo que o discurso seleciona como reconhecível e legítimo. Além disso, é importante frisar que um corpo, ao repetir padrões precedentemente instituídos, seleciona, concorda, discorda e cita discursos que o antecedem, demonstrando que o corpo, longe de ser neutro, é formado como o meio privilegiado em que se realizam, atualizam-se, tencionam-se, concomitantemente, performances tanto "físicas" como discursivas do gênero, defendendo "o ato performativo como propriedade da constituição do gênero e, mais tarde, do corpo e das normas em geral, sua repetição como forma de alteração, sua citação como deslocamentos de contextos nunca originais, a constituição do corpo como sua própria citação" (Pinto, 2014, p. 03)

Ademais, Butler (2023, p. 129) reconhece que "o corpo emerge assim como o signo necessário de uma identidade e de um desejo natural(izados)", isto é, operando como superfície em que cada gesto, postura ou expressão tornam-se indicadores das normas sociais e dos sentidos que se inscrevem na trama discursiva. Conforme se observa, "o corpo é a superfície inscrita de acontecimentos" (Butler, 2023, p. 224), no qual se efetivam determinadas práticas históricas, regulatórias e sociais, definindo o reconhecível, o inteligível e o legítimo enquanto identidade. O corpo, nesse sentido, além de sustentar a aparência de um sujeito, inscreve tanto essa performatividade "física" quanto a performatividade discursiva, ambas em constante entrecruzamento e dependência, manifestando-se através de gestos, movimentos e palavras. Dessa forma, um sujeito, à medida que reitera normas e convenções, inscreve desejos e identidades em sua superfície, demonstra que a construção de uma identidade de gênero articula, necessariamente, corpo, linguagem e relações de poder compulsórias.

Se é o corpo o espaço em que se inscrevem normas, nele também se instaura o regime de inteligibilidade em que a performance dos corpos encontra seus limites e condições de existência, pois a repetição de atos, de modo algum livre, é concomitantemente fiscalizada por um dispositivo organizador dos desejos, dos gestos e, por conseguinte, das identidades de gênero. Ademais, perceber que "a heterossexualidade compulsória e o falocentrismo são compreendidos como regimes de poder" (Butler, 2023, p. 10) denota que os regimes normativos protagonizam papéis e modelam a inteligibilidade dos corpos, delimitando quais deles são passíveis da vida social e quais serão lançados às margens da sociedade.

Sob esse mesmo horizonte, "a norma da heterossexualidade compulsória [...] opera com força e violência" (Butler, 2023, p. 211) garantindo que quaisquer desvios sejam imediatamente deslegitimados. É por intermédio desses gestos controladores que a homossexualidade emerge "como prática situada radicalmente 'fora' da matriz heterossexual, a homossexualidade é concebida como radicalmente não condicionada pelas normas heterossexuais" (Butler, 2023, p. 210), seja pela inexistência do mesmo desejo corporal, seja pela recusa à adaptação a um regime que insistentemente nega essa outra possibilidade de inteligibilidade, isto é, o corpo que não se enquadra, não se condiciona e não se adapta à lógica heterocisnormativa é taxado como invisível, lugar que reitera a violência (simbólica) de um sistema que naturaliza a exclusão de corpos dissidentes.

Há de se mencionar, ainda, que "tomar a matriz heterossexual como ponto de partida […] permite apresentar sua aparente autonomia como uma forma de poder" (Butler, 2019, p. 44), revelando que aquilo que se apresenta como natural, em realidade, é a divisão em segmentos de práticas reiteradas legitimadas pela repetição. A ligação entre sexo, gênero e sexualidade não é resultado da biologia e, sim, o produto de estruturas discursivas, em que se reiteram hierarquias em relação à diferença sexual de modo que "a matriz heterossexual supõe a existência de uma propriedade à qual só podem se aproximar […] aqueles seres marcados como masculinos" (Butler, 2019, p. 44), reforçando a centralidade do falo, distribuindo posições destoantes e restringindo o reconhecimento.

Tais reflexões evidenciam que a constituição de um gênero não pode ser atrelada, necessariamente, a aspectos físico-biológicos; deve ser compreendida como a soma de práticas reiteradas, ancoradas em discursos reguladores que dispõem papéis, excluem possibilidades e definem os limites entre o corpo que é inteligível e o corpo que é abjeto. Ademais, é nesse âmbito investigativo que se concretizam as formas pelas quais cada corpo performa e experencia o gênero em contextos históricos diferentes. O olhar analítico agora recai sobre as

masculinidades, entendendo-as como práticas firmadas por meio das relações de poder que instituem hierarquias e regulam modos de vida.

Ao observar que a performatividade e a matriz heterossexual delimitam as maneiras pelas quais um corpo é coagido a repetir normas que o intitulam como inteligível (ou não), refletir sobre as masculinidades, perante ao exposto, é reconhecer como determinadas normas sociais cristalizam-se em práticas que regulamentam a identidade de gênero e criam relações de dominação. Nesse sentido, a próxima seção desta pesquisa abordará, segundo as reflexões teóricas de Raewyn Connell, mais especificamente aquelas presentes em *Masculinidades* (2005), não há a existência de apenas uma masculinidade, mas de masculinidadeS[5] que assumem, por meio de um esquema de hierarquias, posições proeminentes e legitimadas em detrimento daquelas masculinidades subordinadas, marginalizadas e silenciadas.

3.2 CORPOS QUE DOMINAM, CORPOS QUE CEDEM: A PRODUÇÃO DA(S) MASCULINIDADE(S) COMO PRÁTICA(S) ESTRUTURANTE(S) DE GÊNERO.

O entendimento acerca das identidades de gênero excede a mera classificação física e biológica, revelando-se como uma construção social complexa e dinâmica a qual configura, profundamente, toda interação humana. Raewyn Connell (2005), em sua obra *Masculinidades*, reflete acerca do gênero e o aloca como uma ordem social intricada, um modelo que é ininterruptamente reproduzido e transformado nas relações que se estabelecem socialmente. Connell reconhece, sob esse mesmo viés, que o "gênero é uma forma de ordenar a prática social. Nos processos de gênero, a conduta cotidiana da vida é organizada em relação a uma arena reprodutiva, definida pelas estruturas corporais e processos de reprodução humana" (Connell, 2005, p. 73), sublinhando o caráter estruturante do gênero, que se manifesta e se cristaliza mediante às práticas sociais, dando-lhe materialidade além da subjetividade individual.

Nesse ínterim, o gênero não é inscrito como um reflexo de características biológicas ou identidades fixas; o gênero é uma espécie de força histórica que dispõe práticas e distribui posições na trama social. Connell observa que

[5] Segundo Connell (2005, p.188), existe normalmente, mais de uma configuração desse tipo em qualquer ordem de gênero de uma sociedade. Em reconhecimento desse fato, tem-se tornado comum falar de "masculinidades" (p. 188). Nesse sentido, Kimmel (1998, p. 106) observa que "os significados de masculinidade variam de cultura a cultura, variam em diferentes períodos históricos, variam entre homens em meio a uma só cultura e variam no curso de uma vida. Isto significa que não podemos falar de masculinidade como se fosse uma essência constante e universal, mas sim como um conjunto de significados e comportamentos fluidos e em constante mudança. Neste sentido, devemos falar de masculinidades, reconhecendo as diferentes definições de hombridade que construímos. Ao usar o termo no plural, nós reconhecemos que masculinidade significa diferentes coisas para diferentes grupos de homens em diferentes momentos".

> a prática social é criativa e inventiva, mas não incipiente. Ela responde a situações particulares e é gerada dentro de estruturas definidas de relações sociais. As relações de gênero, as relações entre pessoas e grupos organizados por meio da arena reprodutiva, constituem uma das principais estruturas de todas as sociedades documentadas (Connell, 2005, p. 73).

Isso possibilita o entendimento que, mesmo que práticas humanas possuam certa inovação e abertura, elas, necessariamente, não ocorrem em um espaço neutro e, sim, em campos previamente modificados por arranjos de poder que reforçam e legitimam a desigualdades e as formas de dominação. O gênero, sob essa perspectiva, deve ser entendido como a articulação entre corpo, práticas e estruturas, um princípio inteligível que, para além de guiar condutas, estabelece hierarquias seculares e normaliza distinções. Nesse sentido, por meio do gênero é que corpos se tornam superfícies de inscrição carregados de sentido, ora de autoridade e visibilidade, ora de subordinação e silenciamento. Essa lógica reproduz estruturas internas que coordenam modos de ser e de agir, tendo em vista que (re)estabelecem hierarquias enrustidas e insonoras que persistem. Connell (2005, p. 39) esclarece que

> reconhecer a diversidade nas masculinidades não é suficiente. Devemos também reconhecer as relações entre os diferentes tipos de masculinidade: relações de aliança, dominação e subordinação. Essas relações são construídas por meio de práticas que excluem e incluem, que intimidam, exploram e assim por diante. Existe uma política de gênero dentro da masculinidade.

Ademais, além de alertar sobre a existência de múltiplas masculinidades, a socióloga sinaliza que essa multiplicidade não deve ser observada como categorias estanques, fixas ou rígidas, ou seja, ao reconhecer diferentes tipos de masculinidade, isto é, "não as classificar como categorias fixas. […]. É fundamental reconhecer o dinamismo das relações em que o gênero se constitui" (Connell, 2005, p. 40).

Há de se mencionar que a masculinidade deixa de ser compreendida como uma característica inerente e imutável; ela se configura como um constructo histórico e social em constante (re)formulação. Nesse sentido, ao conceber as masculinidades como práticas, evidencia-se que a produção do masculino é fruto das relações afetivas, dos espaços de trabalho, das Instituições e dos cenários políticos. Cada instância contribui para a fabricação das masculinidades, que não somente são dissidentes, como também organizadas hierarquicamente mediante ao regime da legitimidade e prestígio. A autora australiana argumenta que "as masculinidades são configurações de práticas estruturadas por relações de gênero. Eles são inerentemente históricos; e sua elaboração e reformulação é um processo político que afeta o equilíbrio de interesses na sociedade e a direção da mudança social" (Connell, 2005, p. 45).

Assim, ao investigar essa construção das masculinidades, Connell (2005) verificou que não há limitações para identificar variações culturais ou sociais na maneira de ser homem. Essas variações são atravessadas por sistemas de poder e hierarquias de gênero que se entrecruzam

com etnia, classe, nação e sexualidade, pois, “com o crescente reconhecimento da interação entre gênero, raça e classe, tornou-se comum reconhecer masculinidades múltiplas: negra e branca, tanto da classe trabalhadora quanto da classe média” (Connell, 2005, p. 81). Desse modo, as masculinidades não são constituídas autonomamente; são articulações historicamente situadas e reformuladas pelas forças sociais que as condicionam.

Mediante ao reconhecimento de masculinidades, a autora australiana apresenta em suas reflexões uma tipologia que demonstra como essas formas de ser homem se estruturam pelas relações de poder e em determinados contextos sociais. Sua investigação propõe quatro (4) configurações, a saber: a masculinidade hegemônica, a masculinidade subalterna, a masculinidade cúmplice e a masculinidade marginalizada. Embora cada uma delas possua suas especificidades – que serão apresentadas nas próximas páginas –, ambas partilham o mesmo pilar, cuja centralidade está atrelada à constituição da masculinidade via hierarquias de gênero e sempre na relação entre os sujeitos, isto é, não construída isoladamente

Ao considerar a característica hierárquica das masculinidades, a masculinidade hegemônica configura-se como a expressão de maior prestígio, honra e autoridade perante àquelas socialmente alocadas em segundo plano. Essa expressão opera como um parâmetro normativo que legitima (ou não) a dominação masculina e a subordinação feminina no âmbito social. Além disso, essa categoria pode ser entendida como uma prática de gênero que, em determinado período histórico e contexto social, mantém posição de liderança, impondo padrões e comportamentos de homens e de mulheres. Dessa forma, Connell (2005) não refletiu sobre essas expressões de masculinidades de maneira arbitrária. Suas reflexões emergiram de uma análise aprofundada de teorias as quais revelaram a complexa diversidade das masculinidades – influenciadas, necessariamente, por contextos de classe, raça, relações hierárquicas de aliança, dominação e subordinação interligadas (Connell, 2005).

Nesse horizonte reflexivo, há de se destacar que o conceito de hegemonia ressalta uma dinâmica cultural em que um determinado grupo estabelece e mantém liderança. Segundo Connell (2005, p. 82), a noção de hegemonia “refere-se à dinâmica cultural pela qual um grupo reivindica e mantém uma posição de liderança na vida social”. Por conseguinte, a conceituação de masculinidade hegemônica é “a configuração da prática de gênero que incorpora a resposta atualmente aceita para o problema da legitimidade de patriarcado, que garante (ou é assumido como garantia) a posição dominante dos homens e a subordinação das mulheres” (Connell, 2005, p. 82)

A socióloga australiana, à medida que problematiza e reflete sobre a masculinidade hegemônica, reforça que essa expressão não se reduz a um mero reflexo de poder institucional ou econômico; ela salienta que a masculinidade hegemônica ultrapassa os limites culturais, riqueza ou posse de liderança, haja vista que essa expressão hegemônica se manifesta em domínios representacionais – mídia, cultura de massa – e difundem imagens masculinas usadas como exemplares a serem imitados, performados e desejados. É nesse sentido que Connell (2005, p. 82) esclarece que

> isso não quer dizer que os portadores mais visíveis da masculinidade hegemônica sejam sempre as pessoas mais poderosas. Eles podem ser exemplares, como atores de cinema, ou mesmo figuras de fantasia, como personagens de filmes. Detentores individuais de poder institucional ou grande riqueza podem estar longe de a hegemonia padronizarem suas vidas pessoais.

Destaca-se que a masculinidade hegemônica, nesse sentido, estrutura-se como um modelo normativo que detém e organiza as identidades de gênero imaginadas e as práticas sociais (já) estabelecidas; no entanto, essa expressão de masculinidade é um ideal abstrato e uma força social que é manifestada por meio de estruturas e relações de poder, além da hierarquização dos gêneros, conferindo legitimidade e autoridade ao masculino ainda que este estruture sua base na violência. Assim, entendida como uma configuração relacional baseada em instituições e práticas, a masculinidade hegemônica opera como a expressão que regula e orienta as demais expressões de gênero e de masculinidade. Seu caráter normativo e excludente é o responsável pela identificação masculinidades que, à medida que destoam e desafiam essa expressão hegemônica, são relegadas à subordinação.

Em um contraste direto com a masculinidade hegemônica, surge a subordinada, categoria que assiste às formas de ser homem que são ativamente oprimidas, marginalizadas ou desvalorizadas dentro das hierarquias de gênero. A subordinação não é simbólica; ela traduz as práticas sociais concretas e violentas da vida social, a citar a experiência da vida social de homens gays. Nesse sentido, Connell (2005, p. 40) reconhece o caráter multifacetado da homofobia, que lesa a vida dos homens homossexuais nas dimensões mais fundamentais, ao observar que

> a homofobia não é apenas uma atitude. A hostilidade dos homens heterossexuais para com os gays envolve uma prática social real, que vai desde a discriminação do emprego, passando pela difamação da mídia, até a prisão e, às vezes, o assassinato – o espectro do que a Libertação Gay chamou de opressão.

Sob esta ótica, o objetivo subjacente às práticas de opressão é a delimitação dos limites sociais e a denominação daquela masculinidade que pode ser "legítima" em contraste àquelas rejeitadas e estigmatizadas. A socióloga destaca que "o objetivo dessas práticas não é apenas abusar dos indivíduos. É também traçar fronteiras sociais, definido a masculinidade 'real' por

sua distância do rejeitado" (Connell, 2005, p. 40). Ademais, essa ideologia patológica e homofóbica efetua-se a partir de uma visão hegemônica, que associa a homossexualidade à feminilidade, necessariamente. "Na ideologia homofóbica, a fronteira entre heterossexuais e gays é confundida com a fronteira entre masculino e feminino, homens gays sendo imaginados como homens feminizados e lésbicas como mulheres masculinizadas." (Connell, p. 2019, p. 40). Tal associação com o feminino produz a subordinação em uma vida social patriarcal, em que o feminino é, necessária e historicamente, desvalorizado. A vivência de homens gays, nesse contexto, é uma constante negociação de identidade e uma forte tensão entre o corpo e as normas de gênero impostas pelo patriarcado heterocisnormativo.

Há de se destacar que Connell (2005), em uma análise mais aprofundada, aloca a masculinidade subordinada na estrutura geral da hegemonia cultural ao citar que "a hegemonia está relacionada ao domínio cultural na sociedade como um todo. Dentro dessa estrutura geral existem relações de gênero específicas de dominação e subordinação entre grupos de homens" (Connell, 2005, p. 84). Nesse sentido, a subordinação exercida pelos homens heterossexuais aos homens homossexuais pode representar o exemplo mais claro dessa dinâmica de poder, manifestada por meio de práticas materiais desde a exclusão social até a violência. A homossexualidade masculina é alocada, necessariamente, na base da hierarquia de gênero entre os homens, visto que

> a homossexualidade, na ideologia patriarcal, é o repositório de tudo o que é simbolicamente expulso da masculinidade hegemônica, itens que vão do gosto exigente na decoração da casa ao prazer anal receptivo. […] Conseqüentemente, do ponto de vista da masculinidade hegemônica, a homossexualidade é facilmente assimilada à feminilidade. E, portanto - na visão de alguns teóricos gays - a ferocidade dos ataques homofóbicos (Connell, 2005, p. 84).

É de suprassuma importância frisar que a masculinidade subordinada não está atrelada apenas à experiência de homens homossexuais, ainda que esses sejam o exemplo mais emblemático de sua condição. Essa expressão de masculinidade abrange aqueles sujeitos que, cuja performance de gênero ou identidade, destoam das condutas estabelecidas pela hegemonia. Homens transexuais, bissexuais ou aqueles que negam os valores da masculinidade dominante, sendo inseridos na subordinação, haja vista que a existência desses corpos destoantes não cumpre com os parâmetros estipulados pela masculinidade "legítima". Nas palavras da autora,

> alguns homens e meninos heterossexuais também são expulsos do círculo da legitimidade. O processo é marcado por um rico vocabulário de abuso: covarde, nerd, peru, maricas, fígado de lírio, água-viva, barriga amarela, bunda doce […] e assim por diante. Também aqui a confusão simbólica com a feminilidade é óbvia (Connell, 2005, p. 85).

Tal uso de vocabulário injurioso demonstra o fato de a subordinação não se limitar à orientação sexual ou à identidade de gênero; ela perpassa comportamentos, estilos e modos de expressão destoantes da virilidade prescrita. Nesse contexto, é notório que, para a hegemonia heterocisnormativa, a masculinidade subordinada cumpre com o papel pedagógico de coerção, que penaliza e disciplina corpos e expressões desviantes do ideal imposto pela hegemonia. Trata-se de marginalizar grupos específicos e reafirmar continuamente o poder da hegemonia ao tachar a diferença como estigma. Assim, à medida que a masculinidade dominante atrela traços como fragilidade, delicadeza ou sensibilidade ao feminino, reitera-se a noção de que tais características são antagônicas com a masculinidade legítima.

A masculinidade cúmplice é uma categoria intrigante dentro da tipologia defendida por Connell (2005, p. 85) ao observar que

> as definições normativas de masculinidade enfrentam o problema de que nem muitos homens realmente atendem aos padrões normativos. Esse ponto se aplica à masculinidade hegemônica. O número de homens que praticam rigorosamente o padrão hegemônico em sua totalidade pode ser muito pequeno. No entanto, a maioria dos homens ganha com sua hegemonia, visto que se beneficiam do dividendo patriarcal, a vantagem que os homens em geral ganham com a subordinação geral das mulheres.

Ainda que alguns homens sirvam integralmente ao padrão da hegemonia, grande parte goza dos privilégios gerados por ele. Esse "dividendo patriarcal", noção basilar da autora, demonstra o modo pelo qual o sistema patriarcal confere benefícios compartilhados aos homens pelo simples fato de serem homens, indiferentemente de alçarem ou não a posição hegemônica. Essa estrutura demonstra que a masculinidade cúmplice não é definida como uma identidade e, sim, uma correlação entre acomodação com a hegemonia, ancorada pelo consentimento subjacente ao padrão dominante. Ademais, essa expressão de masculinidade possibilita o reconhecimento do caráter disseminador do poder patriarcal, porque este não é dependente das ações de indivíduos que performam a masculinidade hegemônica, mas que, pela reprodução de práticas sociais e valores, reafirmam as desigualdades. Isso sugere que a masculinidade cúmplice se adapta e incorpora elementos.

Nessa esteira, há de se destacar outra característica notável da masculinidade cúmplice, que é a sua manifestação em contextos familiares e comunitários, onde os homens podem se "envolver com compromissos extensos com as mulheres, em vez de dominação nua ou uma exibição incontestável de autoridade" (Connell, 2005, p. 86). Tal perspectiva evidencia que a masculinidade cúmplice, ao estabelecer relações afetivas, familiares ou comunitárias, não exclui hierarquias de gênero; só as reproduz de modo mais sútil e corriqueiro. Mesmo quando ela não se expressa em atos de coerção explícita, a masculinidade cúmplice dá aos homens

certas vantagens que advêm, necessariamente, do patriarcado. Tais privilégios surgem a partir da valorização social de sua vida profissional em detrimento das trajetórias profissionais femininas quanto à desigualdade salarial, ao trabalho doméstico e ao cuidado, concomitantemente relegado às mulheres.

Importa cotejar que, ao agir dessa maneira, a masculinidade cúmplice mantém o patriarcado, não dependendo somente de papéis dominantes performados pela hegemonia, mas do cruzamento de práticas cotidianas que dão legitimidade à desigualdade de gênero, entendendo-a, unicamente, como natural e intrínseca ao sujeito. Ademais, tal expressão demonstra que não é somente através do poder que se conservam visibilidades de instituições ou privilégios de corpos masculinos de destaque como também na tenuidade das interações estabelecidas socialmente, as quais, através de um pacto silencioso, conservam e mantêm as hierarquias baseadas no gênero. A masculinidade cúmplice, nesse sentido, funciona como mecanismo essencial que proporciona a estabilidade do patriarcado, à medida que reproduz privilégios até mesmo quando a hegemonia não é encenada diretamente.

A análise de Connell (2005) aprofunda-se à medida que considera as masculinidades marginalizadas, isto é, aquelas que estão em posição de subordinação ou exclusão em relação à masculinidade hegemônica; no entanto, a socióloga estabelece que essa exclusão não ocorre, necessariamente, baseada apenas na orientação sexual, abarcando questões concernentes à raça e à classe social. A expressão marginalizada surge como reveladora da interseção entre gênero, classe e raça, demonstrando que homens enquadrados em tribos sociais racializadas, empobrecidas ou localizadas em lugares estigmatizados (periferias) experenciam uma forma de masculinidade caracterizada, concomitantemente, pela exclusão social, violência institucional e preconceito.

Essa categoria evidencia que a hegemonia patriarcal, mesmo que dê aos “homens em geral” privilégios, distribui-os desigualmente consoante às linhas de distinção social. Connell (2005, p. 38) assegura que “a construção da masculinidade da classe trabalhadora no chão de fábrica tem uma dinâmica diferente da fabricação da masculinidade da classe média no escritório com ar-condicionado", revelando o fato de as masculinidades construírem-se de maneira situada. Isso significa dizer que os ambientes de trabalho produzem performances diferentes do ser homem. No escritório, surgem referenciais relacionadas ao domínio do conhecimento, redes de influência, maior remuneração e capital cultural em detrimento das masculinidades encontradas no chão da fábrica, onde prevalecem masculinidades atreladas ao esforço físico, ao trabalho braçal e à resistência corporal, remuneração inferior e estigmatização cultural.

Sob essa mesma ótica, Connell (2005) pondera o fato de a classe não se restringir somente aos marcadores socioeconômicos, como também aos elementos que estruturam as próprias práticas de masculinidade. Nesse sentido, práticas que envolvam poder, privilégios, prestígios e criminalidade se destoam consoante a posição de classe, pois "crimes de colarinho branco e de rua se tornam recursos na construção de masculinidades específicas de classe" (Connell, 2005, p. 38). Assim, se a classe média mobiliza o acesso a recursos institucionais, econômicos e educacionais para reiterar sua masculinidade, a classe trabalhadora, em grande medida, serve-se de estratégias de resistência.

Importante destacar que a marginalização não se encerra no âmbito das classes sociais, porque questões raciais são adicionadas. A racialização da masculinidade está associada às estruturas históricas de opressão e à violência sistêmica, as quais atravessam as experiências de homens negros. A marginalização racial, que se manifesta nos mais diferentes contextos, constrói-se mediante aos estereótipos que atrelam homens negros à criminalidade, à hiperssexualização ou à violência, reforçando a opressão e a exclusão social. Outrossim, é necessário frisar que corpos negros historicamente foram vítimas das dinâmicas de exploração e de dominação, sendo subjugados econômica e simbolicamente, projetando sobre os homens negros o lugar de constante vigilância, suspeita e deslegitimição social e cultural.

Por fim, convém reconhecer que as tipologias de masculinidades trazidas por Raewyn Connell (2005) revelam a complexa dinâmica das relações de poder que definem uma masculinidade ou outra. As masculinidades surgem como campos dinâmicos, em que as suas diferentes formas de expressão de ser homem interagem, influenciam-se e se definem mutuamente, necessariamente em relação às identidades de gênero e às estruturas sociais como a classe e a raça. A masculinidade hegemônica opera como o ideal normativo de poder, legitimando a dominação masculina. A subordinada demonstra a opressão nas experiências, em grande parte, de homens homossexuais, vítimas de constante homofobia, revelando tal violência como estruturante da hierarquização entre homens. Já a masculinidade cúmplice evidencia "vantagens" ao permitir que grande parcela da população masculina cis utilize de "dividendos patriarcais" silenciosamente, sem incorporar o modelo hegemônico. Por sua vez, a masculinidade marginalizada assevera a exclusão conforme a classe e a raça, expondo o entrelaçamento de diferentes desigualdades de masculinidades estigmatizadas.

3.3 DO DISPOSITIVO À VITRINE: *GRINDR*, REGIMES DE VISIBILIDADE E O CORPO MERCADORIA

No cenário social contemporâneo, o processo de interação entre os sujeitos tornou-se uma complexa teia de fenômenos que se misturam e redefinem essas mesmas formas de interação, a construção de identidades de gênero e as manifestações de desejo. Nesse sentido, com o aumento ascendente do uso de plataformas digitais como meio de interação social, a centralidade da tecnologia intensificou-se e instaurou novas configurações à expressão do "eu" para a interação com o outro. Ademais, o ambiente digital, em sua onipresença, virou espaço de ausência e presença, constantemente negociadas, em que a construção desse "eu" e a percepção desse outro são arbitradas por interfaces que operam como fronteiras entre o que é público e o que é privado. Essa configuração, para além de alterar o modo pelo qual os indivíduos se apresentam, influencia a maneira como o desejo é construído, consumido e consumado.

Consoante a essa lógica, as formas de expressar e vivenciar o desejo adaptaram-se e se rearticularam como resposta às mudanças sociais e tecnológicas; no entanto, mesmo com essa fluidez, tais configurações sobre o corpo, sobre a sexualidade e sobre o desejo são atravessadas por expectativas e normatividades que, ainda que sutilmente, exercem considerável poder sobre as experiências individuais. Em outros termos, a procura por validação e por reconhecimento sociais converteram-se em elementos essenciais em que o alinhamento com certos padrões determina o nível de aceitação e de pertencimento. Nesse sentido, o corpo surge como um *locus* de múltiplos significados e negociações, pois, antes de ser meramente biológico, constitui-se como espaço em que valores sociais, estéticos, culturais e econômicos se inscrevem.

Com efeito, essa procura por reconhecimento intensifica-se nas plataformas digitais, onde a imagem do corpo assume o protagonismo, tendo em vista que indivíduos encontram estratégias de autoapresentação que são acionadas a fim de maximizar a atratividade e a desejabilidade. Entretanto, perante a essa liquidez nas interações digitais, potencializa-se as hierarquias e as reforçam à medida que novas formas de exclusão são criadas, transformando o corpo em um capital simbólico, cuja valorização está associada à corporalidade. Delineia-se um cenário em que a visibilidade do corpo se apresenta como um regime social que define o corpo com maior prestígio e impõe o silêncio àqueles que não se enquadram no padrão imposto. A mercantilização do corpo transforma-se em um produto em que o valor depende exclusivamente da conformidade, ou não, aos padrões instituídos previamente pelos próprios usuários.

Nas subseções que se seguem, proporei um percurso lógico que parte da descrição do aplicativo de relacionamentos *Grindr*, enquanto plataforma sociointerativa, desviando minhas reflexões, inicialmente, à interface do aplicativo, suas categorias e modos de funcionamento, cujo objetivo é evidenciar que sua estrutura organiza as interações e condiciona os discursos identitários. Esse mapeamento inicial é crucial para compreender o objeto em sua dimensão material, pois seus recursos de design e categorização orientam, em larga medida, as possibilidades de (in)visibilidade de sujeitos que nele circunscrevem-se.

Dando prosseguimento às reflexões, deter-me-ei aos regimes de visibilidade, a fim de levantar uma compreensão deles como lógicas que engendram formar de aparecer, esconder ou silenciar identidades e corpos. No decorrer das discussões, será igualmente central refletir sobre como as plataformas digitais, de relacionamento, em especial, o *Grindr*, colaboram ativamente na (re)produção desses regimes, instituindo dinâmicas de exposição, segredo e discrição, as quais não se limitam ao aplicativo supracitado, mas que fazem menção, também, a um cibersistema mais amplo.

Com o intuito de encerrar minhas reflexões nesta seção desta dissertação, considerarei discussões epistemológicas em torno do corpo como mercadoria e da economia do desejo, de modo que tais elucubrações destacam que os corpos se inserem em dinâmicas de valoração, consumo e troca. O objetivo é demonstrar que a plataforma opera como uma arena de disputa de sentidos em que o desejo é atravessado pelas lógicas mercadológicas, convertendo o corpo em um produto de oferta e de demanda.

3.3.1 *Grindr*: elementos para uma compreensão do funcionamento enquanto plataforma de interação, relacionamento e sociabilidade LGBTQIAPN+

Incluso no ambiente das tecnologias digitais como mediação social, o *Grindr* apresenta-se como um espaço cujo conteúdo transcende a sua funcionalidade imediata: um aplicativo para encontros afetivos-sexuais ocasionais, consagrando-se como um lugar complexo de articulação entre identidade, visibilidade corporal e a regulação do afeto nas relações homoeróticas contemporâneas. A aplicação inseriu novas condições de contato entre homens que mantêm relações com outros homens à medida que sua estrutura – técnica, simbólica, social e discursiva – fomentou um ambiente virtual marcado por uma fronteira entre o público/privado e entre o íntimo/social.

No que concerne à história do aplicativo, o *Grindr* é um aplicativo de relacionamento direcionado, principalmente, a homens homossexuais, bissexuais, transgêneros e queer (*Grindr* LLC, 2024). Além disso, caracteriza-se como uma aplicação que usa o serviço de

geolocalização, cuja função é facilitar a conexão entre usuários próximos ou não. Lançado em 25 de março de 2009, por Joel Simkhai, inicialmente, como um aplicativo móvel para iOS[6] em Los Angeles, Califórnia, foi o pioneiro no uso do sistema de localização em tempo real para a promoção de encontros, inaugurando a dinâmica da interação afetivo-sexual em ambientes digitais. Em menos de dois (2) anos, após o seu lançamento, o *Grindr*[7] já tinha alcançado milhões de usuários em cerca de 190 países o que fez com que o aplicativo se consolidasse como uma das plataformas digitais de relacionamento e encontros principais voltadas à população LGBTQIAPN+. Já em 2011, com a expansão para a versão *Android*, a aplicação obteve ainda mais alcance global e se tornou acessível a uma gama diversa e ampla de usuários. Ainda que a plataforma digital, inicialmente, fosse destinada e utilizada para o sexo casual, o *Grindr* revelou-se como ferramenta de socialização, expressão de subjetividades e construção de identidades LGBTQIAPN+, destacando o contexto marcado pela invisibilidade, ódio e repressão às sexualidades e as identidades de gênero destoantes da cistheteronoramtiva.

No ano de 2016, a empresa *Grindr* LLC foi vendida ao grupo chinês Beijing Kunlun Tech, a qual adquiriu cerca de 60% da companhia e, dois (2) anos depois, passou a ser propriedade integral do grupo; no entanto, por questões políticas que envolviam a segurança dos EUA, relacionadas ao fato de o *Grindr* coletar e armazenar dados sensíveis dos cidadãos estadunidenses, o Comitê de Investimentos Estrangeiros nos Estados Unidos (CFIUS) exigiu que Kunlun vendesse o aplicativo. Em 2022, a empresa foi adquirida por um consórcio de investidores norte-americanos nomeada San Vicente Acquisition LLC. Nos anos que se seguiram, o aplicativo mostrou-se promissor e continuou sua expansão, o que fez com que novas funcionalidades fossem lançadas como mensagens expiradas, envio de áudios, filtros avançados e versões pagas.

O *Grindr*, além de possuir a versão sem custos, oferece duas modalidades de assinaturas pagas: o *Grindr* XTRA e o *Grindr Unlimited*. A primeira modalidade de assinatura é uma versão que proporciona ao usuário a possibilidade de visualização de até 600 perfis na interface de usuários próximos, número significativamente superior à versão gratuita, que oferece apenas 100 perfis próximos. O XTRA permite que os usuários visualizem somente aqueles demais usuários que estão *on-line*, usar os filtros avançados (tipo de corpo, posição sexual, tribo entre

[6] A sigla iOS significa "iPhone Operating System" (Sistema Operacional do iPhone), sendo o sistema operacional móvel desenvolvido pela Apple para seus dispositivos, como iPhone, iPad (antes do iPadOS) e iPod Touch, controlando o hardware e permitindo a execução de aplicativos

[7] Android tem dois significados principais: a palavra original, que significa um robô ou ser artificial com aparência humana (um "androide"), e o nome do famoso sistema operacional móvel desenvolvido pelo Google para smartphones, tablets e outros dispositivos, que gerencia o aparelho e seus aplicativos

outros), além de excluir todos os anúncios publicitários, o que assegura uma navegação mais fluida. Já o *Grindr* Unlimited, a versão *premium* mais completa, dá ao usuário a possibilidade de visualizar perfis sem que os demais usuários registrem a visualização do perfil; recurso de leitura de mensagens recebidas sem que o outro usuário receba a confirmação de leitura; acesso ao histórico de visualização do perfil criado; ver perfis de qualquer lugar do mundo; número ilimitado de bloqueios, favoritos e mensagens salvas.

Com efeito, o *Grindr*, sendo uma plataforma de sociabilidade voltada, majoritariamente, a homens homossexuais e bissexuais, organiza o processo interativo entre os usuários por intermédio de categorias delimitadoras da identidade, preferências, performances e marcadores que classificam os sujeitos consoante critérios atrelados à estética, masculinidade, etnia e comportamento sexual. Tais categorias (re)produzem hierarquias de gênero, exclusão de corpos destoantes do padrão heterocisnormativo e dinâmicas de desejo e visibilidade no aplicativo. Nos parágrafos que se seguem, explorarei essa estrutura a experiência dos usuários através dessas categorias identitárias e corporais.

Em relação à categoria "Nome", o usuário pode optar por preenchê-la livremente, inserindo qualquer nome, termo, expressão ou símbolo que deseje utilizar como identificação: apelidos, pseudônimos, siglas, *emojis* e outras formas não convencionais de nomeação. Essa categoria é um elemento crucial para o perfil de um usuário, no qual ele apresente suas características e interesses. Diferentemente de outras redes sociais, em que o nome completo é, na maioria das vezes, exigido, no *Grindr* o usuário tem a "permissão" de escolher como quer ser identificado, o que sucede em diferentes práticas de autorrepresentação: os usuários podem escolher a anonimização e discrição, optando por usar algum seu próprio nome, apelidos, *emojis* ou, simplesmente, deixar o espaço vazio; há, também a alternativa de usar descrições funcionais sobre si mesmos ou o que estão buscando no ambiente virtual, como por exemplo, "ativo", "passivo", "macho dotado", "sexo agora" etc.

A "foto de perfil" é um elemento central na interface do *Grindr* e ocupa um lugar de privilégio na organização visual dos usuários. Mowlabocus (2010) observa que a centralidade da imagem fotográfica nos aplicativos de relacionamento gay não é desproposital, mas reflete e reforça uma cultura homossexual masculina historicamente centrada na corporalidade. Essa centralidade intensifica-se pela interface do aplicativo, a qual coloca em posição de destaque a foto de perfil em detrimento de informações textuais.

As fotos de perfil no *Grindr* incidem sobre regimes complexos de visibilidade os quais refletem tensões entre exposição/discrição e autenticidade/performatividade. Pude observar quatro padrões recorrentes quanto à apresentação visual, sendo: (a) perfis que apresentam

visivelmente rostos, podendo ser associados a usuários assumidos e que priorizam a autenticidade; (b) perfis com tórax e partes íntimas em roupa visíveis, que centralizam o corpo como objeto erótico, desejo preservando o anonimato facial; (c) imagens não corporais, isto é, um perfil com fotos de uma paisagem, símbolo etc., utilizadas por usuários que desejam o sigilo e a discrição absoluta; e (d) perfis sem quaisquer imagens que representam a total invisibilidade. Tais escolhas não são neutras, uma vez que a decisão de mostrar (ou não) o resto reflete a abertura do usuário quanto a sua sexualidade fora do ambiente *on-line*

"Sobre mim" é o principal espaço textual disponibilizado aos usuários, limitado a 50 palavras. Aqui, os usuários priorizam informações tidas como essenciais para interação com outros usuários, como por exemplo, descrições físicas que complementam a foto do perfil, interesses e *hobbies* sexuais ou não-sexuais, explicitação direta do tipo de interação desejada, preferências e exclusões baseadas em porte físico, posição sexual, altura, peso e raça.

Além disso, essa categoria transmite informações consideradas relevantes, ou não, aos demais usuários. Nesse sentido, esse campo pode apresentar informações não capturadas ou preenchidas por outras categorias estruturantes de um perfil, como por exemplo, a profissão, interesses e afins; descrever características físicas que não são visíveis na foto de perfil; expressar preferências e exclusões as quais operam como mecanismos de filtragem por meio de expressões como "procuro", "curto", "interessado em", "não curto", "sem", "não respondo a".

A categoria "idade" funciona como indicador central que vai além de sua objetividade numérica, ela opera como um parâmetro de valor social e de desejo. O *Grindr* determina como imprescindível que os seus usuários declarem sua idade (mínima de 18 anos), tornando esta informação uma das poucas obrigatórias do aplicativo.

A categoria "tribos" é a mais distintiva e significativa da interface do *Grindr*. Ela opera como um sistema que dá a possibilidade de os usuários se autoidentificarem com uma ou mais tribos do aplicativo, que funcionam como marcadoras de pertencimento e classificadoras de identidade dentro da comunidade gay masculina do aplicativo. As "tribos" apresentam particularidades específicas que estruturam o funcionamento do app, pois estabelece treze (13) possibilidades de identificação, em que os usuários podem selecionar mais de uma tribo com as quais se identificam. A seguir, discorrerei sobre cada uma das tribos.

Em relação à tribo "*bear*", seu surgimento deu-se como um movimento identitário nos Estados Unidos no final da década de 1980 em um contexto marcado pela epidemia de HIV/AIDS que devastou a comunidade gay, emergindo como uma comunidade de apoio mútuo. Domingos (2010) define os *bear*, como "homens corpulentos ou pesados, tradicionalmente

peludos e barbudos, atraídos por outros homens, […] traços físicos e comportamentais ligados ao imaginário masculino" (p. 16). Os *bear* consideram que a masculinidade é sentir-se confortável com o próprio corpo e evitar o modelo corporal masculino mais normativo, isto é, a valorização de uma masculinidade (Drummond, 2005); no entanto, a tribo urso não possui uma única definição fechada, a identidade ursina não pode ser resumida a uma simples classificação corporal, haja vista que ser urso inclui elementos estéticos, afetivos e performáticos, os quais se inserem em um sistema de valores sociais, erotismo e fetichização.

Ademais, Diniz (2017, p. 19) argumenta que "a tentativa de fixar e de finalizar em um entendimento o conteúdo que essa palavra encerra é inútil", pois ser urso implica, necessariamente, em performances, práticas corporais, atitudes e pertencimento. Isso significa dizer que a performance ursina é constituída por intermédio de repetições de gestos, atitudes e escolhas estéticas, o que remete à Butler (2023, p. 56) quando a autora argumenta que "identidade é perfomativamente construída pelas expressões que são ditas ser seus resultados", tratando-se de uma categoria cuja compreensão e definição dependem do momento e da relação social na qual essa definição é ativada. Nesse sentido, a definição de ser urso não pode ser reduzida apenas a traços corporais (presença de pelos, corpo robusto). Há uma variabilidade de corpos e subjetividades daqueles sujeitos pertencentes a essa tribo, "possuir um corpo da taxonomia ursina não é razão suficiente para caracterizar alguém como urso (Diniz, 2017, p. 27).

A categoria "*clean-cut*", advinda do inglês, descreve um indivíduo cuja aparência é limpa e cuidada. Conforme registrado no *Cambridge Dictionary*, o termo refere-se a alguém "bem vestido e parecendo uma boa pessoa" (Cambridge, 2005, tradução nossa), isto é, uma pessoa bem vestida, aparência ajeitada, associada a valores conservadores e tradicionais, discrição estética alinhada aos padrões sociais hegemônicos.

A tribo "*daddy*" emergiu como uma identidade sexual e cultural na comunidade gay, segundo Levine (1998) como um homem com idade acima de 40 anos, masculinidade visualizada (barba, corpo peludo ou musculoso, roupas sóbrias), e preferência por parceiros mais jovens que oferece orientação, cuidado e segurança – atributos que contrastam com a efemeridade da cultura gay centrada na juventude. A palavra *daddy* ganhou duplo sentido, ao ser apropriada pelo movimento *queer*, *leather* e *bear*, como uma parte da performance homoerótica de masculinidade madura.

A categoria "*discreet*" refere-se a homens que escolhem não revelar sua orientação sexual homoafetiva em determinados contextos sociais, profissionais e familiares. Essa discrição na comunidade gay tem suas raízes fixadas no período da invasão portuguesa, quando,

na altura, as Ordenações Filipinas previam a pena de morte a homens julgados como homossexuais.

A tribo "geek/*nerd*" surgiu já na década de 1950, quando esses termos já eram utilizados para designar sujeitos "considerados socialmente desajeitados, excessivamente intelectuais, propensos ao interesse obsessivo em hobbies, histórias em quadrinho e computação" (McCain, Gentile & Campbell, 2015, s.p.). Trata-se de uma cultura em que a valorização de características do universo ficcional, jogos, fantasia e afastamento de padrões corporais é reconhecida em detrimento do padrão normativo da masculinidade hegemônica – virilidade, força física e dominação sexual.

Importa destacar que, até meados da década de 1980, os termos eram usados com tom pejorativo, associado ao estereótipo de inadequação social e falta de atratividade. Foi a partir de 1990/2000, com o ascendente crescimento e popularização da tecnologia e dos computadores que a cultura *geek* passou a ser vista como positiva, quando os sujeitos que se identificavam com essa tribo, começaram a usar esses termos (*nerd*/*geek*) para expressarem orgulho de si mesmos. À medida que *nerd*/*geeks* foram se tornando mais úteis para a sociedade, interesses midiáticos que eram *geeks* – como a ficção, fantasia, HQ's, jogos de RPG etc. – tornaram-se parte da cultura da sociedade como um todo.

A tribo "*jock*", no cenário brasileiro, constitui a expressão da masculinidade hegemônica na comunidade gay, assinalada por corpos atléticos, virilidade e comportamentos heterocisnormativo. De acordo com Carpini e Luksyte (2024), *jocks* são definidos pela sua musculatura, da qual eles se beneficiam.

A tribo "*leather*" (fetichistas de couro ou couro) é a subcultura mais antiga e estruturada do universo LGBTQIAPN+, estabelecida no período pós-Segunda Guerra Mundial nos EUA – quando alguns veteranos homossexuais, os quais desfrutaram tanto da broderagem masculina quanto da inflexível hierarquia bélica – criaram os primeiros locais de motociclistas necessariamente homossexuais, os clubes. Os "*leather*" são uma complexa comunidade que vai além da mera estética e erótica; são um sistema que entrelaça identidade, gênero e pertencimento comum aos seus integrantes. Nesse contexto, os "*leather*" são definidos como uma comunidade diversa que abrange pessoas que apreciam uma variedade de práticas sexuais, apoiadas no BDSM[8]. Outrossim, essa tribo é reconhecida pelos seus códigos e rituais, como

[8] Segundo Barp (2019), "o "B" se refere à *Bondage*, prática associada à imobilização, geralmente com cordas ou algemas, a qual se liga à letra "D", que representa a Disciplina sexual, exercida por meio de punições ou castigos. Essa mesma letra forma par com "S", representando a dupla Dominação e Submissão, exercida através de fantasias e jogos de representação de humilhação e violação. "S" e "M" representam o Sadismo e o

por exemplo, o sistema "*Hanky code*" (código dos lenços), o qual permite a comunicação sigilosa das preferências sexuais por meio da coloração dos lenços que os simpatizantes levam em seus bolsos traseiros ou, ainda, as vestimentas de couro (coletes, jaquetas, bonés).

A tribo "Poz" (HIV Positivo) abrange aqueles homens que vivem com HIV (Vírus da Imunodeficiência Humana) e escolhem divulgar seu status sorológico em seus perfis. Esses sujeitos, além de buscarem a sua visibilidade e a transparência, procuram o apoio mútuo e enfrentam os estigmas associados aos portadores da IST. Essa identidade coletiva emergiu em resposta às discriminações e exclusão vividas por pessoas soropositivas, especialmente na própria comunidade LGBTQIAPN+.

Além disso, a vida *on-line* desempenha um papel importante na constituição da identidade "POZ", haja vista que, segundo Silva; Duarte, Netto (2017) o uso das redes sociais possibilitou a entrada em espaços digitais para expressar e compartilhar narrativas pessoais, experiências e, até mesmo, construir uma rede de apoio entre as pessoas que convivem com o HIV. Os autores destacam que "as novas formas e possibilidades de interação (*on-line*) permitem a produção de narrativas de si, compartilhamento de histórias de vida e conexão com o outro, a partir da identidade 'positiva' para HIV" (Silva; Duarte, Netto, 2017, p. 3). No *Grindr*, autoidentificar-se como "Poz" corresponde a uma escolha representativa de visibilidade e transparência.

A tribo "*rugged*" evoca uma imagem de masculinidade associada à rusticidade, à aparência "natural", incluindo homens com barba, pelos corporais e porte físico que remete ao trabalho braçal, distanciando-se das estéticas urbanas e polidas. Essa categoria, ainda que seja menos definida que as demais, como os bear ou os *twink*, estrutura as interações no universo homossexual e oferece suas características físicas como um marcador identitário a homens que se alinham a essa apresentação masculina. Padilha (2015) aponta para o fato de que a construção desses perfis envolve atividade na qual os usuários negociam representações corpóreas e signos que comunicam as características supracitadas associadas a essa masculinidade específica.

A masculinidade dessa tribo é fundamentada na naturalidade do corpo, na força, na valorização de traços como a barba, os pelos e uma aparência menos cuidada, muitas vezes operando como o contraponto a representações de homens gay considerados afeminados ou preocupados com a aparência. Além disso, essa categoria pode ser percebida como mais tradicional, mais mácula e mais viril, o que pode implicar em uma erotização desses corpos. Padilha (2015) discute o fato de determinados perfis serem "imaginados, nomeados e

---

Masoquismo, ou mesmo Sadomasoquismo, e diz respeito às pessoas que fazem da utilização da dor como forma de estimulação erótica."

classificados de acordo com o público", o que demonstra as expectativas de desejo, a erotização e fetichização dos *rugged*.

A tribo "*chub*" refere-se àqueles indivíduos que se consideram gordos, demarcando um lugar de identificação e de desejo a qual desafia os padrões corporais hegemônicos de magreza, frequentemente, exaltados na universo LGBTQIAPN+ e na sociedade de maneira geral.

No contexto das sociabilidades entre homossexuais, as posições sexuais – ativo, passivo, versátil, versátil-passivo e versátil-ativo – emergem como marcadores identitários, excedem a descrição da prática erótica e sexual e assumem o papel classificatório no aplicativo *Grindr*. Nesse contexto, consoante a Misse (2005, p. 24), a função de ativo no ato sexual, em que pratica a penetração anal em outro sujeito, enquanto esse "outro sujeito, que é o penetrado, é o passivo, cuja função sexual é associada à feminilidade, uma vez que "está construído entre a função biossexual feminina com um conjunto de atributos desacreditadores". Ademais, Serralheiro (2020, p. 133) demonstra que "essa passividade atribui a quem se estabelece dessa forma na posição social inferior, de "mulher", pois carrega o sentido de feminilidade e de ser dominado pelo outro".

Além dessa lógica binária – passivo/ativo –, com as transformações sociais, outras posições sexuais emergiram, surgindo o conceito de versátil. A versatilidade sexual é a categoria que abarca as possibilidades dos versáteis, como o versátil-ativo, isto é, aquele sujeito que, na prática sexual e na busca do prazer, penetra ou é penetrado, porém tem mais preferência em penetrar. O contrário acontece com o versátil-passivo, o sujeito que assume o papel tanto do passivo quanto do ativo na busca pelo prazer, mas que prefere ser penetrado.

Nessa esteira, Misse (2005, p. 02) observa algumas definições sobre os termos "ativo" e "passivo". O autor argumenta que o "passivo sexual" funciona como um símbolo de estigma no discurso cotidiano, o que, por conseguinte, (re)cria e demarca as fronteiras morais e hierárquicas de valor em relação à masculinidade. O sociólogo demonstra que as expressões associadas à passividade são, necessariamente, marcadas pela desvalorização, como por exemplo: "submisso", "aceita tudo", "fresco", "fraco", "viado" etc. Tais associações vinculadas à imagem do passivo ligam a passividade à suposta inadequação social, de gênero e marginalização do sujeito que, em uma relação sexual, tem prazer ao ser penetrado. Em contrapartida ao "passivo sexual".

No que concerne à sociabilização de homens homossexuais em plataformas digitais, mais especificamente no *Grindr*, podemos observar o (des)encontro entre raça, etnia, sexualidade e tecnologia. Nesse contexto, a plataforma atua como um espaço, cuja dinâmica social, histórica e cultural, que continua, reproduz e reconfigura o racismo estrutural, dessa vez,

em um ambiente *on-line*. A procura por afeto, desejo e a sociabilidade humana conflita com a reiteração de estereótipos, objetificação, fetichização e violência direcionada a corpos e sujeitos racialmente inscritos, necessariamente os homens negros homossexuais, bissexuais e/ou pansexuais. Além disso, a estrutura social brasileira, consolidada em bases coloniais e escravagistas, estabelece o racismo como elemento estruturante da sociedade (Oliveira, 2017). Assim, o racismo, compreendido como "uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação entre o físico e a moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural (Munanga, 2012, s.p.), atravessa as relações sociais, inclusive, as afetivos-sexuais.

Devido a tal configuração, a vivência de homens negros homossexuais no *Grindr* é o reflexo do longo período de racialização, objetificação, sexualização e fetichização desses corpos, remontando ao período colonial, em que os escravos eram descritos como "peculiares, ilógicos, fetichistas, brutais e primitivos" (Nascimento; Vieira, 2024, p. 81-82), vistos como "animais, desprovidos de razão, humanidade e cultura, associados à hipersexualidade" (Nascimento & Vieira, 2024, p. 82). Além disso, as características físicas e sexuais que são atreladas aos negros sustentam a preservação de representações estereotipadas ligadas a eles, prevalecendo "a concepção de que são 'bem-dotados', 'avantajados', 'pirocudos' e apresentam características sexuais hiperbolizadas, […] estigmas amplamente disseminados sobre sexualidade e prazer exacerbado (Nascimento; Vieira, 2024, p. 84).

Essa imagem do homem negro cristalizou-se e o tornou um símbolo fálico e a expressão máxima da virilidade bruta. A "percepção do negro como sempre disponível para atender a desejos sexuais alheios torna-se um fetiche, onde o ser humano é visto puramente como um símbolo sexual" (Nascimento; Vieira, 2024, p. 83-84), isto é, vistos unicamente como um objeto sexual, cujos atributos físicos e genitais são a fonte de desejo e prazer. Tal construção idealizada, respaldada em discursos coloniais e racistas, retira a humanidade do homem negro, restringindo-o a um corpo consumível, fetichizado pelo olhar branco e dominante.

A escolha em preencher ou não o campo "raça/etnia" pode ser observada sobre dois vieses: o primeiro, visto como uma maneira de atrair outros parceiros sexuais, cujo desejo está no sexo com um homem negro; o segundo, a afirmação da negritude como uma reação contra as violências racistas cotidianas (Silveira; Nascimento; Zalambessa, 2021). Contudo, o racismo, principalmente em ambientes virtuais, é inevitável, pois ele se apresenta por meio da fetichização e de comentários que reiteram os estereótipos imbuídos ao homem negro. Nesse sentido, o *Grindr* também opera como um facilitador das práticas racistas, uma vez que os filtros por etnia e a possibilidade do anonimato demonstram o quanto a plataforma contribui para a manutenção desse tipo de desejo racializado, tornando a plataforma uma cúmplice dos

perfis anônimos e racistas, escrachando, direta ou indiretamente, a hierarquia racial em ambientes eróticos-digitais. O aplicativo – ao oferecer mecanismos de seleção e exclusão de corpos, baseados em marcadores raciais e étnicos –, reproduz as estruturas discriminatórias da sociedade na medida em que mascara o racismo sob o disfarce de uma "preferência pessoal".

As categorias peso e altura, no *Grindr*, são um campo do perfil em que o usuário informa, de maneira direta, seus dados corporais básicos: quanto mede **e** quanto pesa. Geralmente, o aplicativo separa esses dois itens em espaços distintos — um para registrar a altura (em centímetros ou pés/polegadas) e outro para indicar o peso (em quilos ou libras). Esses valores aparecem junto das demais informações do perfil e permitem que outros usuários tenham uma ideia concreta das proporções físicas da pessoa, funcionando como um dado objetivo sobre seu porte corporal. É um recurso meramente descritivo, usado para complementar a apresentação do corpo dentro do aplicativo.

A categoria "tipo de corpo" é destinada a descrever, de maneira rápida e padronizada, a aparência física geral do usuário. Ao preencher esse campo, a pessoa escolhe entre opções oferecidas pelo próprio aplicativo — como magro**,** tonificado**,** atlético**,** musculoso**,** regular**,** gordinho**,** grande, entre outras — que funcionam como rótulos prontos para indicar o formato, o volume e o porte corporal. Essa informação aparece visivelmente no perfil e serve para que outros usuários tenham uma noção imediata do físico de quem o preencheu, facilitando a filtragem de perfis de acordo com preferências pessoais. Trata-se, portanto, de um marcador descritivo que resume de forma direta e objetiva como o corpo do usuário pode ser reconhecido visualmente dentro do aplicativo.

A categoria "status de relacionamento" no *Grindr* é um campo em que o usuário indica sua situação afetiva atual. O aplicativo oferece opções pré-definidas, como solteiro**,** em relacionamento**,** casado**,** em relacionamento aberto**,** complicado, entre outras, permitindo que a pessoa declare facilmente em que tipo de vínculo está envolvida. Essa informação aparece no perfil para orientar outros usuários sobre sua disponibilidade afetiva ou sexual, funcionando como um dado simples que contextualiza sua situação pessoal. Já a categoria "O que procura?" opera como um indicador de intenções, dando aos demais usuários orientações acerca do tipo de interação que deseja estabelecer, como por exemplo, amizade, sexo, encontros casuais ou relações abertas.

A categoria **"**gênero**"** no *Grindr* é um espaço do perfil destinado a indicar como o usuário deseja ser reconhecido dentro do aplicativo. Para isso, o *Grindr* disponibiliza uma lista ampla de identificações, contemplando diferentes experiências de gênero. Entre as opções mais comuns estão: homem cis, para pessoas que se identificam como homens e foram designadas

homens ao nascer; mulher cis, para quem se identifica como mulher e foi designada mulher ao nascer; homem trans e mulher trans, que correspondem a pessoas cuja identidade de gênero difere da designação atribuída no nascimento; e categorias como não-binárie, gênero-fluido, agênero, bigênero, além de transfeminine e transmasculine, que permitem especificações mais detalhadas sobre a forma como a pessoa vivencia o feminino ou o masculino. Há ainda a opção de selecionar outro, caso o usuário utilize uma identidade de gênero não contemplada na lista. Essa categoria funciona, portanto, como um marcador descritivo que apresenta de forma clara e objetiva a identidade de gênero do usuário.

Já a categoria "pronomes" é um campo destinado a indicar quais pronomes o usuário deseja que sejam usados para se referir a ele dentro das interações do aplicativo. O *Grindr* oferece opções como ele/dele, ela/dela, elu/delu, bem como outras combinações possíveis, contemplando diferentes modos de expressão de gênero. O objetivo desse campo é facilitar a comunicação, orientando outros usuários a utilizarem a forma adequada de tratamento, conforme a preferência da pessoa que preenche o perfil. Trata-se de uma informação simples e direta, que ajuda a tornar as interações mais respeitosas e alinhadas às identidades de cada usuário.

O conjunto *Grindr* como um todo cria um sistema amplo que determina o que pode, como pode ser visto e qual a valoração atribuída a essa visibilidade, podendo ser entendido como um regime, uma ordem que padroniza os modos de apresentação no ambiente *on-line*, além de evidenciar que liberdade de expressão e identidade no aplicativo supracitado são submetidas ao crivo das possibilidades subjacentes. É, necessariamente, nesse contexto de interação entre a visibilidade e a plataforma que se inscreve a próxima subseção, cuja análise avançará à discussão teórica sobre os regimes de visibilidade, além do modo como plataformas digitais de relacionamento, considerando, necessariamente, o *Grindr*, contribuem paulatinamente na (re)produção desses regimes à medida que inscrevem novos modos de exposição, reconhecimento e controle sobre os corpos e identidades.

Na seção seguinte, procede-se à descrição do funcionamento do aplicativo Grindr, tomando-o não apenas como um artefato tecnológico de mediação de encontros, mas como um espaço discursivo no qual se organizam determinadas formas de visibilidade, interação e produção de sentidos acerca dos corpos e das masculinidades. Para tanto, examinam-se os modos pelos quais a arquitetura comunicacional da plataforma favorece certos enquadramentos de apresentação de si, mobilizando, de um lado, a noção de regimes de visibilidade elaborada por Richard Miskolci (2014, 2015, 2017, 2020), que permite compreender as condições sociais que regulam aquilo que pode ou não tornar-se visível nesse ambiente digital, e, de outro, a

perspectiva do discurso das mídias proposta por Patrick Charaudeau (2010a, 2010b), particularmente no que concerne às estratégias de persuasão que atravessam os processos de construção discursiva. A partir dessa articulação, discute-se ainda a incidência de uma norma mercadológica que atravessa o funcionamento do aplicativo, orientando práticas de autoapresentação e de avaliação dos perfis segundo lógicas de valorização, seleção e consumo simbólico dos corpos.

A próxima seção apresenta os referenciais teóricos que orientam a compreensão das dinâmicas discursivas e dos processos de visibilidade que atravessam os ambientes digitais analisados. Inicialmente, mobiliza-se a perspectiva do discurso das mídias desenvolvida por Patrick Charaudeau (2010a, 2010b), especialmente no que se refere às estratégias de persuasão e às formas de organização enunciativa próprias das práticas comunicacionais midiáticas. Em seguida, discute-se a noção de regimes de visibilidade proposta por Richard Miskolci (2014, 2015, 2017, 2020), a qual possibilita compreender como determinadas presenças, corpos e modos de existência tornam-se visíveis, enquanto outros permanecem marginalizados ou silenciados nas dinâmicas contemporâneas de mediação social.

3.3.2 **Corpos à Mostra: regimes de visibilidade nas plataformas digitais de relacionamento e a norma mercado-lógica do corpo**

A visibilidade que plataformas digitais de relacionamento, em especial o *Grindr*, é imposta como norma mercado-lógica que torna os corpos um objeto de consumo; no entanto, para que essa materialização do corpo como mercadoria seja efetivada, tive a necessidade de discorrer sobre o papel midiático como mecanismo que estabelece comunicação entre produto e consumidor, moldando as condições de produção e sentidos dos discursos. No contexto do aplicativo, observa-se uma espécie de "contrato de comunicação" (Charaudeau, 2010a, p. 59) que se manifesta explicitamente à medida que o contexto interativo opera como o mercado de corpos e a finalidade do ato de linguagem, como a transação do desejo, do encontro ou da interação sexual. Essa dupla determinação condensa o discurso e força o sujeito a se alinhavar a determinadas regras do que é desejável e, necessariamente, vendável. Esse sujeito, inserido no contexto digital, exerce uma performance que se aproxima da manipulação,

> procede da visada de *incitação* a *fazer*: cada vez que nos encontramos numa situação na qual precisamos do outro para realizar nosso projeto e na qual não temos autoridade absoluta sobre este outro para obrigá-lo a agir de uma certa maneira, empregamos estratégias de persuasão ou de sedução que consistem em fazer com que se compartilhe com o outro (indivíduo ou público) um certo "fazer crer" (Charaudeau, 2010a, p. 67).

No entanto, há de se mencionar que essa manipulação não é somente negativa; faz parte das interações sociais. Ela se torna problemática à medida que o sujeito manipulado deixa de ter consciência de tal fato e da pressão que o impede de exercer o livre arbítrio. No discurso midiático, locutor constitui seu dizer a fim de incitar o interlocutor a adotar determinado ponto de vista ou se comportar de um modo específico. A apresentação de si, assim, torna-se estratégia discursiva de sedução e persuasão, fazendo com que o corpo, além de ser um signo ideológico, transforme em um signo midiatizado sob a égide da cibercultura que funciona como nova forma de existir, de se relacionar com o mundo, com o outro e consigo mesmo; uma cultura do disponível, do acesso (Santaella, 2003).

Sob essa perspectiva, no contexto midiático-digital do *Grindr*, estratégias discursivas de manipulação revelam novas feições sem que, no entanto, sejam abandonados mecanismos que, sociohistoricamente, alicerçam a persuasão. Os discursos constituem-se através de narrativas em que certos corpos são protagonistas, são objetos de desejo e possuem poder, ao passo que outros são marginalizados, formando um cenário de reconhecimento e exaltação, e outro, de depreciação e exclusão que reforça a hierarquia dos modos de ser e de aparecer. Ademais, o corpo, não apenas como lugar de identidade, é oferecido como uma promessa de reconhecimento e pertencimento. Os usuários, nesse sentido, são convidados à crença do que podem ser vistos, desejados e escolhidos, desde que assistam as expectativas e comportamentos dominantes, operando como discursos de sedução que ofuscam a subjetividade de cada sujeito.

Nessa esteira, há de se mencionar que "todo discurso depende, para a construção de seu interesse social, das condições específicas da situação de troca na qual ele surge (Charaudeau, 2010b, 67). Desde o início, o funcionamento do discurso, destacando o *Grindr*, opera como um espaço midiático atravessado por condições de produção, circulação e reconhecimento que precedem e engendram o dizer. Nesse contexto, entende-se o aplicativo como um dispositivo que inaugura um contrato de comunicação específico em que identidades, expectativas e finalidades são previamente configuradas.

À luz do contrato de comunicação, importa mencionar que os dados externos assumem protagonismo decisivo na compreensão do funcionamento discursivo das plataformas digitais de relacionamento à medida que respondem o porquê de se comunicar. Acerca disso, Charaudeau (2010b, p. 68) esclarece que

> os dados externos são os que permitem responder à pergunta do 'porquê se comunica?'. Trata-se das condições que determinam o ato de comunicação, que o finalizam e o inscrevem num determinado quadro de circunstâncias", sendo organizados em torno de três eixos: "a finalidade, a identidade dos parceiros e o propósito.

No contexto do *Grindr*, essas condições estabelecem um regime específico de inteligibilidade do corpo, do desejo e da interação entre os sujeitos, no qual comunicar-se equivale a inscrever-se em uma lógica de exposição regulada, orientada por expectativas de visibilidade, pertencimento, reconhecimento e consumo. A finalidade da troca é delineada pelo dispositivo que organiza as interações sob o horizonte do encontro, do desejo e da performatividade corporal; a identidade dos sujeitos, por sua vez, é engendrada como uma posição discursiva tipificada; e o objetivo da comunicação é orientado pela validação mútua no mercado de corpos, em que ser visto, desejado e escolhido é condição de existência. Esses dados externos instauram um quadro normativo que precede a própria tomada da palavra, condicionando o que pode ser dito, visto, mostrado e silenciado. É justamente nesse ponto que que Charaudeau (2010b) faz a distinção entre os dados externos e os dados internos, definidos como "aqueles propriamente discursivos, os que permitem responder à pergunta do 'como dizer? (Charaudeau, 2010b, p. 70). Estabelecidas a situação e a finalidade da troca, impõe-se aos indivíduos a necessidade de ajustarem seus comportamentos, de modo que "trata-se de saber como devem ser os comportamentos linguareiros esperados quando os dados externos da situação de comunicação são percebidos, depreendidos, reconhecidos (Charaudeau, 2010b, p. 70).

Nessa esteira, os dados internos emergem nas escolhas de autoapresentação na maneira em que os atributos, a descrição do corpo e as estratégias discursivas recorrentes tornam determinados dizeres reconhecíveis e eficazes. Isso significa dizer que não se trata de uma liberdade de expressão e, sim, de convenções que organizam o sujeito a se autopromover de modo compatível com os regimes de desejo que circulam no aplicativo. Essa articulação entre dados internos e externos ganha densidade e faz emergir as instâncias da informação, que é o espaço do sujeito que informa e que se define pela relação com a informação que se deseja transmitir, concebida como uma entidade tanto coletiva como individual (Charaudeau, 2010b).

De modo correlato, a instância de recepção é definida como a do sujeito que recebe a informação, identificada como o "público-alvo", embora esse público seja múltiplo e heterogêneo. Perante a essa heterogeneidade, a instância de produção vê-se compelida a construir uma representação do público, intitulada de alvo, com a qual adequa seu discurso. No *Grindr*, essa operação revela-se como complexa, considerando que o interlocutor não é dado de antemão, mas imaginado através de expectativas partilhadas sobre desejo, aparência e comportamento. O usuário, ao criar seu perfil e interagir discursivamente com outros, constrói uma imagem antecipada desse outro — um alvo desejante, avaliador e potencialmente seletivo — e ajusta seu dizer a essa projeção. Nesse contexto, a recepção não se configura como

momento posterior e passivo da comunicação, mas como espaço antecipado que interfere diretamente na produção do discurso, organizando e orientando escolhas, silenciamentos e estratégias de encenação (Charaudeau, 2010b).

Nesse quadro teórico, o contrato de comunicação que se estabelece no *Grindr* evidencia-se como um dispositivo que regula simbolicamente instâncias, finalidades e comportamentos discursivos se engendram para (re)produzir sentidos pré-estabelecidos acerca do corpo e do desejo. Esses dados externos desenham o horizonte de possibilidade da troca; os dados internos organizam as formas legítimas de dizer; e as instâncias de produção e recepção funcionam como posições discursivas mutuamente construídas, perpassadas por expectativas de reconhecimento e adesão. O resultado, assim, é um lugar de comunicação em que a linguagem media encontros e institui hierarquias de visibilidade e regimes de valor, transformando a comunicação em prática de inscrição simbólica do corpo em uma superfície discursiva regulada por normas midiáticas.

Nessa ótica, a mídia, ao proceder à seleção, ordenação e enquadramento, coloca em cena a elaboração de uma representação discursiva, que é resultado de um processo de (re)construção simbólica que responde às exigências da trama discursiva. O que se mostra como discurso sobre o corpo e o desejo é a construção de um modelo de corporalidade masculina legitimada, em que determinadas características físicas são invocadas, selecionadas e naturalizadas consoante a lógica de visibilidade, consumo e performatividade que regem as plataformas digitais (Charaudeau, 2010a). Nesse movimento, essas estratégias funcionam como operadoras da manutenção ideológica, pois, segundo Charaudeau (2010a, p. 69),

> estas diferentes estratégias são acompanhadas de procedimentos formais de *simplificação* e de *repetição*. A simplificação se dá através do emprego de fórmulas imagéticas, de slogans que têm como efeito "essencializar" os julgamentos, transformá-los em estereótipos e torná-los suporte de identificação ou de apropriação. A repetição destas fórmulas e slogans vai da *inoculação difusa à repetição excessiva*, com a ajuda de diversos meios (panfletos, boca a boca, cartazes), meios amplificados pelas mídias (através de matérias nas rádios e nos jornais televisivos que são repetidas à exaustão até que se tenha o resultado desejado).

A eficiência das estratégias discursivas não reside apenas na intenção persuasiva do locutor, mas, sobretudo, na forma como os sentidos são organizados e reiterados no espaço midiático. Ao recorrer à simplificação e à repetição, o discurso reduz a complexidade do real a esquemas interpretativos reconhecíveis, que passam a funcionar como atalhos de inteligibilidade e de adesão. Esses procedimentos não funcionam somente no plano do conteúdo, mas incidem diretamente sobre o regime de circulação do discurso, (re)produzindo efeitos de evidência, naturalização e familiaridade. Nesse contexto, a linguagem deixa de ser apenas meio de transmissão e se torna mecanismo de orientação do olhar e da interpretação,

selecionando o que deve ser visto, lembrado e valorizado. É nesse ponto que se torna pertinente mobilizar as visadas propostas por Charaudeau (2010a), uma vez que a simplificação responde à necessidade de tornar o discurso informável e apreensível — própria da visada da informação —, ao passo que a repetição intensificada, apoiada em fórmulas imagéticas e afetivamente carregadas, aciona a visada da dramatização, responsável por provocar envolvimento, adesão e impacto emocional. Assim, mais do que informar ou seduzir isoladamente, o discurso midiático articula essas visadas para estabilizar sentidos e produzir formas de reconhecimento que se impõem como evidentes no imaginário social.

Ademais, Charaudeau (2010b, p. 69) argumenta que existem "traços identitários que interferem no ato de comunicação […] A *finalidade* […] se define através da expectativa de sentido em que se baseia a troca". O autor ainda destaca que há quatro tipos de finalidades, destacando

> a *iniciativa*, que consiste em querer 'fazer crer', isto é., querer levar o outro a pensar que o que está sendo dito é verdadeiro (ou possivelmente verdadeiro); a visada do *páthos*, que consiste em 'fazer sentir', ou seja, provocar no outro um estado emocional agradável ou desagradável (Charaudeau, 2010b, p. 69).

Essa identificação possibilita entender que o ato de linguagem não se organiza por expectativas de sentido que orientam a relação entre o locutor e o interlocutor. O linguista francês chama atenção para o fato de que o discurso se sustenta em imagens pré-construídas de quem fala e de quem escuta, que incidem tanto na forma quanto na eficácia do dizer. Nesse sentido, a visada da iniciativa, ao operar pelo "fazer crer", estrutura o discurso de modo a produzir efeitos de credibilidade e verossimilhança, mobilizando recursos que estabilizam determinados sentidos como plausíveis ou desejáveis no interior do contrato de comunicação. Já a visada do *páthos* desloca o foco para o envolvimento afetivo do interlocutor, fazendo do discurso um espaço de mobilização emocional, no qual o impacto sensível passa a desempenhar papel central na adesão aos sentidos propostos.

No bojo das interações mediadas por plataformas digitais, essas finalidades não atuam se articulam estrategicamente na composição do dizer. O discurso tende a conjugar efeitos de credibilidade com apelos afetivos, criando uma cena enunciativa em que o interlocutor é simultaneamente convidado a acreditar e a sentir. Essa articulação revela que o discurso não visa apenas à transmissão de informações ou à expressão de subjetividades, mas à construção de uma relação de reconhecimento e de adesão, cujo o outro é atravessado tanto em seu horizonte cognitivo quanto em sua dimensão emocional. Assim, as finalidades do ato de linguagem funcionam como operadores que orientam a encenação discursiva, organizando a

maneira com que os sentidos são apresentados, reiterados e valorizados no espaço comunicacional.

Nesse quadro reflexivo, a necessidade de credibilidade impõe-se como condição de eficácia do ato comunicativo, considerando que, conforme assinala Charaudeau (2010b, p. 91), "é necessário mostrar-se credível, deve sê-lo para a maioria do público, e isso por uma dupla razão: porque está em concorrência com os demais organismos de informação, o que a coloca num campo de luta comercial por sua própria sobrevivência econômica". A credibilidade, nesse sentido, constitui-se como um efeito construído estrategicamente no interior de um discurso caracterizado pela concorrência, pela visibilidade e pela disputa por atenção. Essa exigência dá o cerne em relação à seleção dos conteúdos, à forma de apresentação e aos modos de dizer, produzindo discursos que se pretendem plausíveis, reconhecíveis e aceitáveis para um determinado público.

Paralelamente, a necessidade de envolver o interlocutor desloca o discurso para a mobilização da dimensão afetiva, de modo que informar não se dissocia de emocionar. Como aponta o autor, trata-se de "emocionar seu público, a mobilizar sua afetividade, a fim de desencadear o interesse e a paixão pela informação que lhe é transmitida" (Charaudeau, 2010b, p. 92). Essa orientação evidencia que a produção discursiva se estrutura a partir de uma dramatização dos conteúdos, na qual o impacto sensível atua como operador de adesão e de engajamento. A informação, nesse sentido, não se apresenta como dado neutro, mas como narrativa encenada, organizada para suscitar interesse, identificação e envolvimento emocional, reforçando a articulação entre as visadas da informação e da dramatização no interior das práticas discursivas midiáticas.

É justamente nesse ponto que o pensamento de Miskolci (2017) se torna convergente, ao evidenciar que as dinâmicas de visibilidade constituem dispositivos de poder que regulam quais corpos podem ser vistos, desejados e validados socialmente. O autor observa que a busca por visibilidade opera e se trata, portanto, de uma masculinidade idealizada e disseminada pelas mídias que, mesmo em seu segmento gay, costuma usar modelos heterossexuais" (Miskolci, 2017, p. 154) e que leva o sujeito "a refletir sobre a masculinidade que desejam […] exatamente a heterossexual […] que se vende midiaticamente como modelar, portanto bonita, [...] voltada para homossexuais e à qual tinham acesso por meio da internet em sites pornográficos" (Miskolci, 2017, p. 154). Assim, o que Charaudeau (2010a) identifica como processo de construção simbólica da realidade é, em Miskolci (2017), um regime de visibilidade, ou seja, o modo com o qual o discurso midiático colabora na construção do desejo e das hierarquias que atravessam os contextos e ambientes digitais.

Ao refletir acerca das formas pelas quais corpos, identidades de gênero e práticas sociais tornam-se (re)conhecidas ou relegadas à exclusão e à invisibilidade, Richard Miskolci (2014, 2015, 2017, 2020) desenvolve grande parte de suas reflexões teóricas a respeito dos regimes de visibilidade para compreender as complexas interações sociais que desenham e determinam o reconhecimento e a aceitação das diversas expressões de sexualidade e de desejo. Miskolci (2015) reconhece que a visibilidade não é construída como um evento neutro e que possua aplicabilidade universal. Pelo contrário, o sociólogo considera-a como uma construção social, necessariamente, entrelaçada pelas relações de poder e por contextos histórico-culturais específicos. Além disso, ao incorporar a noção de regime de visibilidade aos estudos sobre corpo, gênero e sexualidade, o autor propõe um panorama em que as sexualidades não são todas reconhecidas igualmente na sociedade, organizadas hierarquicamente. Ele explicita essa estratificação das sexualidades ao reconhecer que a reflexão acerca dessa temática é, imperativamente,

> sobre a emergência de um novo regime de visibilidade sexual, no qual as sexualidades se dividiram em um espectro de reconhecimento que vai das socialmente mais aceitas (as heterossexuais, especialmente as em pares monogâmicos com filhos), passando pelas que começaram a negociar sua visibilidade (como as gays e lésbicas socioeconomicamente privilegiadas) até as que foram mantidas ou relegadas à abjeção (Miskolci, 2015, p. 65).

Essa urgência por um regime de visibilidade, consoante assinala o sociólogo brasileiro, institui um arranjo em que determinadas formas de sexualidade obtêm maior legitimidade, como a heterossexualidade estruturada em pares monogâmicos e familiares, vista como o padrão hegemônico de respeitabilidade. Outras, como as homossexualidades masculina e feminina socioeconomicamente privilegiadas, só ganharam certo espaço público perante negociações que abrandam essa diferença e propiciam algum grau de aceitação. Há também aquelas sexualidades que ainda subsistem na zona da abjeção, recusadas e invisibilizadas por se afastarem em maior medida do modelo hegemônico de gênero e sexualidade. A heterossexualidade, nesse sentido, é a norma, o visível, o aceitável, o legítimo e o representável.

Ademais, Miskolci (2014, p. 62) propõe que,

> na esfera da sexualidade, regime de visibilidade é uma noção que busca sintetizar a maneira como uma sociedade confere reconhecimento e torna visível certos arranjos amorosos enquanto controla outras maneiras de se relacionar por meio de vigilância moral, da coibição de sua expressão pública, em suma, pela manutenção dessas outras formas amorosas e sexuais em relativa discrição ou invisibilidade. Um regime de visibilidade traduz uma relação de poder sofisticada, pois não se baseia em proibições diretas, antes em formas indiretas, mas altamente eficientes, de gestão do que é visível e aceitável na vida cotidiana.

Se, primordialmente, a noção de visibilidade possibilita entender a estratificação de determinadas sexualidades em nível de aceitabilidade e legitimidade social, subsequentemente,

ela esclarece que o próprio mecanismo de produção do que pode ser visível e do que deve ser invisível reflete as hierarquias previamente impostas e as itera ininterruptamente, que organiza aquilo que se torna visível e aquilo que deve ser ocultado, operando como estratégia de controle social. De acordo com Miskolci (2014), não é suficiente reconhecer as sexualidade aceitas e as sexualidades rejeitadas, mas de compreender que a fronteira entre ambas é constituída e reiterada, perpetuamente, pelos dispositivos sociais, discursivos e institucionais, os quais organizam os limites entre o público e o privado. O visível, nesse viés, não é consequência banal e espontânea da presença social; é produzido, alicerçado e circunscrito pelas lógicas de poder que regulam o olhar coletivo, estabelecendo o que pode aparecer e o que deve, necessariamente, ser encoberto. Miskolci (2014, p. 74) sublinha que "um regime de visibilidade funciona em uma forma de chiaro-schuro, no qual o que é socialmente reconhecível é visível e reconhecido, enquanto o que é menos visível fica na sombra, na relativa invisibilidade ou em uma espécie de marginalidade obscena".

Há de se mencionar que, se os regimes de visibilidade formam-se como instrumentos de poder que hierarquizam as sexualidades, há de se expandir a reflexão em direção à perspectiva interseccional, uma vez que o que se torna visível ou é alocado às sombras da invisibilidade depende da maneira como marcadores se entrecruzam com raça, corporalidade, etnia etc. A corporalidade surge como uma das características mais proeminentes quando se trata de visibilidade. Ademais, a obsessão com o corpo, traduzida em descrições numéricas e filtros de busca, alicerçados em atributos físicos, valoriza um padrão corporal que se alinha, necessariamente, ao padrão hegemônico, instaurando uma lógica mercadológica. Miskolci (2020, p. 35), ao tratar de questões concernentes à corporalidade cita que

> em uma era obcecada com a corporalidade, basta observar um destes sites e ler alguns perfis para constatar a centralidade do corpo nas interações. A começar pelas descrições literalmente numéricas e precisas apresentadas, passando pelas fotos e o uso da câmera ou ainda pelos formulários dos mecanismos de busca que permitem escolher quase tudo do possível parceiro: idade, altura, peso, cor de pele, cabelos, olhos, grau de pilosidade e, nos sites para um público apenas masculino, até tamanho do órgão genital. […] um critério de "fita métrica" que se torna um filtro de seleção.

A análise realizada pelo professor brasileiro constata que o corpo não se limita a um dado biológico ou estético; estabelece-se como artefato que ordena as chances de reconhecimento e pertencimento social. Ademais, a exigência por números transforma o corpo em um produto de mercado passível de ser quantificado, além de fragmentar atributos que possibilitam antecipação do desejo e, necessariamente, da exclusão sumária do que é indesejável. Esse processo gera uma lógica cuja subjetividade dos indivíduos é ofuscada pela

materialidade dos traços corpóreos, limitando a alteridade entre os sujeitos a uma série de características passíveis de avaliação e negociação.

Nessa linha de pensamento, a questão da corporalidade não pode ser dissociada de outros marcadores sociais que moldam a (in)visibilidade, em especial a raça e a etnia. Miskolci (2014, p. 55) argumenta que

> a maioria dos homossexuais americanos que conheci tem formas diferentes e variadas de manipular publicamente sua sexualidade. Os mais pobres, não-brancos, imigrantes ou com origem latina, por exemplo, parecem mais propensos a manter uma imagem heterossexual presumida na família e no trabalho.

Tal assertiva demonstra que os regimes de visibilidade não incidem de maneira homogênea. A visibilidade de corpos não-brancos, latinos e imigrantes está, paulatinamente, marcada por estigmas históricos e sociais que reiteram o que Fanon (2008) chamou de "zona do não-ser", descrita pelo autor como "uma região extraordinariamente estéril e árida, uma rampa essencialmente despojada, onde um autêntico ressurgimento pode acontecer. A maioria dos negros não desfruta do benefício de realizar esta descida aos verdadeiros Infernos" (Fanon, 2008, p. 26)

Essa zona de não-ser representa um lugar de uma marginalidade ontológica, em que o sujeito negro é reduzido à cor da pele e às projeções racistas criados sobre ele. Ademais, essa invisibilidade, além de estar saturada de estereótipos que reduzem a alteridade à exotização e à criminalização, significa um processo de desumanização e objetificação dos corpos negros, cuja própria existência lhes é negada e distorcida sob o foco das lentes do racismo estrutural e sistêmico, impedindo o reconhecimento de sua subjetividade. Outrossim, a hegemonia branca se dispõe como parâmetro de aceitabilidade, respeitabilidade e normalidade e os corpos dissidentes são forçados a "performar" heterossexualidade como modo de neutralizar sua vulnerabilidade tanto étnica como sexual. As condições do negro e do imigrante potencializam tal dialética, posto que esses indivíduos enfrentam regimes de visibilidade diferentes: o silenciamento imposto pelo racismo, xenofobia e a opressão da homofobia, que os obrigam à contenção e ao ocultamento da sexualidade em ambientes familiares, sociais, religiosos e laborais. A reflexão, assim, perpassada por interseccionalidades de raça, etnia, classe et., evidenciam que as ferramentas de reconhecimento e exclusão não se atrelam, única e exclusivamente, às dimensões discursivas; atualizam-se historicamente, à medida que novas relações sociais e recursos tecnológicos surgem.

Para além de elencar o caráter socialmente constituído dos regimes de visibilidade, o sociólogo brasileiro destaca a dimensão histórica e mutável, demonstrando que esses arranjos

não se instalam de modo permanente, mas se transfiguram mediante as mudanças culturais, políticas e tecnológicas, destacando-se que

> regimes de visibilidade são históricos e, como tais, passíveis de transformações com o tempo e variáveis segundo particularidades culturais. [...] A transformação de um regime de visibilidade em outro acompanha uma mudança histórica geral de uma sociedade marcada pela divisão público-privado para uma em que vigora a demanda de performatização pública da intimidade (Miskolci, 2020, p. 42-43).

Tal historicidade implica que aquilo que é tido como aceitável, legítimo e representável, em termos de sexualidade, em uma dada época, pode tornar-se objeto de censura em outra – e vice-versa –, indicando a característica contingente do visível. Em suas análises, o professor destaca que

> transformações econômicas, político-culturais e tecnológicas associadas criaram uma nova realidade social em que a sexualidade e o desejo têm papel mais central do que no passado. [...] A importância de refletir sobre contextos históricos como regimes de visibilidade também está no fato de que eles delimitam os limites do pensável (Miskolci, 2015, p. 86-87).

Consoante a esse processo, a visibilidade não se propaga de modo homogêneo. É articulada a mecanismos de seleção que favorecem certas identidades em detrimento de outras. A midiatização da homossexualidade, no entanto, não representou a abertura ao espaço público a todas as expressões sexuais dissidentes. Antes, a legitimação de um recorte específico: sexualidades dissidentes que se alinhavam aos valores de respeitabilidade impostos pela lógica hegemônica. A visibilidade, nesse contexto, foi conquistada à custa de negociações em que a diferença, sexualidade e desejo deveriam, necessariamente, enquadrar-se às molduras socialmente aceitáveis, ou seja, as representações homoafetivas de gays e lésbicas só eram consideradas socialmente positivas à medida que se apresentavam dentro dos padrões e dos regimes de visibilidade, reconfigurando e delimitando quais indivíduos poderiam se tornar representáveis e quais os sujeitos viveriam relegados à impossibilidade de reconhecimento social. Miskolci (2015, p. 66), acerca disso, destaca que,

> na segunda metade da década de 1990, que as representações midiáticas de gays e lésbicas passam a definir modelos para seu reconhecimento social. É como se as homossexualidades passassem a ser reconhecidas como uma espécie de estilo de vida vinculado a interesses mercadológicos, novas formas de comunicação e demandas políticas de apagamento das suas diferenças em relação às heterossexualidades. […] Surgia um circuito comercial segmentado para um público homossexual socioeconomicamente privilegiado e com aspirações integracionistas, ou seja, que buscava serviços que permitissem a socialização com heterossexuais em um processo que permitiria a indiferenciação a partir do desejo sexual.

Essas reflexões demonstram que os regimes de visibilidade evidenciam o fato de as sexualidades serem mediadas por complexas redes de norma, valores e expectativas, as quais estruturam a vida em sociedade. Nesse contexto, “os regimes de visibilidade se assentam em

uma economia do desejo que premia a discrição alocando os bem-sucedidos em manter seu desejo e suas práticas sexuais em segredo em uma posição que os aproxima da heterossexualidade" (Miskolci, 2015, p. 85).

Isso significa dizer que a conformidade, ainda que não seja total aos padrões heterocisnormativos, opera como um modo de inclusão social, possibilitando acesso a reconhecimento e legitimidade, que não são distribuídos uniformemente entre os sujeitos. A visibilidade, nesse sentido, não é uma escolha subjetiva; é um processo de negociação constante com as normas sociais, políticas e culturais as quais estabelecem o que pode, ou não, ser reconhecido e visto. Essa dinâmica evidencia que a inclusão aos regimes de visibilidade independe de escolhas individuais e, sim, de restrições sistêmicas que perpassam as experiências afetivas e os desejos do sujeito, de modo que

> a adesão dos sujeitos ao regime de visibilidade […] não é opcional, antes o resultado de diferentes constrangimentos institucionais que regulam suas vidas a partir de um de seus elementos mais centrais e sensíveis: o desejo, a possibilidade de amar e ser amado, ou seja, de ser reconhecido – por si mesmo e pela sociedade - como sujeito (Miskolci, 2015, p. 72).

Nesse mesmo horizonte, observa-se que os regimes de discrição impõem limites bem definidos quanto à manifestação pública da homossexualidade, evidenciando que a matriz heterossexual opera como norteadora e eixo estruturante do (in)visível, relegando ao segundo plano, e até mesmo à exclusão e à ocultação, condutas e desejos desviantes ao padrão hegemônico. Isso significa dizer que, por mais que se admita a existência da homossexualidade, a hegemonia considera apenas uma coexistência "pacífica" com as relações homoafetivas; no entanto, exige que essas relações dissidentes ao padrão normativo sejam simbolicamente neutras, por meio de performances heterossexuais ou pela restrição de manifestação públicas de afeto, tratando-se de uma manobra sofisticada de poder, cujo *modus operandi* não é a proibição explícita ou a perseguição velada, mas um controle calculado dessa presença diferente na sociedade, possibilitando sua existência desde que esta não abale as bases normativas que sustentam a desigualdade, o que Miskolci (2015, p. 87) classifica como um "novo regime de visibilidade" que "tem se associado a uma nova economia sexual em que o desejo de reconhecimento é moldado por valores […] do regime […] heterossexual e seu culto à generificação binária". Com esse panorama, há de se observar que tais regimes se reconfiguram à medida que novas tecnologias digitais surgem, destacando os ambientes virtuais e aplicativos de relacionamento, os quais começam a exercer a função de extensões e potencializadores desses sistemas de poder.

Atrelada a essa lógica, os regimes de visibilidade são complexas estruturas de poder que hierarquizam, reconhecem e extirpam, por vezes, determinadas expressões e identidades de

gênero. É de suprassuma importância refletir sobre o papel das plataformas de relacionamento, em especial o *Grindr*, como incentivadoras e reestruturadoras desses regimes, inaugurando novas maneiras de exposição, reconhecimento e controle sobre corpos e identidades de gênero. Com a ascensão das mídias digitais, a visibilidade sexual e identitária ganhou novas configurações. As plataformas digitais de relacionamento redefiniram o processo de interação social e afetiva, uma vez que a procura, mediada pelos ambientes virtuais e "aplicativos móveis para fins sexuais/amorosos, mudaram a paisagem sentimental contemporânea" (Pelúcio, 2017, p. 09). Agora, homens "que procuram homens para relacionamentos, os *apps* prometem suavizar os incidentes anódinos da rua, tão previsíveis quanto indesejados (Pelúcio, 2017, p. 09). Essa segurança e conveniência possibilitou massiva adesão às ferramentas *on-line*, haja vista que, ao longo da história, homens homossexuais eram sujeitados à marginalização pública, e, por conseguinte, os ambientes digitais representaram a possibilidade de "buscar um parceiro do mesmo sexo sem se expor no espaço público, ou seja, sem temor, vergonha e, fato a ser sublinhado, sem ter que reconhecer a si mesmo como parte do segmento homossexual" (Pelúcio, 2017, p. 10)

Nessa esteira, essa dinamicidade e facilidade de encontro entre homens homossexuais trouxe complexas negociações de visibilidade. Por um lado, as plataformas digitais dispõem de refúgio frente à forte hostilidade do espaço físico e público; por outro, inauguram novo espaço, destinado às performances de identidade de gênero, além de submeterem seus usuários à lógica de mercado em que a autenticidade é eliminada em prol do ideal de imagem. Isso significa dizer que a subjetividade dos sujeitos que acedem às plataformas de relacionamento virtuais é marcada, necessariamente, pela constante autoavaliação, incessante procura por reconhecimento, validação e visibilidade.

Sob esse viés, há de se mencionar a centralidade do corpo para a configuração desses regimes de visibilidade. Os ambientes virtuais, à medida que modificaram a diligência por parceiros em um regime fundamentado em perfis, estimularam a apresentação de si alinhada aos padrões estéticos e comportamentais específicos. Miskolci (2015, p. 63) argumenta que "a interface dos aplicativos costuma ser a da exposição de um conjunto de fotos, cada uma de um usuário", integradas a dados e categorias como idade, nome, peso, raça e autodescrição, faz com que esse arranjo favoreça uma "a demanda de corporalidade claramente frívola" (Miskolci, 2020, p. 35), em que o corpo se transforma em uma ferramenta de avaliação e um dispositivo de seleção, baseado em parâmetros que reforçam as hierarquias históricas de desejo e de pertencimento. Nesse sentido, o protagonismo do corpo excede o domínio dos atributos físicos,

constituindo-se como norma regulatória das relações interpessoais estabelecidas em plataformas de relacionamento digitais como o *Grindr*.

Nesse sentido, essa lógica de mercado que atravessa esses ambientes digitais faz com que o desejo e o corpo tornem-se produtos passíveis de escambo consoante aos valores estéticos, sexuais e sociais. Isso significa dizer que a procura por parceiros sujeita-se, necessariamente, ao processo de consumo, no qual determinado sujeito se posiciona como cliente, dotado de poder de escolha, em certa medida ilimitado, ao passo que outros usuários se configuram como produtos disponíveis à seleção e ao descarte; no entanto, é importante mencionar que esse "cardápio" é restrito e "criado" a partir de critérios rigorosos, muitas vezes, manifestados em construções como "respondo a ninguém com menos de 1,80m", "nem entre em contato se não for malhado" ou "ignoro mensagens de caras com mais de 25 anos" deixam claro que as interações *on-line*, ao menos entre esses homens, tendem a ser (Miskolci, 2020, p. 35). Essas exigências demonstram que as mídias digitais "induzem usuários […] a imaginarem que o sucesso dependera da criação de um corpo que exige técnicas masculinizantes (Miskolci, 2015, p. 70). Assim, fica evidente que o objetivo central é ser desejável, visível nesses espaços que atuam como arena de competição.

No que concerne, em especial, ao *Grindr*, esse dinamismo das buscas não é fenômeno isolado; estão, intrinsecamente, atrelados à permanência da heterocisnormatividade ainda que em ciberespaços destinados às interações homoeróticas. Ademais,

> a maioria de seus colaboradores não consegue traçar linhas de fuga efetivas, de maneira que o regime sexual que coloca heterossexualidade não só como desejável, mas compulsória, tende a efetivá-los como eternos buscadores. A busca on-line é feita em uma lógica de custo-benefício estrita. Beneficiar-se da heterossexualidade (presumida ou afirmada nas relações cotidianas) é para muitos um bem simbólico que só pode ser arriscado caso o parceiro em potencial apresente ganhos ao outro" (Miskolci, 2017, p. 10).

Tal perspectiva, considerando o *Grindr* como *locus* de sociabilidade *on-line*, demonstra um rearranjo no que tange à visibilidade e ao desejo, inaugurando uma ditadura que fundi o erotismo, vigilância e consumo. A visibilidade estruturadora dessas sociabilizações, guiada pela economia da boa imagem e pela imperativa necessidade de atratividade, converge-se em dispositivo regulador social. O que se revela e o que se desvela é constantemente tensionado pela indigência de se adaptar e reproduzir os padrões heterossexuais. O desejo, instaurado no âmago desse regime, é condicionado à concepção mercantilista que o trespassa e o ajusta, impreterivelmente, explicitando que o valor atribuído a cada representação corporal depende da sujeição aos padrões hegemônicos de virilidade e normatividade.

O aplicativo, nesse contexto, para além de ser um espaço de encontros, opera como vitrine e, ao mesmo tempo, fachada, posto que essa suposta interação entre os usuários camufla e economia própria do *Grindr*, onde as relações, mesmo que não declaradas como comerciais, são subordinadas pela lógica oferta e demanda (e exclusão) que alicerça o capital. Trata-se, assim, de um comércio, cuja referência e moeda de valor é a heterossexualidade – e suas características de dominação, força, virilidade, aparência, performance e desempenho – reforçando que,

> no negócio dos aplicativos, o mercado tem regido relações que não se pretendem ou mesmo se percebem como comerciais. A moeda que se negocia on-line é a heterossexualidade e seus atributos. […] Os desejos digitais sugerem que, no presente, a via se inverte. Pelo seu caráter comercial e sua incitação a uma estética midiática, tende a transformar a busca amorosa em sexual, lançando os usuários numa teia de negociações de capitais diversos (corporal, cultural, simbólico), na qual a barganha se dá nos mesmos termos da clássica fase da 'entrevista', que antecede o intercurso sexual entre trabalhadores/as do sexo e seus fregueses (Miskolci, 2017, p. 11).

A mercantilização digital do corpo, da identidade e do desejo, nessa mesma linha de reflexão, para além de reformular as interações, reconfigura as subjetividades, inserindo regimes de autoavaliação e autocensura, em que os sujeitos se apresentam, avaliam-se, moldam-se e internalizam os padrões impostos pelos próprios usuários no que tange à desejabilidade e ao pertencimento, que, por sua vez, funcionam como mecanismo de exclusão. Outrossim, esse monitoramento constante elege e recusa possíveis parceiros à medida que se baseia, necessariamente, em princípios morais, estéticos, performáticos e normativos,

> ainda que tenham se alargado as possibilidades de encontros para homens que procuram amor e sexo com outros homens, estes têm se dado cercados por recusas, frustrações e regulações que os próprios usuários estabelecem, como uma espécie de filtro moral, excluindo aqueles que não parecem dignos do desejo do outro (Miskolci, 2017, p. 12-13).

Nesse contexto da lógica mercadológica, a procura por parceiros no *Grindr* é condicionada à economia do desejo sexual, visto que a plataforma apresenta um fluxo contínuo de perfis, favorecendo o consumo rápido e descartável, em que corpos são estimados e escolhidos fundamentos no grau de atratividade imediato. Miskolci (2017, p. 86) sublinha que a plataforma "aloca os usuários ao chamado "fast-foda", termo que associa o sexo sem compromisso a refeição rápida", revelando uma dinâmica cujo objetivo de um perfil de determinado usuário é, na maioria das vezes, ser um produto sexual o suficiente para atrair interesse. Ademais, a hipervalorização de determinadas características físicas demonstra que o que o sociólogo brasileiro descreve como "hegemonia do masculino-modelar", a saber

> a hegemonia do masculino-modelar nas autorrepresentações e nos perfis dos parceiros procurados. Os malhados, sarados ou musculosos formam um segmento que prioriza o corpo modelar como sinônimo de masculinidade, o que é adotado midiaticamente como representação hegemônica nos segmentos homossexuais. O modelar envolve mais ser másculo do que 'bonito', ou seja, a generificação convencional do corpo de

> gays é o que os torna desejáveis na gramática das representações vigentes (Miskolci, 2017, p. 192).

Sob essa ótica, constata-se que a conceituação de "hegemonia do masculino-modelar" pode ser vista como como um "um verdadeiro regime disciplinador" (Miskolci, 2017, p. 215), pois valoriza músculos e um ideal hegemônico de físico. Ademais, há de se mencionar que essa masculinidade deve ser observada como um efeito de um biopoder – conceito definido por Michel Foucault (2008, p. 03), que se trata de "um conjunto dos mecanismos pelos quais aquilo que, na espécie humana, constitui suas características biológicas fundamentais, vai poder entrar numa política, numa estratégia política, numa estratégia geral do poder" –, que controla os corpos e prazeres consoante as ferramentas de normalização, fazendo com que os sujeitos que acedem à plataforma de encontros e relacionamento homossexuais reproduzam esse regime disciplinador em que o másculo, viril e definido, isto é, que se enquadram nos parâmetros heterocisnormativos, torne-se a "regra" para aceder ao *Grindr* ao passo que corpos dissidentes – gordos, afeminados, transgêneros, racializados ou etnicizados – são depreciados e alocados à margem do que é passível de atração, erotização, fetichização e desejo.

O entendimento acerca dos regimes de visibilidade em plataformas *on-line*, como o *Grindr*, indica a lógica de exposição não limitada apenas à possibilidade de visibilidade; inscreve-se em um sistema em que a liberdade de aparecer é sujeita ao cumprimento de determinados padrões heterocisnormativos, mediado por performances, categorização e autorrepresentações. Com isso, o corpo torna-se um texto social que necessita, constantemente, ser editado para se ajustar à gramática do desejo e da estética que conduz o ambiente *on-line*, tornando visível não o sujeito que expressa sua identidade e seus atributos livremente e, sim, aquele que molda sua autoimagem consoante às normas hegemônicas.

Nessa dinâmica, o corpo passa a ser uma mercadoria negociável e consumível nesse mercado em que visibilidade torna o desejo em capital. A lógica do *Grindr* reformula as interações afetivas e sexuais, à medida que o valor atribuído a determinado usuário é calculado através aptidão de cativar olhares e que assistam aos padrões de consumo vigentes. Além disso, o aplicativo reitera as hierarquias sociais do mundo *offline* – raça, gênero, corpo – e as intensifica, determinando os corpos legítimos e os corpos ilegítimos. Tal assertiva corrobora com o que Miskolci (2017), em *desejos Digitais: uma análise sociológica da busca de parceiros on-line*, sublinhou, destacando o fato de as novas tecnologias de socialização sexual produzirem esses regimes de visibilidade e a lógica mercadológica do corpo à medida que reforçaram as hierarquias de gênero e identidade, camuflando as desigualdades (Miskolci, 2017).

Assim, ao tomar os regimes de visibilidade, sua relação intricada com as plataformas digitais de relacionamento e a imposição do corpo como produto consumível nesses ambientes virtuais, o próximo desta dissertação encaminha em direção à metodologia abordada que orientaram essa investigação, sendo discutidos os procedimentos que orientaram esta pesquisa, os critérios de seleção dos discursos e o viés dialógico que fundamentou a leitura das performances enunciativas de usuários.

4 O CORPO COMO ACONTECIMENTO DISCURSIVO: PERCURSOS METODOLÓGICOS PARA A ANÁLISE DIALÓGICA

Ao considerar a natureza complexa da pesquisa se impõe, desde o plano metodológico, destaca a recusa por abordagens que circunscrevem um único campo disciplinar ou um regime explicativo unidimensional. Trata-se, assim, de um fenômeno que se constrói na inter-relação entre linguagem, tecnologia, mercado, sexualidade, corpo e gênero, que articula práticas discursivas, dispositivos midiáticos e regimes de visibilidade que não devem ser entendidos a partir de uma única perspectiva teórica. Nesse contexto, adotar uma visão transdisciplinar torna-se exigência metodológica pela própria natureza do objeto, tendo em vista que a análise dialógica dos discursos no *Grindr*, isoladamente, não daria conta das múltiplas camadas simbólicas, sociais e ideológicas que perpassam o aplicativo.

Há de se mencionar que a transdisciplinaridade, tal como compreendida nesta dissertação, não implica a dissociação dos referenciais teóricos nem a justaposição de conceitos e, sim, a constituição de um espaço analítico em que distintas áreas do saber articulam-se em função das demandas exigidas pelo objeto empírico. Lopes (1998, p. 106) observa que "o conhecimento gerado pela transdisciplinaridade não pode ser reduzido a nenhuma disciplina específica dentre as que contribuíram na sua produção: o consenso teórico em que se baseia não pode ser fragmentado com facilidade em suas partes diferentes." Isso permite entender que o conhecimento forjado no interior da minha pesquisa não possui fronteiras rígidas e estabelecidas. Pelo contrário. Constitui-se por zonas de contato em que teorias se entrelaçam indissociavelmente, reforçando a ideia de que esse conhecimento transdisciplinar é gerado no contexto de aplicação […] e depois aplicado ao contexto por um grupo diferente de agentes sociais (Lopes, 1998, p. 106), o que reforça seu caráter situado e relacional, diretamente atrelado às condições concretas de produção e circulação dos discursos analisados.

No que concerne à minha pesquisa, o contexto midiático-digital do *Grindr* constitui o lugar em que os dados foram coletados, além de orientar as escolhas metodológicas, posto que a aplicação funciona como mecanismo que organiza e regula regimes de visibilidade, modos de autoapresentação e de interação, e expectativas de reconhecimento. O estudo transdisciplinar, nesse sentido, proporciona articular as contribuições da Teoria Dialógica do Discurso, dos estudos sociológicos sobre corpo, gênero, sexualidade, masculinidade e das reflexões sobre consumo e mercantilização do desejo e do corpo, sem que nenhuma dessas abordagens sejam elencadas de maneira fragmentada. Lopes (1998, p. 107) assevera que o estudo transdisciplinar é "uma solução particular" e que "pode tornar-se o espaço cognitivo que gerará novas

descobertas […] envolvendo uma junção temporária de tipos de conhecimento (Lopes, 1998, p. 107), demonstrando que essa abordagem é orientada pelo objeto e delimitada pelo recorte analítico para evitar o ecletismo e a dispersão teóricas.

Tal orientação metodológica pressupõe, nessa esteira, a compressão do conhecimento que reconhece a complexidade da inter-relação entre sujeito pesquisador e objeto investigado. Freire (2020, p. 258) demonstra que se trata de

> um sujeito dotado de diferentes níveis de percepção, o qual explora um objeto do conhecimento, formado de diferentes níveis de realidade ou de materialidade; ou seja, um sujeito multidimensional, que busca, pela interação, conhecer uma realidade também multidimensional.

Tal entendimento torna-se fundamental, considerando que os perfis encontrados no *Grindr* se apresentam como composições multimodais que articulam imagens, descrições, categorias corporais e expectativas, que exigem do pesquisador um olhar atento às múltiplas materialidades do discurso. As relações estabelecidas entre sujeito pesquisador e seu objeto pesquisado são, nesse panorama, "imbricadas, interdependentes, tecidas junto, mutáveis, indeterminadas, caracterizadoras de uma realidade dinâmica, mutável, […], interdependente em sua dinâmica operacional […], constituída por níveis de materialidade distintos (Freire, 2020, p. 258). Frente à complexidade, outrossim, o pesquisador se coloca no lugar de observação situada, atravessado por saberes, experiências e valores que incidem sobre o seu gesto analítico e interpretativo. A metodologia, assim, reconhece que a produção de um conhecimento dar-se-á no encontro entre distintos níveis de percepção e de entendimento, o que exige uma postura analítica que reflita e se atente às mediações que formam o olhar lançado sobre *corpus*; no entanto, isso não significa reconhecer que esse processo metodológico compromete o rigor da análise, pelo contrário, demonstra as condições sob as quais sentidos são apreendidos e interpretados.

Ademais, ao estabelecer os perfis do *Grindr* como um objeto de estudo multidimensional, há a necessidade de assumir que os sentidos não se encontram dados de modo imediato; emergem da articulação dos elementos verbais, visuais e contextuais nos quais estão inscritos. Com essa complexidade, a transdisciplinaridade "desconstrói a possibilidade de conhecimento unidimensional, realçando sujeito, objeto e interação, perpassando disciplinas para situar-se entre, através e além delas" (Freire, 2020, p. 259). Esse posicionamento metodológico possibilita entender os discursos analisados como manifestações individuais de preferências ou gostos e como enunciados socialmente situados, perpassados por normas de visibilidade, hierarquias corporais e valores ideológicos que se estabilizam e se (re)produzem no interior das plataformas digitais. Assim, a metodologia adotada busca apreender os sentidos

em circulação a partir da articulação entre linguagem, mídia e corpo, reconhecendo que esses elementos se constituem mutuamente.

Ao partir dessa premissa, a opção metodológica desta pesquisa inscreve-se em uma tradição de estudos que compreende o conhecimento como processo interpretativo, situado e historicamente condicionado, em que sentidos não são apreendidos como dados objetivos, mas como construções simbólicas produzidas nas interações sociais. A análise dos discursos veiculados em plataformas digitais de relacionamento, como o *Grindr*, exige, portanto, um olhar atento às singularidades dos contextos de produção e às formas pelas quais os sujeitos significam a si mesmos e ao outro em condições específicas de interação. Tal perspectiva desloca o foco da explicação causal à compreensão da maneira de construção de sentido, reconhecendo que os fenômenos investigados se configuram por meio de práticas sociais concretas, atravessadas por valores, normas e historicidades diversas, o que justifica sua inserção no campo das Ciências Humanas.

Há de se destacar que a área das Ciências Humanas é o campo do conhecimento que se dedica a compreender o indivíduo em suas dimensões histórica, social, cultural, simbólica e subjetiva. Seu intuito norteador é o ser humano em suas diversas e interligadas dimensões sociais, culturais, históricas e subjetivas, dedicando-se à compreensão de eventos singulares à análise de circunstâncias específicas e à exegese de sentidos que sujeitos atribuem às suas experiências e interações. Nesse sentido, investigar fenômenos que não sejam de condições controladas, como, por exemplo, os das ciências naturais e das ciências exatas, exige do pesquisador a incorporação de abordagens metodológicas rigorosas e intensamente sensíveis às riquezas, à fluidez e às subjetividades intrínsecas à experiência dos seres humanos. Nesse horizonte, a pesquisa qualitativa surge como instrumento metodológico potente à medida que oferece sustentação para uma exploração minuciosa desses fenômenos, pois ela "privilegia a análise de microprocessos, através do estudo das ações sociais individuais e grupais, realizando um exame intensivo dos dados, e caracterizada pela heterodoxia no momento da análise" (Martins, 2004, p. 289). Tal viés analítico desvela as nuances, os sentidos implícitos e explícitos, as intricadas relações da complexa vida social.

Nessa perspectiva, a escolha do tema de pesquisa, a formulação dos objetivos que as guia, escolha das fontes e do *corpus* e, impreterivelmente, a análise e interpretação dos dados constituem-se como processos imbuídos de valores, crenças e visões do pesquisador. A noção de uma neutralidade axiológica é, para tanto, um mito, visto que o pesquisador se reconhece como agente ativo e integrante de seu estudo, impondo uma reflexão ética e (auto)crítica sobre a implicação e responsabilidade da investigação, pois "não é possível ignorar a influência da

posição, da história biográfica, da educação, interesses e preconceitos do pesquisador" (Martins, 2004, p. 292). Ademais, a proximidade do pesquisador com os investigados significa um método valioso, pois possibilita, quando administrada com rigor, criticidade e reflexividade dos atores sociais de modo legítimo e profundo, que o investigador tenha acesso e interprete os sentidos produzidos nas interações, entendendo as dinâmicas afetivas e discursivas que perpassam as práticas sociais e aspectos de subjetivação dos participantes. Logo, entender o lugar do pesquisador e compreender a iminência da impossível neutralidade convertem-se em linha de partida necessária à reflexão das mudanças nas práticas investigativas hodiernas; no entanto, quando o levantamento científico migra para o ambiente digital – lugar cujas interações, afetos e performances identitárias adquirem outras configurações –, a obrigação com a ética, metodologia e reflexão expandem-se e demandam estratégias que propiciem apreender o funcionamento específico do ciberespaço.

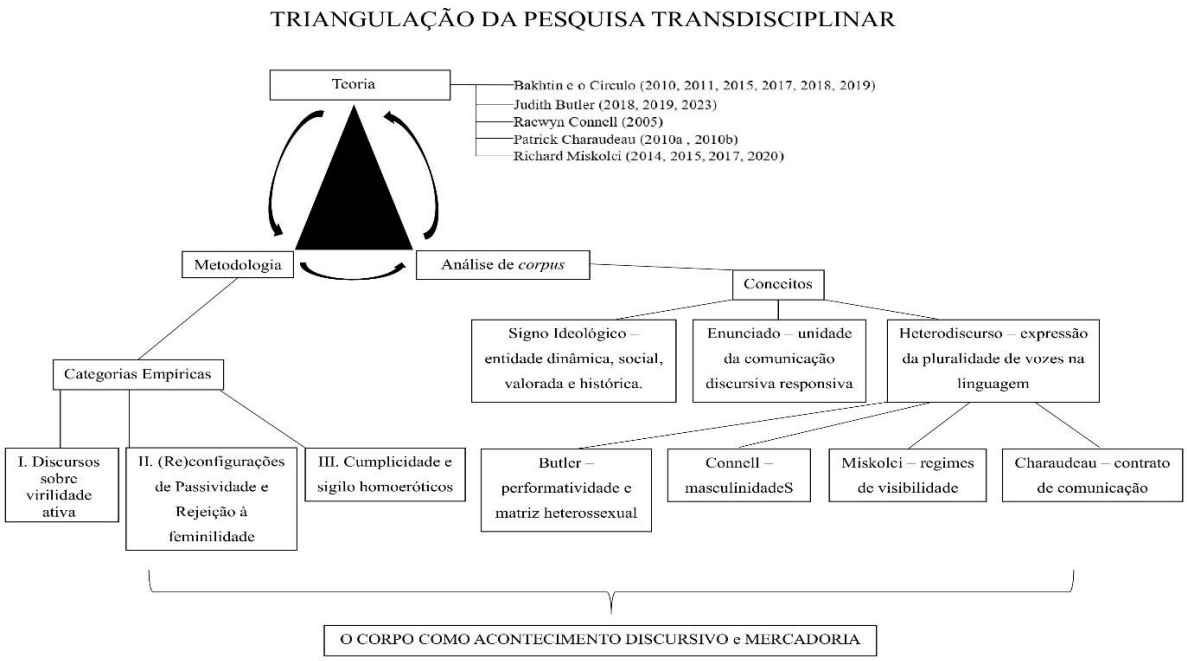
Nesse contexto, minha dissertação, a âmbito metodológico, configura-se como uma pesquisa de natureza aplicada, considerando que se orienta pela produção de conhecimento teórico e interpretativo acerca dos fenômenos discursivos que atravessam os regimes de visibilidade do aplicativo *Grindr*. O interesse central reside na compreensão dos sentidos, valores e ideologias que se materializam nos discursos analisados, contribuindo para o aprofundamento das discussões no campo dos Estudos da Linguagem e das Ciências Humanas.

No que concerne ao método de abordado, minha pesquisa adota uma perspectiva indutiva, porque parte da observação e da análise de enunciados concretos — advindos dos perfis de usuários do aplicativo — para, a partir deles, construir interpretações mais amplas sobre os discursos, disputas axiológicas e processos de significação que estruturam as performances de masculinidade na aplicação. Assim, as reflexões teóricas não são previamente impostas ao *corpus*; surgem do contato sistemático com os dados empíricos, respeitando sua singularidade, historicidade e inserção sócio-ideológica.

Nesse sentido, ao adotar uma perspectiva indutiva que parte da materialidade dos enunciados para a construção de interpretações mais amplas, torna-se necessário explicitar de forma mais sistemática o modo como se organiza o percurso metodológico da minha investigação. Longe de se estruturar de maneira linear ou sequencial, o caminho analítico aqui proposto funda-se na articulação dinâmica entre diferentes dimensões que se interpenetram continuamente, exigindo um dispositivo capaz de evidenciar tais relações. Assim, recorro ao princípio da triangulação como operador teórico-metodológico-analítico, por meio do qual se torna possível compreender a interdependência entre os aportes teóricos mobilizados, as escolhas metodológicas empreendidas e os procedimentos de análise do *corpus*. A figura a

seguir sintetiza esse movimento, apresentando, de forma esquemática, os eixos que sustentam a construção analítica desenvolvida nesta pesquisa.

Figura 1 – Triangulação da Pesquisa Transdisciplinar



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador

A representação esquemática apresentada materializa, sob uma forma sintética e visualmente articulada, o princípio da triangulação como fundamento epistemológico desta investigação de natureza transdisciplinar, evidenciando não apenas uma organização procedimental, mas, sobretudo, um gesto teórico-metodológico que recusa a linearidade simplificadora e assume a interdependência dinâmica entre teoria, metodologia e análise. Nesse enquadramento, a triangulação não se reduz a um expediente de validação, mas se configura como um dispositivo heurístico que sustenta a própria produção de inteligibilidade do objeto, permitindo apreendê-lo em sua complexidade constitutiva, atravessada por múltiplas determinações discursivas, sociais e históricas.

O primeiro vértice dessa arquitetura se ancora no domínio da teoria, no qual se inscreve um conjunto de autores cujas contribuições, embora oriundas de tradições distintas, são mobilizadas em chave dialógica. Nesse horizonte, Mikhail Bakhtin e o Círculo (2010, 2011, 2015, 2017, 2018, 2019) oferecem a base ontológica para a compreensão da linguagem como prática social, histórica e axiologicamente orientada, deslocando a análise para o plano das relações discursivas. Em articulação com esse quadro, Judith Butler (2018, 2019, 2023) tensiona os regimes de naturalização do gênero ao propor a performatividade como efeito

reiterativo de normas, enquanto Raewyn Connell (2005) introduz a noção de masculinidades como configurações hierarquizadas e socialmente situadas. Por sua vez, Patrick Charaudeau (2010a, 2010b) contribui com a formalização das condições de produção do discurso, particularmente por meio do conceito de contrato de comunicação, ao passo que Richard Miskolci (2014, 2015, 2017, 2020) desloca tais problematizações para o contexto das sociabilidades mediadas por tecnologias digitais, enfatizando os regimes de visibilidade que regulam a exposição e a legibilidade dos corpos. A reunião desses aportes não se dá por justaposição, mas por uma operação de tensionamento produtivo, na qual diferentes perspectivas são convocadas a dialogar, produzindo um campo teórico heterogêneo e relacional.

A transição para o segundo vértice — a metodologia — não se realiza como mera aplicação instrumental dos referenciais teóricos, mas como um processo de transposição crítica, no qual tais referenciais são reconfigurados em operadores analíticos capazes de orientar a leitura do *corpus*. É nesse movimento que se constituem as categorias empíricas, entendidas não como estruturas apriorísticas, mas como construções analíticas emergentes da interlocução entre o material empírico e o arcabouço teórico. As categorias delineadas — (I) discursos sobre virilidade ativa, (II) (re)configurações de passividade e rejeição à feminilidade e (III) cumplicidade e sigilo homoeróticos — evidenciam uma tentativa de captar não apenas regularidades discursivas, mas também zonas de tensão, ambivalência e negociação de sentidos. Tal procedimento metodológico implica reconhecer que as categorias não encerram o fenômeno, mas operam como dispositivos de visibilização, permitindo a apreensão de recorrências e deslocamentos que atravessam os enunciados analisados.

O terceiro vértice, correspondente à análise de *corpus*, não deve ser compreendido como etapa final ou conclusiva, mas como espaço de rearticulação contínua entre teoria e metodologia, no qual ambas são permanentemente tensionadas pela materialidade discursiva. Trata-se, portanto, de um campo de retroalimentação, no qual os pressupostos teóricos são testados, refinados e, quando necessário, reconfigurados à luz dos dados. É nesse plano que se mobilizam, de modo mais sistemático, os conceitos bakhtinianos de signo ideológico, enunciado e heterodiscurso, os quais funcionam como operadores privilegiados de leitura.

O signo ideológico é concebido como uma entidade dinâmica, socialmente valorada e historicamente situada, o que permite compreender que os elementos linguísticos presentes no *corpus* não são neutros, mas constituem índices de posicionamentos axiológicos em disputa. Assim, as escolhas lexicais, as formas de nomeação e os modos de qualificação dos sujeitos e de seus corpos são interpretados como manifestações de valores que atravessam e organizam o campo discursivo. O enunciado, por sua vez, é tomado como unidade concreta da comunicação

discursiva, caracterizada por sua inserção em cadeias responsivas, o que implica reconhecer que cada enunciado analisado se constitui em relação a outros já produzidos e se orienta para respostas possíveis, inscrevendo-se em uma dinâmica de alteridade constitutiva. Essa perspectiva desloca a análise de uma abordagem isolacionista para uma compreensão relacional e processual do discurso.

No que concerne ao heterodiscurso, sua mobilização adquire centralidade analítica, na medida em que permite apreender a pluralidade de vozes que atravessam os enunciados, evidenciando a coexistência de diferentes perspectivas, valores e regimes de verdade no interior do discurso. Nesse ponto, a análise avança ao articular tais vozes às contribuições dos autores mobilizados no referencial teórico, de modo que estes deixam de ocupar uma posição externa e passam a funcionar como vozes que dialogam com o *corpus*. Desse modo, as formulações de Butler acerca da performatividade, de Connell sobre as masculinidades, de Miskolci sobre os regimes de visibilidade e de Charaudeau sobre o contrato de comunicação são incorporadas como instâncias discursivas que tensionam e iluminam os dados empíricos, produzindo uma leitura polifônica. Tal operação analítica dissolve a dicotomia entre teoria e análise, instaurando um espaço em que ambas se entrelaçam e se co-constituem.

Por fim, a formulação-síntese apresentada — "o corpo como acontecimento discursivo e mercadoria" — condensa o percurso analítico desenvolvido, indicando que o corpo, longe de ser um dado natural ou pré-discursivo, é compreendido como efeito de práticas discursivas que o produzem, regulam e significam, ao mesmo tempo em que se insere em lógicas de circulação e valorização típicas de regimes mercadológicos contemporâneos. Tal compreensão só se torna possível a partir da triangulação estabelecida, uma vez que é na articulação entre teoria, metodologia e análise que se constrói um olhar capaz de apreender o corpo em sua dupla inscrição — simbólica e econômica.

Em termos mais amplos, a estrutura apresentada evidencia uma concepção de pesquisa que assume o conhecimento como produção situada, relacional e processual, na qual os diferentes níveis de análise se implicam mutuamente. A triangulação, nesse contexto, não se limita a um procedimento técnico, mas se constitui como a própria condição de possibilidade de uma abordagem analítica sensível à complexidade dos fenômenos discursivos contemporâneos, permitindo que se evidenciem as múltiplas camadas de sentido que atravessam a construção discursiva dos corpos e das masculinidades no *corpus* investigado.

Quanto aos objetivos, trata-se de uma investigação de caráter exploratório-descritivo, à medida que busca explorar um objeto ainda pouco investigado no campo da Teoria Dialógica do Discurso — os perfis de aplicativos homoeróticos enquanto enunciados concretos –, além

de descrever e analisar os modos pelos quais os sujeitos se autoapresentam e mobilizam valores associados à virilidade, à rejeição da feminilidade, ao sigilo e à desejabilidade corporal. A dimensão exploratória possibilita refletir sobre as recorrências, tensões e estratégias discursivas, enquanto a dimensão descritiva possibilita explicitar o funcionamento dessas enunciações em sua materialidade linguístico-discursiva.

A partir dessa organização, torna-se possível deslocar a reflexão do plano mais amplo da fundamentação teórico-metodológica para a explicitação dos procedimentos que orientam a condução da pesquisa. Se, por um lado, a triangulação evidencia a articulação dinâmica entre teoria, metodologia e análise, por outro, impõe a necessidade de detalhar como essa articulação se materializa em termos operacionais, sobretudo no que concerne à definição dos objetivos, à delimitação do *corpus* e aos critérios analíticos adotados. Desse modo, a seguir, apresento a caracterização dos objetivos da investigação, compreendidos como elementos que direcionam o olhar analítico e organizam o percurso interpretativo empreendido

No que diz respeito aos procedimentos técnicos, minha pesquisa articula uma abordagem bibliográfica e documental. É bibliográfica, porque se ancora em um consistente arcabouço teórico, mobilizando autores como Bakhtin e o Círculo (2010, 2011, 2015, 2017, 2018, 2019), Judith Butler (2018, 2019, 2023), Raewyn Connell (2005), Patrick Charaudeau (2010a, 2010b) e Richard Miskolci (2014, 2015, 2017, 2020), cujas contribuições sustentam a análise dos discursos, das performances de gênero e dos regimes de visibilidade. Simultaneamente, caracteriza-se como documental, pois o *corpus* é constituído por enunciados concretos disponíveis em perfis do aplicativo *Grindr*, entendidos como documentos digitais que registram práticas discursivas situadas historicamente e atravessadas por valores sociais, ideológicos e culturais.

Por fim, quanto à abordagem do problema, minha investigação insere-se no campo da pesquisa qualitativa, tendo em vista que não se preocupa com mensurações numéricas ou generalizações estatísticas e, sim, da reflexão aprofundada dos sentidos, das relações dialógicas e dos processos de significação que surgem nas interações mediadas na e pela plataforma. A abordagem qualitativa permite compreender a complexidade dos fenômenos discursivos analisados, ponderando as condições de produção, circulação e reconhecimento dos enunciados, bem como as implicações ideológicas e históricas que perpassam as performances de gênero e os regimes de visibilidade no *Grindr*.

As questões concernentes à ética possuem grande relevância quando se trata da pesquisa com dados coletados em ambientes digitais, proteção à privacidade dos participantes e a indispensabilidade do respeito aos direitos basilares de cada indivíduo, necessariamente em

contextos cujo limite entre público e privado é tênue. Plataformas como o *Grindr*, aplicativo de relacionamento usado como base para a construção dessa pesquisa, utilizam-se de espaços de sociabilidade, expressão de identidade e desejo, oferecendo dados públicos e acessíveis que, no entanto, carecem de reflexões e olhares cuidadosos e criteriosos. Torna-se imperativo, para tanto, que a adoção de uma postura por parte do investigador seja ética, metodologicamente responsável e que equilibre acesso à as informações e compromisso de não violar privacidade e dignidades dos sujeitos envolvidos. Ainda que os dados estejam atrelados a um espaço que ampla exposição de experiências subjetivas, identidades e modos de expressão, reconhece-se que tais informações demandam respeito, sigilo e cuidado interpretativo.

A fim de garantir ética na condução da minha investigação, identifiquei-me explicitamente no *Grindr*, afastando quaisquer possibilidades de análise encobertas ou disfarçadas. Ademais, para análise não deixei nomes e outros dados sensíveis, como localização, idade, peso altura, tipo de corpo etc. que possibilitem individualizar os sujeitos, mantendo total anonimização e proteção totais dos dados que nesta dissertação foram analisados. Tal método assiste ao princípio da não maleficência, a qual orienta toda a pesquisa científica, cujo intuito é não causar danos ou riscos aos participantes ainda que se trata de um ambiente digital.

Nesse sentido, minha investigação fundamentou-se em parâmetros de respeito à dignidade humana, à privacidade e à integridade dos sujeitos, preservando a conformidade com os marcos legais que regulam a pesquisa cientifica em plataformas digitais. Meu estudo desenvolveu-se tendo em vista a análise dialógica de discursos e descrições disponíveis nos perfis do *Grindr*, cuja atenção se direcionou na compreensão das performances de masculinidade, da caracterização dos atributos físicos e da reiteração de regimes heterocisnormativos na construção de uma autoapresentação e do desejo.

Com esse panorama, entender a ética como dimensão imanente ao funcionamento de discursos em ambientes digitais é reconhecer que todo discurso *on-line* se dá em coautoria, na tessitura das vozes que compõem os dispositivos técnicos que engendram a visibilidade dos enunciados. A postura ética do pesquisador não é limitada, nesse sentido, a apenas um compromisso formal de confidencialidade, mas de um dever de reinscrever os discursos analisados em novas condições de produção com responsabilidade interpretativa, compreendendo que o olhar analítico se volte às condições materiais e tecnológicas no qual esses enunciados circulam, além de reconhecer neles a indissolubilidade entre linguagem, sujeito e meio.

Como desdobramento dessa concepção, a pesquisa delineou-se como observacional, fundamentada na possibilidade "de descrição e compreensão do funcionamento deste espaço, além da identificação de comportamentos que podem ser categorizados, revelando detalhes da interação pessoa-ambiente" (Alves *et al*, 1999, p. 293); documental e não interativa, na qual

> o procedimento de análise documental é aquele em que o pesquisador não participa diretamente da construção das informações e dos dados analisados no decorrer da pesquisa. Cabe ao procedimento de análise documental, entretanto, circunscrever o que será considerado documento e com que arcabouço epistemológico realizará sua abordagem (Grazziotin; Queiroz, 2022, p. 06).

Com isso, o *corpus* foi composto, necessariamente, por dados tornados públicos pelos próprios usuários, acessíveis sem necessidade de autorização ou quaisquer tipos de vínculo, em conformidade, assim, com o princípio da não interferência nas dinâmicas do ambiente virtual. Em observância com os pressupostos da Teoria Dialógica do Discurso, o foco recai sobre modos de produção de sentidos e não sobre os indivíduos específicos, prevenindo qualquer possibilidade de identificação pessoal. Todos os dados coletados foram TOTALMENTE anonimizados, de modo a eliminar qualquer associação direta ou indireta a perfis específicos. Não foram utilizados nomes, imagens, localização, *links*, ou outras informações que tornem possível o rastreamento dos discursos analisados dos usuários do aplicativo. Esse cuidado segue o disposto no artigo 5°, inciso XI, da Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (Lei n° 13.709/2018), que define a "anonimização: utilização de meios técnicos razoáveis e disponíveis no momento do tratamento, por meio dos quais um dado perde a possibilidade de associação, direta ou indireta, a um indivíduo" (Brasil. Lei n.°13.709, 2018).

Portanto, os dados empíricos foram examinados APENAS em sua dimensão discursiva, preservando integralmente privacidade e dignidade dos usuários, estando dispensada de apreciação pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP). Para além do disposto na referida lei, à luz da Resolução n.º 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, notadamente em seu Art. 1º, incisos II e VII,

> dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes ou de informações identificáveis ou que possam acarretar riscos maiores do que os existentes na vida cotidiana, na forma definida nesta Resolução. II – pesquisa que utilize informações de acesso público, nos termos da Lei n o 12.527, de 18 de novembro de 2011; e VII – pesquisa que objetiva o aprofundamento teórico de situações que emergem espontânea e contingencialmente na prática profissional, desde que não revelem dados que possam identificar o sujeito (Brasil. Resolução n.º 510, 2016).

O respaldo legal e ético da pesquisa é, além disso, amparado pela LGPD, em seus artigos 7º, §4º, o qual esclarece que "o tratamento de dados pessoais somente poderá ser realizado nas seguintes hipóteses: […] IV – para a realização de estudos por órgão de pesquisa, garantida,

sempre que possível, a anonimização dos dados pessoais" (Brasil. Lei n.º 13.709, 2018, art. 7° inc. IV), e Artigo 11º, II, "c", destacando que

> o tratamento de dados pessoais sensíveis somente poderá ocorrer nas seguintes hipóteses: sem fornecimento de consentimento do titular, nas hipóteses em que for indispensável para: c) realização de estudos por órgão de pesquisa, garantida, sempre que possível, a anonimização dos dados pessoais sensíveis (Brasil. Lei n.º 13.709, 2018, art. 11°, inc. II "c").

Por fim, a Constituição Federal de 1988, no artigo 5°, inciso X, define que

> Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes: IV — é livre a manifestação do pensamento, sendo vedado o anonimato (Brasil, 1988, art. 5°, inc. X).

Em suma, a pesquisa manteve teor ético e legal ao delimitar sua atuação à análise de dados totalmente anonimizados, mantendo a privacidade e dignidade dos usuários do *Grindr*. A partir do que foi disposto acerca das leis de proteção de dados e de privacidade, meu enquadramento garantiu que a investigação se concentrasse na compreensão das performances de masculinidade, caracterização de atributos físicos e reiteração de regimes heterocisnormativos de gênero, preparando o terreno para os procedimentos metodológicos que se seguirão, bem como a análise do *corpus*.

Com o intuito de aprofundar minhas reflexões dos discursos encontrados em perfis de usuários do aplicativo *Grindr*, há de se destacar que a literatura aqui selecionada se apoiou em uma base conceitual, interligada e de caráter complementar: a Teoria Dialógica do Discurso de Bakhtin e o Círculo (2010, 2011, 2015, 2017, 2018, 2019) e as contribuições de Gênero, Corpos e Sexualidade desenvolvidas, com especial atenção, por Judith Butler (2018, 2019, 2023), Raewyn Connell (2005) e Richard Miskolci (2014, 2015, 2017, 2020), o que permitiu um entendimento multifacetado das construções autoidentitária e das performances de masculinidade expressas por meio da linguagem nos perfis.

As reflexões trazidas a essa dissertação sobre a abordagem dialógica de Mikhail Bakhtin e o Círculo (2010, 2011, 2015, 2017, 2018, 2019) são imprescindíveis à compreensão dos sentidos construídos no *Grindr*, haja vista que a linguagem, em contraste com a visão de um sistema neutro, é um fenômeno social, ideológico ontologicamente relacionado aos valores das interações sociais. Ao dar ênfase ao enunciado, concebido como a materialidade concreta dos signos ideológicos, há de se mencionar que toda interação discursiva inscreve-se no campo do dialogismo à medida que ele emerge do diálogo entre vozes heterogêneas, constituindo-se como *locus* de inscrição do heterodiscurso, no qual diferentes posições axiológicas e ideologias entrecruzam-se e se tensionam, proporcionando uma reflexão acerca das disputas de sentidos,

valorações das interações discursivas além de ser crucial para entender o modo com o qual as vozes condicionam autoapresentações e percepções do outro no contexto da aplicação.

Butler (2018, 2019, 2023), ao contribuir com suas reflexões sobre performatividade de gênero, ofereceu uma ótica analítica essencial para estudar como identidades de gênero são constituídas e reiteradas no *Grindr*. Ao sustentar que o gênero é resultado de instituições, práticas e discursos repetitivos e regulatórios – e não como uma essência inata e biológica pré-definida –, possibilitou observar as performances como atos que se realizam e reforçam normas sociais. Com isso, expectativas e códigos que engendram uma apresentação do corpo e de uma sexualidade demonstram o fato de que heterossexualidades compulsórias e outras normatividades intervêm, necessariamente, na restrição ou na validação de determinadas formas de expressão de gênero e sexualidade.

Por sua vez, as contribuições teóricas de Connell (2005), no que concerne, especialmente, às masculinidades, revelaram-se indispensáveis para examinar as hierarquias de gênero e as formas de ser homens no contexto do aplicativo supracitado. Suas contribuições permitiram identificar que existem padrões dominantes que incidem sobre a configuração dos corpos e comportamentos, elucidando que há masculinidades dominantes em detrimento daquelas que vivenciam opressão, estigmatização e violência no universo homossexual masculino, estabelecendo fronteiras sociais e associando, necessariamente, a homossexualidade à feminilidade que, por conseguinte, revelou as dinâmicas de poder, negociações de identidade e sexualidade.

Por fim, as reflexões de Miskolci (2014, 2015, 2017, 2020) foram incorporadas, pois permitiram entender o *Grindr* como um ambiente em que a produção de regimes de visibilidade não apenas expressa como também estrutura hierarquias de corpo, gênero e desejo. Suas contribuições proporcionaram uma análise mais crítica dos discursos presentes na plataforma, trazendo à tona as ferramentas discursivas que dão a certos corpos legitimidade, desejabilidade e visibilidade, inserindo corpos dissidentes na abjeção, impondo-lhes o silenciamento. Além disso, pude entender que, para além de um aplicativo em que se (re)produzem regimes de visibilidade, o corpo, à medida que é esvaziado de sua singularidade e reduzido a um objeto de troca, é convertido em mercadoria de desejo, sendo avaliado, consumido consoante às normas do mercado erótico que reduzem essa necessidade de visibilidade em capital e moeda de troca.

Primeiramente, reconheço a suma importância de destacar que a coleta de dados foi realizada em março de 2025 e em outubro de 2025, correspondendo, respectivamente, às versões 25.3.0 e 25.16.0. Nesse intervalo de tempo entre a busca, a plataforma passou por atualizações relevantes em sua interface e determinadas funcionalidades, o que impactou

diretamente a apresentação visual e estrutural da interface e dos perfis. Em decorrência disso, as capturas de tela registradas apresentam diferenças, refletindo as modificações na disposição das informações.

Nessa perspectiva, a criação de um perfil no *Grindr* consiste em algumas etapas que compõem a presença de um usuário do aplicativo. Inicialmente, necessitei instalar a plataforma em meu dispositivo móvel, disponível tanto na *App Store* quanto na *Google Play*. Ao abrir o aplicativo, tive que iniciar um cadastro, em que pude escolher entre utilizar meu *e-mail*, número de telefone ou criar a conta/entrar via redes sociais. Durante esse processo, preenchi dados e informações básicas como apelido, termo que deseja aparecer aos demais usuários, e a data de nascimento, além de aceitar os Termos de Uso e da Política de Privacidade da Plataforma.

Muito antes de criar uma conta no *Grindr* enquanto pesquisador, eu, a partir de conversas com minha orientadora, indaguei meus procedimentos no aplicativo. Seria apropriado eu informar que era pesquisador? Deveria eu utilizar fotos no perfil? Seria correto, do ponto de vista legal e ético, que os usuários visualizassem meu perfil sem o conhecimento de que se tratava de um perfil cujo fim era a pesquisa acadêmica? Assim, sabendo que o acesso à plataforma provocaria efeitos em mim assim como eu a faria também, decidi realizar um perfil em que minha presença fosse similar à dos demais usuários, de modo a tornar meu perfil mais credível e não parecer um falso ou artificioso, como pode ser visto na imagem (Figura 2) que se segue

Figura 2: cópia do meu perfil no *Grindr*



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador

Nesse sentido, escolhi preencher algumas informações: inseri uma foto de perfil, um nome, preenchido com a palavra *Pesquisador*, categoria "Sobre mim", cujo texto foi cuidadosamente elaborado com os dizeres: "*Mestrando em Estudos da Linguagem pelo PPGLetras da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, investigando enunciados na*

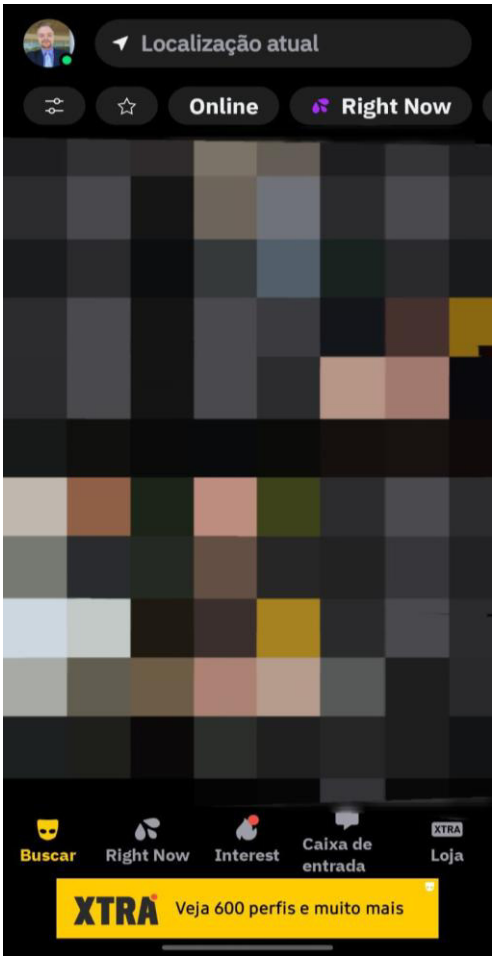
perspectiva dialógica do discurso". Além desses elementos caracterizadores, preenchi os campos altura, peso, porte físico, gênero, pronomes, posição sexual, raça e *status* de relacionamento, trazendo legitimidade ao perfil e garantia de que eu era um usuário verossímil. Ademais, como pesquisador e estudioso de Bakhtin, reconheço que a neutralidade não existe, pois o cientista, necessariamente, à medida que se insere em uma teia de sentidos, ideologias e múltiplas vozes, é atravessado pela experiência do objeto que investiga. Isso significa dizer que diversos sentimentos e emoções me atravessariam durante a coleta em campo, razão pela qual, também, decidi me colocar explicitamente no *Grindr*, como um usuário que realiza uma performance de si.

Com o intuito de preservar a identidade dos perfis dos usuários e discursos coletados, tomei certos cuidados. Escolhi apresentá-los de modo que somente enunciados que tematizam a virilidade, as (re)configurações de passividade, a rejeição à feminilidade e os modos de cumplicidade e sigilo que perpassam o homoerotismo, entendidos como discursos recorrentes, em larga escala, que reforçam sentidos acerca do corpo e do desejo masculino, aparecessem. Desse modo, dados sensíveis, como foto, nome, localização e categorias específicas do *Grindr*, como peso, altura, raça, gênero, pronomes, posição sexual, *tags*, tribos e afins, foram totalmente anonimizados. Escolhi, para essa tarefa, inserir uma tarja preta na foto daqueles perfis que a apresentam e borrar, por meio do efeito de pixelização[9], demais informações, com o objetivo de que as pessoalidades de cada sujeito e seu respectivo perfil não fossem e não pudessem ser associados a qualquer usuário do aplicativo, respeitando o princípio ético e legal que nesta seção foi delineado.

Após o preenchimento das minhas informações, partindo do pressuposto da não interação com os usuários, acedi à primeira interface do aplicativo, em que aparecem diversos perfis de diferentes usuários, conforme a imagem (Figura 3):

[9] Esse efeito consiste em aumentar o tamanho dos pixels de uma imagem, tornando-o perceptíveis e quadrados, resultando na perda de detalhes e visibilidade

Figura 3: Primeira interface do aplicativo *Grindr*, ao criar uma conta



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador

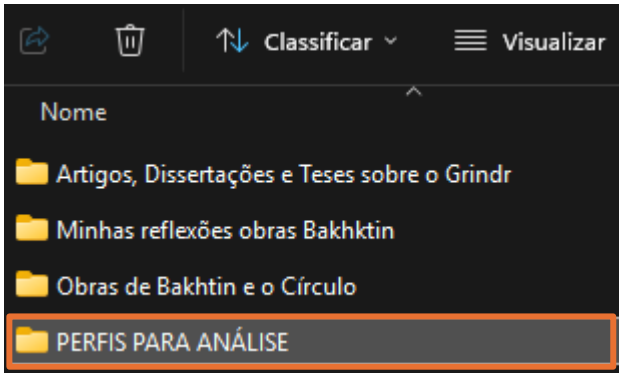
Ao iniciar minha busca ativa no *Grindr*, cliquei, inicialmente, no primeiro perfil que me foi disponibilizado na interface, sendo que os usuários são apresentados e ordenados consoante a proximidade de localização comigo. Ao abrir esse perfil primeiro, utilizei-me do recurso de deslizar para a esquerda para observar os demais perfis, o qual descomplicou minha experiência com o aplicativo, haja vista que excluía a necessidade de minimizar cada perfil e clicar manualmente naquele que se seguia. Tal funcionalidade, além de tornar a exploração pelo ambiente mais fluida, proporcionou-me maior interação e imersão no campo de pesquisa, concentrando minha atenção naqueles perfis cujo modo de apresentação dialogavam com a minha investigação científica, propiciando uma coleta mais eficaz e que mantivesse um fluxo observacional constante.

Os perfis selecionados foram aqueles em que os usuários apresentavam discursos sobre sua virilidade, autoapresentações como homens ativos, másculos e sexualmente dominantes, (re)estabeleciam configurações de passividade, rejeitando quaisquer características atreladas à feminilidade tanto em si próprios com em outros usuários, além da cumplicidade e sigilo

homoeróticos. A recorrência dessas construções se refere à forma como esses enunciados interagem com e respondem aos ideais de masculinidade da hegemonia cis, reforçando padrões normativos e que operam como estratégias discursivas cujo objetivo é performar uma identidade que expressa dominância e conformidade com a lógica binária de gênero para possuir visibilidade que transforma, por conseguinte, o corpo e o sujeito em mercadoria, passível de apreciação, desejo e classificação.

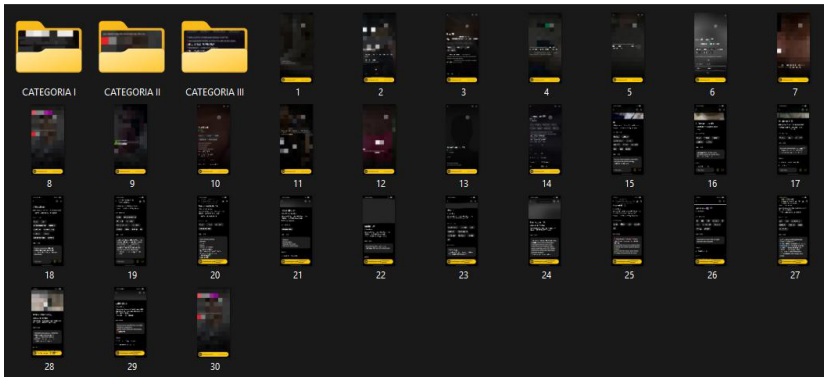
Há de mencionar que a busca foi realizada em dois períodos do ano de 2025, a saber: o primeiro ocorreu durante oito (08) dias no mês de março e o segundo, durante dez (10) dias do mês de outubro. O levantamento foi feito em diferentes horários, meses e em diversos dias a fim de garantir uma maior diversidade de perfis. A construção do *corpus* desta investigação resultou na coleta de 30 perfis do *Grindr*, escolhidos através de um recorte empírico que foi sistematicamente separado nas seguintes categorias analíticas: (I) discursos sobre a virilidade ativa, (II) (re)configurações de passividade e rejeição à feminilidade e (III) cumplicidade e sigilo homoeróticos. Após a organização desses perfis em uma pasta intitulada "PERFIS PARA ANÁLISE", localizada em meu *smartphone*, enviei-a ao meu *notebook*, que ficou na pasta Dissertação" em meu explorador de arquivos. Além disso, na pasta "PERFIS PARA ANÁLISE, inseri os 30 perfis selecionados e criei três subpastas correspondentes às categorias definidas à análise, sendo: CATEDORIA I, CATEGORIA II, CATEGORIA III, como exemplificado nas imagens (Figuras 4 e 5) a seguir:

Figura 4: Pasta PERFIS PARA ANÁLISE



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador

Figura 5: Perfis e Subpastas



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador

Entretanto, minha análise propriamente dita concentrou-se em apenas dois perfis de cada categoria, totalizando seis (06) perfis analisados em profundidade, sendo dois (02) para cada categoria analítica. Essa escolha metodológica não se configurou como uma redução arbitrária do *corpus*, tampouco como uma limitação empírica, mas como um recorte analítico deliberado, coerente com os pressupostos teórico-metodológicos que orientaram a investigação. Ancorada na perspectiva dialógica do discurso, minha investigação compreendeu o enunciado como acontecimento singular, historicamente situado e axiologicamente saturado, o que exigiu uma análise que privilegiou a densidade interpretativa, a compreensão minuciosa das estratégias discursivas e a atenção às tensões e refrações ideológicas que se manifestam em cada ocorrência enunciativa.

A seleção dos seis perfis analisados obedeceu a critérios rigorosos e internos ao próprio *corpus*. Em primeiro lugar, foram escolhidos perfis nos quais os traços discursivos característicos de cada categoria se apresentavam de forma particularmente explícita, recorrente e concentrada. Ou seja, optei por discursos que condensassem, de maneira clara, os valores, as posições axiológicas, as estratégias de visibilidade e os modos de construção do corpo e do desejo que haviam sido previamente identificados no conjunto mais amplo dos 30 perfis. Essa escolha objetivou tornar analiticamente visíveis os funcionamentos discursivos centrais de cada categoria, evitando casos limítrofes ou excessivamente ambíguos que poderiam obscurecer a compreensão dos enunciados em jogo.

Em segundo lugar, a opção por dois perfis em cada categoria atendeu à necessidade de estabelecer um contraste interno controlado. A análise de um único perfil por categoria poderia conduzir a uma leitura excessivamente particularizada, atribuindo a um caso isolado um estatuto indevido de generalidade. Ao selecionar dois perfis, pude observar tanto as regularidades quanto as variações internas a uma mesma categoria discursiva, evidenciando que

elas não funcionam como modelos homogêneos ou estáticos, mas como conjunto de possibilidades enunciativas que se (re)atualizam de modo singular consoante as trajetórias, os posicionamentos e as estratégias dos sujeitos inscritos no *Grindr*. Esse procedimento permitiu que eu identificasse convergências, deslocamentos, intensificações e nuances na construção dos discursos sobre os corpos e as identidades, sem fazer om que a análise tivesse um excesso de dados.

Outro aspecto central dessa decisão metodológica residiu na própria natureza do objeto empírico analisado. Os perfis do *Grindr* constituem-se como artefatos discursivos complexos, em que se engendram diferentes camadas de significação: escolhas lexicais, formulações sintéticas, silêncios, implícitos, marcas de exclusão e inclusão, estratégias de autoapresentação, bem como referências (in)diretas às normas de gênero, sexualidade e desejo. Cada perfil, ainda que breve em sua materialidade textual, condensa um conjunto denso de valores e posicionamentos ideológicos, cuja análise exigiu um exame detalhado e cuidadoso. Uma abordagem extensiva, voltada à análise superficial de um elevado número de perfis, comprometeria a apreensão desses processos discursivos em sua complexidade, reduzindo-os a descrições temáticas ou inventários de ocorrências.

Nesse sentido, o recorte analítico em seis (06) perfis não eliminou a diversidade empírica do *corpus* inicial, mas opera como um procedimento de intensificação analítica. Os 30 perfis coletados funcionam como base empírica que sustenta a identificação das categorias e garante a recorrência dos fenômenos observados, enquanto os seis perfis selecionados atuam como ocorrências discursivas exemplares, nas quais esses fenômenos podem ser examinados em profundidade. Trata-se, portanto, de uma estratégia metodológica que articula amplitude e profundidade: a amplitude assegura a legitimidade das categorias analíticas; a profundidade permite compreender os modos de funcionamento do discurso.

Por fim, é fundamental destacar que os seis perfis analisados não são tomados como representativos em sentido estatístico ou quantitativo. Eles não pretendem espelhar a totalidade dos usuários do aplicativo, nem fornecer generalizações universais sobre a experiência homossexual masculina. Antes, são compreendidos como recortes discursivos paradigmáticos, capazes de tornar visíveis as regularidades, tensões e disputas ideológicas que estruturam os modos de dizer, de aparecer e de desejar no *Grindr*. Ao privilegiar a análise intensiva desses perfis, a pesquisa mantém fidelidade ao seu objetivo central, que consiste em compreender o funcionamento discursivo das construções de corpos, masculinidades e desejos no ambiente digital, e não em medir sua frequência ou distribuição numérica.

Ao longo de toda essa minha observação, emergiu uma galáxia de sentimentos em mim, que oscilavam desde o fascínio, haja vista que, do ponto de vista social e epistemológico, os perfis enfatizavam performances de potência, masculinidade e visibilidade, além de que, como observador bakhtiniano que volta sua reflexão à palavra enquanto contexto social e cultural e aos modos de apresentação do corpo, havia uma atração natural por aquilo que se apresenta de modo intenso, performático e saturado de sentidos, que engendram valores, desejos e tensões. Ademais, houve desconforto e estranhamento, sentindo-me intruso e deslocado frente às autoapresentações, à objetificação do corpo como mercadoria, à homofobia, à gordofobia, ao racismo e à procura de usuários casados – com mulheres – que utilizavam o aplicativo para consumar traição. Ainda que houvesse grande mal-estar na observação de perfis com essas situações e que iam de forma antagônica às minhas convicções, tive que me abster de certos valores e moralidades para seguir meu estudo. Obviamente, essas eventualidades me afetaram direta e negativamente; no entanto, minha atuação ética de ser, necessariamente, científica foi convocada à ação e à execução do meu levantamento.

Além disso, ser comprometido no contexto da pesquisa que nesse espaço se inscreve, atravessou toda a minha experiência no aplicativo. Estar em um relacionamento não apenas estabeleceu fronteiras bem marcadas que influenciaram ativamente a minha conduta ética como também estabeleceu uma chave interpretativa que alterou minha compreensão sobre as narrativas do desejo e da liberdade que se tornaram recorrentes no ambiente digital. Nesse atravessamento, foi impossível não reconhecer o fato de o campo de investigação ser, também, um espaço de (des)afetos e constantes confrontos entre as diferentes configurações de experenciar o amor, o corpo e o desejo. Ademais, o respeito ao meu relacionamento operou como um dos princípios éticos e afetivos que conduziu meu trabalho, possibilitando uma navegação estritamente científica e acadêmica.

Diante desse percurso metodológico que nesse texto foi traçado, reconheço que a pesquisa não se reduziu à simples apropriação de um escopo teórico que fundamentou a análise de dados, mas operou como lugar em que sentidos e valores exigem olhares detalhados sobre as nuances do discurso. Planejar, implementar, delimitar critérios de seleção e de análise, organizar um *corpus* que garanta proteção ética e legal dos sujeitos que no *Grindr* se apresentam demandou atenção cuidadosa às diversas camadas de sentido que circulam nesse ambiente, sensibilidade para desenrolar os nós discursivos e rigor no manuseio dos dados. Chega, portanto, o momento dessa escrita em que explorarei essa teia discursiva, saturada de padrões, tensões, subjetividades, valores e pontos de vista, constituindo-se como um terreno fértil para as reflexões que se apresentarão no próximo capítulo.

5 SUBJETIVIDADES EM TENSÃO: UM OLHAR DIALÓGICO SOBRE AS PERFORMANCES DE SUJEITOS NO *GRINDR*

Examinar os discursos que surgem no aplicativos de relacionamento *Grindr* é mergulhar em um oceano em que a linguagem funciona como ondas que se movem com ritmos próprios, ora tranquilas ora densas e turvas, (re)velando sentidos ao passo que tocam as margens do dizer. Cada perfil, cada enunciado e cada silêncio, também, emergem como correntes que se engendram, chocam-se e se desfazem, concebendo vasto mar de vozes que se afetam correspondentemente. Nesse oceano, os signos surfam sobre representações de desejo, mergulham profundamente em normas e sobem à superfície repletos de inquietude dos sujeitos frente ao olhar do outro e de si mesmo. Além disso, é nesse oceano que discursos e autorrepresentações são cautelosamente produzidos seja por meio de gestos, palavras e ausências, seja pela forma em que indivíduos se reconhecem, são reconhecidos no íntimo das normas que os sustentam e os limitam. Nesse sentido, a plataforma digital opera como ponto de intersecção entre a materialidade dos signos e a performance de identidades; entre os regimes de visibilidade e as normas que os regulam.

À luz das reflexões teóricas de Bakhtin e o Círculo (2010, 2011, 2015, 2017, 2018, 2019), observei que o *Grindr* é lugar cuja circulação de discursos é demasiadamente heterogênea, perpassada por vozes sociais que dialogam, confrontam-se e se reproduzem por meio de um processo ininterrupto. O signo ideológico é o corpo – oferecido como discurso, promessa, mercadoria, lugar de inscrição das forças ideológicas e das tensões de desejo –, compondo enunciados que não se encerram em si, mas que respondem a outros. Os dizeres de um sujeito, no contexto da aplicação, não é original; é resposta, eco, antecipação de um outro discurso, manifestando o heterodiscurso como o cruzamento de vozes – do desejo, da norma, da afirmação, da contestação, do silenciamento, da moral – que coexistem em constante disputa. Esses signos, enunciados e essas vozes, por sua vez, esboçam contornos de dizer e aparecer no espaço digital, organizando-os em gêneros e gramáticas próprias que confessam performances, desejos e autopromoção, intimidade e publicidade. O corpo que discursa não é o corpo físico; é o corpo discursivo, bordado por enunciados que o atravessam e o sustentam, tensionado pelo desejo de visibilidade e pela necessidade de performar consoante às normativas de reconhecimento.

Se, conforme Butler (2018, 2019, 2023), os discursos são performados e não meras expressões de identidade, as práticas reiteradas de corpo, gênero e sexualidade (re)atualizam e tensionam a matriz heterocisnormativa, masculino, feminino, ativo, passivo, visível e discreto

operam como campos discursivos, cujo meio de produção é mantido pela repetição estilizada de atos naturalizados. Em diálogo, as reflexões de Connell (2005) demonstraram-me que as masculinidades que no *Grindr* são performadas constituem uma gama de forças em disputa, cuja hegemonia se atualiza, idealizando o viril e o masculino que, por conseguinte, faz com que corpos compitam por legitimidade. É, por fim, em Miskolci (2014, 2015, 2017, 2020) que a dimensão mercadológica entra em cena. O corpo como capital, transposto pelos regimes de visibilidade, produz formas peculiares de desejo e de exclusão, hierarquizando as sexualidades e as expressões de corporalidade e identidade. Essas características produzem um padrão corporal alinhado ao hegemônico, criando obsessão pelo corpo, transformando-se em um produto avaliável e negociável em detrimento da subjetividade, cuja moeda de troca é a força, dominação, aparência masculina malhada, sarada e musculosa. Tal lógica que aloca o corpo como mercadoria consumível controla corpos e prazeres. Corpos dissidentes gordos, afeminados, transgêneros e racializados são marginalizados.

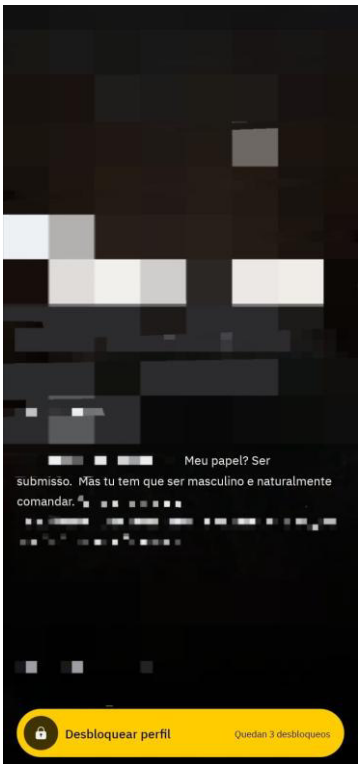
Assim, o presente capítulo desta dissertação caminhará em direção à análise dos discursos, signos, presenças e ausências. Examinarei – separando em três momentos, sendo que, na seção 5.1, analisarei duas (2) construções discursivas que destacam a masculinidade, a dominação e o caráter ativo da subjetividade como medida de visibilidade e valor; na seção 5.2 avaliarei dois (2) discursos em que sujeitos (re)configuram a passividade e rejeitam atributos atrelados à feminilidade; por fim, na seção 5.3 examinarei dois (2) enunciados que mobilizam a cumplicidade masculina, broderagem e afins, e as práticas de sigilo que reafirmam a heteronormatividade, preservação da masculinidade nas relações homoafetivas eróticas – o emaranhado de vozes que (des)constroem, atravessam sentidos sobre o corpo, gênero, desejo e masculinidade, uma vez que é nessa teia de significados que os sujeitos se fazem e se desfazem na e pela linguagem.

5.1 DISCURSOS SOBRE A VIRILIDADE ATIVA

As imagens que constam nas figuras 6 e 7 foram selecionadas do aplicativo de relacionamentos *Grindr* nos dias 13 de março de 2025 e 02 de outubro de 2025, respectivamente.

5.1.1 **Meu papel? Ser submisso. Mas tem que ser masculino e naturalmente comandar.**

Figura 6: *Print Screen* 01



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador

Observei que, no enunciado "*Meu papel? Ser submisso. Mas tu tem que ser masculino e naturalmente comandar*", há uma grande interferência do meio em que ele se inscreve, pois exerce sobre esse locutor influência no que concerne à escolha do discurso que selecionou para autoapresentar-se. Os signos ideológicos elencados para a construção de sua imagem discursiva não são neutros, nem meras entidades estáticas e não pairam no ar (Volóchinov, 2018). Pelo contrário, os signos, já saturados de entonações, operam dinamicamente na cadeia discursiva, revelando a densidade enunciativa do *Grindr*. Além disso, sendo impossível de dissociar o contexto social e ideológico nos quais o sujeito está inscrito, o locutor reflete sua função em relação aos papeis sexuais, criando efeitos de sentido que refratam tradições históricas, sociais e ideológicas que mantêm a lógica binária de gênero e sexualidade.

Em "*Meu papel?*", constatei uma estrutura fragmentária e elíptica que, embora seja breve, cumpre sua função discursiva. O locutor instaura um ato de fala que tematiza e inicia o espaço da enunciação, apropriando-se de um "*papel*" que se transforma em traço identitário, refletindo e refratando sua função em relação aos papéis sexuais. Também pode refratar uma tradição histórica, social e ideológica de hierarquia e dominação (Volóchinov, 2018), cuja masculinidade é associada ao comando e ao controle; e a submissão culturalmente atrelada ao feminino, além de refratar tais valores, percebendo-os, reinscrevendo-os em um campo homoerótico e os reafirmando como sinais identitários possíveis e passíveis de reconhecimento. Ademais, "*Meu papel? Ser submisso*" não surge do vácuo, mas de um campo discursivo cuja submissão é um signo ideológico carregado de valorações sociais (Bakhtin, 2015), não sendo mera reprodução, já iniciada por meio do processo de refração à medida que o locutor apresenta a submissão não como uma imposição, mas como um papel autoatribuído, uma escolha que, paradoxalmente, confere agência ao locutor dentro de uma dinâmica de poder. A interrogação inicial e a exclamação subsequente já indicam uma valoração subjetiva que reinterpreta o discurso social da submissão.

Importante destacar que, segundo Bakhtin (2011) todo enunciado é constituído a partir de uma origem e de um destino, refletindo e refratando sentidos (Volóchinov, 2018), ressoando ecos de vozes passadas e projetando expectativas de respostas futuras (Bakhtin, 2015). Nesse contexto, o discurso desse locutor antecipa uma expectativa e uma atitude responsiva de um interlocutor em potencial em um movimento de constante alteridade. Ao atribuir a si mesmo o caráter de submisso, na primeira parte da cena enunciativa por ele instaurada "*Meu papel? Ser submisso*", o sujeito orienta seu discurso a um já-dito e à palavra do outro, performando submissão que atua na manutenção e (re)inscrição das normas de coerência de gênero. Sua performance reafirma hierarquias e práticas reguladoras que sustentam a matriz heterossexual – a que define papéis de gênero como binários e complementares, nos quais ativo/dominador é valorizado e o passivo/submisso é subordinado.

Além disso, o caráter refrativo de seu dizer intensifica-se na segunda parte do discurso: "*Mas tu tem que ser masculino e naturalmente comandar*". A conjunção coordenativa sindética adversativa "*mas*" opera como ponto de inflexão, cujo discurso social da masculinidade é refletido e refratado pelos desejos, condições e exigências do locutor. Esse sujeito, ao selecionar os signos à construção dessa estrutura sintática, não o faz de maneira arbitrária; pelo contrário: ele reflete e refrata discursos preexistentes sobre masculinidade.

Há de se mencionar que um enunciado não se constitui como um monólogo, entidade estável ou reduzido às formas que o compõe, inserindo-se, necessariamente, em uma teia de interlocuções (Charaudeau, 2010a). Isso significa dizer que um discurso é um ato altamente responsivo. Ao observar "*Meu papel? Ser submisso. Mas tu tem que ser masculino e naturalmente comandar*", verifiquei uma projeção construída por meio do emprego de pronomes e formais verbais que elegem o jogo de papéis e posições na relação entre o "eu" e o "outro" (Charaudeau, 2010a). Na interrogação retórica "*Meu papel?*", há a indicação de um movimento de autodefinição do locutor, que se autoatribui como o sujeito que assume um lugar já demarcado: o de quem "deve ser submisso". O signo "submisso", no contexto, adquire uma entonação, que é orientada e geradora de sentidos (Bakhtin, 2017), positiva e, de certa forma, desejável, haja vista que opera como sinal de disponibilidade e adequação às expectativas do interlocutor em potencial, característica que o qualifica como parceiro ideal na dinâmica interacional.

Por sua vez, o segmento "*Mas tu tem que ser masculino e naturalmente comandar*" coloca o interlocutor sob as lentes analíticas, alocando-o na função complementar e hierárquica superior. O signo "*masculino*" opera como requisito identitário e erótico, uma vez que delimita, como uma espécie de filtro, a tipologia corpórea e a conduta desejadas (Miskolci, 2017). "*Comandar*", intensificado pelo advérbio de modo "*naturalmente*", refrata a ideia de autoridade, tido como inata e, para tanto, legítima nessa trama discursiva. A naturalização do comando reitera a estrutura de poder que engendra o vínculo entre a submissão e a dominação, cujas relações desejadas por esse locutor são regidas, necessariamente, por papéis sexuais complementares e assimétricos

Consoante às considerações sobre o discurso "*Meu papel? Ser submisso. Mas tu tem que ser masculino e naturalmente comandar*", constatei que o locutor constitui uma imagem discursiva conforme se projeta um destinatário ideal (Charaudeau, 2010a) por meio de definições de papéis antagônicos e complementares (submissão/dominação; passivo/ativo). Ao apresentar-se como submisso, esse sujeito projeta sua posição dentro da alteridade discursiva como também delimita as expectativas de um interlocutor, que deve, impreterivelmente, ocupar a posição de comando, virilidade e masculinidade. Essa antecipação indica uma interação alicerçada em regras implícitas de hierarquia e performatividade de gênero (Butler, 2023), nas quais o prazer e o sucesso de um encontro estão sujeitos à correspondência e adequação aos papéis que por esse locutor são instituídos em seu discurso. Os signos elencados – "*submisso*", "*masculino*" e "*comandar*" refletem e refratam aos discursos históricos e culturais acerca da masculinidade e do poder. Submissão, para esse locutor, é o atributo que esse sujeito inscreve

como desejável e necessário; masculinidade e comando são, nesse contexto, naturalizados como características essenciais, e inatas, de um interlocutor, indicando que esse discurso prescreve a norma e as reforça as hierarquias sociais preexistentes.

Há de se destacar o fato de um discurso não se esgotar em sua formulação imediata. Ele se insere em um campo de disputas, onde signos levam consigo, valores, sentidos e posicionamentos socialmente acordados (Volóchinov, 2018). É nessa evidência que todo enunciado está, necessariamente, entrelaçado a outras vozes e a outros discursos: não se constitui como expressão de uma única voz. Em seu interior, vozes coexistem, tensionam-se e se articulam de modo que o dizer de um locutor é orientado em relação ao que já foi dito e se depara com a palavra do outro, atravessada por múltiplos sentidos, concordâncias e discordâncias (Bakhtin, 2015).

Sob esse viés, emerge em "*Meu papel? Ser submisso. Mas tu tem que ser masculino e naturalmente comandar*" a voz da norma hegemônica travestida de desejo, manifestada pela internalização dos ecos sociais da heteronormatividade que organizam a sexualidade em volta da dominação e da submissão (Connell, 2005). O locutor, em sua subjetividade, acredita afirmar um desejo seu; no entanto, ele apenas repete e refrata um discurso histórico e coletivo que impõe o modo de se portar do masculino e do feminino num contexto erótico e sexual. O que se enuncia como certa autonomia é a heterodiscursividade do poder, a voz da norma que povoa a consciência do locutor, sob o véu de um querer individual (Butler, 2019).

Simultaneamente, surge a voz do mercado sexual, que converge corpos e afetos em produtos mercadológicos. Inserido em um ambiente virtual, cuja lógica é a exposição e a troca, esse sujeito interage com o discurso autopublicitário. Ao exigir que seu possível interlocutor seja "*masculino e naturalmente comandar*", ele reforça "*slogans*" implícitos de erotismo, cuja masculinidade é o selo de autenticidade e prestígio (Miskolci, 2017), um signo ideológico de valor, atravessado por avaliações sociais e ideológicas no contexto homoerótico do *Grindr* (Volóchinov, 2018). O discurso revela uma réplica de discursos prévios que respondem aos enunciados (Bakhtin, 2011) que exaltam a masculinidade viril, ativa e dominadora como valor. Ecoam vozes diversas, oriundas de diferentes posições sociais e horizontes valorativos que se entrecruzam no interior do enunciado (Bakhtin, 2015), as quais são disciplinadoras da masculinidade normatizada pela ciência, moral e religião, que prescrevem o comando como característica natural do masculino. Ao entrelaçar o seu enunciado com discursos normatizadores, ele reflete e refrata a crença de que o masculino verdadeiro só pode ser reconhecido por traços corporais ou comportamentais evidentes, que busca sustentar a coerência entre aparência, conduta e desejo, que remontam à moralidade viril da modernidade

ocidental (Miskolci, 2020). O usuário não apenas condiciona sua submissão e solicita a presença de um interlocutor "masculino natural"; reforça a normatividade que torna a masculinidade visível desejável e legítima (Butler, 2019).

Contudo, há uma voz outra. Voz de resistência paradoxal. Ela tenta subverter o padrão da heterocisnormatividade à medida que a reitera e a reafirma. O discurso desse locutor, quando se autoapresenta como "*submisso*", instaura uma ambiguidade à medida que reinscreve em seu dizer a lógica heteronormativa em um campo digital majoritariamente homoerótico. Essa possível voz de resistência é jocosamente neutralizada pela condição que se segue em seu discurso – "*mas tu tem que ser masculino e naturalmente comandar*". Essa noção de "natural" indica uma construção histórica, social, cultural e ideológica reiterativa, na qual a masculinidade hegemônica se legitima pelo fato de que é performada e reconhecido repetidamente, que possui o topo da lógica hierárquica de poder e sexualidade, autoridade e domínio nas relações homoeróticas (Miskolci, 2015; Butler, 2023).

Ainda, nessa multiplicidade de vozes no discurso do usuário, consegui escutar a voz da cultura midiática e da performatividade estética. Essa voz, responsável pela difusão de padrões estéticos e de masculinidade, ecoa representações culturais que alocam o homem como macho viril, dominador, forte e autossuficiente. O sujeito que enuncia se constrói discursivamente através desse imaginário e estereótipo publicísticos (Charaudeau, 2010a), cujos signos constroem um padrão corporal como norma. Seu dizer, nesse sentido, interage com essa voz e com ela concorda à medida que confere à masculinidade o título de única performance estética possível de ser consumida.

Ao entender a masculinidade hegemônica como um regime de dominação simbólica (Connell, 2005), observei que ela não opera somente como coerção direta; atua, além disso, como naturalizadora das hierarquias de gênero e de desejo, que se incorporam aos modos de ser e de aparecer. No que tange aos regimes de visibilidade, constatei que eles atuam como ferramenta de legitimidade das formas de corporeidade, comportamento e identidade saturadas de valorações sócio-históricas (Miskolci, 2017), tornando-as públicas e passíveis de reconhecimento frente às normas de masculinidade. A hegemonia, nesse sentido, atribui valor e hierarquiza, ao passo que os regimes de visibilidade viabilizam a difusão e reconhecimento social, além de produzir a economia afetiva e erótica cujos corpos ora são desejáveis ora silenciados (Miskolci, 2017).

Ao tomar a perspectiva dialógica do discurso como base à análise, pude entender que esse discurso não é mera ferramenta de intenção, mas o espaço em que o sujeito se inscreve na história e na ideologia que o precede (Bakhtin, 2015). O dizer emerge como uma resposta à

cadeia de enunciados que definem os papeis sexuais e afetivos tidos como legítimos no imaginário heterocisnormativo. O questionamento inicial "*Meu papel*", além de representar uma pergunta retórica, opera como ponto de atrito entre a subjetividade desse sujeito dialógico e o horizonte social de sentido: o locutor compreende e aceita a normatividade que o convoca e, paralelamente, reafirma-a à medida que a aceita. Seu discurso reflete e refrata uma realidade, uma realidade que é exterior aos signos que o constituem, estabelecendo relações tensionadas entre aquilo que o sujeito pretende enunciar e o que a linguagem, impregnada de vozes alheias, permite-lhe dizer.

Nesse jogo de vozes, o enunciado reflete e refrata tradições discursivas exteriores ao signo (Volóchinov, 2018) – a organização da sexualidade e do gênero consoante à lógica binária masculino/feminino, dominador/submisso, ativo/passivo; tradições morais, religiosas e científicas que patologizaram as dissidências sexuais e naturalizaram o masculino como dominante; e a tradição midiática e mercadológica, que estetiza o corpo padrão masculino e o transforma em capital, decretando quais corpos poder ser vistos, desejados e consumidos. O enunciado, assim, em sua natureza viva, só ganha sentido na luta e na tensão que o liga com outros enunciados; é sempre um ato responsivo. Nesse horizonte, o discurso não é o ponto de origem do sujeito: é o cruzamento de fatores sociais em que sua subjetividade emerge a partir de efeitos das relações de alteridade. Cada escolha lexical em seu discurso é vestígio do dialogo incessante com outros discursos que o constitui (Bakhtin, 2011).

Sob esse prisma, esse enunciado teatraliza uma performance de gênero em sua forma mais nítida ao declarar "*Meu papel? Ser submisso*". Esse sujeito não somente inscreve-se em uma posição de subalternidade, mas a encena, reiterando a matriz heterossexual que naturaliza a dominação e a submissão como formas paralelas de existência (Butler, 2019). Ademais, sua subsequente exigência, "*Mas tu tem que ser masculino e naturalmente comandar*", reforça essa performatividade, pois "*naturalmente*" é o signo da ideologia que camufla esse efeito reiterativo da norma, concedendo à repetição o *status* de essência. Nesse gesto discursivo, o corpo torna-se o palco da teatralidade normativa, encenada de modo a seduzir e atrair o olhar do outro no interior da cena interacional (Charaudeau, 2010b), desorientado pela confusão entre desejo e obediência, identidade e expectativa, evidenciando que a própria sexualidade é (re)produzida por meio de discursos que funcionam como uma espécie de roteiro de inteligibilidade, cujo sujeito só se autolegitima ao passo que adere às formas já viabilizadas de ser e de desejar.

O locutor, através de seu discurso, revela o imaginário da masculinidade hegemônica que dá posições hierarquizadas entre corpos e práticas (Connell, 2005). Sua posição *"ser submisso*" *versus* "comandar" explicita a maneira pela qual a hegemonia masculina se engendra

nas relações homoeróticas, preservando e difundindo a binariedade que associa virilidade, poder e legitimidade ao masculino e submissão, subserviência e invalidade ao feminino, evidenciando o ideal hegemônico que converte o desejo em reprodução de poder (Connell, 2005). Essa lógica hierarquizante do masculino ativo e do feminino passivo, ao ser inscrita em um espaço de dissidência sexual homoerótica, reflete e refrata a insistência da permanência dessas construções, além de mostrar o fato de elas se adaptarem e se reatualizarem em diferentes contextos de sociabilidade. Assim, o discurso desse locutor opera como um movimento de legitimação e pertencimento, cujo reconhecimento só é possível consoante à incorporação das normas do regime heteronormativo que a constitui.

O enunciado atua sob os regimes contemporâneos de visibilidade sexual, nos quais o corpo e a linguagem se articulam como lugar de reconhecimento e controle. O discurso no *Grindr*, permeado pela exposição de si e de sua subjetividade, traduz-se como prática discursiva que objetiva a legitimidade em um mercado corporal regido por critérios de virilidade, masculinidade e aparência (Miskolci, 2017). Aqui, o "*masculino e naturalmente comandar*" é valor, um marcador de pertencimento e adequação ao um regime de visibilidade que gratifica a conformidade e penaliza a dissonância. À medida que esse locutor assume sua submissão, ele se inscreve como um corpo passível de desejo e consumo. Portanto, nesse enunciado a lógica do poder não apenas se manifesta, mas se negocia. O desejo, longe de ser um ato subjetivo, torna-se materialidade linguística onde ecoam vozes, refletem e refratam sentidos e respondem a vozes precedentes que pressupõem uma resposta. (Bakhtin, 2015; Volóchinov, 2018)

Nesse enquadramento, é possível compreender que a organização do desejo e da visibilidade no ambiente digital dar-se-á segundo às expectativas de sentido que regulam a troca discursiva e orientam os sujeitos quanto ao que pode ser dito, mostrado e reconhecido como legítimo. O espaço interacional impõe finalidades implícitas ao discurso, considerando que a autoapresentação se estrutura como estratégia de adequação a um contrato comunicativo no qual o corpo, a linguagem e a performance funcionam como garantias de credibilidade e pertencimento. Outrossim, o desejo, longe de constituir expressão íntima e desinteressada, passa a funcionar como prática social regulatória a partir de critérios de aceitabilidade que hierarquizam corpos e condutas, convertendo-os em valores circuláveis. Essa dinâmica demonstra que a visibilidade não apenas expõe, mas seleciona, filtrando aqueles sujeitos que podem ocupar posições de reconhecimento e aqueles que devem permanecer relegados à invisibilidade ou à deslegitimação. O discurso, nesse cenário, é, necessariamente, lugar de negociação e de controle, tendo em vista que, ao mesmo tempo em que oferece a possibilidade de inserção no jogo interacional, solicita conformidade às normas que estruturam a própria

mercado-lógica do desejo, (re)produzindo sujeitos que falam, mostram-se e desejam mediante regras previamente estabilizadas, ainda que nunca plenamente explicitadas (Charaudeau, 2010b)

Nesse horizonte, há de se compreender que o discurso desse locutor opera como mecanismo de reconhecimento profundamente normativo, no qual o desejo deixa de ser apenas entendido como modo de expressão de uma subjetividade para se configurar como uma prática social regulada por critérios de inteligibilidade. O *Grindr*, nesse sentido, organiza encontros e, para além dessa mera função pragmática, hierarquiza corpos e performances consoante aos marcadores de virilidade, masculinidade e adequação estética, convertendo essa visibilidade performática em, necessariamente, valor simbólico e erótico (Miskolci, 2020). Ademais, essa dinâmica se sustenta através de normas de gênero e de sexualidade, demonstrando que o sujeito que se enuncia negocia sua inscrição simbólica nesse espaço em que a repetição normativa proporciona pertencimento e baixo risco de exclusão. A visibilidade, portanto, é a exposição a um regime que solicita conformidade com as performances heterocisnormativas que concedem reconhecimento e visibilidade, instaurando uma fratura constitutiva entre o que o sujeito discursivo enuncia como sua identidade e desejo e as normas que o tornam inteligível. Isso produz, assim, descompasso entre o que sustenta o seu discurso e a impossibilidade de adesão plena às expectativas que o perpassam (Miskolci, 2017).

O discurso, simultaneamente em que se consolida em um horizonte axiológico, demonstra a não correspondência total do locutor perante as condutas que o atravessam (Bakhtin, 2011). Entre o anseio por reconhecimento e a necessidade de adequação ao contexto do ambiente digital, os dizeres do locutor como comportamento para sobreviver, simbolicamente, em que seu corpo, sua voz e a linguagem convergem em ferramentas de inscrição social. Esse enunciado torna-se arena de forças em constante tensão dialógica e negociação, determinando o que esse indivíduo imagina ser e o que lhe é possível parecer, instituindo esse espaço onde as subjetividades se fabricam por meio da alteridade e disputa entre desejo e poder. Assim, esse discurso não se esgota em sua totalidade e literalidade; pelo contrário: é o vestígio da luta infindável entre ser e parecer, entre silêncio imposto e palavra possível (Charaudeau, 2010b).

Nesse cenário, o discurso é, em si próprio, a atividade que gere a visibilidade, cujo sujeito deve, necessariamente, expor sua intimidade para ser notado, além de conformar-se com essa sujeição a fim de ser aceito. A linguagem, nesse sentido, não é mais o meio de expressão; é o mecanismo de regulação, no qual se flexionam coerções históricas e as estratégias de existência. A construção de seu discurso revela-se como produto, reflexo e refração de um

coletivo social que reformula o desejo e a identidade, convertendo-os, respectivamente, em capital e espetáculo (Charaudeau, 2010b)

5.1.2 **DOTADO 22cm grosso PAUZUDO FURA FILA**

Figura 7: *Print Screen* 02



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador

Foi possível observar, por meio da análise anterior, que a maneira com a qual o locutor se autoapresenta em um perfil do aplicativo de relacionamento *Grindr* dá origem a uma espécie de rótulo que antecipa a um possível interlocutor uma representação de subjetividade subalterna e de papel sexual no qual vozes se entrelaçam, desafiam, negam e/ou afirmam o todo discursivo, estabelecendo distinção entre outros usuários que com ele dividem espaço na interface do *Grindr*. É nesse engendramento que recai o olhar analítico sobre o discurso "*DOTADO 22cm grosso. PAUZUDO FURA A FILA*"

Ao considerar que o discurso do locutor orienta sua própria autoimagem, os signos não são mobilizados sem intenção enunciativa, tampouco como unidades lexicais desprovidas de valores; são palavras permeadas por ideologias que se condensam disputam constantemente sentidos (Volóchinov, 2018). A materialidade discursiva desse locutor, ao se situar em

dinâmicas de plataformas digitais de exibição e consumo, emerge como uma força de um imaginário erótico que se reitera através de padrões reconhecíveis e socialmente legitimados. Seu dizer, nesse sentido, reflete e refrata uma tradição heterocisnormativa que enaltece a virilidade, (re)atualizada sob novas formas de circulação.

O signo ideológico *DOTADO* (grafado em letras maiúsculas), impregnado de sentidos (Volóchinov, 2018) que remontam à potência, virilidade e alta performance sexual, reflete e refrata a noção de ter um atributo físico valorizado, o pênis grande, uma vez que se (re)organiza consoante ao contexto enunciativo que se insere, neste caso, um perfil do aplicativo *Grindr*. Ademais, o locutor, ao optar por apresentar sua característica sexual grafada com letras maiúsculas, deseja causar impacto visual de quem lê, além de intensificar a força expressiva do termo, como um gesto de orgulho, autovalorização e visibilidade erótico-sexuais. Esse signo adquire uma densidade ideológica singular posto que não se refere apenas a uma característica ou qualidade anatômica e, sim, como um sinal de distinção, *status* e superioridade.

Acrescido ao signo ideológico *DOTADO*, o locutor apresenta ao adjetivo um outro complemento adjetival *22cm grosso*, refletindo o imaginário social que atrela o tamanho do pênis e a espessura à potência, ao prazer e ao valor sexual do corpo masculino. Seu discurso, outrossim, refrata tal apresentação, alocando-a ao campo da autoexposição e da performance sexual, cujo o número e o adjetivo convertem-se em autopromoção, uma vez que o atributo que figura como íntimo torna-se uma imagem discursiva de prestígio, além de *22cm* refletir os contornos quantificáveis e refratar um ideal de desempenho que transcende a dimensão física: instaura a estética do excesso como superior, selo de distinção, poder e prestígio dentro dos padrões discursivos que regulam a performance masculina no ambiente digital.

Em vista do fato de esse discurso, *PAUZUDO FURA A FILA*, orientar a própria autoimagem do locutor, a escolha por esses signos ideológicos faz emergir a imagem de um homem com o órgão genital avantajado. É interessante notar que esse sujeito optou por grafar seus atributos em letras maiúsculas, acentuando-os, marcando intensidade, destaque, criação de um ponto de tensão visual, considerando que a grafia em caixa alta, no plano discursivo, interrompe a leitura, fazendo com que os olhares de possíveis interlocutores sejam mirados à essa característica. Tal escolha reflete e refrata sentidos de prestígio sexual, potência, visibilidade, dominância e autoridade, simulando certa elevação da voz, grito, autoproclamação e ostentação.

O locutor, ao fazer o uso de um adjetivo substantivado *PAUZUDO*, autonomeia-se e define sua identidade por meio de uma característica corporal, ou seja, um pênis que possui um tamanho avantajado, tanto em espessura quanto em comprimento. Formado pelo radical PAU

– palavra utilizada coloquialmente para designar o pênis – e pelo sufixo -UDO, que carrega sentidos aumentativo e expressivo, o signo ideológico reflete uma tendência de associar o sufixo à ideia de intensidade, de excesso ou destaque; um uso comum da língua que forma adjetivos como "narigudo", "pontudo", "barrigudo" etc. – todos estabelecendo traços físicos em grau elevado. Ademais, esse signo refrata um sistema ideológico que engendra sentidos (Volóchinov, 2018), carregando aprovação, diferença e ostentação do tamanho de seu órgão fálico, no qual o excesso torna-se um índice de prestígio. A escolha desse termo, com sua sonoridade e conotação popular, adquire nova densidade ideológica e refrata, ademais, a busca por autenticidade e uma rejeição a eufemismos, posto que não se refere apenas a uma característica ou qualidade anatômica e, sim, como um sinal de distinção, *status* e superioridade. Essa imagem discursiva e identitária – que se constitui a partir do olhar e da palavra do outro, uma vez que a percepção de si depende de uma exterioridade que confere forma e acabamento à própria imagem e que associa o vigor e intensidade (Bakhtin, 2019), – demonstra um ideal de masculinidade que se vincula à audácia e ao protagonismo sexual. O signo sugere também uma teatralidade da autoafirmação, cujo o corpo se torna um campo de exibição, de força e de capacidade de transgressão das normas de circulação social.

É digno observar que a repetição implícita da ideia de um pênis "grande" ou "exagerado" – mobilizada pelos signos *DOTADO*, *22cm*, *grosso*, *PAUZUDO* – opera como um mecanismo de intensificação discursiva e estratégica, a qual reforça e reafirma um mesmo valor axiológico: cada signo ideológico que expressa o sentido de "grandioso", "avantajado" etc., acrescenta uma nova camada à complexa teia discursiva desse enunciado (Volóchinov, 2018). Isso significa dizer que, através dessa instauração (*DOTADO*), quantificação (*22cm*), qualificação (*grosso/PAUZUDO*) do pênis do locutor, esse enunciado reafirma as características sob outras entonações, tornando-o discursivamente performático (Butler, 2023).

Sob essa mesma linha analítica, o predicado verbal que estabelece uma ação, *FURA A FILA*, complementa e expande essa performance sexual que atrela o tamanho do pênis à potência sexual e ao prazer. Essa declaração não opera apenas como uma descrição de comportamento, como também um autodeclaração de privilégio e de capacidade de subverter e transgredir normas e hierarquia social (Miskolci, 2017). A ação verbal de furar designa, necessariamente, o ato de perfurar, atravessar, passa à frente de uma barreira, superfície ou alguém. Ao ser enunciado no contexto do aplicativo *Grindr*, a expressão reelabora discursivamente e obtém nova entonação: o *FURA A FILA*, nesse contexto, não é o infrator e, sim, aquele sujeito que pode fazê-lo. Um ato performático que solidifica uma posição de poder, cuja a posse do superlativo de um atributo físico dá ao locutor uma espécie de "passe livre", de

passar à frente de outros sujeitos sob o argumento de seu pênis ser grande. Essa materialidade discursiva refrata os discursos sociais que atrelam o poder do falo ao privilégio e à posição de comando e protagonismo.

À guisa enunciado, há de se mencionar que, no jogo discursivo, um "eu" constrói seu discurso para o "outro". Isso significa dizer que todo enunciado é uma atitude ativamente responsiva; todo ato enunciativo sai de um locutor e se dirige a um interlocutor – real, presumido ou imaginado (Bakhtin, 2011). O locutor, ao enunciar *DOTADO 22cm grosso. PAUZUDO FURA A FILA*, orienta seu dizer a um ouvinte que avalia, julga, (re)interpreta, concorda, discorda ou questiona esse discurso. Nesse contexto, esse interlocutor é aquele sujeito que reconhece e concorda com a hierarquia que se estabelece no enunciado do locutor implicitamente, isto é, um indivíduo que deseja obter prazer sexual com um alguém que tenha os atributos desse locutor.

Na primeira parte do discurso, *DOTADO 22cm grosso*, a escolha por signos de sequência nominal constitui uma performance (Butler, 2023), na qual o locutor dispõe de informações imediatas e diretas, diminuindo o espaço para negociação. O interlocutor é convidado a receber o que lhe é oferecido, ou seja, um sujeito cujo pênis mede 22 centímetros e de espessura grossa, organizando seu enunciado como chamada ao outro: curtiu? Mande mensagem! Ademais, a presença de um tamanho fálico preciso *22cm* faz com que seu possível interlocutor cumpra com a função de consumidor imediato; locutor, ativo sexualmente, influencia o comportamento do outro, delimitando suas expectativas a um interlocutor que deve se comportar consoante aos parâmetros desse sujeito – isto é, passivo sexualmente, cujo gesto de aceitação deve ser aquele que reconhece o locutor como dominador e, concomitantemente, ouvinte/leitor submisso ao dotes do sujeito enunciativo.

Em *PAUZUDO FURA A FILA*, há uma instrução performativa (Butler, 2023), não como um pedido, mas como uma imposição. A força ilocutória é tamanha que a resposta do outro deve ser, necessariamente, o reconhecimento de sua prioridade e cedimento à posição de subalterno e o ajuste de seu comportamento à prioridade enunciada pelo locutor. O interlocutor, outrossim, é coagido à inação uma vez que o locutor objetiva tornar inviável e incontestável quaisquer possibilidades de negociação, haja vista que a estrutura utilizada para compor seu discurso torna a linguagem, nesse contexto, um instrumento de dominação e autoridade (Charaudeau, 2010b). Ademais, *FURA A FILA* instaura uma hierarquia baseada na lógica da precedência e da exclusividade e silencia o interlocutor, pois anula a sua possibilidade de réplica, refletindo e refratando as dinâmicas de desejo. Assim, o conjunto *PAUZUDO FURA A FILA* não só nomeia um atributo físico, mas instaura um modo de presença e circulação social:

reflete valores de distinção e reconhecimento que se consolidam em práticas de desempenho erótico e refrata estratégias de posicionamento e autopromoção que se articulam à dinâmica de competição e hierarquização nas relações digitais.

No que concerne à conversão da linguagem em capitalização do corpo desse locutor, observei que seu discurso não é mera autodeclaração isolada, mas um espaço em que coexistem vozes ressoantes (Bakhtin, 2015). Com isso, percebi, em primeira instância, a voz da performatividade e da matriz heterossexual, pois *DOTADO 22cm grosso*. *PAUZUDO FURA A FILA*, veiculado em um aplicativo de encontros homoerótico como o *Grindr*, opera como um discurso de privilégio e de persistência. A performatividade, nesse sentido, está atrelada à repetição compulsória de normas que, ao serem reiteradas, (re)produzem a quimera de uma essência ou de uma identidade (Butler, 2023). Esse locutor, ao enunciar *DOTADO 22cm grosso* e *PAUZUDO*, não descreve apenas o seu pênis; ele performa um ideal de masculinidade viril e fálica, sendo um mecanismo para tornar a si e seu corpo inteligíveis e desejáveis. Tal processo revela que o corpo, que não é anterior ao discurso e, sim, seu efeito repetido, constrói-se no âmago das práticas discursivas e performativas que o nomeiam e o regulam (Miskolci, 2017).

Sob esse mesmo prisma, emergiu a voz da matriz heterossexual que arranja a inteligibilidade. Ainda que o *Grindr* seja explicitamente um aplicativo homoerótico, sua estrutura cultural pressupõe determinada coerência entre sexo, gênero e desejo e demonstra que a sexualidade dissidente fornece um modelo que valoriza e hierarquiza corpos. *DOTADO* e *PAUZUDO* traduzem explicitamente a potência masculina heterossexual para o campo homoerótico do plataforma *on-line* de relacionamentos. Seu pênis, nesse sentido, é um instrumento de dominação e penetração que (re)atualiza a dualidade ativo/passivo, que é o pilar da hierarquia sexual heterocisnormativa.

FURA A FILA é o ápice da reiteração da matriz heterossexual normativa, pois sugere que suas características físicas dão ao locutor privilégio e atalho, operando como metáfora de atração e afirmação de autoridade que vai além dos limites das regras comuns nos processos de interação social (Butler, 2019). É a voz da exceção constituída pela norma. A fila representa o processo igualitário de flerte e de negociação de encontros; no entanto, ao se alocar acima dela, esse sujeito ganha *status* de dominância que está intrinsecamente atrelado ao ideal de comando. Essa performance fálica, em oposição à subversão da norma, é utilizada para criar uma hierarquia no universo gay, no qual o poder sexual é medido pelo grau de proximidade com o macho dominador, revelando que o grau de inteligibilidade do sujeito depende, necessariamente, da consonância com discursos que o precedem, excedendo sua subjetividade (Miskolci, 2020).

A partir disso, surge a voz da masculinidade hegemônica. Esse discurso engendra o ideal normativo que serve como parâmetro de valor e de exclusão, manifestada pela voz da norma viril, que legitima a posição dominante de determinadas masculinidades e a subordinação de outras (Connell, 2005). No enunciado desse locutor, cria-se essa distinção entre as masculinidades, pois o desejável (o *DOTADO* e o *PAUZUDO*) e o subalterno (aqueles que não se enquadram no padrão como "afeminados") conferem ao sujeito legitimidade e pertencimento à hegemonia masculina nas relações homoeróticas. A exaltação de sua dominação masculina que associa o poder sexual à capacidade de furar a fila, em contraste à necessidade de esperar, opera como violência simbólica, uma vez que reitera os limites entre o aceitável e o abominável.

Por fim, emerge a voz dos regimes de visibilidade. O *Grindr*, como mídia rizomática, é palco de encontros e um complexo sistema em que a exposição do corpo e do desejo é mediada pela economia erótica específica (Miskolci, 2017). O discurso desse locutor emerge como um mecanismo social que determina o que pode e o que deve ser visto e o que se torna desejável e legítimo ao outro. O enunciado é uma imposição visual, pois, ao utilizar *DOTADO* e *PAUZUDO*, força o interlocutor a enxergar seu corpo através da lente da excepcionalidade, demonstrando seu diferencial e conferindo valor ao seu corpo.

A expressão *FURA A FILA* opera como visibilidade acelerada, pois o locutor usa de seu discurso como atalho ao topo da hierarquia. Sua compreensão de que a visibilidade não é passiva e, sim, uma prática ativa, faz com que sua autopromoção seja agressiva e impactante. Seus atributos físicos, como uma espécie de *slogan*, operam como filtro de destaque e atenção que lhe proporciona visibilidade quase imediata, além de que sua exibição ostensiva de seu pênis o proporciona acesso prioritário ao desejo (Charaudeau, 2010b). Esse discurso revela a mercantilização do corpo desse sujeito no ambiente digital, pois suas descrições de seus atributos tornam-se produtos com alto valor mercadológico, pois negocia sua posição na teia de consumo erótico à medida que apresenta seu pênis como um produto de "luxo" (*DOTADO 22cm grosso*) (Miskolci, 2020). Além disso, utiliza como uma espécie de selo de qualidade o termo *PAUZUDO*, pois atesta sua conformidade com os ideais estéticos e viris e a adesão a esses padrões, dando-lhe altas chances de seleção e prioridade entre os perfis que no aplicativo estão dispostos.

Ao refletir sobre o enunciado *DOTADO 22cm grosso*. *PAUZUDO FURA A FILA*, constatei que esse discurso entrelaça performatividade, masculinidade hegemônica e alto grau de busca por visibilidade, pois instaura um lugar no qual o corpo se converge em signo-mercadoria. Ao pôr em destaque o tamanho anatômico de seu falo, o locutor cria uma imagem discursiva de si que funciona como capital erótico e mecanismo de hierarquização social, pois

seu pênis deixa de ser parte de seu corpo e se transforma em performance de masculinidade construída por meio da exibição exacerbada e pela exaltação da dominação da hegemonia heterocisnormativa.

Ademais, sua autorrepresentação do pênis reinscreve o modelo da masculinidade hegemônica sob novas roupagens: o ambiente digital homoerótico que, por princípio, deveria ser espaço de liberdade e diversidade, reproduz, sob outras lentes, coerção e regulação da heteronormatividade (Miskolci, 2017). O locutor, nesse sentido, assume de maneira responsiva seu papel de sujeito que internaliza e reafirma o poder simbólico da norma, transformando-o em prestígio e reconhecimento. Seu corpo deixa de ser espaço de inscrição de sua subjetividade e se torna, necessariamente, moeda de valor e produto passível de consumo, além de seu discurso operar como meio de circulação do regime mercadológico do *Grindr*.

Nessa dinâmica, a autorrepresentação do corpo deixa de funcionar como expressão singular da subjetividade para opera dentro de um regime normativo em que a inteligibilidade corporal depende da repetição de performances reconhecíveis e hierarquizadas. A masculinidade que se projeta no *Grindr* não se constitui como característica natural ou essência identitária, porém como efeito reiterativo de práticas discursivas que atrelam virilidade, comando e centralidade simbólica a posições de prestígio, ao passo que outras corporalidades são empurradas para zonas de menor valor ou visibilidade precária. O reconhecimento erótico, nesse sentido, torna-se indissociável da conformidade às normas que regulam a coerência entre aparência, conduta e desejo, (re)produzindo uma hierarquia interna entre corpos dissidentes que preserva a lógica da dominação sob novas formas de circulação e validação sociais.

Paralelamente, essa organização normativa do desejo só se efetiva porque o discurso se estrutura como prática estratégica, orientada por finalidades implícitas e por um contrato comunicativo que condiciona a legitimidade do dizer (Charaudeau, 2010b). O sujeito que se enuncia ajusta sua fala e sua imagem às expectativas de um interlocutor presumido, mobilizando signos corporais e linguísticos como garantias de credibilidade, pertencimento e sucesso interacional. Assim, o corpo, ao ser transformado em valor circulável, passa a integrar uma economia simbólica em que visibilidade e reconhecimento funcionam como moedas de troca, enquanto a linguagem atua como mecanismo de regulação que simultaneamente oferece inserção e impõe limites. Nesse processo, a subjetividade emerge não como origem soberana do discurso, mas como efeito das negociações entre normas de gênero, hierarquias de poder e estratégias comunicativas que organizam o mercado erótico-digital, evidenciando que o desejo, longe de ser espontâneo, é produzido, gerido e legitimado no interior de um sistema discursivo que transforma coerção em consentimento e norma em prestígio.

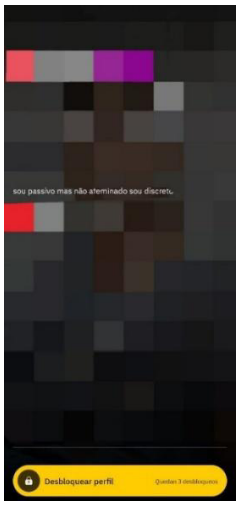
Por fim, a reflexão dialógica incidida sobre esse discurso me permitiu entender que há uma complexa teia discursiva que configura o corpo como lugar de poder, consumo e distinção. Ainda que seu discurso surja como expressão individual, emerge como uma resposta ativa e responsiva de vozes que o antecedem e o influenciam, demonstrando a repetição e reiteração da performatividade da masculinidade hegemônica. Longe de ser matéria biológica, seu corpo se torna efeito de linguagem – superfície em que valores, hierarquias e disputas se engendram –, pois transforma seu órgão sexual em signo ideológico, a visibilidade em capital e mercadoria.

5.2 (RE)CONFIGURAÇÕES DE PASSIVIDADE E REJEIÇÃO À FEMINILIDADE

As imagens que se seguem (Figuras 8 e 9) foram selecionadas do aplicativo de relacionamentos *Grindr* nos dias 14 de março de 2025 e 07 de outubro de 2025, respectivamente.

5.2.1 **sou passivo mas não afeminado sou discreto.**

Figura 8: *Print Screen* 08



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador

Nesse discurso, consegui observar que o locutor usa "*sou passivo*" que lhe confere certa distinção dos demais usuários; no entanto essa mesma construção instaura uma hierarquia pautada na matriz heterocisnormativa (Butler, 2019). O sujeito, embora não utilize o pronome de primeira pessoa do caso reto, faz a flexão verbal em primeira pessoa do singular, eu, que fica subentendido. Considerando sua oração declarativa, esse locutor utiliza no eixo sintagmático o adjetivo *passivo* como predicativo do sujeito, atribuindo a si mesmo uma característica. Tais signos ideológicos, "*sou passivo*", no contexto do aplicativo de relacionamento homoerótico, refletem e refratam, em um primeiro âmbito, aqueles sujeitos que ocupam a posição receptiva,

penetrado no ato sexual anal. Ademais, também refletem e refratam um papel que, ainda que sexualmente subalterno à figura do ativo, isto é, aquele sujeito que possui a posição sexual de penetrador no sexo anal, necessita ser reconfigurado a fim de evitar sua relegação à abjeção. Assim, esse locutor cria a imagem de um sujeito que está disposto a ser receptivo durante o sexo cuja disposição enunciativa não se reduz, apenas, à submissão físico-sexual, mas expressa uma forma de performar seu desejo em consonância com os códigos eróticos e simbólicos que regem o universo homoerótico do *Grindr* (Butler, 2023; Miskolci, 2017).

Além disso, esse sujeito acresce à oração "*sou passivo*" uma negação e correção no plano discurso ao introduzir a conjunção adversativa "*mas"*, cuja negação é reiterada ao enunciar "*não*", junto ao adjetivo "*afeminado*". A estrutura reflete e refrata um contraste que redefine o predicado anterior, limitando seu sentido e afastando associações indesejáveis: o sujeito aceita sua posição receptiva em uma relação sexual, no entanto, diferencia-se de outros usuários que apresentam traços femininos como gestos, voz, trejeitos ou aparência mais delicada. O locutor busca legitimar sua virilidade ao inscrever essa distanciação com os atributos e comportamentos socialmente imputados à feminilidade, os quais são sistematicamente denegridos e hierarquizados (Connell, 2005). Essa tensão discursiva demonstra a fragilidade da masculinidade que necessita, constantemente, ser reafirmada e protegida contra quaisquer associações com traços femininos, refletindo e refratando sua posição: "eu aceito minha função subalterna no ato sexual, mas não a identidade subalterna na sociedade".

A terceira oração usada pelo locutor em seu enunciado, "*sou discreto*", instaura a dimensão de sua conduta interpessoal (Charaudeau, 2010b). Ao adjetivar-se como discreto, esse sujeito classifica-se qualitativamente como portador da propriedade discrição. Sua escolha de repetir o predicado por meio de uma locução nominal insere discreto, novamente, como elemento contrastivo à medida que nega a marca estereotipada (*não afeminado*), reafirmando a qualidade desejada, modulando a interpretação social de passivo, além de converter essa asserção em correção e autoatribuição de uma característica valorativamente aceitável (Volóchinov, 2018). Ademais, "*sou discreto*" opera em dois planos: em um primeiro momento, reflete e refrata aquele sujeito que age de forma reservada, moderada e discreta, isto é, que não chama atenção e não se expõe. Nesse nível, o locutor faz uma autodeclaração de seu comportamento, uma maneira de ser socialmente aceitável, pois se descreve como um homossexual não expansivo, sem exibicionismos da sexualidade. Em um segundo momento, seu enunciado reflete e refrata uma identidade ao passo que "ser discreto" é entendido como um modo de não tornar pública sua orientação sexual, não performar traços associados ao sexo

feminino e não se associar aos estigmas sociais do homem homossexual. "*Sou discreto*" inscreve sua conduta social e posiciona esse sujeito em uma hierarquia simbólica, pois ele destoa dos homossexuais afeminados, refletindo e refratando uma tensão identitária, pois há uma busca pela legitimação como "*passivo*", porém "*não afeminado*", cuja pretensão é resolver a contradição entre seu desejo e a norma hegemônica através do emprego de "discreto".

A articulação entre as três construções – sua função sexual, a rejeição à expressão de gênero e sua postura social – reflete e refrata um posicionamento identitário complexo: o locutor apresenta-se como um indivíduo que concorda com a subordinação durante o coito ("*passivo*"), mas que exige reconhecimento de sua aderência ao estigma de masculinidade socialmente acordada ("*não afeminado*") e que, adicionalmente, valoriza a discrição e o sigilo em suas interações ("*discreto*"). Seu discurso é uma resposta estratégica às dinâmicas de poder e marginalização inerentes ao ambiente do aplicativo homoerótico *Grindr*, pois o locutor tem conhecimento dos estereótipos, mas engendra a linguagem para maximizar suas chances de atração (Bakhtin, 2011; Charaudeau, 2010b).

Convém destacar que, em "*sou passivo mas não afeminado sou discreto*", o discurso é uma resposta orientada ao outro, que é, concomitantemente, destinatário e medida de valor (Bakhtin, 2011). Nenhum enunciado existe fora da relação locutor/interlocutor, uma vez que é na expectativa da compreensão, da réplica ou do julgamento que a palavra toma forma. O locutor, ao se afirmar e negar em uma mesma tessitura verbal – *passivo mas não afeminado* – projeta um interlocutor, cujas representações de masculinidade delimitam o campo de aceitabilidade de seu discurso (Charaudeau, 2010b). O interlocutor, nesse sentido, adquire o papel constitutivo na arquitetura do discurso, sua presença presumida é o que orienta as escolhas lexicais, negações e as atenuações desse locutor que enuncia, pois o destinatário é a figura que porta as normas de virilidade do espaço digital (Bakhtin, 2011)

No primeiro momento do discurso, "*sou passivo*", o interlocutor é convocado como instância que regula o dizer do locutor, uma presença que define a maneira pela qual o sujeito se apresenta (Bakhtin, 2011). Essa estrutura discursiva revela a antecipação de uma pergunta (Você é passivo ou ativo?) que, mesmo não enunciada, ressoa no horizonte dialógico do discurso. Esse outro é, para tanto, elemento estruturante do dizer, pois determina o gesto de autodefinição do locutor. Outrossim, o interlocutor opera como o agente avaliador, pois sua compreensão é, necessariamente, acompanhada por uma posição avaliativa e valorativa (Bakhtin, 2011). Ele não percebe o discurso de modo neutro; pelo contrário: entende-o dentro de um regime discursivo que confere a "passivo" sentidos específicos. O termo "*passivo*" não designa apenas uma posição sexual ou papel sexual, mas carrega valores hierárquicos,

construídos em oposição ao "ativo", fazendo com que esse interlocutor presumido compreenda que "*passivo*" significa a posição subalterna, associada à recepção, à vulnerabilidade. Interlocutor, imbuído por valores heteronormativos, lê o "*passivo*" como uma prática sexual e identidade de gênero, pois o locutor que se declara como passivo é compreendido como "menos masculino", "mais feminilizado", uma vez que a penetração – socioculturalmente associada ao masculino – é símbolo de dominação ao passo que ser penetrado é sinônimo de submissão (Connell, 2005). Dessa forma, o sujeito a qual esse enunciado se dirige entende "*passivo*" a partir de um repertório simbólico que confunde prazer e gênero, pois reforça a dicotomia ativo/masculino x passivo/feminino (Butler, 2019).

É nessa leitura que locutor responde, defensivamente, interlocutor ao enunciar "*mas não afeminado*". Tal segmento demonstra explicitamente o movimento responsivo do discurso, pois o locutor, ciente da carga valorativa que recai sobre o termo "*passivo*", prevê o julgamento do outro e o "neutraliza". O interlocutor é entendido, nesse ponto, como o sujeito que atrela à afeminação valor negativo, associando-a à perda masculinidade e, portanto, à diminuição simbólico do homem dentro desse regime discursivo de masculinidade. A afeminação é o desvio do modelo hegemônico da masculinidade, pois a visibilidade de características femininas em um corpo masculino corresponde a uma grande ameaça à coerência da identidade viril, motivo pelo qual locutor autointitula-se como "*não afeminado*", como uma espécie de busca por aceitabilidade. Assim, esse contradiscurso de "*sou passivo*" é uma resposta antecipada a um entendimento presumido pelo locutor que não espera a reprovação de seu interlocutor, mas a prevê, construindo um movimento enunciativo de contenção e reparação causado por "*sou passivo*", cujo objetivo é, necessariamente, que interlocutor reconheça no discurso desse sujeito certa coerência entre corpo, desejo e masculinidade.

A autodeclaração "*sou discreto*" prolonga e intensifica esse gesto defensivo do locutor, funcionando como uma segunda contenção discursiva que visa estabilizar a imagem que o sujeito discursivo constrói frente à possível leitura desvalorizada de um interlocutor (Charaudeau, 2010b). Nesse contexto, "*sou discreto*" possibilita um entendimento de pertencimento ao regime de visibilidade controlada, cujo silêncio, reserva e invisibilidade pública das interrelações homoafetivas possibilitam legitimidade e pertencimento. Essa discrição, além de ser um atributo de comportamento valorizado pelos interlocutores prováveis, converte-se em valor identitário que se traduz como índice discursivo de masculinidade para afastar sujeito locutor de qualquer estigma de exposição e desejo ostensivo, garantindo que interlocutor aceite e valide esse sujeito "passivo e não afeminado".

Sob essa perspectiva, "*sou passivo mas não afeminado sou discreto*" não pode ser compreendido como uma declaração individual, mas um espaço em que múltiplas vozes se atravessam e se engendram. O discurso do locutor é habitado por enunciações alheias, por valores sociais e historicamente sedimentados que elegem a maneira com a qual ele se constitui (Bakhtin, 2015). É nesse entrecruzamento de discursos que ressoam as vozes da performatividade e da matriz heterossexual, da masculinidade hegemônica e da visibilidade, que se confortam, complementam-se e se repelem, revelando que seu enunciado é interdito por ecos de discursos normativos e hegemônicos que o antecede e o molda.

Nesse sentido, esse discurso pode ser visto como um ato performativo que (re)produz e consolida uma identidade à medida que reencena enunciados regulatórios sobre sexo, gênero e desejo (Butler, 2023). Vale lembrar que uma identidade de gênero não preexiste ao ato enunciativo; ela é o resultado de uma repetição de normas. O sujeito, ao declarar-se como "*passivo*", mobiliza discursos já sedimentos, pois associa receptividade sexual, feminilidade e hierarquia entre ativo passivo em um mesmo arranjo discursivo que, ao passo que é reiterado, circunscreve o corpo masculino em uma lógica normativa que subordina certas posições de desejo às marcas de menor prestígio, reforçando a ordem compulsória heteronormativa (Butler, 2019). Ao mesmo tempo, quando acresce ao seu dizer "*mas não afeminado*" e "*sou discreto*", reforça outros enunciados hegemônicos.

Nesse movimento, seu enunciado opera como um discurso performativo normativo, pois (re)atualiza, implicitamente, critérios pelos quais masculinidades são vigiadas, visibilizadas, legitimadas e distribuídas, fazendo com que o corpo adira à estilização que visa a coerência, inteligibilidade aos olhos do outro. Ademais, seu discurso pode ser visto como uma ação discursiva que reforça modelos de legibilidade social, isto é, corpos masculinos caracterizados pela virilidade, contenção gestual, apagamento ou ocultamento de traços femininos, demonstrando um regime que só aceita determinadas expressões corporais e desejos que se ajustam aos padrões de gênero já estabilizados socialmente (Butler, 2019, 2023)

Há de se mencionar que sua declaração "mas não afeminado" funciona como o ponto nodal em que a matriz heterossexual se manifesta, pressupondo e hierarquizando práticas e identidades coerentes consoante ao estabelecido socialmente (Butler, 2019). Ao negar-se como afeminado, o locutor está, impreterivelmente, desvinculando-se de qualquer prática sexual ou expressão de gênero desvalorizada pela matriz, buscando performar uma masculinidade não desviante e alinhar-se ao que se coloca como coerência entre corpo, gesto, desejo e gênero no aplicativo. Essa performance discursiva demarca as fronteiras entre o "homem legítimo" e o que é empurrado à margem da abjeção uma vez que, ao reafirmar-se como um sujeito passivo

sem características e traços femininos, reitera a estrutura normativa e hegemônica, o que parece contraditório, mas que, na verdade, é a força motriz da matriz heterossexual: negar aquilo que a norma aloca como abjeto (a afeminação em corpos masculinos) e satisfazer a exigência cisnormativa da lógica binária masculino/feminino. (Butler, 2019)

Sob essa ótica, quando o sujeito performa discursivamente "*sou discreto*", ele complementa essa voz da matriz heterossexual, que valoriza essa performance de contenção e discrição. Trata-se de uma marca enunciativa que reforça o ocultamento das expressões que escapam ao regime de corpos dominante, reiterando a ideia de que expressões de gênero e desejos não paralelos ao ideal viril devem permanecer escondidos. Sua discrição faz com que a visibilidade de homens homossexuais afeminados seja alocada no lugar da desqualificação e exclusão, demonstrando, assim, sua conformidade ativa: nega traços desviantes e assume a preservação da aparência coerente à heteronorma. Esse discurso, em sua totalidade, é um ato performativo funambulista, no qual o locutor deve, impreterivelmente, equilibrar-se entre satisfação do desejo e coerção da norma de gênero regulatória da matriz heterossexual (Butler, 2019).

É precisamente nesse ponto de tensão ideológica – entre o ocultamento solicitado pela norma e a necessidade de se apresentar como um sujeito desejável – que se torna audível a voz da masculinidade hegemônica, cuja onipresença no enunciado "*sou passivo mas não afeminado sou discreto*" faz emergir o complexo funcionamento das hierarquias de gênero e dos padrões de pertencimento. Quando o locutor diz "*sou passivo*", a masculinidade, que historicamente é associada à iniciativa, à ação, ao domínio e à posição dominante, é confrontada com uma prática sexual lida, no imaginário social, como desviante e desalinhada dessas características; no entanto, o ponto de inflexão não é a passividade em si, porque é nesse ponto que emerge o contraste "*mas não afeminado*" cuja função não é pura e somente negar o esse traço, como também preservar-se dentro do modelo de masculinidade que preza por virilidade e contenção gestual (Connell, 2005).

A masculinidade invocada nesse discurso, além de ser a rejeição da feminilidade, é uma afirmação de um ideal específico, uma masculinidade resistente às masculinidades destoantes do padrão hegemônico, sustentada por expressões de gêneros reservadas, corporalidade controlada e ausência de atributos como delicadeza e expressividade intensa (Connell, 2005). Nesse sentido, "*não afeminado*" opera como selo de pertencimento ao modelo hegemônico de masculinidade, pois sua posição sexual em uma relação homoafetiva, mesmo que seja dominada, caia no limbo da masculinidade frágil, ou seja, que ser passivo é tolerado, desde que essa condição permaneça nos limites da norma de masculinidade. Essa forte negação ao atributo

afeminado faz com que o locutor reforce ativamente a estigmatização e a marginalização de sujeitos cuja expressão de masculinidade é fluida ou feminina, além de esse sujeito se tornar um agente da opressão, pois ele internaliza e (re)produz o preconceito, beneficia-se da ordem hegemônica sem encarná-la em totalidade (já que é passivo) (Connell, 2005).

A discrição proposta por esse locutor, em "*sou discreto*", atua como um reforço silencioso que reforça a voz da masculinidade hegemônica, pois ter características masculinas mais marcadas, ser contido em relação à expressão do gênero e do desejo são atributos associados à maturidade e à força, pilares da masculinidade hegemônica, em contraste com a exposição excessiva da feminilidade. "*Sou discreto*" é, nesse sentido, um filtro de seleção que sinaliza aos prováveis interlocutores a preferência por interações que fiquem fora do olhar público que avalia as ações e comportamentos de indivíduos na sociedade, atraindo parceiros que concordem com a discrição como um pacto entre locutor e interlocutores de não-exposição.

Nesse entremeio ressoa o eco da voz dos regimes de visibilidade e do corpo como mercadoria em ambientes digitais homoeróticos, manifestadas pela gestão estratégica de autoapresentação e economia de signos. A escolha por condensar, em poucas palavras, tensões estruturantes concernentes aos regimes de visibilidade que incide sobre corpos dissidentes evidencia a transformação do corpo como mercadoria negociada. Declarar-se "*sou passivo*" instaura um corpo posicionado, introduzido em uma economia simbólica que categoriza as práticas sexuais e as converte em moeda de troca (Miskolci, 2017). A posição penetrativa no ato sexual desse locutor deixa ser mera prática sexual e se configura, necessariamente, como uma característica negociável, pois define o lugar que esse sujeito está alocado na hierarquia erótica que estrutura as relações no *Grindr*; no entanto, essa autoapresentação não se sustenta sozinha; ela é imediatamente qualificada em um gesto defensivo que controla a visibilidade, haja vista que enunciar "*mas não afeminado*" torna a afeminação um atributo que deve ser apagado, ocultado ou deslegitimado, recorrentemente vista como desvalorizada no interior de um regime de visibilidade que privilegia as performances de masculinidades hegemônicas (Miskolci, 2015). Essa negação é a tentativa de criar uma imagem discursiva-corporal que possa circular dentro da mercado-lógica, eliminando aspectos e traços que comprometeriam seu "valor".

Nessa linha de pensamento, o corpo é exposto de modo calculado, como uma gestão da própria visibilidade: o locutor exibe-se dentro dos limites seguros que não atraiam rejeição e desqualificação para que seu corpo possa ser considerado trocável e avaliável por outros (Miskolci, 2014). Ademais, ao enunciar "*sou discreto*", esse sujeito cria uma moeda discursiva que regula o grau de exposição de seu corpo, prometendo aos seus interlocutores possíveis um

indivíduo que não escapa às normas de masculinidade viril e que não põe em risco a circulação de sua homossexualidade. A discrição é o capital simbólico: quanto mais discreto um sujeito se percebe e é percebido, maior suas chances de ser aceito dentro do regime que atrela visibilidades dissidentes à vergonha e à perda de legitimidade. O corpo, por fim, é continuamente avaliado, precificado e usado como moeda de troca, onde a masculinidade é o capital necessário para ser visto, constituindo-se como um discurso que se ajusta aos regimes de visibilidade e à mercado-lógica erótica do *Grindr* (Miskolci, 2015)

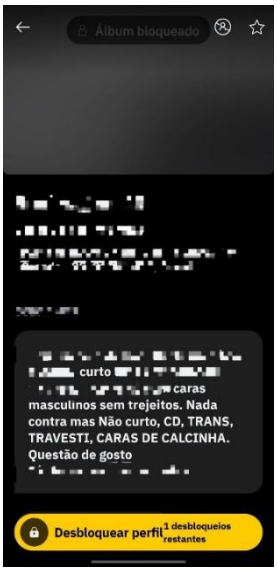
O discurso analisado demostra que a autoapresentação no *Grindr* não pode ser compreendida como simples descrição de escolhas ou preferências sexuais ou traços individuais, mas como prática discursiva profundamente regulada por normas que organizam o reconhecimento, a visibilidade e o valor dos corpos. O dizer do locutor não surge de uma posição de escolha e, sim, de um lugar em que forças, desejo, gênero e poder se entrecruzam, solicitando do sujeito uma constante administração de si. A sequência "*sou passivo*", "*mas não afeminado*" e "*sou discreto*" funciona como um mecanismo de contenção discursiva que procura tornar a dissidência tolerável sem colocá-la em confronto direto com a norma. Nesse sentido, a linguagem opera como ferramenta de ajuste: não elimina a hierarquia que subordina determinadas práticas e expressões de gênero, mas a reconfigura de modo a permitir uma circulação controlada do sujeito dentro do espaço homoerótico digital, desde que este aceite limitar sua visibilidade, modular sua performance e reafirmar, ainda que implicitamente, os valores da masculinidade hegemônica.

Esse funcionamento discursivo revela que a dissidência, longe de representar ruptura, é constantemente incorporada como variação administrável da norma, o que explica a permanência de hierarquias rígidas mesmo em espaços que se anunciam como alternativos ou libertários. O corpo, atravessado por classificações sexuais, expressões de gênero e regimes de visibilidade, é transformado em mercadoria, cujo valor depende, necessariamente, da capacidade de alinhar desejo, aparência e conduta a expectativas previamente estabilizadas. Assim, o discurso analisado não apenas reproduz desigualdades; ele explicita o valor subjetivo da inteligibilidade, ou seja, o "preço pago" para existir simbolicamente em um ambiente regido pela vigilância normativa. A subjetividade que se constrói é, assim, fragmentada e precária, sempre negociada entre o que se deseja afirmar e o que é permitido mostrar, destacando que, no interior do mercado erótico-digital, o reconhecimento nunca é pleno, mas condicionado, seletivo e atravessado pela lógica da dominação que converte adequação em valor e silenciamento em estratégia de sobrevivência.

Importa destacar, por fim, que há o entrecruzamento de autoinscrição sexual, policiamento de gênero e administração da própria aparição. O discurso "*sou passivo mas não afeminado sou discreto*" organiza a maneira pela qual desenho e reconhecimento são negociados. O locutor, ao mover-se entre afirmação, ressalva e discrição, engendra uma arquitetura identitária fraturada, (re)produzida permanentemente em estado de negociação com padrões que o excedem e o antecedem. O enunciado, nesse sentido, transforma o corpo em moeda mercadológica que administra o desejo através de classificações e expectativas de coerência com a masculinidade hegemônica e matriz heterossexual, evidenciando o custo de habitar um espaço constantemente vigiado pela heterocisnormatividade.

5.2.2 Curto caras masculinos sem trejeitos. Nada contra mas Não curto, CD, TRANS, TRAVESTI, CARAS DE CALCINHA. Questão de gosto

Figura 9: *Print Screen* 24



Fonte: Arquivo Pessoal

O enunciado desse locutor condensa uma complexa teia de valorações que perpassam sua experiência, e de outros, homoerótica no *Grindr*. Em um primeiro gesto analítico, observei que o locutor utiliza "*curto caras masculinos sem trejeitos*". Esses signos ideológicos, longe de serem empregos de forma neutra, refletem e refratam uma realidade que lhes é exterior (Volóchinov, 2018): a preferência desse sujeito por homens de aparência robusta, com características de um ideal cultural como virilidade, força, voz grave e sexualidade dominante, como ele destaca em "*curto caras masculinos*", complementando tais sentidos com "*sem trejeitos*", expressão que reforça seu interesse apenas em homens que não apresentem atributos atrelados ao sexo feminino como gestos, movimentos, expressões corporais e voz mais suave e

menos grave. Além disso, pude constar que esse sujeito organiza seu desejo consoante a uma lógica de filtragem identitária que funciona por exclusão sucessiva, pois demarca com clareza os limites do que o locutor considera aceitável dentro do conjunto de masculinidades "disponíveis" no aplicativo (Miskolci, 2017). Sua seleção ideológica, à medida que privilegia certas marcas corporais e comportamentais, reflete e refrata uma ferramenta de triagem que antecipa a expressão corporal, gestual e postural que o indivíduo reconhecerá como objeto de seu interesse sexual, negando quaisquer possibilidades de interação com expressões outras de gênero e sexualidade.

Como sequência de seu discurso, o locutor invoca "*Nada contra mas Não curto, CD, TRANS, TRAVESTI, CARAS DE CALCINHA*". Em "*Nada contra mas Não curto*", ainda que pareça atenuar a força excludente desse locutor a homens afeminados, reflete e refrata uma estratégia discursiva de polidez negativa, pois o sujeito busca suavizar a violência simbólica de seu gesto de recusa, despolitizar a rejeição, transformando a exclusão de grupos sociais em uma simples questão de gosto individual (Volóchinov, 2018; Miskolci, 2017). Essa sinalização discursiva, ademais, reflete e refrata a marginalização social de identidades dissonantes da lógica binária de gênero, em uma tentativa de neutralizar sua posição de desejo, como se fosse possível apagar de seu dizer o repúdio direcionado aos homens que exibem traços e marcas corporais associados ao feminino.

Nesse movimento reflexivo, há de se mencionar que o locutor soma ao seu discurso "*CD, TRANS, TRAVESTI, CARAS DE CALCINHA*". O signo "*CD*" representa a abreviação do signo *crossdresser* que caracteriza uma pessoa que se veste com roupas tradicionalmente associadas a um gênero diferente do seu sexo atribuído, seja por prazer, fetiche ou para expressar um lado de sua identidade. Essa prática não tem relação com orientação sexual ou identidade de gênero; um *crossdresser* pode ser hétero, gay, bi ou ter qualquer outra orientação sexual, podendo se identificar com seu gênero de nascimento. Nesse sentido, esse signo ideológico reflete e refrata o incômodo desse sujeito por sujeitos que, independentemente de sua orientação sexual e expressão de gênero, manifestem qualquer traço que rompa com as categorias de gênero rigidamente estabilizadas (Volóchinov, 2018). Além disso, sua postura reflete e refrata o alto grau de apego desse locutor pelos padrões tradicionais de masculinidade, os quais ele toma como referência para organizar seu campo de desejo, excluindo corporalidades que não performam a heterocisnormatividade.

No seguimento de seu discurso, o sujeito categoriza *TRANS* e *TRAVESTI* como signos para delimitar identidades e expressões de gênero que não estaria disposto a interagir. O termo trans designa aquelas pessoas cuja identidade de gênero não corresponde ao sexo que lhes foi

atribuído no nascimento, englobando um conjunto amplo de vivências que podem ou não envolver modificações corporais, sociais ou legais. O termo travesti refere-se, sobretudo no contexto latino-americano e brasileiro, a uma identidade de gênero específica, marcada por práticas, corporeidades e trajetórias históricas próprias, em que a feminilidade é construída de modo performativo, estético e político, sem que isso implique necessariamente uma adesão ao modelo biomédico de transição. Ambas as categorias descrevem modos legítimos e plurais de viver o gênero, cada uma com seus sentidos sociais, históricos e culturais particulares. O locutor, ao elencar essas expressões de gênero, no contexto do discurso, reflete e refrata, novamente, o movimento discursivo de autoproteção, no qual o sujeito desloca sua recusa à dimensão política e discriminatória.

Esses signos tornam-se outros marcadores de exclusão de identidades complexas atravessadas por trajetórias políticas e culturais, reduzindo-as a meros filtros de indesejabilidadade e em signos de afastamento que preservam sua própria matriz de masculinidades legitimadas (Butler, 2019). Já, ao enunciar "*CARAS DE CACINHA*", o locutor evidencia sua imagem discursiva, pois tensiona as fronteiras entre convenções de gênero, ao elencar "*CARAS*" como o signo atribuído ao masculino e "*CALCINHA*", vestiário íntimo socioculturalmente usado pelo sexo feminino. Os signos, juntos, refletem e refratam sentidos (Volóchinov, 2018): ridicularização e deslegitimação de homens que incorporam vestimentas lidas como femininas, funcionando como uma metáfora que sinaliza a junção de códigos de gênero como inadequada e/ou esquisita. Ademais, "*CARAS DE CACINHA*" converte-se em mecanismo de regulação, que aloca o feminino – quando inscrito em corpos masculinos – no lugar do excesso indesejado, posicionando tais sujeitos como intrusos num espaço em que apenas masculinidades hegemônicas são autorizadas a circular com legitimidade.

Ao final de seu enunciado, o locutor utiliza o mecanismo de desresponsabilização, ao empregar "*Questão de gosto*", pois recusa identidades destoantes do padrão hegemônico como um gosto natural, individual e incontestável, num movimento discursivo supostamente neutro de preferência pessoal. Superficialmente, sua formulação indica apenas uma inclinação subjetiva; no entanto, ela reflete e refrata sua tentativa de excluir a proporção histórica e hierárquica do que alguém aprende a desejar e aprende a rejeitar. Sua tentativa de neutralização discursiva objetiva evitar possíveis indagações e críticas de outros usuários, uma vez que encobre o fato de "seus gostos" serem produzidos dentro da matriz hegemônica de gênero, sexualidade e corpo. (Butler, 2018; Connell, 2005)

Considerando que, na cadeia discursiva, um enunciado se constitui por um locutor e um interlocutor, pude observar que esse sujeito enunciativo constrói seu discurso a um interlocutor presumido, cuja presença opera com força essencial para a construção dos sentidos (Bakhtin, 2011). Torna-se evidente que, em "*Curto caras masculinos sem trejeitos. Nada contra mas não curto CD, TRANS, TRAVESTI, CARAS DE CALCINHA. Questão de gosto*", esse locutor elenca signos ideológicos que operam como respostas a um horizonte de expectativas e interlocutores já presumidos (Bakhtin, 2011). Seu enunciado pressupõe um interlocutor que, necessariamente, interprete e concorde com a rejeição, preconceito e violência simbólica interdita por esse sujeito, razão pela qual incorpora em seu discurso justificativa como "*nada contra*" e "*questão de gosto*", utilizados para ponderar a provável avaliação negativa que pressupõe. Ademais, o locutor projeta um outro que partilha seus ideais de hierarquia de corpo, gênero e sexualidade, esperando que este reconheça, valide e se enquadre em seus filtros identitários.

Nessa ótica, há de se mencionar que o discurso do locutor pode operar sob duas direções: a primeira, respondendo preventivamente ao julgamento de um interlocutor provável que o censuraria; e a segunda, convocando um interlocutor afim que se alinhe às mesmas convenções e valores, isto é, outros homens que apresentem características masculinas e que não tenham nenhum trejeito feminino, seja na identidade de gênero, expressão corporal, gestos e condutas sociais. Desse modo, o interlocutor é construído pelo próprio discurso, pois locutor cria um destinatário ideal, capaz de acolher, sem qualquer discordância, seus padrões (Charaudeau, 2010b). Esse sujeito é convocado a ocupar a posição de cúmplice normativo, cuja rejeição de corporalidades e masculinidades dissidentes emerge como partilhada e não-controversa. Quanto mais esse outro ajusta-se aos padrões impostos pelo locutor maior parecerá a neutralidade e razoabilidade, denotando apenas uma preferência pessoal. (Connell, 2005)

Assim, esse discurso não é direcionado a um interlocutor indiferente e, sim, a um sujeito que se posiciona nos mesmos moldes, isto é, que possui os mesmos códigos normativos e concorda com as hierarquias operantes da lógica classificatória imposta pelo locutor. A projeção desse outro imaginado produz efeitos de sentido que asseguram a adesão ao padrão, neutralizam dissensos e previnam interpretações que criem uma imagem destoante. O interlocutor esperado, nesse sentido, age, necessariamente, como regulador axiológico que mantém estável o regime de aceitação do enunciado do locutor, o qual determina que *TRANS*, *TRAVESTIS*, *CD'S* e *CARAS DE CALCINHA* devam ser excluídos a fim de sustentar a coerência identitária e ideológica desse sujeito.

Nesse ínterim, todo enunciado acionado à cadeia discursiva, ressoa ecos de vozes preexistentes que o atravessam e o excedem, vozes que conferem densidade ideológica ao discurso de um sujeito (Bakhtin, 2015). Ao observar "*Curto caras masculinos sem trejeitos. Nada contra mas não curto CD, TRANS, TRAVESTI, CARAS DE CALCINHA. Questão de gosto*", torna-se audível o eco da performatividade e da matriz heterossexual, que não se instauram como vozes autônomas do locutor e, sim, reverberações que inscrevem em seu dizer a memória social das práticas reguladoras que categorizam corpos, desejos e inteligibilidades (Bakhtin, 2015; Butler, 2019).

Em "*curto caras masculinos sem trejeitos*", o locutor aciona a performatividade de gênero como filtro seleciona corpos, performances legitimadas pela norma heteronormativa da masculinidade. "*Caras masculinos*" designa homens cuja performance (re)produz os padrões hegemônicos de virilidade: postura, gestos, vestimenta e economia afetiva que não insinua feminilidade, complementado por "*sem trejeitos*" que funciona como ferramenta disciplinadora que exclui do campo do desejo desse locutor quaisquer corporeidades que apresentem desvios da repetição normativa do masculino. Tais signos ideológicos indicam que performances desviantes desse padrão ameaçam a coerência com a matriz heterossexual adotada por esse sujeito, reiterando o fato de o masculino ser legível apenas se for sustentado em práticas e performances da hegemonia que, por sua vez, serão o único modo aceitável de reconhecimento erótico no contexto da aplicação. (Butler, 2019)

Nessa esteira, o locutor acresce ao seu discurso "*Nada contra mas não curto CD, TRANS, TRAVESTI, CARAS DE CALCINHA*", reafirma a lógica da abjeção, isto é, o processo pelo qual determinadas, vidas, corpos e identidades são excluídas e marginalizadas pelas normas sociais e de gênero para que a categoria "sujeito inteligível" (reconhecível) se forme (Butler, 2023). "*Nada contra*" tenta mascarar o efeito de sentido excludente do enunciado, além de tentar suavizar a violência simbólica ao travestir essa repulsa de "opinião neutra"; no entanto, essa tentativa de reduzir o nível de preconceito acaba por intensificar a segregação, uma vez que encobre a hierarquia produzida sob o véu da suposta tolerância.

A sequência "*CD, TRANS, TRAVESTI*" materializa a noção basilar da matriz heterossexual: reconhecer como "homem legítimo" apenas expressões de gênero e de sexualidade que não representem uma ameaça à estabilidade dessa estrutura (Butler, 2019). Ademais, esses signos representam, para esse locutor, todas as performances que destoam da coerência sexo/gênero/desejo, denunciando, ainda, a artificialidade de performances de gênero da matriz hegemônica. A figura dos "*CARAS DE CALCINHA*" sintetiza essa questão ao denunciar a inadequação entre vestimenta íntima (símbolo que marca o gênero feminino) e o

corpo (anatomia masculina presumida). Essa junção de signos demonstra as fronteiras identitárias e estabelece quais as performances são excluídas e quais as performances são aceitas a fim de que a matriz heterossexual continue inabalada, tratando-se, assim, de um ato discursivo performativo que insere expressões dissidentes ao abjeto e torna visível a contingência de gênero. O sujeito fecha seu dizer com "*Questão de gosto*". Sua "preferência" torna nítida as normas que regulam a inteligibilidade de corpos, pois o locutor tenta contornar sua rejeição e seu regime de preferência, apresentando sua repulsa com mero capricho pessoal e não como resultado de sua concordância ao regime da matriz heterossexual

No bojo dessa performance coerente à matiz heterossexual, o masculino hegemônico protagoniza o papel de eixo organizador, inserindo o sistema de valores que define o que deve ser reconhecido (Butler, 2023). Quando o locutor aciona "*curto caras masculinos sem trejeitos*", ele evidencia uma posição de supremacia cultural: uma masculinidade constituída como a norma legítima a partir da qual as demais são medidas. A solicitação por caras "*sem trejeitos*" é o traço que associa a feminilidade, expressividade corporal e performatividade dissidentes à subalternidade, pois o traço desejado – *caras masculinos* – e o rejeitado – *sem trejeitos* – engendram o horizonte normativo que categoriza o corpo que recebe prestígio, objeto de desejo e o corpo que é relegado, inferior na hierarquia das masculinidades, isto é, corporeidades marcadas pela afinidade à feminilidade (Connell, 2005)

Além disso, o locutor, ao somar ao seu dizer "*Nada contra mas não curto CD, TRANS, TRAVESTI, CARAS DE CALCINHA*", adota uma masculinidade cúmplice, pois, ao mesmo tempo em que reafirma o modelo de masculino hegemônico – rejeitando expressões de gênero que desafiam a norma – ele "preserva" uma aparência neutra ao enunciar "*Nada contra*" (Connell, 2005). Ao mobilizar "*CD, TRANS, TRAVESTI*", ele convoca uma ferramenta de distanciamento, pois cita as identidades que aloca como excluídas e inaceitáveis, reafirmando que sua masculinidade se alinha à hegemônica, além de construir uma cartografia discursiva em que essas identidades são zonas de perigo, ameaça e inadequação. Ademias, a expressão "*CARAS DE CALCINHA*" torna perceptível o esforço que esse locutor tem de demarcar as fronteiras que separam o masculino legítimo de outras inscrições de feminilidade em corpos masculinos, reafirmando o fato de a hegemonia masculina sustentar, para além de afirmação incisiva de traços masculinos, a humilhação de expressões corpóreas não-normativas. Por fim, quando o locutor evoca "*Questão de gosto*", ele aciona o mecanismo de normalização que tenta velar o preconceito. Esse apagamento é parte do funcionamento da hegemonia que desloca o preconceito ao plano individual sob o argumento de preferência subjetiva, mas que, na realidade, ressoa a ampla estrutura de poder dentro do aplicativo *Grindr*.

A arquitetura hierárquica das masculinidades faz ressoar a voz dos regimes de visibilidade que organizam o que pode ser visto, reconhecido e excluído do horizonte perceptivo do *Grindr*, convertendo corpos em objetos mensuráveis cuja presença adquire legitimidade à medida que circula como mercadoria desejável (Miskolci, 2017). Nesse sentido, o locutor, ao afirmar "*curto caras masculinos sem trejeitos*", estabelece a lógica de visibilidade assentada na convergência entre masculinidade hegemônica e legitimidade corporal. A visibilidade, nesse contexto, só é concedida apenas àqueles corpos que performam a virilidade normativa, pois apenas corpos que correspondem à exigência podem ser produtos passíveis de desejo e consumo. Ademais, quando o sujeito enuncia "*Nada contra mas não curto*", introduz um recurso utilizado recorrentemente no *Grindr*, a negação emancipatória. Essa negação opera como "blindagem ética", mecanismo que desresponsabiliza o locutor por aquilo que virá a seguir. Essa estratégia do desejo ressalta a percepção de que a estética do desejo é um regime de visibilidade que seleciona o que deverá ser mostrado/visto, além de colocar a recusa como especificação de compra de um produto que, no contexto do discurso, são os corpos que se alinham ao padrão hegemônico e às exigências desse locutor (Miskolci, 2020).

Há de se mencionar que, ao enumerar as identidades e expressões de gênero "*CD, TRANS, TRAVESTI, CARAS DE CALCINHA*", o sujeito cria um catálogo excludente daquilo que está expulso do espaço de visibilidade permitido, pois cada categoria apresentada é caracterizada pela presença de traços femininos que, à luz do locutor, são marcadas pela transgressão da normatividade de gênero. Esse catálogo mercadológico ordena, classifica e descarta essas identidades, vistas como mercadorias impróprias para consumo e produtos que não assistem as especificações desejadas. A visibilidade é, portanto, recusada não por acaso, mas porque esses corpos interrompem o fluxo de circulação da mercadoria ideal — o homem masculino, discreto e sem marcas de feminilidade (Miskolci, 2020).

"*Questão de gosto*" fecha seu discurso, num gesto de naturalizar a exclusão; no entanto essa tentativa de naturalização é o elemento central do regime de visibilidade que esse locutor estabelece: ao transformar a hierarquização dos corpos em "gosto", ele reafirma a lógica mercadológica, pois o corpo do outro é objeto de consumo à medida que pode – e deve – ser legitimado ou descartado consoante aos critérios de preferência individual do "comprador". Ao encerrar seu dizer com essa justificativa, o locutor reforça a lógica consumista do *Grindr*, consolidando os corpos como mercadorias cuja possibilidade de exposição como mercadoria consumível depende, necessariamente, da conformidade ao olhar do comprador.

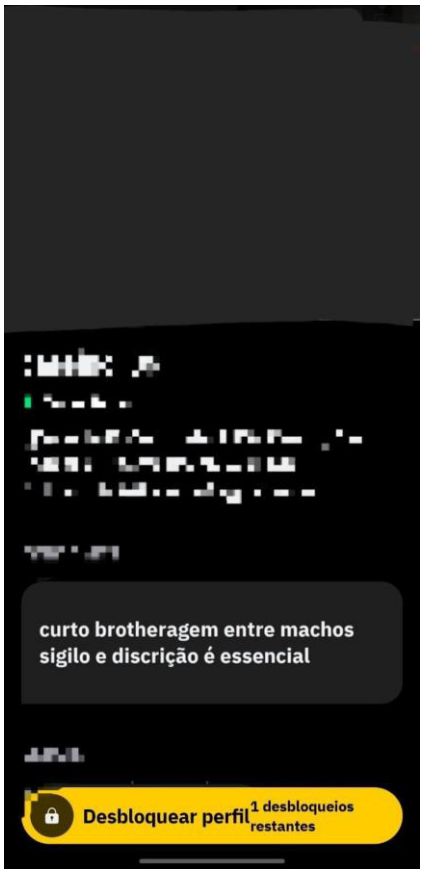
O enunciado analisado revelou-se como um complexo arranjo axiológico em que se engendram performatividade de gênero, hierarquias de masculinidade, regimes de visibilidade e lógicas mercantis que estruturam o desejo no aplicativo homoerótico *Grindr*. O discurso do locutor emerge, nesse sentido, como produto de reverberações de vozes que organizam, legitimam e naturalizam a distribuição desigual de reconhecimento entre corpos e identidades. Os signos ideológicos invocados por esse locutor para construir sua imagem discursiva refletem e refratam performances sancionadas pela matriz heterossexual, opera como filtro e inscreve o desejo na lógica mercantilista de corpos em ambientes digitais como o aplicativo supracitado.

5.3 CUMPLICIDADE E SIGILO HOMOERÓTICOS

As imagens (Figuras 10 e 11) que se seguem foram selecionadas do aplicativo de relacionamentos *Grindr* nos dias 14 de outubro de 2025 e 19 de outubro de 2025, respectivamente.

5.3.1 **curto uma brotheragem entre machos sigilo e discrição é essencial**

Figura 10: ***Print Screen 22***



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador

O discurso desse locutor forma um complexo emaranhado de valores e ideologias no contexto homoerótico do *Grindr* (Bakhtin, 2015). Em primeira instância analítica, percebi que o sujeito condensa um conjunto de valorações que engendram desejo, vigilância e autopreservação, (re)produzindo uma configuração ideológica um tanto quanto distinta das expressas por filtros identitários explícitos, porém arraigada na matriz heterossexual que regula as masculinidades e os regimes de visibilidade do aplicativo. O locutor aciona, inicialmente, a oração "*curto uma brotheragem entre machos*" que define por quais representações corporais esse indivíduo seus interesses sexuais são destinados, elencando o signo ideológico "*brotheragem*" e "*machos*" para isso.

No que concerne ao emprego de "*brotheragem*", constatei que esse signo funciona como um operador discursivo que reflete e refrata sua sociabilidade homoafetiva mascarada pelos códigos de cumplicidade masculina, uma vez que conserva traços identitários da fraternidade heterossexual, convergindo o encontro sexual entre homens que preservam e mantêm intacta a coerência com o padrão masculino hegemônico (Connell, 2005). Isso significa dizer que esse sujeito reconfigura sua prática sexual somente entre "bros[10]", no qual esse vínculo é alicerçado na manutenção dessa identidade viril compartilhada, no qual o corpo do outro se torna um território acessível desde que a interação sexual permaneça como "brincadeira". Ademais, o signo reflete e refrata a constante vigilância mútua da masculinidade de si e do outro, em que ambos precisam performar estereótipos hegemônicos, no sentido de que o sujeito permite viver a experiência sexual homoafetiva porque está entre seus pares, isto é, entre sujeitos que não expressem quaisquer sinais de fragilidade ou feminilidade, reforçando tal vivência quando acresce à "*brotheragem*" o termo "*entre machos*". Tal soma reforça a ideia de que a consumação do ato sexual será entre homens que performam a masculinidade hegemônica e que essa "*brotheragem*" não terá repercussões definitivas e nem pejorativas, como se esse locutor estivesse liberado a realizar atos que, se feitos em outros contextos, seriam considerados definidores da homossexualidade. (Miskolci, 2020)

Nessa mesma premissa interpretativa, o locutor, ao se autonomear como macho, faz emergir uma imagem de um homem vigoroso, forte e com características masculinas bem marcadas (Charaudeau, 2010b). "*Curto uma brotheragem entre machos*" pode refletir e refratar, ainda, uma necessidade de refirmar continuamente a identidade viril, uma vez que ele se coloca no interior de um regime de legitimação no qual o desejo só é admissível se encapsulado pelo

[10] "Bros" é uma abreviação do termo "brother", que, segundo Villareal (2019), refere-se à "broderagem" como "um tipo de encontro que reafirma a heterossexualidade dos participantes ao enquadrar sua atividade sexual do mesmo sexo como "ajudar um amigo", aliviando "impulsos" ou ato sexual sem sexo atração".

discurso da macheza, como um certificado que o garante proteção contra interpretações que o situariam fora dos limites da masculinidade heterocisnormativa.

Na sequência de seu discurso, o locutor faz uso de "*sigilo e discrição é essencial*", que reflete e refrata o ocultamento que sustenta sua coerência identitária com os padrões normativos, instaurando uma ética de clandestinidade que opera como autoproteção e mecanismo de vigilância recíproca. Esses signos ideológicos são pactos que determinam que os encontros desse locutor podem ocorrer se permanecerem apartados da visibilidade pública, uma vez que a exposição ameaçaria sua construção discursiva como um homem viril e másculo, cuja estabilidade depende, necessariamente, da eliminação de práticas que possam ser vistas como desviantes da norma heterocisnormativa (Miskolci, 2020). Além disso, importa destacar que essa justaposição de "*sigilo*" e "*discrição*" não produz redundância; antes, revela o controle que esse locutor aciona.

Ao invocar "*sigilo*", o sujeito faz uso de uma lógica de ocultamento que transcende o instante do contato sexual e pressupõe uma blindagem da memória social, pois sua prática sexual deve permanecer oculta e "presa" protegida do risco de circular além dos limites dessa interação. Esse mecanismo garante que se dissipe sem produzir ruído, vestígio ou marca que comprometa identidades, vínculos familiares, posições laborais ou performances de gênero elaboradas no espaço público. Ademais, o enunciado, acrescido a "*sigilo*" o signo ideológico "*discrição*", por meio da conjunção coordenativa "e", reflete e refrata a regulação da aparência, pois o locutor estabelece que seu corpo, seus gestos, sua voz, seus modos de sociabilidade e sai inserção na vida social são alinhados ao ideal de masculinidade contido e demarcado.

Importa destacar, à luz da reflexão até aqui proposta sobre oração "*curto uma brotheragem entre machos*" que esse sujeito enuncia seu discurso com o objetivo de alcançar um outro, pois todo enunciado pressupõe, necessariamente, um interlocutor convocado e antecipado. Não se trata de um sujeito abstrato, mas um outro concreto, imaginado e modelado pelo discurso desse locutor, cuja presença orienta a tessitura valorativa e o horizonte de expectativa que sustenta o enunciado (Bakhtin, 2011; Charaudeau, 2010b). Em "*curto uma brotheragem entre machos*", o locutor projeta um interlocutor que se domine a gramática da broderagem, ou seja, um outro que compreenda e concorde com a camaradagem viril como código essencial para encontros homoeróticos. (Miskolci, 2015) Nesse sentido, esse interlocutor provável deve ser, impreterivelmente, um sujeito que partilhe o mesmo sistema de valores, que preserve a heteromasculinidade e que performa a mesma masculinidade que ele – autodeclarada forte, viril e imune a quaisquer marcas que remontem ao feminino, excluindo aqueles que não encenam e não valorizam o ideal de "macho".

Já em "*sigilo e discrição é essencial*", o locutor convoca o outro, o qual não apenas deva respeitar tais traços essenciais, mas que mantenha intacta a aparência heterocisnormativa e que seja igualmente interessado em manter a prática sexual homoerótica confinada e secreta. Ademais, a ser discreto é uma exigência reguladora do corpo do outro – linguagem, voz, modos de se portar e se vestir –, pois o interlocutor compreenda essa norma de discrição, valorize-a e, acima de tudo, execute-a. O interlocutor, nesse sentido, é o sujeito compactua com os mesmos ideais, cujo corpo não é marcado por traços de feminilidade. "*Essencial*" opera como uma marca que reitera essa assimetria entre locutor e interlocutor, uma instrução, comando, limite que o outro não pode ultrapassar para manter a aparência viril que sustenta um possível encontro (Charaudeau, 2010b).

Há de se ressaltar que todo discurso surge da interrelação de vozes, instaurando um campo de forças em que a posição do sujeito que enuncia não é autônoma e, sim, ponto de conversão de ideologias com as quais esse locutor interage (Bakhtin, 2015). Assim, em "*curto uma brotheragem entre machos sigilo e discrição é essencial*", identifiquei que ecos de vozes que organizam e influenciam o dizer desse sujeito. Em um primeiro momento, a voz da performatividade e da matriz heterossexual aparece como força ativa que engendra, nomeia e regula esse enunciado, que opera como um ato reiterativo de normas (Butler, 2023)

No primeiro bloco do discurso do locutor – "*curto uma brotheragem entre machos*" foi possível identificar que a performatividade, além de funcionar como repetição e atos corporais, opera como um discurso que (re)encena e reforça a posição de masculinidade regulada (Butler, 2019). "*Curto uma brotheragem*" é um ato performativo, pois o sujeito, ao mesmo tempo que expressa seu gosto, nega o pertencimento identitário ao universo homossexual, por meio do emprego de "*brotheragem*", que converse seu discurso em um gesto de camaradagem masculina. A broderagem funciona como uma performance de não identificação, pois o encontro homoerótico deixa de ser aberto e passa a ser uma extensão da sociabilidade masculina e viril. Isso significa dizer que outras representações de masculinidade que não se alinham ao ideal de "homem" não têm a possibilidade de ser objeto de desejo. Esse mecanismo aloca o desejo em um espaço protegido pela matriz heterossexual, no qual homens tocam-se, aproximam-se e interagem física e sexualmente desde que o sentido dessa interação se circunscreva, necessariamente, no âmbito do "entre iguais".

Essa performance de masculinidade viril e manutenção da matriz heterossexual intensifica-se quando o locutor invoca "*entre machos*", pois ele delimita os sujeitos que podem participar desse jogo performativo com ele. A matriz heterossexual, que constrói o que pode ser entendido como masculino, formula um código de legitimidade corporal o qual o locutor

mobiliza com o intuito de asseverar que sua prática homoerótica não compromete sua identidade (Butler, 2019). O signo "*machos*" funciona como um filtro que seleciona e exclui, pois somente aqueles sujeitos que performam a virilidade – seja pela estética corpórea, silêncio emocional seja pelo controle gestual – podem ser considerados aptos à troca com esse locutor. Sua construção performativa revela que o desejo está rigidamente controlado, haja vista que a masculinidade não é unicamente uma preferência, mas uma condição obrigatória para que o encontro sexual seja possível.

No segundo bloco discursivo, o locutor convoca ao seu dizer a estrutura oracional "*sigilo e discrição é essencial*", que faz a matriz heterossexual reaparecer. O "*sigilo*", nesse contexto, é uma condição que impede a produção de rastros que possam desestabilizar a posição desse locutor dentro do regime heterocisnormativo e opera como gesto performativo, pois corpos são consolidados ao longo do tempo consoante a repetição de atos regulatórios (Butler, 2023); nesse contexto do discurso, o sigilo é esse ato repetitivo de tornar a homossexualidade visível, pois o sujeito tem a consciência de que performar sua masculinidade depende, impreterivelmente, da sua capacidade de manter determinadas práticas fora da visão legitimadora e condenatória das instituições sociais – família, trabalho, igreja etc. O sigilo, assim, é parte da constituição da performance de gênero e de identidade masculina desse locutor, sem o qual esta ruiria.

A "*discrição*" aprofunda esse processo, pois cria uma contenção expressiva. O locutor, ao requisitar a discrição como essencial, exige do outro uma performance que seja coerente com os padrões estipulados por ele e pela matriz heterossexual: modo de andar, postura, gestos, linguagem, voz e vestimenta que se ordenem a esse modelo hegemônico (Butler, 2019, 2023). Essa solicitação atua como disciplinadora, fazendo com que tanto locutor quanto (provável) interlocutor sejam cúmplices da matriz heterossexual: ambos podem participar do evento homossexual; no entanto, isso não pode abalar a fachada viril que sustenta a inteligibilidade dos sujeitos. Nesse sentido, a discrição se torna a condição de possibilidade que torna a performatividade eficaz, posto que ela garante que corpos continuem performando uma identidade que não ultrapasse os limites do que é reconhecido, evitando qualquer contradição entre o desejo do locutor e a voz da norma que o constitui.

Nessa esteira, é audível a voz das masculinidades em "*curto uma brotheragem entre machos sigilo e discrição é essencial*", que opera como base estruturante das hierarquias que regulam as performances (im)possíveis no contexto homoerótico descrito pelo locutor. Em "*curto uma brotheragem entre machos*", a voz da masculinidade fala através da seleção de identificações que (re)produzem modelos de virilidade atrelados ao poder, à dureza, à

autossuficiência e controle corporal (Connell, 2005). O locutor, quando declara seu interesse em "*brotheragem*", reforça a supremacia da masculinidade hegemônica, pois estabelece uma ordem de gênero que subordina, marginaliza e exclui formas de masculinidade destoantes, de modo mais intenso, as expressões que são atreladas à feminilidade, operando como uma espécie de blindagem, pois a prática sexual só é aceita porque a broderagem é o pacto entre dois homens que impossibilita qualquer leitura que vincule locutor e provável interlocutor à homossexualidade. A expressão "*entre machos*" aprofunda ainda mais essa constatação, pois sustenta o fato de a masculinidade hegemônica diferenciar as formas de ser homem (Connell, 2005). Essa distinção surge como critério, porque somente homens que performam ausência de trejeitos e traços femininos são admitidos na trama discursiva estabelecida pelo locutor, reafirmando a estrutura hierárquica que aloca masculinidades dissidentes, homossexuais assumidos e corpos não-normativos ao lugar de subordinação.

Já em "*sigilo e discrição é essencial*", a masculinidade hegemônica aparece como força disciplinadora, pois cria um sistema de vigilância constante que regula os corpos e os comportamentos. O "*sigilo*", nesse sentido, é o dispositivo que impede a associação do sujeito às posições subalternas, pois evita que locutor seja percebido publicamente com um sujeito que participa de práticas homoafetivas que o levariam às posições estigmatizadas, funcionando como proteção simbólica contra ameaças à posição da masculinidade legitimada. Por sua vez, o "*sigilo*" ganha uma extensão comportamental à medida que o locutor estabelece a "*discrição*" como código de controle que observa o que é feito e o que pode ser feito. Essa exigência, tido como fundamental, faz com que a discrição reforce o fato de o encontro ser permitido desde que a posição dos sujeitos dentro da hierarquia de gênero e sexualidade não seja desestabilizada (Connell, 2005).

Surge, então, a voz dos regimes de visibilidade que tornam o corpo desse locutor mercadoria passível de consumo, moldando sua forma de exposição e as estratégias que orientam sua experiência sexual no contexto do aplicativo *Grindr* (Miskolci, 2020). O locutor, ao afirmar "*curto uma brotheragem entre machos*", inscreve seu corpo (e o corpo do outro) numa trama valorativa por meio de uma triagem visual que delimita o que será mostrado, visto, apagado e suavizado. Nessa esfera a masculinidade torna-se o capital visual que se converte em moeda de troca: o corpo viril, musculoso e varonil é o desejável, o consumível e hierarquicamente superior em detrimento dos corpos afeminados, gordos, negros etc. que são os descartáveis e invisíveis. "*Entre machos*", além de demarcar preferências estéticas, estrutura um regime de visibilidade no qual o corpo só ganha valor à medida que encena heterossexualidade, emergindo como uma categoria de consumo corporal, uma maneira de

interação que não demanda afetividade, mas uma troca instantânea de performances viris, transformando o corpo em objeto consumível desde que esteja ajustado às normas visuais hegemônicas e se enquadre nos regimes de visibilidade seletiva e mercantilista (Miskolci, 2020)

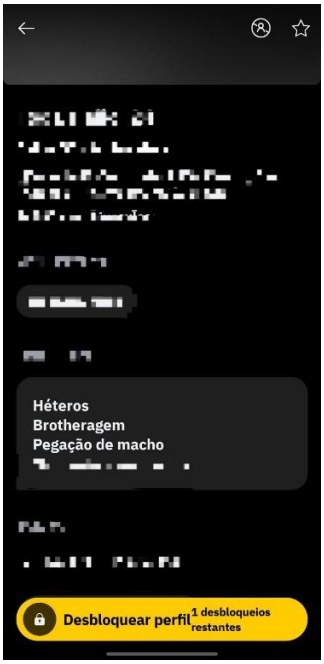
Em "*sigilo e discrição é essencial*", observa-se uma tática de apagamento comum nos regimes de visibilidade. O "*sigilo*" opera como ferramenta de gestão estratégica da visibilidade, uma vez que o locutor oferece "partes", ângulos e "pedaços" de si, sem jamais oferecer a totalidade, impedindo a transformação de seu corpo em um signo público (Charaudeau, 2010b). Essa gestão, por conseguinte, dá controle ao sujeito, que consegue equilibrar o que pode ser mostrado e o precisa permanecer oculto, controlando sua imagem para evitar que seu corpo viril e presumidamente heterossexual seja visto como feminino. Nessa linha de raciocínio, a "*discrição*" filtra expressões corporais e comportamentos, pois essa exigência remove os excessos, elimina gestualidades, apaga afetos e reduz o corpo a uma mercadoria pronta para consumo, sem que o valor mercadológico seja comprometido. O locutor, ao estabelecer e exigir um corpo discreto, instaura uma economia visual que subordina os corpos às lógicas do mercado sexual que valoriza a sobriedade viril e desvaloriza expressões que excedam os padrões normativos (Miskolci, 2017).

O discurso desse locutor, por fim, é um espaço de constante tensão ideológica, no qual desejo, controle, exclusão e mercadoria se engendram em um regime discursivo coeso à matiz heterossexual. O sujeito filtra, organiza e regula performances e compõe uma gramática na qual a masculinidade e a virilidade são o capital e a porta de entrada da broderagem, permitindo-lhe viver o homoerotismo sem que isso cause erros nessa gramática. Nesse sentido, o enunciado reflete e refrata uma maneira específica de estar no mundo, fundamentada em práticas discursivas que estabelecem e reafirmam fronteiras do masculino e produzem corpos aptos à circulação no mercado sexual estabelecido no *Grindr* (Miskolci, 2014). Ademais, o desejo constitui-se como prática regulada que exige do sujeito uma constante administração de riscos simbólicos. A linguagem, nesse contexto, opera como tecnologia de autoproteção e de filtragem social, por meio da qual o locutor delimita cuidadosamente os contornos de sua aparição e de sua legibilidade. O que se vê é uma construção de um discurso no qual o encontro homoerótico só se torna possível quando rigidamente enquadrado por códigos que neutralizam sua potência disruptiva. Assim, o enunciado não elimina a norma que o oprime. Pelo contrário, incorpora-a como condição de existência, convertendo o desejo em prática calculada, regulada e submetida à vigilância contínua — tanto de si quanto do outro.

Por fim, o discurso desse sujeito demonstra um paradoxo estrutural do espaço digital homoerótico: quanto mais se amplia a possibilidade de contato e circulação dos corpos, mais se intensifica a necessidade de controle, seleção e silenciamento. A aparente liberdade do ambiente se sustenta sobre pactos implícitos de ocultamento, contenção expressiva e conformidade performativa, nos quais o reconhecimento só é concedido àqueles que aceitam negociar sua visibilidade nos termos da norma. O sujeito, ao inscrever-se nesse jogo, não apenas responde a um regime discursivo que o antecede, mas participa ativamente de sua manutenção, reproduzindo hierarquias e exclusões como estratégia de pertencimento. O locutor faz com que seu dizer seja o vestígio de uma subjetividade tensionada entre desejo e preservação, em que existir simbolicamente implica aceitar que a legitimidade é sempre parcial, condicional e atravessada pelo custo de silenciar tudo aquilo que ameaça a coerência exigida pelo olhar normativo.

5.3.2 **Héteros Broderagem Pegação de macho**

Figura 11: ***Print Screen 29***



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador

Os signos ideológicos acionados pelo locutor carregam consigo acentos valorativos que são resultado da relação desse sujeito com o contexto social que o circula (Bakhtin, 2011). Cada termo desse discurso opera como um signo ideológico saturado de valores axiológicos, cujos sentidos excedem os limites demarcados pela palavra. Nesse sentido, o enunciado não é expressão de um sujeito isolado; é uma superfície em que se atravessam ideologias que disputam sentidos (Volóchinov, 2018). No primeiro segmento, o signo ideológico "*Héteros*",

no contexto do aplicativo *Grindr*, reflete e refrata uma fronteira simbólica entre o locutor e os interlocutores, insinuando que esse sujeito não deseja ser reconhecido como um homem homossexual, que impõe um imaginário social como um índice de legitimidade, de adequação e de pertencimento ao regime dominante de masculinidade. Além disso, esse signo pode refletir e refratar um imaginário em que não opera como categoria descritiva de uma orientação sexual – homem que se relaciona com mulheres –, mas como um homem que reivindica os atributos que a heterossexualidade hegemônica tende a monopolizar, funcionando como identidade.

Nessa esteira, o signo "*Héteros*" projeta certo receio por parte desse locutor que se situa em uma espaço vulnerável e suscetível à deslegitimação social. Assim, o indivíduo convoca a heterossexualidade como signo que lhe dá credibilidade, numa tentativa de seu enunciado funcionar como salvo-conduto, afastando-o dos estigmas associados ao universo homoafetivo. Esse receio – não dito, mas presente na trama discursivo-valorativa do signo – demonstra a constante necessidade de manter intocada a (falsa) masculinidade inquestionável, atuando como força que engendra a materialidade da palavra.

Em seguida, o locutor enuncia "*Brotheragem*". Verifiquei que esse signo funciona como um marcador discursivo que reflete e refrata sua experiência à medida que a reveste com os códigos de camaradagem masculina, preservando os traços associados à heterocismasculinidade (Volóchinov, 2018). O locutor reforça que sua prática social é sustentada dentro da lógica de homens que interagem sexualmente com outros homens, na qual ambos têm uma imagem de masculinidade robusta e viril, através da qual os corpos são vistos como espaço disponível apenas quando o contato físico é enquadrado como diversão despretensiosa (Miskolci, 2017). Além disso, o signo reflete e refrata uma tradição cultural no qual a legitimação de práticas homoeróticas só são toleradas quando a atividade partilhada entre pares é reafirmada dentro do repertório de virilidade, traduzindo o fato de que o ato sexual deva ser, necessariamente, um exercício em que se anule a dimensão afetiva, que não ameasse o ideal masculino, permitindo que o desejo entre homens exista sem que este seja associado à homossexualidade.

No bojo enunciativo, o locutor invoca "*pegação de macho*" para intensificar e densificar a carga axiológica de seu discurso (Bakhtin, 2011). Tais signos refletem e refratam a incorporação da masculinidade como força ativa, intensidade corporal e energia viril expressa no ato sexual, além de significar a redução do homem à função performativa do ato sexual que corresponde ao um "roteiro" já estabelecido. Além disso, o sintagma introduz essa ideia de ação, regida por condutas de impacto físico, objetificação recíproca e erotização da agressividade controlada entre que se associam à hegemonia masculina (Butler, 2023)

Há de mencionar que o discurso "*Héteros Brotheragem Pegação de macho*" só adquire sentido quando entendido dentro da lógica dialógica e responsiva que o institui, direcionando seu dizer a um interlocutor, que não é um destinatário passivo, mas um coautor previsto, uma instância axiologicamente carregada que condiciona antecipações, modulações e contenções no momento da enunciação (Bakhtin, 2011). Em "*Héteros*", o interlocutor é o sujeito cuja leitura necessita ser contida e que se enquadre no padrão heterossexual, isto é, um sujeito que concorde com o que se estabelece como heterossexual dentro do contexto do aplicativo: um indivíduo que performa a masculinidade hegemônica; um interlocutor que invalide interpretações desviantes e que reafirme, a coerência com um ideal de virilidade. Esse "outro" é, antes de tudo, uma ameaça potencial de desqualificação, razão pela qual o locutor produz um enunciado que tenta controlar o horizonte de resposta do interlocutor (Charaudeau, 2010b). Em "*Brotheragem*", o interlocutor é convocado como figura cúmplice: alguém que reconhece os códigos da camaradagem masculina, um sujeito que interprete o enunciado como gesto de aproximação identitária e que responda afirmativamente à tentativa de alinhamento do locutor (Charaudeau, 2010b). Por fim, o locutor aciona "*Pegação de macho*" para se dirigir a um interlocutor. Essa escolha não é neutra; é endereçada a um sujeito sensível aos repertórios corporais e performativos associados à hegemonia masculina, antecipando a necessidade de exibir vigor, intensidade e energia viril.

Ao se considerar os signos ideológicos que formam o enunciado, o locutor não apenas organiza seu dizer, como também faz surgir, no interior do discurso, um conjunto de vozes que atravessam seu dizer — vozes sociais, culturais e normativas que configuram, interferem, reorganizam e influenciam diretamente a cena discursiva por ele composta. Nesse sentido, a primeira voz que ressoa é a voz da matriz heterossexual e da performatividade. Em "*héteros*" a matriz heterossexual instaura por meio da legitimação identitária, uma vez que o locutor, acionando esse signo, performa um marcador cultural que distingue corpos adequados e corpos desviantes. Essa seleção naturaliza a associação entre masculinidade, virilidade e desejo heterodirecionado, de modo que esse locutor procura reinscrever-se nesse regime ainda que busque encontros sexuais homoeróticos. Seu discurso, nesse contexto, é uma performance que o reafirma dentro da matriz heterossexual e que tenta desloca-lo sem romper os laços com ela, sustentando a aparência coerente à hegemonia, necessária para sua autopreservação (Butler, 2019).

No segundo signo, "*brotheragem*", a performatividade é ainda mais evidente, uma vez que a palavra é o gesto que gera a manutenção da masculinidade inteligível na ordem heteronormativa (Butler, 2023). Ademais, o signo, além de nomear a prática sexual que o locutor busca, torna-se a maneira pela qual a prática homoafetiva se concretizaria e se tornaria aceitável; essa escolha lexical performatiza a matriz heterossexual por meio da tentativa de encaixar o contato entre corpos masculinos como uma extensão do universo heterossexual masculino. Ao performar a masculinidade hegemônica como condição de prazer e desejo, o locutor (re)inscreve a hegemonia que o disciplina e o regula: é permitido manter a prática sexual homoerótica; no entanto, ela deve garantir que a interpretação do ato seja, necessariamente, masculina entre semelhantes e se distancie, em larga escala, da homossexualidade como uma identidade e/ou orientação sexuais.

Em "*Pegação de macho*", a força da matriz heterossexual se intensifica ainda mais, pois são mobilizados signos ideológicos que constroem uma imagem corporal que remonta à ideia de um corpo musculoso, com pelos, robusto poder, força e virilidade masculinas. Essa performance é, aqui, uma encenação explícita dos códigos que regem a matriz heterossexual, como vigor, ação e ausência de delicadeza, atributos centrais na manutenção da masculinidade hegemônica (Connell, 2005). O sintagma nominal conduz o desejo para um regime de legibilidade no qual o corpo masculino só pode ser erotizado se performar agressividade, potência física e adoção de práticas sexuais que reafirmem sua posição no interior da matriz, que estrutura as categorias de sexo, gênero e desejo. Nesse sentido, o locutor assevera que sua participação em práticas homoeróticas não fere o imperativo normativo de masculinidade, visto que ela ocorre entre homens machos, ainda que se realize entre homens (Connell, 2005).

À reflexão da performance que o locutor encena, no discurso, ressoa, de maneira particularmente intensa, o eco da voz da masculinidade hegemônica, horizonte normativo silencioso que orienta as escolhas lexicais e os modos de autodescrição do sujeito. Seu enunciado projeta uma masculinidade impermeável e rígida, imune à suspeita de quaisquer características de feminilidades quando o locutor inscreve "*héteros*", que opera, ainda, como selo de autenticidade viril (Miskolci, 2020). Ao empregar tal signo, o sujeito reforça o sistema de hierarquias de gênero e de sexualidade, pois produz uma identidade calçada na autopreservação do capital masculino. Ademais, quando o locutor acresce ao seu dizer o signo "*brotheragem*", ele convoca o pacto da virilidade via cumplicidade masculina, em que práticas homoeróticas que se enquadrem dentro da gramática da camaradagem estabelecida pela hegemonia são aceitas. A voz da masculinidade dominante é audível, ao se evidenciar que a hegemonia é um processo de constante manutenção; e "*brotheragem*", assim, é o recurso

discursivo que torna possível o ato sexual homoafetivo. Por fim, o enunciado reforça ainda mais a masculinidade hegemônica quando o locutor estabelece "*pegação de macho*", expressão que evoca um parceiro desejado, cujo modelo performativo masculino, reafirmando a hierarquia interna das masculinidades: valorizam-se os homens que performam o ideal viril e másculo e relegam á margem aquelas percebidas como fracas e femininas (Miskolci, 2015).

No que concerne à voz dos regimes de visibilidade e do corpo como mercadoria, o signo ideológico "*héteros*" produz certa opacidade, pois impede que o corpo do locutor seja interpretado como um corpo homossexual. A visibilidade homoerótica do locutor é exibida sem que ele "realmente se exponha". O signo faz com que o corpo desse sujeito seja uma mercadoria controlada, pois é ofertado ao consumo, mas enquadrado na estética do anonimato, um produto inquestionável que reforça o erotismo de corpos que se encaixam no padrão heterossexual, alimentando um mercado que só consome essa norma masculino como único atributo possível (Miskolci, 2017).

Outrossim, quando o locutor soma ao seu discurso "*brotheragem*" e "*pegação de macho*", ele desloca o regime de visibilidade: seu corpo, antes protegido pela aparência heterossexual, enquadra-se na estética da cumplicidade viril masculina, a qual autoriza a exposição àqueles interlocutores que se encaixem nessa mesma estética. O corpo, nesse sentido, torna-se como mercadoria, cujos "compradores" circulam em um mercado demasiadamente restrito, alicerçado em uma lógica de discrição compartilhada, em que só os indivíduos que leem e compreendem a gramática da broderagem podem comprar. Ademais, "*pegação de macho*" faz com que essa lógica ceda lugar ao regime visual marcado pela exibição do corpo como produto de grande impacto. A visibilidade, nesse contexto, assume o caráter altamente performativo, pois mobiliza regras que privilegiam intensidade, potência física e agressividade erotizada, ocupando uma vitrine que apresenta o corpo como capital sexual quantificável. Assim, revela-se o que ainda não havia sido explicitado — a coexistência de duas economias eróticas contraditórias, mas mutuamente sustentadas: a primeira, baseada na dissimulação e na confidencialidade; e a segunda, na ostentação e na performatividade exacerbada do masculino. O corpo, nesse jogo, não é apenas consumido; é modulado consoante as regras de cada regime visual, ora em segredo, ora em espetáculo, mas sempre ajustado às demandas do desejo e às expectativas normativas que organizam a sociabilidade masculina no *Grindr* (Miskolci, 2017).

Ao acionar o signo ideológico "*pegação*", o locutor desloca o eixo do encontro para um regime relacional marcado pela efemeridade, pela descontinuidade e pela suspensão de vínculos que ultrapassem o instante do contato corporal. Trata-se de um signo que não apenas nomeia uma prática, mas institui um modo específico de relação, no qual o sexo é descolado de qualquer

expectativa de permanência, reciprocidade afetiva ou responsabilidade intersubjetiva. A "*pegação*" constrói, nesse contexto, uma cena discursiva em que o encontro se legitima precisamente por sua precariedade: quanto mais breve, descompromissado e despersonalizado, mais coerente se torna com o horizonte normativo que rege esse tipo de interação (Charaudeau, 2010b). O signo opera como garantia de que o vínculo não produzirá excedentes simbólicos indesejáveis, funcionando como mecanismo de neutralização de afetos, de contenção do envolvimento e de controle das consequências sociais do contato homoerótico.

Assim, a "pegação" não deve ser lida como simples expressão de liberdade sexual, mas como forma altamente regulada de sociabilidade, cuja aparente descontração encobre um conjunto rigoroso de expectativas e limitações. O sexo, ao ser isolado como finalidade exclusiva da interação, transforma-se em prática funcional, orientada pelo desempenho, pela eficiência e pela substituição dos corpos envolvidos. O outro não é convocado como parceiro relacional, mas como superfície momentânea de descarga do desejo, facilmente descartável e imediatamente intercambiável. Desse modo, o signo "pegação" produz um efeito paradoxal: ao mesmo tempo em que promete espontaneidade e leveza, institui um modelo de encontro rigidamente delimitado, no qual o compromisso é interditado, o afeto é silenciado e a relação só se sustenta enquanto não ameaça ultrapassar os limites impostos pela lógica da masculinidade normativa e do mercado erótico-digital (Miskolci, 2020).

6 ENCERRAMENTO: ENTRE PERFORMATIVIDADE, MASCULINIDADES E VOZES EM CONFLITO

Minha dissertação propôs investigar a complexa teia de relações discursivas e ideológicas que se manifestam na construção de uma identidade e do desejo de usuários do aplicativo homoerótico *Grindr*. Ao longo dessa travessia, busquei ancorar a fundamentação teórica e metodológica na Filosofia da Linguagem de Bakhtin e o Círculo (2010, 2011, 2015, 2017, 2018, 2019), complementando-as com os estudos de gênero, masculinidade, regimes de visibilidade e corpo como mercadoria de Butler (2018, 2019, 2023), Connell (2005), Miskolci (2014, 2015, 2017, 2020) e Charaudeau (2010a, 2010b). Tal escolha me permitiu analisar os discursos e compreender que o *Grindr* é um campo de tensões dialógicas, onde o corpo, o desejo e a masculinidade são constantemente negociados. Ao considerar a estrutura da minha dissertação, cabe destacar que sua progressão lógica inicia com a apresentação do objeto de estudo, a inquietação analítica gerada pelo modo com o qual os sujeitos constroem imagens de seus corpos e a justificativa teórica que alicerça a investigação.

O percurso reflexivo que foi traçado no primeiro capítulo teórico dessa pesquisa, intitulado *DO SIGNO À ENUNCIAÇÃO: UMA ABORDAGEM DIALÓGICA DO DISCURSO*, proporcionou-me desenhar com precisão conceitual e densidade argumentativa, a maneira como a Teoria Dialógica do Discurso, forjada por Bakhtin e o Círculo, inscreve o acontecimento socioideológico atravessado por vozes, valores históricos e posições axiológicas em constante tensão dialógica. Ao delinear os eixos que estruturam essa teoria – dialogismo, signo ideológico, enunciado, heterodiscurso e gêneros do discurso –, foi possível constatar que a linguagem não se reduz a um sistema formal, tampouco a uma expressão individual; ela se constitui, antes de tudo, como arena de embates onde indivíduos concretos negociam sentidos e se constituem, via esse movimento, como sujeitos discursivos.

Ao partir da noção de signo ideológico, entendido como a unidade material saturada de valores, o capítulo evidenciou que toda palavra acionada a compor a instância discursiva é produto de forças sociais que nela refletem e refratam sentidos. O signo, nesse sentido, longe de ser neutro ou transparente, refrata as condições sociais e históricas de seu contexto e se apresenta espaço em que se sedimentam embates e tensões. Nesse contexto, entender a linguagem como responsável pela constituição dos sujeitos implicar reconhecer que todo discurso é resposta: o enunciado, tomado como a unidade real da comunicação, surge no entre-lugar da alteridade, orientado ao "outro" concreto ou presumido, com o qual o "eu" dialoga. A responsividade, nesse sentido, é condição constitutiva da própria enunciação, pois o sujeito, ao

falar, incorpora ecos de discursos que o antecedem, reponde a eles e, necessariamente, antecipa réplicas futuras. Ademais, demonstrei que a palavra emerge sempre penetrada por vozes alheias, evidenciado que todo enunciado é composto por já-ditos, com os quais ele concorda, discorda, contesta etc. No avanço das discussões que neste capítulo foram traçadas, evidenciei que o discurso é moldado consoante à esfera social em que circula, ancorado em condições concretas de produção que elegem sua forma, estilo, finalidade, direção valorativa e seu horizonte de sentido. Ademais, foi esmiuçado que todo dizer não pode ser desvinculado da cena enunciativa, pois cada esfera — seja cotidiana, científica, literária ou digital — organiza modos de endereçamento, configura expectativas e elege signos, repertórios lexicais e sintáticos que estruturam a experiência dos sujeitos.

Encerrado o percurso teórico que situou a linguagem como espaço de tensões socioideológicas e o sujeito como efeito responsivo de forças discursivas que o perpassam, inaugurou-se o segundo capítulo teórico da dissertação, nomeado *CORPOS QUE PERFORMAM, MASCULINIDADES QUE ESCAPAM E VISIBILIDADES QUE CONDICIONAM: REFLEXÕES SOBRE A CONSTITUIÇÃO IDENTITÁRIA, PRÁTICAS REITERATIVAS DA NORMA E (IN)VISIBILIDADE*, que desenvolveu um revisão de literatura que articulou performatividade, masculinidades e os regimes de visibilidade dos corpos masculinos, tensionando os pressupostos naturalizantes que sustentam a matriz heterossexual. O texto parte de reflexões que demonstram o fato de o gênero não ser expressão biológica, mas um efeito da repetição de normas sociais que regulam, reafirmam e delineiam o campo do inteligível. Nesse contexto, o corpo surge como superfície de inscrição discursiva, espaço em que normas regulatórias se (re)atualizam por meio de gestos, posturas e estilos que, ao se repetirem, engendram uma identidade.

Nessa linha de raciocínio, o capítulo demonstrou que essa repetição estilizada de atos e discursos não operam de maneira livre; funcionam a partir dos motores da performatividade, uma vez que a heterossexualidade compulsória e hegemônica fortalece sua autoridade à medida que relega ao abjeto formas de expressão de gênero e de desejo dissidentes. A compreensão das construções discursivas observadas no *Grindr* depende do reconhecimento de que esse ambiente digital constitui uma esfera discursiva própria, marcada por certa economia verbal, por estratégias de autoapresentação, pela gestão da visibilidade e por disputas de sentidos sobre corpo, desejo e identidade. Tais práticas só se tornam inteligíveis quando recuperamos o princípio bakhtiniano segundo o qual a palavra é sempre situada e historicamente tensionada: ela se realiza no cruzamento entre vozes sociais que disputam legitimidade e que, ao se refratarem umas nas outras, configuram modos específicos de dizer-se e de constituir-se

No seguimento das contribuições teóricas que neste texto foram propostas, pude evidenciar que a performatividade – repetição estilizada de atos e discursos que produzem uma "aparência natural" de gênero – estrutura a inteligibilidade no aplicativo, ao passo que a matriz heterossexual funciona como norma compulsória que estabelece os critérios de coerência entre corpo, gênero, desejo e identidade. Nesse entremeio, surgiu a noção de masculinidade como ideal regulatório que estabelece hierarquias e que subordina masculinidades dissidentes da hegemônica, orientando o valor que é atrelado a cada expressão corporal no que tange aos marcadores de prestígio e desqualificação. Tais dinâmicas demonstraram que o aplicativo homoerótico opera como dispositivo de visibilidade que transforma corpos em objetos de consumo, selecionando o que pode e o que não pode ser visto ou consumido, além de tornar atributos físicos, performances e grau de conformidade à masculinidade hegemônica moedas de troca na norma mercado-lógica do corpo.

Há de se destacar que o tema central que impulsionou minha pesquisa residiu na análise das tensões dialógicas, performatividade e masculinidades que emergem nos regimes de visibilidade do aplicativo homoerótico *Grindr*. Essa escolha não foi fortuita. Uma resposta à emergência de um espaço em que a linguagem, o corpo e a identidade se engendram de modo intenso e, por vezes, paradoxal. A delimitação do meu estudo concentrou-se na análise dos enunciados concretos presentes nos perfis de usuários do *Grindr*, coletados através da minha imersão em campo. Essa delimitação justifica-se pela ideia central de que o signo é o núcleo ideológico das dinâmicas discursivas e que a palavra, ao refletir e refratar a realidade, torna-se o palco onde disputas ideológicas sobre corpo, gênero e sexualidade são negociadas. A plataforma digital, nesse sentido, foi abordada não apenas como uma plataforma tecnológica e, sim, como um plano enunciativo específico.

O problema da pesquisa que norteou minha dissertação pode ser resumido na indagação sobre como os discursos presentes nos perfis do aplicativo homoerótico *Grindr* engendram virilidade ativa, reconfigurações de passividade associadas à rejeição da feminilidade, bem como a cumplicidade e o sigilo homoerótico, entendendo o corpo como um signo ideológico em disputa. A resposta que surgiu a partir da análise à luz da Teoria Dialógica do Discurso revelou-se como complexa e multifacetada; no entanto, possibilitou-me afirmar que, ainda que o *Grindr* se apresente como um espaço digital voltado à sociabilidade da comunidade LGBTQIAPN+, a plataforma funciona sob forte influência da matriz heterossexual e das lógicas de consumo corporal que estruturam as relações no aplicativo.

O objetivo geral da minha dissertação – analisar as marcas discursivas utilizadas por usuários para sua autoapresentação e de corpos no aplicativo de relacionamento *Grindr*, observando como as performances de gênero e as configurações de masculinidade são produzidas, negociadas e contestadas nesse ambiente digital – foi alcançado por meio da aplicação transdisciplinar da Teoria Dialógica do Discurso, da teoria sobre corpo, gênero e sexualidade e das teorias sobre regimes de visibilidade e discurso das mídias. Tal abordagem permitiu-me desvelar as vozes sociais que atravessam cada um dos discursos que nesta pesquisa foram analisados, demonstrando como os sujeitos autoapresentam-se por meio de discursos dominantes, expectativas normativas e antecipações de respostas do outro. Os objetivos específicos - (a) compreender como determinados enunciados presentes nos perfis do aplicativo mobilizam sentidos associado à potência e ao domínio sexual, investigando de que modo tais sentidos se materializam em práticas de autoapresentação que valorizam atributos como masculinidade normativa, atividade sexual, autonomia e força, bem como os efeitos de legitimação do desejo e de hierarquização das masculinidades que decorrem dessas construções discursivas; (b) investigar de que maneira certos discursos produzem delimitações simbólicas a partir da negação, da desqualificação ou do deslocamento de determinadas posições corporais e identitárias, observando como esses enunciados funcionam como diferenciação entre modos de existência no aplicativo; e (c) identificar como os enunciados articulam sentidos relacionados à reserva, à ocultação e ao reconhecimento seletivo entre usuários, analisando de que forma tais construções discursivas organizam práticas específicas de interação, regulam a exposição de si e estruturam modos particulares de circulação do desejo no ambiente digital – também foram concretizados, tendo em vista que a análise constatou que a virilidade ativa constitui um dos pilares basilares da autoapresentação, constantemente materializada em enunciados que exaltam o vigor físico, o desempenho sexual e a posição de comando nas relações afetivo-sexuais.

Desse mesmo modo, foi viável destacar que o paradoxo das (re)configurações de passividade, que, mesmo que não assumida em termos sexuais, é reiteradamente dissociada da feminilidade, vista como marcador de abjeção e de exclusão. Por fim, minha investigação revelou que o sigilo e a discrição funcionam como gestos performativos fundamentais, operando como ferramentas de proteção de uma "identidade heterocisnormativa" social fora do aplicativo, reforçando a matriz heterossexual. A chamada "cumplicidade homoerótica", doravante broderagem/brotheragem, surge como estratégia discursiva que legitima o desejo homoerótico sem pôr em risco a performance da masculinidade hegemônica.

Há de se mencionar ainda que nos achados centrais, a pesquisa demonstrou que o *Grindr* não se configura como espaço de ruptura radical com a norma heterossexual e, sim, em uma arena em que a norma heterocisgênera é refratada, renegociada e, em larga escala, reiterada, fazendo com que a feminilidade opere como o mais potente marcador de exclusão. O corpo, nesse contexto, é reduzido a um signo mercantilizável, cuja (in)visibilidade depende da adequação aos critérios rígidos de desejabilidade. Assim, os enunciados que nessa dissertação foram analisados revelaram-se como atos responsivos que expõem a complexa relação entre o "eu" e o "outro" na estrutura heterodiscursiva, orientando-se a um interlocutor idealizado que partilha, necessariamente, dos mesmos valores normativos.

Reconheço, contudo, as limitações que minha pesquisa apresentou, tendo em vista que a natureza efêmera e dinâmica do *corpus* impede uma apreensão diacrônica das performances discursivas, restringindo a análise a um recorte temporal específico. Ademais, minha investigação concentrou-se na dimensão discursiva dos perfis, não abarcando nenhuma interação privada com outros usuários por motivos éticos e de escopo. Somado a isso, o fato de que os perfis se constituírem como espaços de inscrição de autoapresentações e subjetividades limitou, necessariamente, qualquer possibilidade de generalização no que tange à subjetividade dos sujeitos fora do ambiente *on-line*. Tais limitações, longe de enfraquecer meu estudo, apontam para desdobramentos teórico-analíticos futuros fecundos. O percurso que se encerra com esta dissertação, nesse sentido, não se configura como um ponto final, mas como um ponto de suspensão, na acepção bakhtiniana do termo, isto é, como um elo provisório na cadeia infinita de enunciações que constituem a vida social.

A partir dos limites assumidos ao longo desta investigação, delineio, como horizonte fecundo para desdobramentos futuros, a necessidade de deslocar o foco exclusivamente centrado na materialidade dos enunciados para uma problematização mais aprofundada das instâncias de produção e de endereçamento discursivo, isto é, das posições de locutor e interlocutor, compreendidas não apenas como categorias pragmático-discursivas, mas como lugares atravessados por dinâmicas inconscientes, investimentos libidinais e processos de identificação. Tal inflexão implicaria articular a perspectiva dialógica da linguagem, tal como concebida por Bakhtin e o Círculo, a um viés psicanalítico que permita interrogar de que modo o desejo — sempre faltante, sempre deslocado — se inscreve na cena enunciativa, tensionando aquilo que é dito, aquilo que se silencia e aquilo que retorna sob a forma de repetição. Nesse enquadramento, o locutor deixaria de ser apreendido apenas como instância responsiva situada historicamente para ser concebido também como sujeito do inconsciente, cindido, atravessado por formações discursivas que excedem sua intenção e que se manifestam por meio de lapsos,

insistências e escolhas lexicais que, longe de serem aleatórias, denunciam a incidência de uma economia psíquica sobre o dizer.

De modo correlato, o interlocutor — frequentemente idealizado nos enunciados analisados como portador de expectativas normativas compartilhadas — poderia ser reinterpretado à luz da noção de "Outro", enquanto instância simbólica que estrutura o campo do desejo e regula as possibilidades de reconhecimento. Tal deslocamento permitiria compreender que a antecipação da resposta do outro, central na teoria bakhtiniana da responsividade, não se limita a uma operação cognitiva ou social, mas envolve também mecanismos de projeção, fantasia e busca por validação narcísica, elementos que parecem operar de maneira particularmente intensa em ambientes digitais marcados pela visibilidade seletiva e pela lógica de consumo dos corpos. Assim, a análise das autoapresentações no Grindr poderia ser aprofundada ao se considerar que o enunciado não apenas responde a discursos anteriores, mas também encena, no plano simbólico, uma tentativa de suturar faltas constitutivas, produzindo imagens de si que aspiram à completude, à desejabilidade e à conformidade com ideais normativos internalizados.

Nesse sentido, investigações futuras poderiam explorar, por exemplo, como determinadas recorrências discursivas — como a ênfase na virilidade ativa, a rejeição reiterada da feminilidade ou a valorização do sigilo — operam não apenas como estratégias de posicionamento social, mas como formações sintomáticas que revelam conflitos psíquicos mais profundos, vinculados à constituição da identidade, à relação com o desejo e ao temor da abjeção. Tal abordagem abriria espaço para a análise das dimensões afetivas e inconscientes que atravessam a linguagem, permitindo compreender o enunciado como lugar em que se entrelaçam, de maneira indissociável, o social e o psíquico, o histórico e o pulsional.

Ademais, ao incorporar esse viés, seria possível tensionar ainda mais a própria noção de performatividade, investigando em que medida a repetição estilizada de atos e discursos — já compreendida como efeito de normas sociais — também pode ser lida como repetição compulsiva, no sentido psicanalítico, isto é, como tentativa reiterada de elaboração de conflitos não resolvidos. Desse modo, a masculinidade que se pretende estável e coerente nos enunciados poderia ser interpretada como efeito de uma cena fantasmática que busca, incessantemente, reafirmar-se diante da ameaça constante de sua desestabilização.

Por fim, tal articulação entre a Teoria Dialógica do Discurso e a psicanálise não apenas ampliaria o escopo analítico desta pesquisa, mas também contribuiria para uma compreensão mais complexa das práticas discursivas contemporâneas em ambientes digitais, ao reconhecer que o dizer não se esgota naquilo que é explicitamente enunciado, mas se constitui igualmente

por aquilo que escapa, que insiste e que retorna. Nesse horizonte, o estudo das relações entre locutor e interlocutor, atravessadas pelo desejo e pelo inconsciente, desponta como um campo promissor, capaz de aprofundar a investigação sobre as formas pelas quais sujeitos se constituem, se projetam e se reconhecem — ou deixam de se reconhecer — na e pela linguagem.

Nessa direção, ao se entrecruzarem as dimensões discursivas, sociais e psíquicas que atravessam a constituição dos sujeitos no interior do aplicativo, torna-se possível compreender que aquilo que se apresenta como escolha, estilo ou preferência individual encontra-se, na verdade, densamente imbricado em redes de significação que excedem o sujeito e o inscrevem em regimes de inteligibilidade historicamente sedimentados. O dizer de si, longe de operar como transparência identitária, configura-se como gesto sempre mediado, tensionado por expectativas normativas, por antecipações do olhar alheio e por investimentos desejantes que escapam ao controle consciente. Nesse sentido, a autoapresentação, tal como se materializa nos perfis analisados, não apenas reflete uma posição discursiva, mas encena, reiteradamente, uma negociação entre pertencimento e exclusão, visibilidade e apagamento, reconhecimento e abjeção.

Tal constatação reforça a necessidade de sustentar uma postura analítica que não se deixe capturar por leituras totalizantes ou estabilizadoras, mas que permaneça atenta às fissuras, às contradições e aos deslocamentos que constituem o próprio tecido do discurso. Afinal, é precisamente nessas zonas de instabilidade que se tornam visíveis tanto a força regulatória das normas quanto as possibilidades — ainda que precárias e intermitentes — de sua reconfiguração. Ao insistir nessa perspectiva, a pesquisa reafirma o compromisso de compreender o discurso não como reflexo passivo de estruturas sociais, mas como espaço ativo de produção de sentidos, no qual se jogam, simultaneamente, processos de sujeição e de resistência. É, portanto, sob o signo dessa abertura — teórica, metodológica e ética — que este trabalho se encerra, não como fechamento conclusivo, mas como gesto que se projeta para além de si, convocando novas leituras, novas interlocuções e novos tensionamentos.

O *Grindr* revelou-se uma arena de ecos heterodiscursivos, na qual o corpo e o signo permanecem em constante disputa axiológica e em que a masculinidade, ao tentar se afirmar como unidade estável e monológica, acaba por expor sua fragilidade constitutiva, dependente da repetição normativa e do olhar do outro. Coube-me, assim, reconhecer o inacabamento da pesquisa sem pretensão de totalidade, assumindo a responsabilidade ética de não silenciar as vozes marginalizadas e de insistir no diálogo como princípio metodológico e político capaz de tensionar, deslocar e desestabilizar as gaiolas ideológicas que aprisionam os sentidos. A palavra final, como ensinou Bakhtin, jamais pertence a um único sujeito nem a um único tempo: ela

permanece aberta ao futuro, à alteridade e às próximas enunciações que, inevitavelmente, responderão a este trabalho, reinscrevendo-o no fluxo inacabável da linguagem e da história.

REFERÊNCIAS

ALVES, Paola Biasoli, KOLLER; Sílvia Helena; SILVA, Aline S., REPPOLD, Caroline T.; SANTOS, Clarisse L.; BICHINHO, Gabriela S.; PRADE, Luciano T.; SILVA, Milena R. & TUDGE, Jonathan. A construção de uma metodologia observacional para o estudo de crianças em situação de rua: criando um manual de codificação de atividades cotidianas. **Estudos de Psicologia**. 4(2), Natal, pp. 239-251, dez 1999. Disponível em: https://www.scielo.br/j/epsic/a/PTS3qXz7nWYKrLhKYY6Yd7q/?format=html&lang=pt. Acesso em: 07 out. 2025;.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoievsky**. 2. Ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Editora WME Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do Romance I**: a estilística. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2015.

BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do Ato Responsável**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017.

BAKHTIN, Mikhail **Teoria do romance II:** As formas do tempo e do cronotopo. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2018.

BAKHTIN, Mikhail. **O homem ao espelho. Apontamentos dos anos de 1940**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019.

BARP, Luiz Fernando Greiner. "O discurso dos perversos: praticantes de BDSM em busca de legitimação". **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 27, n. 3, e61986, 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ref/a/y34nrThzfQPm7ctm7vjpKkK/?format=html&lang=pt#:~:text=O%20diálogo%20com%20a%20saúde,ideia%20de%20consentimento%20ou%20não. Acesso em 29 maio 2025.

BENEVIDES, Bruna G**. Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2023**. Brasília: ANTRA; Distrito Drag, 2024.

BORBA, Rodrigo. A linguagem importa? Sobre performance, performatividade e peregrinações conceituais. In.: **Cadernos Pagu** (43), julho-dezembro de 2014, pp. 441-473. Disponível em: https://www.scielo.br/j/cpa/a/T86yvM4tkCzZts3kVwqKPQG/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 22 maio 2025;

BRAIT, Beth. A PRODUTIVIDADE DO CONCEITO DE GÊNERO EM BAKHTIN E O CÍRCULO. **Alfa**, São Paulo, 56 (2): 371-401, 2012. Disponível em: https://www.scielo.br/j/alfa/a/6VGDTp93BHDqyWfKF5TsDpf/?lang=pt&format=pdf. Acesso em: 22 out. 2025.

BRANDÃO, Ana C. **BDSM:** Tudo sobre essa prática. https://blog.miess.com.br/saiba-tudo-sobre-o-bdsm/. Acesso em: 14 maio 2025.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 5 out. 1988. Art. 5º, inc. X. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 08 de abril de 2025.

BRASIL. **Lei nº 13.709, de 14 de agosto de 2018**. Dispõe sobre a proteção de dados pessoais e altera a Lei nº 12.965, de 23 de abril de 2014 (Marco Civil da Internet). Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 15 ago. [2018]. Art. 5º, inciso XI. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/l13709.htm. Acesso em: 08 out. 2025.

BRASIL. **Lei nº 13.709, de 14 de agosto de 2018**. Dispõe sobre a proteção de dados pessoais e altera a Lei nº 12.965, de 23 de abril de 2014 (Marco Civil da Internet). Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 15 ago. 2018. Art. 7º, inc. IV; Art. 11, II, "c"[2018]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/l13709.htm. Acesso em: 08 out. 2025.

BRASIL. **Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016**. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam o uso de dados diretamente obtidos com os participantes ou de informações identificáveis. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, n. 98, 24 maio 2016. Art. 1º, incisos II e VII [2016]. Disponível em: https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf. Acesso em: 08 de outubro de 2025.

BUTLER, Judith. Os Atos Performativos e a Constituição do Gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. **Caderno de Leituras**. Belo Horizonte, MG. Chão da Feira Ed. Junho de 2018. Disponível em https://chaodafeira.com/wpcontent/uploads/2018/06/caderno_de_leituras_n.78-final.pdf. Acesso em 21 agosto 2025.

BUTLER, Judith, **Corpos que Importam:** os limites discursivos do "sexo". Judith P. Butler; tradução Veronica Daminelli e Daniel Yago Françoli. 1. ed. – São Paulo, novembro de 2019.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero:** feminismo e subversão da identidade / Judith P. Butler; tradução Renato Aguiar. 24 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2023.

CAMBRIDGE, University Press. **Cambridge Advanced Learner's Dictionary**: Cambridge University Press, 2005.

CAMPBELL, John E. The (Neo)Tribal Nature of *Grindr*. **SONNTAG, Jacob et al. Digital Cultures and the Politics of Emotion. Cham: Springer**, 2017. p. 203–215. Disponível em: https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-3-319-68207-5_15. Acesso em: 14 maio 2025.

CARPINI, Alexander; LUKSYTE, Aleksandra. Twinks, jocks, and bears—oh my! The stereotype content model extended to gay men and weight at work. **Industrial and Organizational Psychology**, 2024, 17, 133–137. Doi:10.1017/iop.2023.77

CHARAUDEAU, Patrick. O discurso propagandista: uma tipologia. Tradução Mendes, Emília e Mello, Judite Ana Aiala de. *In*.: **Macedo, Ida Lúcia.; Mello, Renato. Análises do Discurso Hoje**. v.3. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, pp. 57-77, 2010a. Disponível em: https://www.patrick-charaudeau.com/IMG/pdf/2010_d_Disc-_Propag-_Belo_Vol3__ARTICLE.pdf. Acesso em: 25 out. 2025;.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. Tradução Angela S. M. Corrêa. 2ª ed. – São Paulo: Contexto, 2010b.

CONNELL, Raewyn W. **Masculinidades**. Tradução de Maria Cristina Monteiro e Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005 .

DINIZ, Antony H. T. **Os corpos dos ursos: uma etnografia do meio ursino paulistano**. 2017. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2017. Disponível em https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/985188. Acesso em: 28 maio 2025.

DOMINGOS, J.J. **O discurso dos ursos**: outros modos de ser da homoafetividade. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2010.

DRUMMOND, M. J. N. **Corpos masculinos**: ouvindo as vozes de jovens gays. Homens e Masculinidades. 2005, pp. 270–290.

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas** / Frantz Fanon; tradução de Renato da Silveira - Salvador: EDUFBA, 2008. p. 194 ISBN 978-85-232-0483-9. Disponível em: https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/05/Frantz_Fanon_Pele_negra_mascaras_brancas.pdf. Acesso em: 29 set. 2025.

FOUCAULT, M. **Segurança, território, população**: Curso dado no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008. Disponível em: https://ojs.unifor.br/rmes/article/view/4800/pdf. Acesso em: 04 out. 2025.

FREIRE, Maximina M. Linguística Aplicada, Complexidade e Transdisciplinaridade: tecendo redes de sentido e articulando saberes. **EDUCAÇÃO & LINGUAGEM**. São Paulo. v. 23, n. 1, pp. 245-261, jan.-jun. 2020. ISSN. Impresso:1415-9902 • ISSN Eletrônico: 2176-1043.

GRAZZIOTIN, Luciane Sgarbi, KLAUS, Viviane & PEREIRA, Ana Paula Marques. Pesquisa documental histórica e pesquisa bibliográfica: focos de estudo e percursos metodológicos. **Pro-Posições**, v. 33, e20200141, 2022. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pp/a/GJCbBcY4rdVdvQY56T9qLRQ/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 07 out. 2025.

HADDAD, Maria Irene Delbone; HADDAD, Rogério Delbone. JUDITH BUTLER: PERFORMATIVIDADE, CONSTITUIÇÃO DE GÊNERO E TEORIA FEMINISTA. V Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades. Universidade do Estado da Bahia, Bahia. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/enlacando/2017/TRABALHO_EV072_MD1_SA3_ID559_17072017160232.pdf. Acesso em: 14 abril 2025;

KIMMEL, Michael S. A PRODUÇÃO SIMULTÂNEA DE MASCULINIDADES HEGEMÔNICAS E SUBALTERNAS. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 4, n. 9, p. 103-117, out. 1998. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ha/a/B5NqQSY8JshhFkpgD88W4vz/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 24 out. 2025.

LOPES, Luiz Paulo da Moita. A TRANSCIPLINARIDADE É POSSÍVEL EM LÍNGÜÍSTICA APLICADA? *In*.: SIGNORINI, Inês; CAVALCANTI, Marilda (orgs.) **Lingüística aplicada e transciplinaridade**: questões e perspectivas. Campinas – São Paulo: Mercado das Letras, pp. 111-126, 1998.

MARTINS, Heloisa T. de S. Metodologia Qualitativa de Pesquisa. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.2, p. 289-300, maio/ago. 2004. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ep/a/4jbGxKMDjKq79VqwQ6t6Ppp/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 06 out. 2025.

MCCAIN, Jessica; GENTILE, Brittany; CAMPBELL, W. Keith. A Psychological Exploration of Engagement. **Geek Culture.** ***PLOS ONE***, v. 10, n. 11, e0142200, 2015. Disponível em: https://doi.org/10.1371/journal.pone.0142200. Acesso em: 22 maio 2025.

MEDEIROS, Ettore Stefani de. **Capacidade de agir no aplicativo Grindr: agências e negociações diante dos ódios contra homens com práticas afetivo-sexuais gays**. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2022. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/server/api/core/bitstreams/d5251d3c-644f-48ce-8a01-7ff127b1f12a/content. Acesso em 25 agosto 2025.

MISKOLCI, Richard. Negociando visibilidades: segredo e desejo em relações homoeróticas masculinas criadas por mídias digitais. **Revista Bagoas - Estudos Gays: Gêneros e Sexualidades** Natal, RN**,** n. 11, p. 51-78, 2014 Disponível em: https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/6543. Acesso em: 01 out. 2025.

MISKOLCI, Richard. "Discreto e fora do meio" – Notas sobre a visibilidade sexual contemporânea. **Cadernos Pagu** (44), janeiro-junho de 2015: 61-90. ISSN 1809-4449. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8637319. Acesso em: 02 out. 2025.

MISKOLCI, Richard. **Desejos digitais**: uma análise sociológica da busca por parceiros on-line. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

MISKOLCI, Richard. A Gramática do Armário: notas sobre segredos e mentiras em relações homoeróticas masculinas mediadas digitalmente. Pelúcio, L. *et al*. (org.). **Olhares plurais para o cotidiano: gênero, sexualidade e mídia**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020, pp. 52-62. Disponível em: https://ebooks.marilia.unesp.br/index.php/lab_editorial/catalog/download/39/1692/2968?inline=1. Acesso em: 02 out. 2025.

MISSE, Michel. **O estigma do passivo sexual: um símbolo de estigma no discurso cotidiano**. 3. ed. Rio de janeiro: NECVU, 2005; Disponível em: https://necvu.com.br/wp-

content/uploads/2020/11/MISSE_O-Estigma-do-Passivo-Sexual-3a.-edicao-2005.pdf. Acesso em: 24 maio 2025.

MOWLABOCUS, Shariff. *Gaydar Culture: Gay Men, Technology and Embodiment in the Digital Age*. Oxford and New York: Routledge, 2010.

MUNANGA, K. Negritude e identidade negra ou afrodescendente: um racismo ao avesso? **Revista da ABPN**, Curitiba, PR. v. 4, n. 8, p. 06-14, 2012. Disponível em: https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-nocoes-de-raca-racismo-dentidade-e-etnia.pdf. Acesso em: 28 maio 2025.

NASCIMENTO, Franscisco Arkires S.; VIEIRA, Rafael Lima. A SEXUALIZAÇÃO DO CORPO NEGRO GAY: ANÁLISE DISCURSIVA DA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE EM MEIOS MIDIÁTICOS. **Horizontes Sociológicos Afro-Lusófonos**. Ceará v. 1. n. 1., pp. 80-94, 2024. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwiusvCRuJiTAxXnDLkGHdkOCREQFnoECBcQAQ&url=https%3A%2F%2Frevistas.unilab.edu.br%2Fsociologia%2Farticle%2Fdownload%2F1934%2F1579&usg=AOvVaw3F_9tMqBiddhxR0A7-bxmF&opi=89978449. Acesso em: 29 set. 2025;

OLIVEIRA NETO, José Gomes de. **“Onde há viado não há sossego, prefiro os machos” : construindo sentidos sobre masculinidades e hetero(homo)normatividade junto a usuários de app de pegação**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2021. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/40551/1/DISSERTAÇÃO%20José%20Gomes%20de%20Oliveira%20Neto.pdf. Acesso em: 22 maio 2025.

OLIVEIRA, Dennis de. O combate ao racismo e uma luta anticapitalista. In: OLIVEIRA, Dennis de (Org.). A luta contra o racismo no Brasil. São Paulo: Fórum, 2017.

PADILHA, F. Isto não é um manual de instruções: notas sobre a construção e consumo de perfis em três redes geossociais voltadas ao público gay. **Norus - Novos Rumos Sociológicos**, São Paulo, v. 3, n. 3, p. 135-151, jan./jun. 2015. Disponível em: https://www.academia.edu/17246223/Isto_não_é_um_manual_de_instruções_notas_sobre_a_construção_e_consumo_de_perfis_em_três_redes_geossociais_voltadas_ao_público_gay. Acesso em: 27 maio 2025.

PELÚCIO, Larissa. Prefácio. *In*: Miskolci, Richard**. Desejos digitais**: uma análise sociológica da busca por parceiros on-line. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

RAMOS, Mozer de M. & Cerqueira–Santos, Elder. Afeminação, hipermasculinidade e hierarquia. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**; Rio de Janeiro, 72 (1), 2020, 159-172. Disponível em: DOI: 10.36482/1809-5267.ARBP2020v72i2p.159-172. Acesso em: 25 maio 2025.

RIBEIRO, Kelli da Rosa. A produtividade do conceito de discurso bivocal no contexto do culto televisivo Show da Fé. **Letrônica**, Porto Alegre, v. 11, n. esp. (supl. 1), s68-s82, set. 2018. Disponível em: https://doi.org/10.15448/1984-4301.2018.s.30419. Acesso em: 25 out. 2025.

ROSA, Kelli Machado da. A presença de Ferdinand de Saussure nas reflexões bakhtinianas: entrelinhas de um diálogo (im)possível. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 26, n. 2, p. 513-529, maio-ago. 2023. Disponível em: https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/linguagem. Acesso em: 25 out. 2025.

RUANI, Ruann Moutinho. **Por entre normas e "pegações" no Grindr: tecendo problematizações com homens *gays* sobre a constituição das masculinidades dissidentes na cibercultura**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: https://repositorio.bc.ufg.br/tedeserver/api/core/bitstreams/27f89fe1-6c2b-4ff8-af39-ec2b8a4b221d/content. Acesso em: 22 agosto 2025.

SARRALHEIRO, Vinicius Alves. **Existe amor em app? Percepções sobre a sexualidade, a prevenção e a comunicação do HIV e da aids entre usuários de aplicativos de relacionamento**. 2020. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27164/tde-27032021-120511/publico/ViniciusAlvesSarralheiroVC.pdf. Acesso em: 25 maio 2025.

SILVA, Luís Augusto Vasconcelos da; DUARTE Filipe Mateus; NETTO, Gilberto Rios Alves Sociabilidades "positivas" em rede: narrativas de jovens em torno do HIV/Aids e suas tensões cotidianas. In.: **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 27 [2]: 335-355, 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/j/physis/a/QGWqHQjZkznbYdq8QhLMLqm/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 09 agosto 2025.

SILVA, Daniely Aparecida **Preconceitos múltiplos**: estereótipos, impactos sociais e psicológicos. 2020. 67 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2020. Disponível em: https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/30290. Acesso em: 27 maio 2025.

SILVA, Elivelto Cardoso e. **"Não sou nem curto afeminados. Só questão de gosto!": uma análise discursiva do macho em aplicativos de relacionamento**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiás, 2022. Disponível em: https://repositorio.bc.ufg.br/tedeserver/api/core/bitstreams/27f89fe1-6c2b-4ff8-af39-ec2b8a4b221d/content. Acesso em: 25 maio 2025;

SILVEIRA, Jucimeri Isolda; NASCIMENTO, Sergio Luiz; ZALEMBESSA, Simões. Colonialidade e decolonialidade na crítica ao racismo e às violações: para refletir sobre os desafios educação em direitos humanos. In.: Educar em Revista, Curitiba, v. 37, e71306, 2021. Disponível em: https://www.scielo.br/j/er/a/X3D3CtSHRk4kKkTfC9HGbHF/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 22 agosto 2025.

SOUSA, Anderson Reis; SANTOS Junior, Fernando J. N. & MOTA, Tilson N. Expressões de Masculinidades de Homens Usuários do Aplicativo *Grindr*. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, Salvador, v. 6, n. 3, p. 57-75, jul./set. 2020. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/download/36424/24054/165926. Acesso em: 02 out. 2025.

VILLARREAL, Daniel. **Broderagem**: esse é o termo usado por caras que transam com outros, mas não se acham gays. HORNET, 2019. Disponível em: https://hornet.com/stories/pt-pt/broderagem/. Acesso em: 22 nov. 2025.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem / Valentin Volóchinov; tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo — São Paulo: Editora 34, 2018 (2a Edição). 376 p.